

Telecrítica 6/1/81

Rui Cádima

«Dallas» e outros fenómenos...

Domingo voltámos a não ter esse programa muito especial que nasceu sob a direcção de Maria Elisa. Interpretado já por diversíssimas vezes como o último «fenómeno» do ano televisivo, o «TV Show» irá aparecer com o mesmo título, embora, segundo tudo leva a crer, se apresente com outro figurino, agora, muito provavelmente, mais dinâmico, menos propagandístico, logo: mais reconciliador.

Mas não foi ainda desta que tivemos oportunidade de vê-lo com a nova «roupagem». Se este «interregno» se ficou a dever aos múltiplos problemas que a conceção e a apresentação do programa levantava, o que é certo é que essa grande aposta falhou redondamente — o público rapidamente se apercebeu de todo o contexto que levaria o programa ao fracasso geral. Fez domingo oito dias, tivemos a substitui-lo um programa de variedades com intérpretes nacionais — dos mais populares, em termos de grande auditório. Neste domingo um outro programa, estrangeiro, anunciado inicialmente como de «Variedades».

Curioso (e um pouco anedótico) é observar que este último programa transmitido logo após o Telejornal (e antes, portanto, da nova série «Dallas») vinha falar-nos do Natal, da oferta de prendas e de outras temáticas relacionadas com a quadra que passou, vai já para quinze dias. Enfim, para além da programação continuar um pouco titubeante e com alterações de última hora frequentes, surgem também programas datados completamente fora de data... É pena que a programação não tenha ainda estabilizado. Em relação a este aspecto importantíssimo para a boa imagem que a RTP quererá sempre manter junto dos telespectadores, há de facto a referir que, logo com a entrada de Maria Elisa, se verificou um momento de grande confusão nesse domínio, tendo sido restabelecida um pouco a ordem na casa já nos últimos meses do ano; mas parece-nos que nos últimos dias do ano é agora também nestes primeiros dias de Janeiro se têm verificado novas perturbações no alinhamento dos programas que esperamos não queiram significar que em breve vamos estar de novo perante uma situação idêntica à já referida...

Mas voltando ao programa que antecedeu a nova série norte-americana (prevista para treze domingos consecutivos, sempre para depois do «TV Show») há que deixar aqui bem explícita essa «anarquia», que por vezes se faz sentir no que se refere ao conteúdo de um programa e à sua localização na programação em geral. Com este programa aconteceu, de algum modo, o insólito: apareceu já fora de tempo, tendo um final algo patético no qual os principais intervenientes desejavam a todos um feliz Natal! — e isto repetidas vezes. É evidente que este género de enganos só poderão ser evitados com um redobrado esforço por parte dos responsáveis no que respeita à programação em geral. Sem dúvida que é necessário também aqui rever as formas de actuação que têm permitido este tipo de coisas.

«Dallas» — a nova série para as próximas noites de domingo — surgiria bem «à americana», com um plano inicial de helicóptero sobre uma chapa «Ewing» num dos Mercedes da família administradora de petrodólares. Um primeiro episódio que «puxa» o melodrama e o vácuo social, ou uma atmosfera social muito mal definida, para a estrutura básica da narrativa de estreia.

Esperemos pelo segundo episódio, mas não esqueçamos que à mesma hora temos o «Ao Vivo» no segundo canal — espécie de oásis na actual programação dos dois canais.

Telecrítica 5/1/81

Rui Cádima

O auditório deve pedir a palavra

Falta o optimismo no inicio deste novo ano. Todos os balanços feitos remetiam já para o negro sobrecarregado, adquirindo assim a cor (que temos depois de 7 de Março) uma tonalidade sépia absolutamente doentia.

As notícias e as opiniões que entretanto vêm a lume não são de modo nenhum acalentadoras dessa esperança, que chegámos aqui a referir no nosso balanço anual. Quer isto dizer que caminhamos para um 1981 televisivo que não será mais do que uma cópia ampliada do ano transacto.

Ninguém está optimista... Em primeiro lugar a crítica (são dela as opiniões que diariamente se fazem sentir com mais peso nos órgãos de comunicação); em segundo lugar, obviamente, os telespectadores. Importa de facto não desdenhar todas as manifestações de agrado ou protesto quando elas vêm desses vários milhões de pessoas para quem diariamente é alinhado todo um conjunto de programas. Importa de facto ter extrema atenção não só ao que a crítica diz, mas também ao que o telespectador tem para dizer, mesmo quando o não chega a dizer...

É sabido que diariamente «chovem» na Televisão dezenas, por vezes centenas, de telefonemas dos telespectadores a propósito desse ou daquele programa. Habitualmente a maior parte desses telefonemas são de protesto. O telespectador reclama sobre aspectos negativos de um programa em particular ou mesmo da programação em geral. É costume inclusive dizer-se, na RTP, que quando não existem telefonemas sobre este ou aquele programa isso é sinal de que tudo correu bem e a emissão foi com certeza do agrado geral.

Outro campo para aprofundar o contacto entre a Televisão e o seu público é o da sondagem constante aos telespectadores. Neste caso seria de todo o interesse que o respectivo gabinete na RTP tivesse um mínimo de autonomia e capacidade de acção para que de facto esse serviço de primordial importância para uma cadeia televisiva pudesse dar em breve os seus frutos. Enquanto isso não acontecer estamos convencidos que a RTP terá que contar só com os telefonemas mais ou menos enfurecidos, não podendo assim avaliar, como seria desejável, se a programação tem o impacto previsto no auditório a que se destina.

No início deste ano seria portanto necessário fazer avançar desde já esse género de serviços para que, tanto a administração como a direcção de programas, estivessem mais ligadas à vontade real do grande público. Decisões polémicas e duvidosas como, por exemplo, as que Maria Elisa tomou recentemente no que se refere à próxima alteração do horário da telenovela, se, por um lado, poderão ser extremamente acertadas, poderão também entrar em confronto com uma grande parte do seu público específico. Este é de facto o tipo de coisas que corre o perigo de fazer voltar o feitiço contra o feiticeiro. E quando é a RTP a estar «metida» na alquimia conviria de facto haver um pouco mais de cuidado com determinadas atitudes extemporâneas que estão permanentemente a acontecer sem o mínimo «acordo», digamos assim, com o telespectador.

Num próximo artigo voltaremos a tratar deste tema complexo que correlaciona a programação e a sua difusão com o seu amplo auditório. Para já aqui fica essa ideia fundamental: sem um contacto estreito a esse nível muitos erros passíveis de colmatar continuaram a ser cometidos.

Telecrítica 2/1/81

Rui Cádima

No último dia do ano...

O «TV Show» entrou em nova fase. Ainda não vai ficar por aqui, mas o que é facto é que o produtor de «fim-de-ano», Óscar Acúrsio, apareceu como produtor «intercalar», entre a demissão de Henrique Mendes e tudo o mais que está para vir, sob a direcção de Fernando Penalva (Festival da Canção incluído).

Tudo aquilo que já sabemos do seu passado e tudo o mais que se prevê venha a ser o seu futuro levar-nos à dizer que o programa ficou conhecido por ser essencialmente o tão desejado «regresso» de Henrique Mendes («desejado» politicamente, entenda-se). Entretanto, o «TV Show» passou a ser uma espécie de «pau para toda a obra» num determinado sector da produção nacional na RTP, nomeadamente no sector dos «recreativos e musicais».

O programa começou por preencher os requisitos políticos desejados, foi de facto uma tentativa de «reconciliar os portugueses» não significando isso (na prática já vista e revista) mais senão que era absolutamente necessário e imperativo para a administração de Proença de Carvalho que a voz da direita nacional se fosse fazendo ouvir mais e melhor do que ia acontecendo até aí.

Tendo a «supervisar» (mal, pelo que se sabe agora) toda essa acção reconciliadora, um português ex-exilado do pós-25 de Abril — profissional a quem era atribuída farta competência na locução televisiva e conhecido ainda pelo seu charme e simpatia que extravasava segundo alguns do outro lado para o lado de cá do pequeno ecran..., o «TV Show» passava a ter à frente dos seus destinos o homem certo no lugar certo. Isso, Maria Elisa percebeu-o logo desde início. Não foi por acaso que ela esteve até de madrugada em casa de Henrique Mendes à espera do «sim»...

Com os primeiros programas verificámos, de um modo geral, quer na crítica quer mesmo entre os telespectadores em geral, que a curiosidade pelo programa não chegou para o susto. De facto, o «TV Show» estava a tornar-se num detestável programa onde se gastavam verbas exorbitantes, em comparação com programas como, por exemplo, o «Eu Show Nico» e o «Tal e Qual». O «TV Show» em relação a estes era cerca de dez vezes mais caro que o programa de Letria e sete vezes mais que o programa de Nicolau Breyner. Para além disso o «TV Show» era o programa em que um locutor sem capacidade para entrevistador de «figuras» nacionais ganhava por programa 50 mil escudos — duzentos contos mensais, portanto! (ele próprio reconheceu o seu espanto pela verba dando boa parte dela a instituições de caridade, tal como afirmou publicamente).

Esse «TV Show» já não existe. Aquele que tivemos agora na noite de fim-de-ano diferiu alguns aspectos dos que tivemos na «primeira fase». Houve uma nítida abertura (que desejamos se confirme e alargue tanto quanto possível a todos os sectores do espectáculo em Portugal) neste último programa, embora no plano musical a escolha de Óscar Acúrsio não tivesse sido nada ousada mesmo.

A referir ainda o «Convívio Musical», com a Orquestra da Escola Preparatória Eugénio de Castro e também o «Benny Hill Show», dois bons momentos da programação do último dia do ano. E pronto!... Quanto ao resto já todos estávamos habituados. Tratou-se de uma noite igual a tantas outras...

Telecrítica

3/1/81

Rui Cádima

Motivos de interesse no primeiro dia do ano

É talvez um pouco arriscado dizê-lo mas o que é facto é que o primeiro dia do ano foi essencialmente lembrado na programação da RTP pelos saltos de esqui. Na verdade, se no conjunto da programação várias foram as emissões de interesse, aquelas que nos fizeram lembrar de imediato o Ano Novo foram as provas transmitidas em directo de Garmisch. E isto porque tradicionalmente, todos os anos, no primeiro dia do ano, os saltos de esqui estão sempre no inicio da tarde nos nossos pequenos ecrans. Trata-se de uma espécie de «imagem de marca» do primeiro dia do ano que é já difícil de destruir qualquer que seja a sua alternativa.

A par desta primeira «imagem» indestrutível está ainda uma outra, também de âmbito do desporto, e que é já também uma tradição do primeiro dia do ano. Refiro-me às múltiplas corridas de S. Silvestre que despontam um pouco por todo o mundo, mas com destaque para a de S. Paulo, no Brasil, onde Fernando Mamede este ano não conseguiu mais do que o terceiro lugar.

Das várias corridas tivemos também um apontamento um pouco mais circunstanciado no programa desportivo que foi para o ar no final da emissão de quinta-feira. Mais feliz que Mamede foi Carlos Lopes em Madrid — isso mesmo o Telejornal referiu em última página, como se de uma quase derrota se tratasse... Estamos perfeitamente convencidos de que se Mamede tivesse ganho a S. Silvestre de S. Paulo o Telejornal teria aberto logo com o pequeno filme davídria, mas como isso não aconteceu tanto o terceiro lugar de Mamede como o primeiro de Lopes em Madrid foram menosprezados no alinhamento das notícias do primeiro dia de 1981.

O desporto, portanto, à frente, na programação do primeiro dia do ano. Uma pausa lúdica, se quiserem, espécie de preparação prévia, de relax, para enfrentar um ano que se espera muito difícil...

Mas para além desses dois programas que tradicionalmente temos no pequeno «écran», e que estão também a caracterizar de algum modo este primeiro dia, temos ainda a Mensagem de Ano Novo do Presidente da República e ainda as habituals referências ao discurso proferido pelo Papa João Paulo II na missa solene do Dia Mundial da Paz, e que neste ano foi dedicada principalmente aos problemas da fome no mundo inteiro.

Todos os programas vindos por acréscimo (salvo ainda o «Concerto de Ano Novo» — uma bela emissão também já tradicional neste dia) são da responsabilidade da Direcção de Programas que os distribui por forma a preencher da melhor forma — partimos desse princípio — os tempos de emissão a escolher pelos telespectadores.

A grande escolha deste ano foi para «Oklahoma!» anunciada previamente, e em profusão, nas vésperas da sua emissão. Foi de facto uma boa escolha. Escrita por dois dos principais nomes da Opereta norte-americana (Rodgers e Hammerstein), «Oklahoma!» teve como realizador desta adaptação o conhecido Fred Zinnemann, cineasta que tem entre os seus filmes principais «Julia» e «O Comboio Apitou três Vezes».

Uma boa escolha foi também «Paradis Latin» integrado já na programação da noite. Pudemos assistir (recordar) Joel Gray e as suas músicas de cabaret tão bem dirigidas na altura pelo «mestre» Bob Fosse.

Temas tradicionais portugueses foram ainda ouvidos no inicio da noite pelo Coral Vértice, não sendo este de qualquer modo o programa desejado para a abertura do ano. Portanto, dois ou três motivos de interesse, estrangeiros, neste primeiro dia de 1981.

Telecrítica 7/1/81

Rui Cádima

Novo espaço: o dos programas a desligar

Ontem ainda fizemos aqui uma referência à autêntica jigajoga em que por vezes absenta a programação da RTP, tirando este programa, pondo aquele, anuncianto um terceiro ou mandando para os jornais pura e simplesmente um circunspecto «a designar» ou um interrogativo «programa da responsabilidade do departamento X...».

Foi isso que aconteceu na passada segunda-feira. Quem comprasse os jornais semanários e os próprios diários e quisesse ver qual a programação da noite nos dois canais depararia com essas respostas atrás citadas. Contudo, os matutinos informavam já que o programa das 19.30h seria sobre cataratas e diabetes oculares. Título do programa: «Saúde — Os problemas da visão.»

À hora prevista lá surgiu o programa, considerado mais tarde por um dos colaboradores como um «ciclo de palestras» de interesse social com o objectivo de salvaguardar a visão dos portugueses. O nosso insurgeamento em relação a este caso em específico vai fundamentalmente contra isso mesmo: aquilo a que se chamou — e muito bem — um «ciclo de palestras». Todos nós sabemos que o media audio-visual por exceléncia deve ser acima de tudo um emissor cultural, mas deve também salvaguardar-se de qualquer proximidade nos seus programas com o tom professoral ou conferencista nas intervenções dos seus colaboradores.

E infelizmente foi a isso que assistimos nessa meia hora que antecedeu o Telejornal. Julgamos que todos os colaboradores que contribuíram para aquele produto final não se aperceberam minimamente do risco que corriam ao fazer um programa tão dotoral (e técnico) como aquele a que assistimos. Cabe aqui ainda dizer que não são só eles os responsáveis pela emissão daquele programa. A direcção de programas é também responsável principalmente pela hora de emissão. Julgamos que os programas caracterizados por uma grande especificidade científica ou não devem ser produzidos ou então devem ser pura e simplesmente relegados para horários muito especiais — uma vez que vêm a ser seguidos unicamente por um reduzido sector do público.

Com este «Saúde — Os problemas da visão» aconteceu isso mesmo. Um tema que habitualmente interessa a um número algo significativo (ao que supomos) do auditório — o problema das cataratas e dos cuidados a ter com a visão em geral — foi abordado de forma extremamente complicada e professoral pelos médicos que nele participavam. Chegou mesmo a falar-se nos mais recentes processos de anestesia local e da forma como se deve extraer o cristalino cataratado, do *como* e do *quando* em que se deve operar. Quer isto dizer, que o programa em si mais foi um «diálogo» com os médicos especialistas do que com o incauto telespectador que gostaria de ver explicados em termos práticos os processos mais simples de verificação do sintoma e de assistência imediata. O programa de facto andou muito longe disso e, nós, aqui, pretendemos alertar de facto para a eventual repetição deste género de erros futuramente. É um dos aspectos que achamos dever ser pensado seriamente em qualquer mapa-tipo.

Outro dos programas «a designar» foi o «Documento 80» que abriu a emissão da «2». Falou-se no «Internacional» em jeito de balanço, tendo-se feito referência às relações Leste-Oeste, à dissidência e ao desanuviamento. O programa prosseguirá na próxima semana. Ficamos à espera.

Telecrítica 8/1/81

Rui Cádima

Descanse: «o ano passado» já passou...

Anunciado profusamente nos órgãos de Comunicação, o balanço elaborado pela RTP/2 sobre o ano que findou teve cerca de três horas de duração, remetendo o final da emissão para a uma e vinte da manhã — altura em que a maior parte dos telespectadores interessados no programa ou já tinha desistido dessa maratona ou então ansiava, nos momentos finais, por uma conclusão sintética.

Sob o ponto de vista metodológico, portanto, deve assinalar-se esse grave erro em que os responsáveis pela emissão — intitulada genericamente de «O Ano Passado» — ou caíram deliberadamente, ou pura e simplesmente foram obrigados a isso. Não queremos fazer um juízo sobre o facto, tanto mais que de pouco tempo dispomos para julgar um trabalho tão complicado como o é qualquer balanço global anual, mas não deixamos de aqui deixar a nossa perplexidade por um conjunto de profissionais como aquele que coordenou esta emissão ter permitido que o produto do seu trabalho fosse para o ar da forma que foi — autêntico «comprimido» posto a andar com uma certa sofreguidão, numa espécie de luta contrarrelojão com a madrugada pela frente... Como se a televisão acabasse amanhã...

Porque é que se chegou a isso é o que importa saber. Carlos Pinto Coelho não nos deu nenhuma pista por detrás do seu balcão. Fica a ideia de que essa forma de apresentação, condensada e contínua, foi assumida livremente pelos responsáveis.

Esse é quanto a nós o grande erro do programa.

Alternativas? Algumas — e extremamente importantes. Refiro uma: Num momento em que a programação da RTP/2 se vê a braços com dificuldades e hesitações nalguns períodos de emissão como é o caso do período da abertura (para não falar noutras) seria positivo que se optasse por escalonar «O Ano Passado» em vários episódios (podiam ter sido seis de meia hora cada como pudemos constatar embora fosse perfeitamente possível e até desejável desenvolver de outra forma determinados temas).

Aqui poder-se-á dizer que o «flash-back» a 1980 não deveria prolongar-se por vários dias de emissão, que o peso de um programa do género não se coaduna com um serial ao longo dos dias. Discordamos. Há que inventar novas formas de apresentar esses balanços. Quanto mais não seja de uma forma didáctica e dentro de um horário «visível»...

Esquecendo este aspecto de ordem geral há que fazer um elogio ao trabalho apresentado. Muitas horas de filme foram vistas, muitos factos foram analisados e deles extraídos os momentos mais relevantes, muita vontade houve para se chegar àquele conjunto final. Se pensarmos que os jornalistas que o fizeram pouco mais são de «meia dúzia», teremos que reconhecer que valem bem por um «punhado». Quer isto dizer: se a «Informação/2» (que tem cerca de duas dezenas de jornalistas) produziu aquele trabalho, o que virá a acontecer com a Informação do primeiro canal (vulgo RTP/1) que tem cerca de cem jornalistas? Será que vamos passar o ano todo de 1981 a ver um balanço do ano transacto?...

Outra coisa: verificámos que neste programa voltaram a aparecer nomes que têm sido referidos (isto há algum tempo atrás) como «suspenso», mas que de qualquer forma são profissionais competentes que raramente assinam trabalhos na «Informação/2». Será que existe alguma «prateleira» especial para eles — espécie de «friso» com exclusivo dos balanços?

Telecrítica / 10/1/81

Rui Cádima

A «Xepa» um ano depois

Entretanto na «Xepa» passou um ano. A Rosália apareceu grávida, o Edson já não compra mais apartamentos porque o seu segundo romance pelos vistos já não dâa nem para o papel... Imaginem se este «ano» não tivesse passado, o que nós ainda tínhamos que atuar. Era óptimo se os anos passassem depressa e a «Xepa» fizesse as últimas despedidas, e dissesse definitivamente adeus... O que é facto é que aqui as coisas não seguem ao sabor dos desejos do telespectador e nós vamos mesmo ter que «gramar» isto até ao fim. Até vir, lá para Fevereiro, segundo se diz, uma outra novela que, consta, é bem melhor que esta. Do mal o menos.

Mas se por acaso o leitor der uma vista de olhos ao resumo da «D. Xepa» que a «TV Guia» publica nas suas páginas, no dia-a-dia da programação, então asseguramos-lhe que mais rapidamente ainda quereria ver desaparecer a novela. Aconselhamos-lhe inclusive a fazer essa pequena experiência. Irá com toda a certeza rir a bom rir e perderá a vontade — se é que ainda a tem — de continuar a proeza costumeira: seguir «mais ou menos» as atribulações da «Xepa» e Cia. Há que deixar passar o tempo... Que diabo!..., já lá vão cento e poucos episódios. Quero dizer: o pior já passou. Vejam só, em todo o caso, um pequeno exemplo dessa prosa de cordel: «Disfarçando, Rosália diz que (...); Tentando estar calma, Rosália chama (...); Enervada, Xepa acha que (...); Assustada com a ideia de Rosália nega-se a (...); Contente, Xepa comunica (...); Triste, Arlete comenta (...); Despreocupada, Isabel fala (...); Sempre desdenhosa, Corina critica (...). E assim por aí fora... Estão já a ver como a partir deste «resumo» se poderá fazer uma ideia aproximada do que se tem passado na novela.

Estamos convencidos que só há uma hipótese para remediar uma situação criada e que se nos afiuga passível de repetição: é desde já contratar os Parodianos de Lisboa, os autores de «Moita Carrasco» (essa portuguesíssima telenovela bem popular já entre o auditório de sábado à noite) e também o conhecidíssimo Zé Carioca de Límão (que parece estar agora numas prolongadas férias depois de se ter embrenhado a fundo na atmosfera grâ-fina dos «Dias Dançantes»), enfim, contratá-los a todos para em aprofundada análise desmisticarem perante as câmaras a falsa popularidade de uma telenovela. Estamos certos que eles o conseguiriam fazer da única forma que nos parece possível: satirizando pelo lado mais ridículo o próprio ridículo da novela da Globo.

De um outro ridículo tem tratado a espantosa série da BBC que narra a história da relação entre Wallis Simpson e o rei Eduardo VIII que não reinou mais de um ano, tendo sido obrigado a renunciar 325 dias após ter sido coroado, devido ao amor que o ligava a essa mulher divorciada, uma norte-americana de origem popular.

Trata-se de facto de uma brilhante série inglesa que, para além do mais, se apresenta como extremamente polémica em relação à forma como os adaptadores escolheram seguir a obra de origem, habitualmente considerada como sendo o livro de Frances Donaldson — uma biografia recente de Eduardo VIII. Mas nós em Portugal não temos os mesmos problemas que os ingleses tiveram com a série. E segundo nos quer parecer ela está mesmo a ter um grande êxito junto ao público. Ainda bem que isso acontece.

Telecrítica

9-1-81

Rui Cádima

Nem sempre são espinhos...

Foi com agrado que vimos «Um Amor em Nova Iorque», de John G. Avildsen abrir o ano televisivo dos serões das quartas-feiras, no primeiro canal. Luis de Pina na sua breve apresentação prometeu desde logo próximos programas também de qualidade. Cá ficamos à espera, na convicção, todavia, de que 1981 será ainda um ano mais criterioso nesta rubrica das quartas-feiras.

O filme que agora passou esteve há relativamente pouco tempo em exibição em Lisboa. O seu ano de produção — 1978 — diz-nos exactamente que a RTP vem assim corresponder ao desejo do auditório — isto é, ter sempre que possível na programação filmes de qualidade e de produção recente. Esse é um dos aspectos que nos parece ser de maior importância para os critérios de selecção das longas-metragens. Consideramos que os ditos «clássicos» do cinema e também os filmes mais antigos que de algum modo podem caracterizar uma época, um estilo, ou um actor, têm um espaço mais em aberto em emissões do género do «Cineclub» da RTP/2. Assim se poderá proceder às retrospectivas, a um certo revivalismo das «épocas de ouro», isto é, pôr em jogo a autêntica memória do cinema. No primeiro canal achamos que os filmes mais recentes terão um outro peso junto do auditório. O telespectador que está em casa sentir-se-á recompensado se verificar que essa preocupação por escolher filmes de qualidade, que entretanto deixaram as salas de cinema, se realiza em termos práticos, trazendo para o pequeno «écran» autores contemporâneos em evidência.

Se «Joe» (um outro filme de Avildsen) já nos tinha mostrado um cineasta de discurso tradicional, embora claro, e uma temática de ordem social posta sem ambiguidades na narrativa, «Um Amor em Nova Iorque» vem confirmar o que «Joe» deixara prever e também o que «Rocky» chegara a ter posto em dúvida. «Slow Dancing int he Big City» — título original do filme — é sem dúvida o melhor filme deste realizador. Mais um ponto, portanto, a favor dos filmes das quartas-feiras.

Mais pontos a favor, também, de «Mulher a Mulher». Esta série realizada por mulheres (Linda Bringel na realização e Maria Isabel Barreno no texto) parece vir a afirmar-se, programa a programa, numa das melhores séries já feitas sobre o tema em Portugal.

É sabido como a problemática que envolve a mulher contemporânea faz hoje já parte dos principais problemas que preocupam as sociedades desenvolvidas. Nessa medida comprehende-se perfeitamente que haja um programa do género deste na RTP, com a regularidade possível. Era mesmo de considerar quanto a nós a possibilidade de «Mulher a Mulher» se tornar semanal, nem que para isso fossem contratados outros autores com pontos de vista diferentes daqueles que informam a equipa coordenadora da actual série. Isto não porque discordemos da capacidade da actual equipa (não é disso que se trata como já repararam), mas antes porque desse modo seria muito natural que novas perspectivas surgissem sobre o tema — e não só novas perspectivas, mas também formas diferentes de apresentar essa problemática. A mulher seria assim vista de dois ângulos que se poderiam completar. É evidente que muitas outras temáticas estão nestas circunstâncias, e há mesmo determinadas questões fulcrais do mundo contemporâneo que não estão sequer a ser tratadas na RTP com a atenção necessária. Mas este é já um outro problema que vamos deixar para outra altura. Ainda em relação ao último «Mulher a Mulher» teria sido interessante se Isabel Barreno tivesse preenchido o «puzzle» que era a resposta à presença dos cheques cozinheiros nesse lugar «feito para a mulher»...

Telecrítica 12/1/81

Rui Cádima

Sábado raro

Um sábado «em cheio» como há muito não viamos foi aquele que tivemos anteontem. Uma programação de características que estamos tentados a dizer «excepcionais» foi a que o primeiro canal da RTP alinhou durante toda a tarde e também durante a noite. E se as considerarmos invulgares, isso deve-se fundamentalmente ao facto de reconhecermos perante a mediania a que já nos habituaram que o dia de sábado foi extremamente «popular», dele fizeram parte programas de variadíssimas características que alternadamente vieram a constituir, por certo, motivo de agrado do grande auditório.

Porém, nem tudo o que passou pode ter aqui uma referência de louvor. Se verificarmos qual o primeiro programa previsto para a tarde de sábado, exactamente para as 13.00 horas — trata-se de «Novos Horizontes» — logo concluiremos que a alteração de horário a que o programa foi ultimamente sujeito não nos parece a mais correcta para um programa com as suas características e a sua efectiva necessidade social, quer a nível dos deficientes em geral, quer ainda a nível da própria sociedade, ainda muito mal preparada para enfrentar o problema da deficiência. O facto de não se dar um outro relevo a este programa precisamente no Ano Internacional do Deficiente (que ainda há dias se iniciou) é significativo da importância que a Direcção de Programas lhe dá. Em relação a este programa nós proporíamos portanto uma revisão do seu horário actual e ainda uma política bem definida de produção em relação ao conjunto de episódios a ser realizado até ao final do ano, para que nos finais de Dezembro não se repita o que em termos televisivos também sucedeu no Ano Internacional da Criança: que os programas encomendados para comemorar simbolicamente a data começaram a ir para o ar nos finais do ano, prolongando-se depois pelo inicio de 1980. Um outro desejo: que as temáticas levantadas ao longo de cada uma das emissões transmitam ao telespectador uma imagem real do que se passa no País e das alternativas sociais exactas para cada caso. Sem tibiezias. Com a violência e a transparência que o assunto merece.

Pelas duas da tarde tivemos um daqueles momentos que de vez em quando lembra ao «diabo» lá da casa. Imaginem, um programa com o Rui Veloso! Ele já tinha aparecido em diferido do «Patópolis» no «Ao Vivo», mas eis que nos surge agora, desgarrado, caído do céu, numa realização de Alfredo Tropa. Qualquer dia, quando menos esperarmos, teremos a um horário estranhíssimo outros intérpretes de renome. 'E tudo uma questão de tempo. O resto são as más-línguas, que estão para sempre a dizer que os cantores portugueses não vão à Televisão... Como estão a ver eles até aparecem para almoçar!

Bem estiveram «os mais novos» com um grande bloco se assim podemos considerar. Primeiro foi a consagrada «Animação» de Vasco Granja e depois um conjunto de espaços «enlatados» para o auditório mais jovem. Um «tempo» que convém passar para Português.

No mínimo.

Talvez que o maior erro fosse ter-se programado duas longas metragens para sábado. Mas, enfim, o fim da tarde chegaria com o futebol, e a telenovela também não faltou. A encerrar, o que podemos dizer mais? Talvez que de um «superprograma» se tratou. Os parabéns para a brillante montagem da portuguesíssima telenovela «Moita Carrasco» e para o filme do recém falecido Raoul Walsh. Um sábado que seria bom ver repetido com maior frequência.

Telecrítica

13/1/81

Rui Cádima

Falsa imagem da situação do cinema português

Se ainda estão lembrados, nós tínhamos na terça-feira passada feito uma referência à nova série norte-americana de título genérico «Dallas». Dissemos então que era uma série que se tinha apresentado, num primeiro episódio, de forma indefinida e ambígua em relação à própria narrativa, e remetímos o leitor do texto para a «Telecrítica» de hoje, para encontrarmos com maior nitidez, após o segundo episódio, o verdadeiro «rosto» da série.

Acabámos entretanto por não ver o segundo episódio porque — tal como tínhamos referido, chamando a atenção para o «Ao Vivo» — veio a acontecer que o programa de Eduardo Prado Coelho iria abordar ao longo de toda a emissão a situação presente do cinema em Portugal, convidando para isso o presidente da C.A. do Instituto Português de Cinema e dois cineastas. Isto era o que se anunciava na programação, mas que veio a ser substancialmente diferente do que depois se viu — cineasta estava um (Lauro António, apresentador juntamente com Prado Coelho), estando de facto presente Miguel Sá da Bandeira — o responsável pela política cinematográfica do consulado de Vasco Pulido Valente.

Desde já se lamenta aqui que outros convidados não tivessem surgido em oposição ao actual gestor do IPC, como aliás vinham a fazer nestes últimos tempos, através de abaixo-assinados, artigos de jornal e respostas públicas a determinadas afirmações e atitudes, polémica que se levantou essencialmente com base num texto de David Mourão Ferreira em que era criticada a acção de Miguel Sá da Bandeira no referido instituto.

Assim, o quase monólogo que foi o último «Ao Vivo» não chegou sequer a cobrir parte da intrincada problemática em que desfalece progressivamente o cinema português.

Inclusive sobre se iria haver ou não plano de produção de 1980 nada se disse. Falou-se do plano intercalar que obedecia aos projectos apresentados para 79, mas dos projectos apresentados para 80 não se fez questão. Mas como nos parece que têm sido os próprios cineastas os primeiros a alhearem-se desse mesmo plano, não será necessário insistir mais sobre este ponto.

Outros problemas ficaram enfretando por abordar. A já velha questão da produção planificada bilateralmente entre a RTP e o IPC não foi tratada; o futuro do cinema português, em termos gerais, não ficou a ver-se — se era sombrio, se era risonho. Por exemplo, situações práticas e reais que actualmente se apresentam, como o desemprego na profissão, a crise do sector cooperativo cinematográfico e a generalizada insatisfação na actividade, não ressaltaram da longa conversa que os responsáveis do «Ao Vivo» tiveram com o gestor não cinéfilo, Miguel Sá da Bandeira.

Se a situação do cinema em Portugal é de facto aquela que se poderá dizer que ficou, ao fim e ao cabo, naquela emissão, poder-nos-emos dar todos por muito satisfeitos: o cinema português vai de vento em popa!...

Pontuação negativa também para o trabalho apresentado pelo Lauro António sobre a recente morte de Raoul Walsh. Mais «sketches» e menos «slides», e um texto mais rápido e mais denso, foram aspectos que gostaríamos de ter visto presidir àqueles breves minutos. Enfim, um «Ao Vivo» que estamos certos não se repetirá.

Telecrítica / 5/1/81

Rui Cádima

Suspeitas entre dois mapas-tipo

Enquanto na segunda-feira passada tivemos a já há muito aguardada noite de teatro em português (mais um dos difíceis fenômenos do Lumiar) as programações para os dias seguintes alternavam claramente entre a parca programação nacional (que na maior parte dos casos se encontra no período de antes do Telejornal, consagrado quase sempre — e mal, quanto a nós — à «Divulgação») e as doses maciças de «enlatados», desde a telenovela brasileira (que parece ser já, no melhor e no pior, uma «sobremesa» difícil de tirar aos portugueses) às múltiplas latas que trazem as longas-metragens da quarta-feira à noite.

Acaba tudo por ser uma questão de «lata»...

Ora bem. Do conjunto da programação que até aqui tem vindo a passar temos dito nesta coluna o que no dia-a-dia nos tem surgido de forma relevante, fundamentalmente no âmbito da produção nacional — aquela que mais nos interessa, a nós e ao grande auditório televisivo.

Declarations novas surgiam entretanto. Maria Elisa dava no final do ano uma entrevista ao «Sete», anunciando qual o seu verdadeiro mapa-tipo a entrar a meio de Fevereiro. A entrevista fez depois correr alguma tinta e inclusive teve repercussões, ao que ouvimos, dentro da própria RTP. Mas esse é já um outro problema...

O que nos traz aqui hoje está relacionado de imediato com as declarações da actual directora de Programas, e tem a ver com a transposição do actual para o próximo mapa-tipo.

Temos visto nas últimas semanas que alguns novos programas estão agora a aparecer, programas nacionais, que são efectivamente de uma qualidade indiscutível, feitos por profissionais competentes e dedicados. Referimos a série «Contos Fantásticos» da responsabilidade de Nêomia Delgado; a série «Mulher a Mulher», coordenada por Maria Isabel Barreiro e realizada por Linda Bringel; ainda a série «Qualidade de Vida», com texto do arquiteto Sena da Silva e realização de Jaime Campos. A referir também as noites de teatro que agora tiveram o seu inicio, com novas produções — uma por mês é o que está anunciado. É efectivamente pouco, mas, como se diz, do mal o menos... Antes tinha sido o descalabro: o «TV Show» surpreendeu tudo e todos, quer pela sua inconsistência e amadorismo, quer também pelas altas verbas esbanjadas.

São todos eles programas da responsabilidade de Maria Elisa. Quatro meses depois de estar naquele cargo surgem os primeiros resultados das encomendas feitas à produção nacional. São muito poucos, de facto.

Daqui poder-se-á concluir, por certo, que o grande «bolo», digamos assim, das emissões culturais e recreativas virá para depois de Fevereiro, ao longo do novo mapa-tipo. Duvidam os que assim seja. Apesar de tudo existem já algumas pistas que nos levam a crer que o nível da produção nacional subirá um pouco, quer qualitativa, quer quantitativamente, nos próximos meses. A ver vamos.

Queríamos contudo deixar aqui desde já o nosso ponto de vista sobre o próximo horário: a decisão de alterar radicalmente os períodos de emissão da telenovela e do Telejornal corre o risco de provocar uma maior animosidade no auditório. É o tipo de decisões que não devem ser tomadas sem uma prévia consulta estatística, obviamente.

Telecrítica

14/1/81 Rui Cádima

Teatro português finalmente!

Com texto de Sena da Silva e realização de Jaime Campos foi na passada segunda-feira para o ar, antes do Telejornal, um programa de título genérico «Qualidade de Vida».

De serviço estava Manuela Moura Guedes que leu um pequeno texto de introdução à série chamando a atenção para determinados aspectos mais complexos, ou também irônicos, ou ainda violentos, que eventualmente poderiam tornar mais «indegesta» a leitura do primeiro programa.

De facto a montagem rápida a que assistimos neste programa, e a tentativa de abarcar todo um conjunto intrincado de problemas que fazem parte daquilo a que se está a convencionar chamar «qualidade de vida» fez com que tivessem sido mostradas imagens de grande violência, de lazer, umas desportistas, outras béticas, umas de fome, outras de banquetes de luxo. A montagem paralela final não deixou de ser afinal extremamente chocante. Mas isso não nos parece ser suficientemente polémico para que uma introdução daquelas tivesse razão de ser. O telespectador continua a ser tratado de facto como um «monstro» curioso e de difícil entendimento. Se há alguma coisa que tenda a sair das normas habituais ou se põe o sinal respetivo ou se faz o alerta, lendo o texto da moralidade instalada, avisando os incertos de que há um pauzinho metido na engrenagem mas que convém que passe despercebido. Julgamos que as preocupações que estão por detrás destes avisos relativos a «cenas eventualmente chocantes» têm quase sempre determinado que certas outras não venham a ser tomadas pelos responsáveis da RTP em detrimento, evidentemente, dos telespectadores.

Uma outra moralidade, esta agora a um outro nível — não tanto chamando a atenção para eventuais ousadias chocantes mas mais para a preocupação pelo semelhante e o próprio sentimento cristão — esteve presente com Luiza Maria Martins, simultaneamente tradutora e encenadora da peça de David Storey transmitida na tradicional noite de teatro das segundas-feiras, anteontem.

Neste caso, aquilo que Carlos Cruz, em tempos, tinha tido a intenção de criar, veio agora a ter realização prática neste trabalho de Teatro Estúdio de Lisboa, apresentado ao público faz agora dez anos, mas que por se tratar de uma peça extremamente apreciada pelo público e pela crítica, foi agora representada para as câmaras de televisão, dirigidas por uma jovem realizadora da RTP, já com provas dadas no campo do documentário — Cecília Netto. No caso da peça presente — «Lar» — não nos pareceu ter feito um trabalho razoavelmente fluido e atento à própria acção. Não queremos dizer que tenha sido um trabalho desmotivado, feito sem grande preocupação, pelo acompanhamento de um texto e de uma encenação, mas tão só que utilização, algo desordenada, das câmaras colocadas na frente dos actores (por vezes inclusive com mau trabalho por parte dos operadores) veio a fazer com que nalguns momentos a peça decaísse, já que as soluções encontradas para o décor, não ajudavam em nada a própria realização.

Tanto «Qualidade de Vida» como a noite de teatro foram de qualquer modo dois momentos positivos na programação de segunda-feira. Qualquer dos programas parece surgir sob a responsabilidade directa da Maria Elisa. Por isso só temos que felicitá-la.

Telecrítica 16/1/81

Rui Cádima

Livros, literatura: não temos cá disso...

Ao contrário do que se possa pensar, no campo da cultura vamos de mal a pior.

Não só porque continuamos a não ter magazines de cinema ou de teatro que nos dêem semanalmente um apanhado das estreias e, enfim, de todos os aspectos circundantes, mas também porque, no que respeita aos programas de literatura, artes plásticas, música e bailado, continuamos a não ter a menor informação que seja, principalmente, como é óbvio, no primeiro canal. No caso da RTP/2 temos, como sabem, o «Ao Vivo» que se tem afirmado de facto como um programa «bombeiro» na programação cultural da RTP, no âmbito de ambos os canais.

Parece-nos inclusive que a pouca importância que Maria Elisa tem dado a este problema é bem significativa. Reflete-se evidentemente no panorama desolador que se apresenta diariamente ao telespectador do primeiro canal (o que não quer dizer que a RTP/2 esteja numa situação equilibrada por ter aos domingos à noite o programa da responsabilidade de Eduardo Prado Coelho).

No que se refere aos programas literários estamos numa situação perfeitamente anedótica: não é dado ao telespectador qualquer tipo de informação, por menor que seja, (nem a nível sequer de Telejornal) em relação às obras publicadas em português no nosso mercado livreiro.

Livros, literatura, não temos cá disso... Poder-se-ia dizer, se quiséssemos assim definir a situação que se depara na actual programação.

Contudo, a editora do Estado — a Imprensa Nacional/Casa da Moeda — beneficia quinzenalmente de um programa de cerca de 30 minutos que vai para o ar habitualmente às quartas-feiras, antes do Telejornal. Chama-se o programa «Autores Portugueses» — é da responsabilidade de Ivo Teixeira Centeno e tem realização e produção de Emídio Uva.

Sustentarmos que é uma situação anedótica porque este tipo de «fenômeno» só se costuma verificar em países totalitários ou em «repúblicas de bananas»...

Ora, como em Portugal não há nenhuma razão para só ser ouvida na RTP/EP a editora livreira do Estado, não vemos porque é que, de há quatro ou cinco meses para cá, não temos nenhum programa que complete a informação nesse âmbito. Se estão lembrados, o último programa desse género a ser emitido tinha o título genérico de «A Ler Vamos» e era apresentado por Diogo Pires Aurélio e pela actual directora de Programas, Maria Elisa.

De então para cá, nada. «Autores Portugueses» lá vai cumprindo a sua missão. Neste último programa foi abordada, por Clara Crabbé Rocha, uma obra realista do século passado da autoria de Luís de Magalhães, «O Brasileiro Soares». Achamos agora que chegou o momento de ser feito um pequeno balanço em relação a este programa e às publicações desta casa editora. Quem tenha acompanhado ao longo dos últimos meses o programa e as edições que nele são abordadas, verá que a forma de apresentação nada tem evoluído, bem pelo contrário, e também que as edições são de tal forma caras para uma editora nacional que o público não lhes pode chegar.

casais; existes. 8 — Colóquio entre marido e mulher.

Telecrítica 17/1/81

Rui Cádima

«Woodstock em Cascais» e outras viagens imaginárias...

Arlo Guthrie já havia estado no pequeno «écran» aqui há uns meses atrás, num sábado quente de Julho. Se não estão lembrados eu digo-vos — foi exactamente num dos «Muppet Show» que o pudemos ver.

Antes de passarmos para a sua mais recente aparição na RTP (no «Espaço Rock» de quinta-feira) conviria ver o seguinte: quer num programa, quer no outro, Arlo Guthrie apresentou-se com um repertório bem caracterizado, isto é, neles foram bem visíveis as influências habituais das «folk-songs» norte-americanas, da *pop music*, e de alguns temas tradicionais que nos ficam muitas das vezes pela via oral. No programa dos «Marretas», como observámos na altura, Arlo esteve só com dois ou três temas, sendo a sua apresentação, afinal de contas, algo de inesperado, enfim, algo que se saldou numa imagem pouco feliz daquilo que ele representa no panorama da música popular norte-americana.

Desta vez, porém, tivemos ao longo de uma boa meia hora, numa transmissão em diferido de um espectáculo que ele veio dar em Portugal há já cerca de ano e meio, no Pavilhão do Dramático de Cascais. A iniciativa foi promovida na altura como sendo a repetição de «Woodstock», agora dez anos mais tarde, e em Cascais.

Como sempre a publicidade defrauda; e neste caso também os espetáculos se acabaram por distanciar claramente da ideia que à partida o público era convidado a fazer dele. Este «Woodstock em Cascais» não fugiu às regras mais elementares da promoção publicitária. Nunca dizer mal do produto que se pretende vender é a regra básica, elementar. Resta assim concluir: a grande manifestação popular e musical que foi «Woodstock», esses «três dias de paz, de música e de amor» não poderiam como é óbvio ter qualquer tipo de aproximação no concerto de Cascais.

De qualquer modo mais valeu ver esta curta meia hora com Arlo Guthrie — isto para quem gosta da sua música — do que a outra meia hora em que ele esteve lado a lado, num autêntico «mano-a-mano» entre estrelas, com os famosíssimos monstros dos «Marretas».

É também significativo, por outro lado, que o filho de Woody Guthrie, seu continuador marginal, um quase «companheiro de viagem» do pai (embora integrado no *sistema*), tenha vindo a ser, dez anos depois de «Woodstock», uma «estrela» bem resplandecente desse grande programa do «showbiz» internacional — e da «aldeia planetária» — com um elevado índice de popularidade de ambos os lados do Atlântico. Se, portanto, a primeira apresentação de Arlo Guthrie a que nos referimos se saldou por um fracasso, esta que agora acabamos de ver levou-nos mesmo a relembrar grandes momentos «folk», inclusive com temas de Dylan. Parabéns portanto à Direcção de Programas que em Outubro de 79 levou a Cascais uma equipa de Televisão para gravar este espectáculo.

Outro grande motivo de interesse da RTP/2 na noite de quinta-feira foi Malraux versus Picasso, por assim dizer. Esta viagem imaginária do autor de «A Condição Humana» levou-nos à transfiguração da morte de Miguel Ângelo para Picasso. Dos cristais negros da arte Maia para a máscara de obsidiana, para a obra do próprio Malraux («La Tête de Obsidienne», de 1974), cujo objectivo final era a descrição e a interpretação de um outro Picasso — demiurgo da criação positiva, por oposição, por exemplo, à «feitiçaria» de Van Gogh. Estas conversas com Malraux não têm sido de facto paralelo na programação da «1», neste dia. Experimentem ver.

Telecrítica 20/1/81

Rui Cádima

Transmissões desportivas: da noite para o dia

Foi há relativamente pouco tempo que se estabeleceu para as 11.00 h. da manhã de domingo o bloco de animação consagrado ao público infantil — bloco que nos aparece, tal como a programação semanal das 18.30 às 19.00 h., sob o título «Tempo dos Mais Novos».

A iniciativa de estabelecer para os domingos de manhã este período infantil foi — já o dissemos — um facto novo no âmbito desta programação que veio por certo ao encontro dos desejos da grande maioria desse público. Não esqueçamos que, por exemplo, períodos idênticos são reservados nos cinemas de estreia das grandes cidades. São as já popularizadas «Manhãs Infantis», habitualmente preenchidas com espaços de desenhos animados. Não admira portanto que este bloco tenha já entrado nos hábitos do grande auditório infantil.

Neste domingo, porém, e dado o fim-de-semana se ter apresentado extremamente desportivo — incluindo o domingo de manhã — o «Tempo dos Mais Novos» foi substancialmente reduzido. No ar esteve, como muitos dos telespectadores com certeza terão visto, o V Cross Internacional das Amendoeiras em Flor, transmitido pela primeira vez em directo da Aldeia das Açoiteias (as edições anteriores realizaram-se em Vilamoura).

Como é já hábito neste tipo de provas Fernando Mamede, o melhor português do momento, apresentava-se como o favorito. No decorrer da transmissão viemos de facto a perceber porquê: Mamede cedo se destacou dos seus adversários e, passada a passada, aumentava o seu avanço. Algumas das grandes figuras do atletismo europeu iam assim ficando para trás. No aspecto ténico a transmissão não primou pela mesma «grandeza»...

Quer a voz de Bessa Tavares, quer as próprias imagens da prova não nos chegaram nas condições técnicas ideais. E o facto é tanto mais de espantar quanto sabemos que estávamos a uns escassos 250 quilómetros dum transmissão em directo... São «fenômenos» de facto incompreensíveis. Há talvez sempre uma interferência que espera por nós... Em termos de «logística» e de realização houve na realidade um certo esforço, um certo aparato também, resultantes dum bem escalonada localização das câmaras ao longo da pista. Porém essa distribuição não foi substancialmente melhorada como devia, com uma realização relevante. O trabalho dos operadores quase se limitou a dar-nos planos gerais dos comandantes da prova, raramente se indo ao grande plano. Inclusive no final isso aconteceu depois de Mamede passar à meta em primeiro lugar; nem sequer uma tentativa de aproximação ao atleta português, para uma breve reportagem com entrevista em directo como já tem sido costume fazer-se...

Mas dissemos que o fim-de-semana tinha sido essencialmente «desportivo». A destacar, inevitavelmente, está a primeira emissão deste ano da nova edição do Torneio das Cinco Nações, em râguebi.

Trata-se de facto de um programa que se tem vindo a repetir nos últimos anos com uma já grande popularidade também entre os adeptos do desporto. Este torneio chega a arrastar as simpatias do público britânico e francês em desfavor do futebol. Em Portugal é já grande o impacto destas transmissões. De um grande espectáculo se trata. Da realização ao público, finalizando no empenho espetacular posto ao longo de todo o desafio, o Gales-Inglaterra foi talvez o programa de destaque no fim-de-semana. Morno, morno, em tudo isso, foi o Setúbal-Académico. Já se esperava...

Telecrítica 15/1/81

Rui Cádima

Sábado à noite em diferido de S. Bento...

Quem se preparasse no sábado para ver depois da «Xepa» o show de Nicolau Breyner iria apanhar um grande susto...

Com efeito (um vespertino pelo menos chegou a noticiá-lo) em vez de, por volta das 22.30 termos o portuguesíssimo «xô» de humor e variedades da responsabilidade de «Edipim», tivemos um outro show substancialmente diferente (embora também de portuguesíssima produção). Tratou-se de um show de retórica, de um espetáculo do dizer e do pensar, enfim, tratou-se da transmissão em diferido da discussão que já havia sido realizada na véspera, na Assembleia da República, em torno da apresentação e discussão do programa do VII Governo.

Mas o que é facto é que a retórica política, por mais plural que seja, por mais contraditória e salutarmente polémica que se apresente, raramente, ou nunca, poderá entrar num espaço televisivo, assim em género de «à queima-roupa» (ainda para mais num sábado à noite) e, claro, muito menos em substituição de um outro espaço — relegado para mais tarde — o de «Eu Show Nico», que viria a ser o encerramento da emissão, ficando o filme do John Houston, com Burt Lancaster e Audrey Hepburn, para, muito provavelmente, o próximo sábado.

Assentemos, portanto, no seguinte: não está aqui em causa a maior ou menor legitimidade de uma transmissão, está sim em causa o período em que a gravação em causa foi alinhada na programação de sábado. Pensamos que a introdução daqueles resumos montados pelos próprios interessados deveria ter um outro período de emissão, que não o de sábado à noite, no espaço previsto para o programa de Nicolau Breyner. A razão é simples: se para uma determinada hora se opta por um programa de humor e variedades é porque, com certeza, o auditório que se julga estar a acompanhar a emissão nessa altura não estará predisposto, obviamente, para a retórica e a discussão política em diferido de S. Bento...

É portanto de estranhar o facto. Se pensarmos nas suas causas somos levados a considerar que isso acontece, provavelmente, devido à Lei da Radiotelevisão. Como sabem há um capítulo nela exclusivamente dedicado ao «direito de antena». Através desse artigo se consagra o direito dos partidos políticos e das organizações sindicais, profissionais e patronais disporem de um espaço de programação anual da sua inteira responsabilidade. A transmissão de períodos como o que agora está em causa parece-nos não estar previsto na referida Lei.

O que porém está em causa — o horário de transmissão e o próprio dia — parece-nos estar consagrado na Lei quando se diz que a utilização do tempo de antena não deve ser nunca concedido quer aos sábados quer aos domingos. Vê-se porquê.

Ora se essa incompatibilidade se verifica durante os fins-de-semana não percebemos porquê então o alinhamento da discussão do programa do Governo para a noite de sábado passado.

De um mal entendido se tratou, com certeza. O telespectador que muitas vezes julga poder ver aos sábados à noite algo de mais leveiro na programação da RTP, foi desta vez obrigado a sintonizar S. Bento...

Telecrítica 21/1/81**Rui Cádima****Em defesa
do consumidor**

Foram vários os órgãos de Comunicação a anunciar para as 19.30 de segunda-feira um novo programa dedicado aos problemas do consumidor, intitulado genericamente «Em defesa do consumidor».

Depois da suspensão do «Come e Cala» e, mais tarde, do seu desaparecimento definitivo, o telespectador ficou entregue a si próprio, ninguém mais voltou a avisá-lo de que o mercado desta sociedade de consumo (que se consome a si própria) está infestado de narcóticos, de produtos entorpecedores, de soporíferos bem disfarçados, enfim, de mentira.

É exactamente isso que nos leva muitas vezes a alinhar aqui nesta coluna meia-dúzia de palavras em torno deste ou daquele assunto.

Porque se trata, na verdade, de um programa da máxima importância em qualquer mapa-tipo televisivo (ou antes, em qualquer meio de Comunicação Social) foi com grande curiosidade que nos preparamos para ver o referido programa, anunciado para antes do Telejornal... Mas (sempre este *mas*), uma vez mais aconteceu que o programa anunciado acabou por não ser emitido... Já estamos habituados, embora o fenômeno nos pareça cada vez mais inadmissível, não se percebendo já por que é que sucede tantas vezes sem nunca serem assumidas as responsabilidades...

Também aqui, portanto, uma coluna em defesa do consumidor, que está sempre à mercê das alterações mais absurdas na programação. Do facto, porém, ninguém nos avisou. A Fátima Medina estava lá, embora antes do programa ir para o ar tivessem feito andar, do Telecinema, mais um desenho animado do Popeye e da Olivia que desta vez se preparavam para comer os eternos espinafres e jogar «boliches» ao mesmo tempo. Uma lata de espinafres e... «strike» certo. Na Televisão não é assim... Ainda um aviso para o público dador de sangue antes de se iniciar um... um programa sobre Castelo de Vide...

Realizado por Filomena Pessoa (o genérico veio no final) este breve documentário foi feito de facto com algum empenho, tendo-se tornado um razoável passeio turístico e cultural por aquela bela vila alentejana, um passeio mesmo a apetecer, ainda que muitas delas imagens se tivessem apresentado de forma algo publicitária, género de bilhete-postal bem emoldurado, com carimbo de Câmara Municipal e tudo.

O trabalho daquela equipa dirigida por Filomena Pessoa acabou por ser interessante, nomeadamente no que se refere aos aspectos mais populares da identidade regional da vila. Estão nesse caso os planos sobre os vários sinais que a arte ali tem deixado, desde as antas pré-românicas à arte nova de fachadas da vila (de uma grande beleza!), passando por alguns eclectismos e acabando na arte popular, no artesanato, nos bonecos de barro, nos trabalhos de ferro fundido, de madeira, de verga, etc. Vários sinais feudais foram também dados, como a nora e a charrua feudais e as coelheiras dos cavalos extremamente antigas também.

O programa da noite seria para mais um bailado de «Romeu e Julieta». Só por si este programa era já suficientemente exemplificativo para explicar algumas das razões que assistem a «Malu Mulher» para vir para a RTP/1.

Telecrítica 22/1/81**Rui Cádima****«O dia da libertação
dos reféns...»**

Essa do Adriano Cerqueira foi boa: «Aqui terminamos o Telejornal de hoje, dia da libertação dos reféns norte-americanos»... Assim mesmo!

Nós até pensámos que por um pouco mais se tinha ali mesmo proposto um feriadãozeco para comemoração da data... Dessa ou da outra, sua paralela, não se sabendo, psicanaliticamente falando (...) se Cerqueira se estava de facto a referir a uma e a pensar na outra, ou se de facto inverteu os factores deliberadamente.

É óbvio que o ano e tal de cativeiro por que passaram os funcionários norte-americanos no Irão indignou meio-mundo e fez com que a própria imagem daquilo a que tem sido hábito chamar-se a «revolução islâmica» decaisse na vertical, principalmente a Ocidente. No que se refere ao direito internacional e à própria diplomacia e ética entre as nações, a atitude dos estudantes iranianos, durante e após a ocupação da embaixada norte-americana assumiu um carácter de tal forma aleatório e intolerante que mais os fez identificar em absoluto com os «desesperados» ocidentais do que com os místicos muçulmanos modernos, que não conseguem viver sem religião nem petróleo.

O problema por eles criado ultrapassou, nessa medida, todos os limites. Depois das ocupações de embaixadas na América Latina entre 79 e 80 a ocupação da embaixada norte-americana veio conhecer etapas que puseram em perigo a estabilidade da zona e inclusive do mundo.

Chegámos agora ao fim de todo o processo. O Telejornal para noticiar o caso (já desenvolvido de véspera) serviu-se de um «slide» já gasto e martirizado onde se vêem os reféns de olhos vendados. Mais para a frente verificámos que existia afinal de contas um pequeno filme onde se reconhecia um dos «Boeing» que tinha transportado os reféns para a capital argelina. Mesmo com este documento os responsáveis do Telejornal optaram pelo «slide» com que nos «bombardearam» ao longo de meses e meses... Enfim, esperamos agora que de futuro, sempre que se fale dos antigos reféns norte-americanos no Irão não nos venham a dar essa «imagem de marca» que mais pareceu surgir por uma espécie de devoção idólatra do que pelo desejo de informar com novos dados.

Curiosa foi também a forma como o Telejornal viu a hora de libertação dos reféns... A redação considerou que a libertação se tinha verificado precisamente na altura em que Carter deixava o seu lugar a Ronald Reagan. Parece que de facto isso não se passou. Se o Irão aguardou até depois do horário previsto para a tomada de posse do novo presidente norte-americano, isso deveu-se certamente a uma determinada intenção política (que é ainda cedo para analisar), mas que é de qualquer modo muito mais complicada do que à primeira vista pode parecer. De um acaso não se tratou, por certo.

Curiosa também a forma como Adriano Cerqueira leu as primeiras palavras imputadas a Reagan: vimo-lo cabisbaixo, sem tirar os olhos do papel, como se de um ritual ou de um salamaleque se tratasse. E foram uns bons segundos naquilo. Tanto que ao fim, quando ele se referiu ao 20 de Janeiro como o dia da libertação dos reféns norte-americanos houve quem pensasse se ele não se teria enganado, querendo dizer que se tratava do dia da tomada de posse de Ronald Reagan. São assim as más línguas.

Telecrítica 24/1/81

Rui Cádima

Qualquer semelhança com o «Marretajornal»...

Para muitos dos telespectadores pode passar despercebida a forma antiquada e amadora como o Telejornal é lançado todos os dias do Lumiar para as casas dos portugueses. É óbvio que nem sempre se verifica esse mau tratamento do material informativo. Por vezes (nós temos aqui dado a mão à palmatória nessas raras alturas), surgem trabalhos de reportagem e alguns outros textos de qualidade, embora os bons profissionais estejam quase todos arredados dos centros de informação e da própria reportagem.

Por exemplo, qualquer semelhança entre os trabalhos enviados da Assembleia da República para ambos os canais, é de facto pura coincidência. O jornalismo que se «vê» em Miguel Sousa Tavares (Informação/2) é substancialmente diferente daquele que tem orientado o trabalho de Vítor Silva Lopes. É evidente que esta é uma questão que não tem só a ver com as qualidades intrínsecas de um ou do outro profissional. Os projectos globais que presidem à orientação ora de um ora de outro serviço informativo, têm muita importância nos trabalhos finais que são enviados de S. Bento. De qualquer modo, o cunho individual inerente a cada um dos trabalhos também não pode ser menosprezado...

Tem acontecido, inclusive, nos trabalhos enviados para o Telejornal por Vítor Silva Lopes, que a chegada do som a nossas casas é de um nível técnico francamente mau (na captação, obviamente). No dia da intervenção de António Arnaut sobre os problemas de saúde — quarta-feira — quando o repórter entrevistava em directo o ministro de Estado, Basílio Horta, o ruido de fundo era de tal ordem que dificultava claramente a audição das palavras de ambos. Isso aconteceu, aliás, ao longo de quase toda a intervenção de Vítor Silva Lopes. Depois, verificou-se aquilo que nos fez lembrar os «gags» de Artur Semedo nos «Sheiks com Cobertura», quando a meio da entrevista aparecia a mulher da limpeza, entre a câmara e o entrevistado, dizendo: «Deixem passar a doméstica»... Entre Basílio Horta e a câmara vimos um passeante... Este nem sequer pôde licença...

Outra «gafse» técnica e profissional foi a referência feita à morte de João Villaret. No Telejornal de quarta-feira (21 de Janeiro, dia em que passavam 20 anos sobre a morte do grande actor e declamador), vimos Adriano Cerqueira a dizer-nos isso mesmo, ou seja, que João Villaret tinha falecido há 20 anos. Por detrás do apresentador um «slide» com o rosto de Villaret.

E assim acabou o Telejornal desse dia...

Pensámos ainda dizer qualquer coisa sobre o mau tratamento dado ao acontecimento, mas o problema da publicidade gratuita sobre o qual optámos por escrever, levou-nos o espaço todo. No dia seguinte, anteontem, quinta-feira, no final do Telejornal, de novo João Villaret... Adriano Cerqueira voltava a lembrar-nos a data, agora com um pequeno filme de arquivo em memória do actor. Villaret surgiu-nos assim lendo um poema de António Botto. O facto só por si levava-nos de imediato a esta conclusão: o Telejornal parece estar agora necessitado de mais de 24 horas para chegar aos arquivos da RTP e escolher o material imprescindível para ilustrar um acontecimento... Digno de nota! Belo recorde.

Telecrítica 23/1/81

Rui Cádima

A publicidade gratuita

É costume não se ligar muito aos espaços que medeiam entre dois programas. Habitualmente esses espaços são preenchidos com a inevitável publicidade. Quando se verifica que a programação vai adiantada em relação ao horário previsto, o telecinema faz entrar determinado tipo de filmes para preencher os «brancos» que, entretanto, ficam pelo caminho...

Todos têm reparado, por certo, que na grande maioria das vezes esses espaços são preenchidos por pequenos filmes de animação (ultimamente temos visto o Popeye e a Pantera cor-de-rosa) ou ainda pelos chamados «telediscos» — *spots* de promoção de determinados intérpretes que são enviados pelas editoras para os canais de televisão a fim de poderem fazer parte, eventualmente, dos programas musicais.

O que temos visto, porém, é substancialmente diferente do que seria desejável. Por tudo e por nada, quando menos se espera, neste ou naquele programa, neste ou naquele «branco», surge o intérprete X ou o intérprete Y, sempre intérpretes estrangeiros que vêm fazer tempo até entrar o programa previsto. Anteontem, por exemplo, antes de entrar o programa da Arca-Filmes — o «Mulher a Mulher» — surgiu-nos um excelente filme de promoção do último disco de Joan Armatrading, uma produção tecnicamente perfeita, a obedecer a todos os requisitos impostos pelo *marketing* mais avançado. Há dias tinham surgido os Police, nada mais nada menos com três temas seguidos. Outras vezes o fenômeno verifica-se durante um ou outro programa, sendo habitual no «Magazine 7» de Luís Pereira de Sousa, que por ser um magazine semanal desprestigiado, de características ligeiras, ainda assim não é nele onde esses *spots* pior ficam inseridos.

O problema complica-se exactamente a partir do momento em que esses filmes promocionais começam a ser integrados aleatoriamente, sempre que a programação está desconchavada em relação ao que estava previsto. Aí — temos que ser fracos — é que a situação se torna extremamente polémica. Por um lado trata-se de publicidade não paga que usufrui na realidade de largos minutos na programação, minutos esses que a serem pagos se cifrariam em centenas de contos. Por outro lado, não ligando a implicações comerciais, deontológicas e promocionais, todos seríamos levados a concluir que o processo é extremamente aliciante, e que o telespectador só teria a beneficiar com esses momentos de grande qualidade musical e de grande técnica televisiva...

Só que, em termos administrativos, há coisas com que não se pode brincar — e uma delas, uma das primeiras, é com a publicidade não paga, com os processos mais ou menos encobertos de se passar determinado nome ou determinada marca... Há numerosos exemplos inclusivos (nunca denunciados com provas indesmentíveis — pelo menos em Portugal, tanto quanto sabemos) de casos em que se verificou o suborno de técnicos na filmagem de um determinado «nome»... Há outros casos que são perfeitamente casuais e há ainda outros em que a promoção é feita de comum acordo, com benefícios para ambas as partes. O que se verifica com os «telediscos» parece-nos ser só o favorecimento de uma editora em detrimento da RTP/EP. Ou será que a RTP se sente recompensada pelo simples facto de ter acesso a esse filme? Não será modéstia a mais?

Telecrítica 26/1/81

Rui Cádima

Onde acaba o «País, País» e começa o «Telejornal»?

Falar de «País, País» é sempre extremamente difícil. Não porque não possamos ver aqui ou ali se um determinado trabalho é ou não bem apresentado, bem elaborado, se inclusive a sua composição formal é ou não suficientemente planificada. Julgamos que a dificuldade maior resulta do facto de «País, País» ser um programa de informação de âmbito demasiado lato para que o articulista possa pronunciar com alguma exactidão se o programa de um determinado dia foi ou não elaborado com isenção, competência e profissionalismo (e, claro, se não «esqueceu» determinados factos cruciais do dia-a-dia social, cultural e económico do País)...

Uma das coisas que mais nos confunde neste programa de informação regionalizada, é a forma como muitas das notícias têm sido alinhadas, não se sabendo, na maior parte das vezes, se se trata ou não de matéria para o Telejornal se de assunto exclusivo de «País, País». Duvidamos mesmo que os responsáveis por este bloco informativo de grande audiência na província o saibam.

Damos um exemplo que aqui vimos, há relativamente pouco tempo, e que é de facto bem característico do que acontece na maior parte das vezes. O «País, País» desse dia apresentava, entre outros assuntos, uma pequena reportagem sobre a abertura ao público de uma exposição sobre a vida e a obra de Raul Brandão, por ocasião da passagem do 50.º aniversário sobre a sua morte (5/12/1930), ex posição essa patente na altura na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Estou agora a recordar algo que quis escrever nesse dia, mas que não sei já porquê, me passou, não tendo depois retomado essa ideia. Lembro-me de que esse trabalho foi perfeitamente conseguido e atingiu, inclusive, foros de ineditismo nesta pacata zona da Informação televisiva da RTP. De facto chegámos a ver um pequeno filme mudo realizado nos anos 20, no qual nos surgia nem mais nem menos do que a imponente figura dessa «benigna infantilidade» de que nos falava Manuel Mendes, a de Raul Brandão.

Para além desse documento de inapreciável valor, «País, País» deu-nos também um pequeno trabalho feito no local da exposição — tratava-se de uma entrevista com João Palma Ferreira — o director da Biblioteca Nacional, e ainda (imaginem!), na continuação das suas palavras, entrando pelo lado esquerdo do enquadramento, ele mesmo, Mário Cesariny, bem disfarçado perante as câmaras tal como se ainda quisesse (bom surrealista que ainda não deixou de ser) manter o anonimato por detrás do bilhete de identidade chapado nas farpelhas... O que importava, porém, era que Raul Brandão saisse enaltecido. Foi o que aconteceu. Imaginem o «País, País»! (cismámos...) .

E assim ficámos a pensar, até que surgiu no Telejornal do mesmo dia, um trabalho de Helena Balsa, salvo erro, sobre a exposição camoniana que a Fundação Calouste Gulbenkian acabava de inaugurar. Umas imagens também da exposição, acompanhadas de um breve texto (um texto de fugida como que a dizer que daquela já ninguém os poderia acusar...), mas, no conjunto, um trabalho de qualidade muito inferior ao citado em primeiro lugar.

Este género de coisas está agora a repetir-se frequentemente. A própria Direcção de Informação deve andar um bocado ensarilhada no meio da confusão. Ou não?

Telecrítica 27/1/81

Rui Cádima

As manhãs infantis de domingo

Voltamos ao «Tempo dos Mais Novos» transmitido ao domingo de manhã. É curioso desde já assinalar a diferença de impacto na audiência infantil entre um programa como a «Animação» de Vasco Granja e este agora em causa.

E como vemos nós esse impacto? Em primeiro lugar é dito e sabido que não é através da RTP, dos seus serviços de sondagens à opinião pública e aos telespectadores que chegamos lá. Há porém uma outra forma de verificar a importância que esse espaço tem junto dos mais novos. Por um lado, o contacto directo com eles, por outro a verificação de que no «Top TV» da revista «TV Guia», enquanto o programa «Animação» se encontra agora em segundo lugar a seguir à rubrica «Teatro» (o programa de Vasco Granja foi durante bastante tempo o programa mais votado nesse Top TV), o «Tempo dos Mais Novos» nem sequer começou ainda a ser votado globalmente... E isto parece-nos ser já bastante significativo...

Bon, de qualquer modo há que analisar um pouco mais circunstancialmente o programa em si, principalmente aos domingos de manhã (à semana apresenta-se com outro figurino, variando de dia para dia, no período que se segue à abertura e ao «Sumário»).

Aos domingos de manhã temos então, habitualmente, as aventuras dos simpáticos esquilos Bana e Flapi, uma produção japonesa de finais dos anos sessenta, que está agora em Portugal, falada em português, como deveria ser sempre nos programas infantis. Evidentemente que uma dobragem sai mais cara do que uma legendagem mas o que nunca poderá estar em causa é o respeito que o público infantil merece. A Televisão tem uma responsabilidade demasiado grande na sua formação para não se incomodar muitas vezes com este aspecto de primordial importância, como acontece muitas vezes, aliás.

E já que estamos a falar de dobragem deixem-me dizer-vos que o trabalho feito para o «Bana e Flapi» é da responsabilidade de João Lourenço, o mesmo que recentemente encenou o «Baai», com Mário Viegas no protagonista. Entre as vozes contavam-se por exemplo as já conhecidas de Ermelinda Duarte e João Perry, entre outras. Parece-me que João Lourenço não conseguiu ainda flexibilizar determinados tons de vozes, tornando-as assim um pouco mais suaves e mesmo infantis, aproximando a voz da ligeireza e da fragilidade dos bonecos. Quanto ao resto julgamos que estes desenhos são porventura o espaço mais interessante da programação infantil dos domingos de manhã, quer pela magia da série (do texto), quer pela chamada de atenção à própria realidade (aos perigos, às esperanças, às frustrações — este episódio em que Bana espera o «príncipe encantado» é extremamente significativo nesse aspecto), quer ainda por se tratar de um desenho animado falado em português, com canções em português.

As «Brincadeiras», espaço que se segue no mesmo programa, já têm uma heterogeneidade que resulta de altos e baixos, nas suas variadas rubricas. Se a presença de Josefina Silva no programa lhe deu de facto um outro interesse (e que bem que a «avó» contou as suas histórias das palavras mágicas), já a presença do convidado (profissão — barbeiro) foi francamente negativo, pelas palavras pouco felizes que a sua «filosofia» do corte de cabelo fez soltar perante o auditório mais jovem. Outras rubricas têm ainda pouco interesse: o «Jogo» poderia ser aproveitado de outra forma e a abertura do programa poderia ter também outra consistência. Bom trabalho foi o de João Lagarto, no «mimo» que ilustrou a canção. E acabámos com o «Flash Gordon» agora a braços com uma revolta de homens eléctricos. Um conjunto de facto demasiado desconchulado para ter a audiência que o horário exige.

Telecrítica 29/1/81

Rui Cádima

Já é tempo de trazer o jazz à RTP/1

Entre Jane Birkin e Pony Poindexter, nós preferimos obviamente o músico negro norte-americano, um saxofonista já há muitos anos radicado na Europa e que já nos fez várias visitas, principalmente ali à Praça da Alegria, à pequena cave do Hot Club de Portugal.

Pony Poindexter esteve de facto no último «Espaço Jazz» que foi para o ar na passada terça-feira. Do outro lado, isto é, na RTP/1, estiveram primeiro a «D. Xepa» e de seguida viria um programa de variedades que incluía, entre outros, Jane Birkin, Serge Gainsbourg e Jacques Dutronc. Claro que a alternativa em termos de qualidade ia inteirinha para o saxofonista norte-americano. Se pensarmos na escolha que o grande auditório fez, é óbvio que, mesmo apesar dos descontentes, a grande maioria foi de facto adversa à grande música negra e, nessas circunstâncias, não temos dúvida de que mesmo os saturados da telenovela, não sendo amadores de Jazz, não viram com certeza nenhum dos belos temas que Pony nos trouxe.

E é pena. Por um lado, o afastamento do grande público dessa corrente musical só se pode compreender pela situação de marginalidade a que o regime anterior votou sempre a música negra. Sabemos que todo o peso significante do Jazz, dos Blues e dos espirituais negros nunca poderia vir em abono da ditadura — só poderia vir criticá-la, como veio, inclusive, nos pequenos círculos de «carolas» que sempre mantiveram o Jazz, neste país, de cabeça erguida e também alguns dos «Cascais-Jazz», nomeadamente no de 1973, quando foi dedicada uma composição, salvo erro por Paul Gonsalves à luta dos movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas.

Não é pois de estranhar que o grande auditório televisivo seja um pouco adverso ao Jazz. Se antigamente os músicos de Jazz sempre estiveram afastados da Televisão porque eram considerados instrumentistas marginais, produtores de um tipo de música subversivo, hoje eles são ainda encarados como «fauna marginal» e como tal enviados permanentemente para o segundo canal, o chamado «canal eruditó», o canal da preferência dos sectores mais intelectuais do auditório televisivo.

Isso tem acontecido de há alguns anos para cá. Quer as transmissões em diferido do «Cascais-Jazz» quer os outros programas esporádicos que nos têm aparecido na RTP/2, nunca foram de facto pensados para o primeiro canal. Por isso se terá que concluir que o Jazz, deste modo, muito dificilmente poderá passar a fazer parte das preferências musicais de um cada vez maior número de telespectadores.

Para além de Pony Poindexter a RTP/2 ainda nos propunha um filme de Miklos Jancsó, «Vento de Inverno», que sem ser «uma das suas obras mais brilhantes» não deixou de ter um interesse relativo (para a qualidade a que o «Cineclube» nos tem habituado), uma vez que através dele o telespectador pode acompanhar na perfeição um estilo, os habitualmente planos «deambulatórios», planos-séquencia de Jancsó. Contudo não queríamos deixar de referir aqui que teria sido melhor ter programado outros filmes de maior qualidade na sua filmografia, como por exemplo «Os Oprimidos» — a sua obra máxima — ou inclusive «Salmo Vermelho», uma vez que «Cantata» já passou na RTP.

Telecrítica 28/1/81

Rui Cádima

Janelas que se fecham

O arquitecto Sena da Silva voltou agora com o seu segundo programa da série «A Qualidade da Vida», recentemente estreada na RTP. O primeiro programa tentou ser uma espécie de manifesto do autor; foi-nos passado um texto que era como que um programa geral, uma intenção, e este segundo «capítulo» foi agora mais específico, tentando Sena da Silva entrar por uma janela extremamente difícil de atingir — a janela virada para o sol nas concentrações urbanas contemporâneas, mas também a janela-prisão, a janela-grade, o espaço fechado à liberdade que se procura respirar.

Sena da Silva mostrou-nos janelas e janelinhas, varandas e varandinhas, janelões e janelonas... Havia de tudo para todos os gostos... Fez-se inclusive uma espécie de levantamento das janelas-de-namoro alentejanas, com namorado quase oitocentista e donzela de malmequer na mão... Vimos com grande curiosidade aquele «pastiche», aquela colagem ecléctica «made in Estremoz», mandada construir por um grande latifundiário da região, diz-se que para homenagear as várias janelas que receberam a sua visita, em diversas partes do mundo... E o autor prosseguia o seu programa com o quase «slogan» — «Nós, pessoas civilizadas, que temos televisão em casa...» — frase que iria repetindo ao longo deste «A Qualidade da Vida», chamando agora à atenção para uma outra janela, como que fazendo a psicanálise grosseira da sua própria presença, avisando portanto o telespectador de que aquela janela que tinha naquele momento aberta à sua frente tanto lhe poderia trazer o sol como a corrente de ar...

É que, de facto, aquela montagem infundável de janelas mais remeteu para uma violenta «corrente de ar» do que para um raciocínio lógico-dedutivo, semiológico, que nos reenviasse mais para além da constatação de que temos todos os dias pela frente uma janela electrónica que funciona quase sempre como um espelho de ilusão, de identificação, entre as imagens dadas e as criadas pelo telespectador.

Para se chegar a essa identificação — dizia o autor — bastava carregar no botão... Com esse gesto o espelho mágico daria o catálogo completo das figuras reconhecíveis em toda a aldeia global macluhaniana como sendo os retratos-robot necessários à perícia identificação... Mais um, eventualmente, para juntar à lista: o de Sena da Silva, arquitecto, português, enquadrador de janelas e inventariador de «bouteades» como aquela que surgiria mais para a frente, já em plena análise da janela electrónica (leve abordagem da janela-aparelho-de-TV): «O homem contemporâneo é o mais estúpido dos homens...» Se tivermos em atenção, como referiu o autor, que se Sócrates e Galileu tivessem à sua disposição o que o homem de hoje tem, teriam provavelmente superado o próprio saber contemporâneo... Tudo é possível, da janela do alquimista. E nós, pobres joguetes de alguns vendedores de ilusões que se apropriaram da janela dos outros sem sequer pedirem licença, deixámos a nossa bem aberta, até chegarmos à conclusão de que no dia de anteontem mais valia não abrir a «janela» da RTP-1... Às continuistas Isabel Fortuna e Teresa Cruz o Telejornal fez suceder José Cândido de Sousa (que qualidade, que pluralismo?), e o «Lutero» que tivemos, embora sobriamente realizado, não deixou de ter uma imagem vin-cadamente americana, que em nada abonou o nome de um dos pais do espírito alemão.

Telecrítica 30/1/81

Rui Cádima

Noémia Delgado no domínio do fantástico

Quem porventura se tem vindo a interessar pelos «Contos Fantásticos» de Noémia Delgado, adaptados de algumas obras fulcrais da literatura fantástica portuguesa (de autores tão dispares como Eça, Aquilino e Álvaro Carvalhal) reparou por certo que esses trabalhos apareceram repentinamente na programação no princípio deste mês de Janeiro.

Os jornais tinhão já anunciado para esse dia a série nortenha «Um Táxi na Cidade», mas nessa quarta-feira, 7 de Janeiro, acabou por surgir o primeiro conto fantástico de Noémia Delgado intitulado «A Princesinha das Rosas», baseado no texto homónimo de Fialho de Almeida.

Ninguém sabia de nada. Nós até pensámos que estes «Contos» tinham resultado de uma encomenda apressada feita pela directora de Programas, Maria Elisa. Puro engano. Os «Contos» vinham já sendo negociados desde 1978, altura em que Vasco Graça Moura era o responsável máximo pela programação. Só o soubemos mais tarde, tendo nós feito inclusive, uma referência errada relativamente à direcção de programas que aceitou a série.

É óbvio que alterações de última hora, deste género, podem sempre acontecer. Não há Direcção de Programas por mais perfeita que seja que se encontre imune a este tipo de circunstancialismos. Em relação a este aspecto não há efectivamente nada a opor. O que já não parece tão correcto é que se tenha optado por lançar esta série na programação sem estar ainda acabada. Noémia Delgado veio de facto denunciar uma situação insustentável. É uma situação de âmbito mais geral que se tem vindo a apresentar com mais acuidade ultimamente e que em última instância denuncia ela própria a recusa da actual Direcção de Programas em dar andamento a projectos de produção externa que ficaram suspensos de direcções anteriores. Há vários exemplos: entre os principais surgem os «Retalhos da Vida de um Médico», «A Queda de um Anjo» e também esta finalização dos «Contos». Para além destes casos verifica-se em geral, tanto quanto julgamos perceber, uma quase paralisação da produção nacional no que respeita fundamentalmente a programas culturais e a séries filmadas.

Voltando aos «Contos» conviria ainda referir que a decisão de introduzir repentinamente a série na programação não contou sequer com o acordo da realizadora. Para além disso, o processo culminou no lançamento da série sem ter sido feita qualquer promoção. Nós sabemos como os serviços competentes se têm esmerado em promover os «enlatados»... Trata-se agora de uma série portuguesa e, infelizmente, parece ser o «esquecimento» a vingar.

Ainda outro aspecto: fala-se em que a colocação de determinados programas no segundo canal se deve ao facto de os responsáveis acharem que não devem «esvaziar» o conteúdo desse canal, isto é, diz-se fazerem-se os possíveis na casa por dar continuidade efectiva ao projecto de Fernando Lopes... Ninguém percebe como, mas enfim...

De qualquer modo pensamos que se há que pensar em termos de alinhar a produção em língua portuguesa nalgum canal, há que fazê-lo em primeiro lugar no canal de maior audiência (que tanto está necessitado disso). Se só agora o dizemos é porque quisemos constatar que a série de Noémia Delgado, apesar de tudo, deveria ter sido vista pelo grande auditório.

Telecrítica 31/1/81

Rui Cádima

Ninguém «meteu água» no museu da EPAL

Antigo jornalista, de certo modo frustrado por nunca ter tido êxito com as suas velhas interpretações, Steve Harley, mais tarde responsável máximo por esse excelente grupo que foi o Cockney Rebel, esteve no «Espaço Rock» com que abriu a emissão da RTP/2.

Nós já sabíamos que o *décor* encontrado para a realização deste trabalho era extremamente original, pelo menos o «nome», uma vez que não fazíamos qualquer ideia sobre as potencialidades decorativas de um tal local. Tratava-se do Museu da Companhia das Águas de Lisboa e a realização estava a cargo de José Nuno Martins, jovem realizador já conhecido das lides radiofónicas (principalmente dos «Cantores do Rádio») e que se havia estreado há cerca de um ano com uma série de trabalhos sob o título genérico de «Soltem o Rock...», no qual participaram alguns dos melhores grupos portugueses. Nessa altura tivemos oportunidade de verificar algumas deficiências na realização — próprias afinal de quem assume uma tal responsabilidade no inicio da carreira — chegando mesmo a acontecer que a realização, nessa altura, se viu um pouco «enovelada» para resolver certos problemas.

Isso, porém, não voltou a acontecer agora. E ainda bem. Ficámos bastante satisfeitos com este programa que Nuno Martins agarra nos ofereceu. Steve Harley, só por si, isto é, a sua música e as suas capacidades cénicas e a forma como se soube integrar no *décor*, eram já suficientes para que um programa resultasse. Mas o seu trabalho mereceu de facto uma realização à altura e Nuno Martins, apesar de alguns desentendimentos com a direcção do olhar de Harley, conseguiu-o. Um programa feliz, apesar dos «desincronismos».

... *E o rei abdicou!*

«Edward e Mrs. Simpson», a série da «Thames» que reacendeu aquilo que já havia sido o «escândalo» nacional do século na história mais recente da nobreza britânica, deixou-nos agora, após Waris Hussein nos ter dado as últimas imagens nas quais o rei abdica, de facto, por amor!

O aparecimento da série na Televisão inglesa havia já provocado grande celeuma entre os britânicos. É que, ao contrário do que se possa pensar, e apesar de terem passado já cerca de cinquenta anos sobre o facto, os ingleses continuam pouco receptivos ao retomar desta «velha» questão que para eles deveria ser definitivamente arrumada...

No fundo, a ligação de Eduardo VIII com Wallis Simpson nunca poderia agradar à «fleuma» britânica. Pelo contrário, nós portugueses — e julgo falar pela maioria — ficámos satisfeitos com a qualidade da série.

Mas essa má receptividade de que falava verificou-se, de facto, quer aquando da passagem da série em Inglaterra, quer ainda ao longo da sua própria realização. Na verdade, a produção nunca conseguiu autorização da rainha para filmar nos locais exactos onde as cenas se desenrolaram. Os produtores acabaram por ter que se «safar» por outro lado... Um dos locais impedidos de filmar foi o Castelo de Windsor...

A própria Wallis Simpson, ainda viva, promete vir a público denunciar o aproveitamento feito da relação amorosa que manteve. Um caso que ainda irá dar que falar, mas que por agora terminou com a abdicação na voz de Edward Fox.

Telecrítica

3/1/81

Rui Cádima

Os fins-de-semana são uma caixa de surpresas

Quando neste jogo de palavras, nesta comunicação ainda gutenberguiana, a tendência caminha para a dispersão, convém refrear um pouco os ânimos, para que as várias ideias ou as várias temáticas se não confundam umas com as outras, ou melhor, para que seja encontrado um ponto possível de confluência nesse jogo.

O fim-de-semana foi pródigo na dispersão. Não no sentido algo negativo de desencontro, de perca, mas dispersão no sentido mais positivo de dúvida perante um possível «eixo» premeditado na programação de sábado e domingo. Quer isto dizer que, se tivemos o que tivemos, ficámos-lo a dever ao acaso... Imaginem..., assim mesmo, ao acaso!

Vista a questão na sua globalidade, somos levados a julgar que, se não fosse a produção externa, pouco tínhamos agora para dizer do que nos foi apresentado em exclusivo nome da casa. A dúvida que expressamos — a certeza — não remete tanto para a política televisiva eventualmente responsável por essa programação (ou pelo conteúdo dos programas), mas fundamentalmente para a evidência das alternativas surgidas um tanto espontaneamente, como se de emissões-pirata se tratasse...

Nesse aspecto, no campo das alternativas, há dois nomes a citar em primeiro lugar. Dois trabalhos diferentes, ambos em busca do humor (o segundo também em busca do amor). Cito por ordem: «Eu Show Nico» e «Ao Vivo». Como vêm, duas produções portuguesíssimas, qualquer delas imaginada e pensada do lado de fora, pela «produção externa», como se costuma dizer. Isto não significa, de qualquer modo, que não hajam profissionais da RTP cumplices nesses projectos. Há-os, e bons. Significa, acima de tudo, que é já tempo de também no interior da RTP existir essa vontade, esse trabalho que frutifique.

Os exemplos, feliz ou infelizmente, têm vindo de fora, da produção externa.

Para além dessas duas notas «mais, mais» — uma, a primeira, pela notável participação das forças policiais portuguesas num autêntico golpe de Estado televisivo que foi aquele de sábado à noite; num original quase quase feliz de César de Oliveira, e a segunda, a presença de Sam e do seu «atelier» heterodoxo e surreal no «Ao Vivo», que expôs todo o seu «estado-maior» perante o irreverente cartoonista. Prato Coelho, Lauro António e Assis Pacheco lá estiveram para, ao longo de todo um programa, auscultarem o sentido das várias formas de comunicação do artista. Aqui não se tratava já de um «golpe» mas antes de um «bombardamento» de questões, por vezes demasiado esotéricas, para uma perspicácia e uma simplicidade tão evidentes na obra de Sam. Ele esteve de facto «bem» presente naqueles 17 minutos vindos dos Olivais, pecando os outros, vindos do Luminar, por não terem encontrado nas questões postas — e no programa, no seu todo — o traço do cartoonista — o humor, o riso, a contracorrente. Houve como que a encenação de uma «habituação» ao artista e não tanto a descoberta e o amor, saídos de um encontro vivido intensamente.

Quanto ao resto: a dispersão deixa de se espalhar. Nem pelo «Cantor de Jazz», nem pela visita do presidente do Brasil (e de tudo o que originou) e muito menos pela transmissão em directo do Campeonato da Europa de Corta-Mato, que este ano não chegou a ser feita!

— Campo de fogo; simples.

Telecrítica

2/1/81

Rui Cádima

Embruxaram os «culturais», não há dúvida!...

É pouco habitual referimo-nos aqui à programação das sextas-feiras. Quem nos segue com mais atenção sabe que esse é o nosso dia de folga semanal. De qualquer modo, por esta ou aquela razão, e sempre que as previsões o aconselham, não deixamos de tomar atenção à programação das sextas-feiras.

E a sexta-feira que passou aconselhava-nos sobremaneira a essa atenção particular. Por um lado, prosseguia a série francesa «Arsène Lupin» na RTP/1, por outro lado, e ainda no primeiro canal, anunciava-se um misterioso programa cultural. Razão de sobra, obviamente, para não nos afastarmos desse momento extraordinário...

Anunciado antecipadamente com «Programa Cultural tout court», para o período entre a «D. Xepa» e «Arsène Lupin», verificámos que, por mais tentativas que fizéssemos, nos deparávamos com a impossibilidade total de saber mais qualquer coisa sobre a referida emissão! De um programa/cultural-mistério se tratava, por certo. E isso tanto mais nos despertou a curiosidade. O público que se interessava pelas questões da cultura e do espectáculo, certamente que, também, aguardava o tal programa com a curiosidade própria dos raros momentos. É que não temos *absolutamente nada* (!) na RTP/1, não temos nenhum magazine semanal que leve a casa dos portugueses a actualidade do mundo e do espectáculo do seu próprio País! É ridículo, de verdade!

Por isso mesmo essa curiosidade desusada. Soubemos, entretanto, através do «Roteiro» do «Sete» que o programa tinha, afinal de contas, um título: «No campo das artes plásticas». Acrescentava o «Roteiro» que até à hora de fecho da edição não tinham sido fornecidos quaisquer elementos sobre o conteúdo da emissão. Quer isto dizer que, na RTP, não se sabe qual o conteúdo das emissões, três dias antes de irem para o ar! A casa está arrumada, pelos vistos...

Curiosidade satisfeita na própria sexta-feira. Os vespertino informavam: «No campo das artes plásticas» terá entrevistas com o pintor Bartolomeu Cid e com a directora da Galeria Quadrum.

Satisfação geral, após profissas tentativas de esclarecimento! Eis que iríamos ter, finalmente, um programa dedicado às artes plásticas! Isso era inclusive um bom presságio em relação à outra programação cultural. Pensámos logo: depois disto virão com certeza os programas sobre o teatro e a revista, virão programas sobre o cinema que vemos e que fazemos, sobre a música e os músicos que temos, sobre o bailado, sobre a ópera, enfim, sobre os livros, sobre a cultura e o espectáculo em português.

Aguardámos, portanto. E, no dia previsto para o feliz acontecimento, imediatamente antes do Telejornal, deparamo-nos com a Fátima Medina que, de forma aliás extremamente simpática, nos avisava que o «Programa Cultural» anunciado não poderia afinal ser transmitido porque a «Primeira Página» prevista para o encerramento da emissão se prolongava excessivamente, razão que impedia passar o tal «No campo das artes plásticas»... Que fazer? A nós, que nos tinha custado a acreditar que a RTP/1 ia ter um «Programa Cultural», que fizemos inclusive um esforço enorme para o aceitar como verdade, faziam-nos agora a desfeita de o retirar, assim, sem mais nem menos!

Aquilo tudo é uma brincadeira de miúdos, dirão alguns. Pelo nosso lado aqui deixamos a nossa birra. Enquanto nos deixarem bater com o pé no chão...

Telecrítica 4/2/81

Rui Cádima

O Brasil está assim tão perto?

A visita do presidente Baptista Figueiredo tem provocado, na programação televisiva, alterações de algum modo inerentes a um tal acontecimento. Sabemos que as relações entre Portugal e o Brasil não têm sido as mais frutíferas, para ambos os lados (há, inclusive, sectores como o da Cultura que não vemos serem privilegiados nas relações bilaterais que vêm sendo mais incentivadas desde a deslocação a terras brasileiras de Ramalho Eanes). Sabemos que o programa da visita do actual presidente brasileiro é extremamente «carregado» em virtude de obrigar a delegação brasileira a inúmeros contactos conducentes a essa mais produtiva relação. Daí o relevado dado nos últimos dias à visita, quer em termos de Informação quer ainda de programação (não esquecendo, inclusive, a publicidade especial como aquele pequeno filme que nos surgiu com uma «performance» extremamente sofisticada — as boas-vindas ao presidente brasileiro dadas pelo grupo «Pão-de-Açúcar», o maior grupo monopolista brasileiro com uma rede comercial já enraizada em Portugal).

De sábado para cá tem sido um «corropio» de programas e informações brasileiras, uns mais oficiais que outros, uns já habituals, outros não. Na tarde de sábado, estaria nos «écrans» o habitual «Tropicália», teríamos também a mensagem oficial, para ser recebida antes da chegada; no domingo, seria o «prato forte» da programação com um programa durante a tarde, outro à noite, cedido pela Embaixada do Brasil — no qual se faziam referências à cultura urbana, ao ultradesenvolvimento e também ao subdesenvolvimento brasileiros, depois um inesperado «show» com Vinícius de Moraes, enquanto o «Telejornal» dava um destaque oficial à presença de Baptista Figueiredo.

Segunda-feira, o processo foi idêntico, embora em termos de programação a percentagem da «presença do Brasil» fosse substancialmente maior, pela presença cada vez mais estupidificante da «Xepa» (todos se queixam já do seu baixíssimo nível — atentado à inteligência dos telespectadores), também pela presença de «Malu Mulher» na RTP/2 e ainda com um programa especial intitulado «Bachianas Brasileiras», dedicado ao grande compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos...

Mas o que estaria mais em destaque, no âmbito da visita, foi o bloco inicial do «Telejornal», naquele «Portugal-Brasil» juntinhos, naquele resumo muito oficioso que se limitou a percorrer as reuniões oficiais, os almoços, quer entre os governos quer ainda entre empresários brasileiros e governantes. Pouco foi dito, portanto. Na receção parlamentar foi focada a auto-exclusão da UDP das cerimónias sem ter sido referida a atitude que o PCP tinha acabado de tomar de não participar em nenhuma cerimónia protocolares no âmbito da visita devido à discriminação de que havia sido alvo aquando da receção oficial brasileira no Palácio de Queluz. Ocultadas também as várias formas de protesto de sectores minoritários, que não deixaram de ter a sua premência, nomeadamente no âmbito político, ecológico e antropológico. Mas daí está o «Telejornal» irremediavelmente afastado. Enquanto a Informação televisiva não for independente do poder político, ela caminhará rapidamente para a degradação absoluta, como é fácil de ver.

Telecrítica 5/2/81

Rui Cádima

Uma espécie de racismo cultural

Se há alguma coisa que importa manter de forma absolutamente inequívoca na programação diária da RTP, em qualquer dos canais, é a produção em língua portuguesa. É esse o grande esforço que todos os telespectadores, todos os contribuintes e os português em geral, exigem declaradamente à administração da RTP/EP e à Direcção de Programas. Sem essa clara intenção não vale a pena acreditar em qualquer projecto de política televisiva. E nós cada vez mais estamos a deixar de acreditar que a actual administração tenha essa intenção.

De entre essa produção referimo-nos claro, em primeiro lugar, às produções portuguesas, quer internas (da própria RTP) quer externas (dos produtores independentes e privados e também das cooperativas) e, em seguida, às produções de origem brasileira, enfim, às produções em geral em língua portuguesa.

Por muito que nos queiramos alhear das consequências que tem ainda hoje a alta percentagem de analfabetismo em Portugal, há porém que ter sempre bem presente que a grande maioria dos telespectadores que seguem diariamente a telenovela «D. Xepa» responde, sempre que lhe perguntam qual a sua opinião sobre esta «pornochanchada» da Globo, que é a pior novela de todas quanto por cá passaram mas que a não deixam de ver, paradoxalmente, porque «não há mais nada na RTP que valha a pena ver»... Logo, antes a Xepa que nada. E esta é já uma forma de ver extremamente positiva.

Há que ter consciência de que uma parte bem significativa dos telespectadores, de Norte a Sul do País, reage efectivamente assim. E quem tem de facto a noção clara de que esses sectores do auditório, nomeadamente os sectores de nível cultural reduzido, reage assim mesmo, não pode obviamente deixar de verificar com alguma indignação que praticamente nada tem sido feito para remediar uma tal situação.

Veja-se por exemplo a diferença entre a programação de segunda e a de terça-feira. No primeiro dia tivemos quase quase o Brasil cá deste lado. Há dias que é assim... No primeiro canal a excepção foi o programa de António Manuel Baptista, «XX-XXI» (que também parece caminhar para o seu «terminus») e na RTP/2 uma outra «excepção» também em língua portuguesa seria a já habitual «Malu-Mulher». Enfim, uma «noite brasileira» na RTP...

«Do mal o menos», dirão alguns. E é bem verdade, porque se passarmos para terça-feira nada de excepcional havia em termos de programação portuguesa. Para mais, o «Espaço Jazz» previsto para abrir a RTP/2, com António Pinho (um músico que se tem vindo a desmultiplicar nos últimos anos entre o Jazz — «Abrafás», essa bela experiência que morreu — e o Rock — «Arte e Ofício», essa bem viva) apareceu-nos, imaginem, com o Quinteto de Billy Harper, que ainda há pouco tempo deu um concerto no Porto por ocasião do bicentenário da Escola de Belas Artes do Porto. De qualquer modo um programa «a tempo» e um bom trabalho de Rui Ramos, com uma bela montagem «vídeo».

Telecrítica 6/2/81

Rui Cádima

Sairemos deste ciclo vicioso?

Faz agora quatro meses que circulou na RTP um documento elaborado pelos trabalhadores no qual se fazia um rápido balanço da situação em que se encontrava a Televisão, nomeadamente no que se referia à Informação e à Programação.

Relido o texto, surge imediatamente com grande clareza a relação esperada: muitas das situações então sublinhadas negativamente repetem-se agora; quase diríamos, são uma cópia perfeita (no sector da Programação que é aquele que para já nos interessa).

Evidentemente que houve alterações em diversos aspectos (não aspiramos a inquisidores de todos os males menos maus). Mas essas alterações não nos parecem ser, na sua globalidade, dignas de realce. Pensamos que ao longo destes quatro meses se deveria ter feito muito mais do que aquilo que tem sido mostrado até aqui.

Há porém uma nova situação a apresentar-se que nos faz ainda reter um pouco a nossa animosidade contra um projecto que, se não foi involutivo, também não foi evolutivo, contra um projecto que teve os seus períodos de grande ridículo (que foi atingido na perfecção pelo «TV Show»), enfim, contra um projecto que nos parece ser na sua globalidade um autêntico travão a múltiplas iniciativas que possam atentar contra uma determinada ordem que se pretende estabelecer neste país. E quando a Televisão passa a estar sujeita ao mecenato político isso reflecte-se de imediato na sua Informação e a pouco e pouco também, claro, na sua programação. Maria Elisa parece-nos fugir um pouco a essa solicitação mas a verdade é que não vemos de momento a cultura portuguesa e os agentes do espectáculo deste país a aparecerem com a espontaneidade com que os adversários políticos devem sempre aparecer. Chama-se a isso liberdade, enfim.

Por um lado, então, a deficiente programação nomeadamente no que se refere à produção nacional. Por outro lado, também à semelhança do que acontecia em Outubro de 80 — data do documento a que fizemos referência inicialmente, as alterações sucessivas de programas são agora como que a curiosidade máxima na programação diária de ambos os canais. E esse era um dos aspectos na verdade mais criticados no documento, assim como, aliás, a redução drástica da programação cultural, que não foi alterada substancialmente de então para cá. Há mesmo quem diga que a cultura não é coisa particularmente do agrado dos actuais responsáveis... Verdade ou não, o que é facto é que os programas que têm surgido não chegam para justificar o contrário.

Talvez que estas últimas confusões que têm surgido na programação (e de que a semana presente é um exemplo remarcável em «casos») não tenha a haver senão com o facto de nos estarmos a aproximar do fim deste mapa-tipo, talvez «maldito», talvez não. Talvez tudo não passe mais de uma aproximação do fim... Lamentamos que esse fim coincida com o fim da Xepa — é mau sinal de facto. O calendário deve reger-se por algo de mais válido em termos de cultura portuguesa, do que aquilo de mau que nos chega do Brasil. Esperemos que tudo não passe de uma «aproximação do fim»...

Telecrítica 6/2/81

Rui Cádima

Quem é mais analfabeto: — o emissor ou o receptor?

A marginalização, a que o público de níveis culturais mais baixos está a ser sujeito, é, sem dúvida, uma forma de racismo cultural. Disso mesmo falámos aqui ontem. Entretanto, a programação de quarta-feira foi substancialmente alterada em relação à do dia imediatamente anterior.

Se na terça-feira tivemos na «1» a Shirley Bassey e o «40-60» dedicado à indústria naval, e na «2» o «Masculino-Feminino» de Godard, na quarta-feira tivemos uma outra longa-metragem (inicialmente anunciada como sendo «Uma Bala para Joey») que foi depois substituída por «O Primo Basílio» — a última longa-metragem do cineasta oficial do regime salazarista — António Lopes Ribeiro. Já que não há produção portuguesa que satisfaça as necessidades do telespectador, vá de lhe dar toda a «lataria» e o pó das filmotecas...

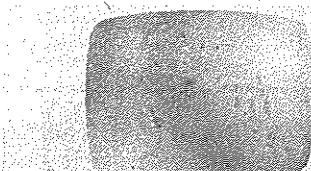
Por outro lado, na RTP/2 anuncia-se a estreia de uma nova série portuguesa produzida durante a direcção de Carlos Cruz, no princípio do ano passado, e só agora concluída (tendo inclusive a série de «Contos Fantásticos» de Noémia Delgado vindo a «encher» o «branco» deixado por essa série do centro de produção do Porto). Trata-se de «Um Táxi na Cidade» — série que entretanto não foi estreada!

Resumindo, poderíamos verificar que, se na segunda-feira a programação foi toda ela brasileira, se na terça-feira ela foi «enlatada» e legendada, na quarta-feira os dois blocos principais da noite estavam para ser, após sucessivas alterações, ambos em português (o que não veio a acontecer, porém).

O ponto de vista daqueles sectores a que nos temos vindo a referir — isto é, a parte do auditório de nível cultural reduzido, é quase sempre, talvez com exceção para a noite de quarta-feira (devido à transmissão de «O Primo Basílio»), a seguinte: «Ver a Xepa e ir para a cama... que é que a gente há-de fazer?» Este é, aliás, um desabafo que estamos permanentemente a ouvir desses sectores do público que vêm a Xepa não como «a novela» mas, antes, como a narrativa que distrai. É um ponto de vista que, quer queiramos quer não, se faz ouvir cada vez com maior insistência e que tem, de facto, um «peso» na audiência substancialmente diferente daquele que os responsáveis habitualmente julgam ter. Mas, talvez por isso mesmo, a longa-metragem de quarta-feira à noite tenha sido exactamente «O Primo Basílio», tendo «Uma Bala para Joey» passado para sábado... (só as habituais alterações! Qualquer dia já não conseguimos viver sem elas... Mais uma das originalidades portuguesas, por certo)... A propósito de longas-metragens: o que é feito de «Os Cavalos Também se Abatem?» Não há sábado que o veja...

Interessante é reparar que os poucos programas em português que vamos tendo, passo a citar: «Malu Mulher», e «Ao Vivo» (que deve ter cada vez mais o sentido do espectáculo, mais para além ainda do que tem tentado. Levanto possíveis pistas: um pouco na senda do «Ao Vivo» sobre os programas de Rádio ou ainda a emissão sobre a peça «Não se Paga! Não se Paga!»), e agora «Um Táxi na Cidade» que foi substituído à última da hora por mais um episódio de «A Guerra das Estrelas» (...), estão todos a ser programados para o segundo canal. Não se percebe porquê. Amanhã tentaremos extraír conclusões deste estranho fenômeno.

9/2/81



telecrítica

Rui Cádima

Uns iluminados outros às escuras

Com muita ou pouca luz duma coisa julgamos estar certos: o show de Nicolau Breyner e da sua grande equipa está cada vez melhor. Digamos que do programa tem brotado a luz — e essa é com certeza razão suficiente para opor uma certa resistência à própria seca, à austeridade e — seguramente — ao aumento de natalidade... Daqui a nove meses veremos os efeitos de toda esta problemática que envolve o fenômeno «luiz».

O «Eu Sow Nico» foi de facto o ponto forte da programação de sábado, sendo a intervenção do austero ministro um outro ponto não menos importante. É costume dizer-se «no melhor pano cai a nódoa». O facto de Portugal ser um País privilegiado no que diz respeito às possibilidades no campo da energia termoeléctrica e hidroeléctrica vem comprovar o dito popular...

Com a redução do fornecimento da energia eléctrica o telespectador estará mais ao abrigo do suplício televisivo. Pelo menos em questão de tempo. A partir das onze da noite o consumidor estará protegido do video-soporífero. Estamos inclusive convencidos que isso só lhe trará vantagens. A ver vamos.

Mas, voltando ainda ao anúncio das novas medidas de austeridade, não foi na verdade sem espanto que vimos a continuista de serviço — Isabel Ayres — aparecer por duas ou três vezes no pequeno ecran avisando que, em virtude das medidas anunciadas pelo ministro da tutela, a programação de domingo (ontem — este texto está a ser escrito às primeiras horas de domingo — não sabemos neste preciso momento em que escrevemos como tudo acontecerá exactamente), teria que ser reduzida não passando, já neste dia, das 23 horas. Estranhamos pelo seguinte: Se há que de imediato tomar medidas práticas que venham ao encontro das orientações gerais solicitadas pelo Governo ao País, há que também fazê-las acompanhar de informações claras em cada um dos departamentos atingidos. No caso da Televisão é de facto remarcável o desplante com que os responsáveis mandam a locutora de serviço anunciar a prossecução prática de uma medida anunciada, sem que a alteração surgida seja explicada em termos de alteração na programação. Ora se a série «Dallas» estava anunciada para começar às 22.45 horas lógico é que o público fosse informado de qual o programa que eventualmente iria ser cortado. Mas não. Inicialmente a programação era só indicada com o seu horário de «fecho», aparecendo, já no final da emissão, o alinhamento de programas para o dia seguinte, sendo de notar que «Dallas» subiu cerca de meia-hora na programação para que o cumprimento das medidas fosse garantido. Em prejuízo de quê era o que faltava saber.

Isto no primeiro canal. Agora na RTP-2, onde o «Ao Vivo», tinha o seu início marcado para as 22.30 também nada foi dito (no primeiro canal, note-se). De sábado para domingo tudo se iria esclarecer. Ao telespectador restava aguardar. Pelo nosso lado aguardámos que se fizesse luz ali para os lados do Lumiar. Mas nada... Tudo às escuras!

Telecrítica 10/2/81

Rui Cádima

Como se dissessem: «Seja o que Deus quiser...»

Tanta conversa para nada. Afinal a programação no domingo só acabaria às 23.34 h., mais de meia hora depois do horário previsto na véspera, após as recomendações governamentais no sentido de ser poupada efectivamente a energia. A RTP nessa mesma noite não perdeu tempo em avisar o telespectador de que no dia seguinte seria trigo limpo: as emissões de ambos os canais terminariam certinhas às 23 horas. Tudo mentira, afinal, apesar dos cortes no tempo das emissões previstas. A casa continua desarrumadíssima por mais que nos queiram fazer crer no contrário.

Raridade

Raridade, ou melhor, «produção nacional». Todos aqueles que viram «O Primo Basílio» na quarta-feira passada tiveram oportunidade de ouvir Luís de Pina anunciar a passagem próxima de algumas fitas portuguesas dos anos 50 (do período que antecede imediatamente o do «cinema novo»). Será de facto às quartas-feiras, embora para amanhã esteja prevista a passagem de um Hitchcock.

Com a devida antecedência aqui deixamos mais uma vez a nossa opinião de que deve ser repensado e alterado o dia de emissão da pequena série portuguesa «Um Táxi na Cidade» (série já anunciada e adiada por duas vezes — esperemos que não seja mais um «nado-morto» a depositar na filmoteca).

Não fomos só nós a reparar nessa situação perfeitamente ridícula de alinhar dois filmes portugueses para horários coincidentes em ambos os canais. Parece que não falta programação nacional na RTP... Mas tudo se passa ao contrário. De facto, os dias passam muitas vezes sem se ouvir falar português depois do Telejornal. Depois, assim de repente, vemo-nos perante duas alternativas, perante o insólito: um filme português no primeiro canal e uma série portuguesa no segundo (felizmente que «Um Táxi na Cidade» acabou por não ser emitido. Esperamos agora que não se volte a cair nesse erro).

Goa

Ainda na produção portuguesa.

Primeiro foi a polémica: que o filme «Goa» realizado ao longo de quase um mês nessa antiga província do Império Colonial português (um trabalho recente de António Escudeiro e do Centro Português de Cinema que contou ainda com a participação da Gulbenkian do IPC e da RTP) não deveria passar às 14 horas de sábado. Houve mesmo quem dissesse desde logo que isso era estar a «queimar» o filme e que era ridículo passar uma «produção de qualidade», um documentário ambicioso, nesse horário (voltamos ao mesmo: se os programas portugueses são assim tão poucos há que alinhá-los tanto quanto possível nos horários de maior audiência, segundo as características de cada programa). As 14 horas de sábado não são exactamente o «horário nobre» por exceléncia. Se repararmos bem esse é o horário habitualmente escolhido para programas ligeiros, de «abertura» de uma programação, quer no âmbito da programação infantil, quer no âmbito da programação de tipo «magazine» ou ainda da própria Informação, sínteses da semana, etc.

Ora «Goa» já se sabia que apelava à atenção segura do telespectador e que tinha para além disso uma clara intenção históricocultural pouco «ligeira». Por muito que «Goa» fosse um longo bilhete postal, com um texto à procura de imagens, haveria que ter sido um pouco mais condescendente na sua programação.

Telecrítica

12/2/81

Rui Cádima

Acalme-se! Não parta ainda o tevisor!

Não há outra hipótese: a Televisão anda de facto em maré de azar. Há quem diga inclusive que se deve tratar de uma espécie de bruxedo maquiavélico que tem resultado às mil maravilhas. Senão vejam: ainda o novo mapa-tipo não começou já as locutoras-continuistas surgem empenhadas em emprestar o seu simpático sorriso no esclarecimento das alterações que a nova programação (dita a de Maria Elisa, absolutamente concebida por ela, segundo recente entrevista) deverá sofrer já a partir do dia da estreia, no próximo domingo. Mau agouro, de facto! E quando as coisas começam assim é já de temer o pior. Não é que haja alguma animosidade da nossa parte contra o novo mapa-tipo (bem pelo contrário, julgamos até que vão haver alterações de fundo que em muito irão beneficiar a programação em geral, embora a Informação, tudo leva a crer, permaneça no estado em que está). O que se passa é que durante todo este último mapa que esteve no «ar» tanto quanto nos pareceu (tanto quanto nos fizeram acreditar) ao longo de cerca de quatro meses, a programação foi já em si um conjunto extremamente disperso, «enchido» perfeito, autêntica manta de retalhos passajada à última da hora. Custa-nos muito, portanto, começar a ver desde já o novo mapa-tipo a ser alterado ainda antes de «estrear»...

Poupem-nos, por favor!

Ora nestes últimos dias a programação tem dado mostras de se apressar de um final (desejado urgente) mas que infelizmente se foi arrastando penosamente ao longo dos meses. Só têm surgido desgraças. Nada de novo aparece, quem já está faz esforços derradeiros e os responsáveis desfazem-se em deduções para que este período final seja «digno», por assim dizer, do novo mapa-tipo que se anuncia...

É assim que têm aparecido umas «velharias» populares, quer no âmbito do teatro, quer do cinema, que tem sido anunciada uma nova série (que afinal tudo leva a crer tenha sido sucessivamente adiada para se estrear com o novo mapa-tipo), enfim, que têm aparecido uns «enlatados» que nada nos dizem, mas que no fundo acabam por dar um arzinho de graça perante a apatia quase geral do quotidiano do telespectador.

Entretanto, à sombra deste final, prosseguem os disparates. Há dias e dias que passam sem haver programação em português que mereça a pena ser vista. Há outros em que são programadas emissões em português para horários coincidentes, como aconteceu na segunda-feira com uma peça de teatro encenada por Maria Helena Matos e com «Malu Mulher» — uma no primeiro, outra no segundo canal. Já na terça-feira quem quisesse ver alguma coisa falada em português teria que suportar uma derradeira «Xepa» em últimos suspiros, ou então contentar-se com aquele «40/60» sobre a Indústria Automóvel... Nada mau, para as onze da noite!... Porque de resto ou apanharia com um Charles Aznavour cada vez mais chocarreiro e com a Mireille Mathieu a exercitar o seu inglês para nova-iorqueino ver, ou então veria uma Dietrich ainda algo «diabólica» num raro western de Fritz Lang. E assim se vão consumindo os dias até ao muito aguardado novo mapa-tipo. Tenho mesmo a impressão que não falta por aí quem deseje encerrar a lojeira para balanço até domingo. Não se perdia nada...

Telecrítica

11/2/81

Rui Cádima

De «Malu» a Malraux

Nas últimas semanas a polémica em torno da exibição de «Malu Mulher» no segundo canal ganhou novos críticos com a referência do «Jornal do Brasil» ao facto de a crítica e o público em Portugal serem unânimes na defesa da série e na necessidade de fazê-la passar na RTP/1.

Evidentemente que não está em discussão o preenchimento da «2» em termos de qualidade, idêntica à anterior, à do tempo de Fernando Lopes. Estamos fartos de referir que o que se está agora a passar, quer na Informação quer na programação da RTP/2, é em tudo muito diferente daquilo que se passava durante a administração de Soares Louro. Qualquer ponto de vista que venha em defesa da antiga política da «2» e simultaneamente queira fazer crer que o que se está agora a passar é semelhante (ou pelo menos tenta ser semelhante àquilo que se fazia dantes) está pura e simplesmente a entrar no campo da demagogia. O público da «2» sabe que tudo se passa de forma diferente, que o chamado «esvaziamento» é um facto já bastante claro.

Ora dizer que «Malu Mulher» na «2» não é mais sendo continuar uma política de qualidade para a RTP/2 iniciada ao tempo de Fernando Lopes é entrar desalmadamente no campo dessa mesma demagogia. A «2» — já o temos aqui dito — está muitas das vezes a transformar-se numa espécie de caixote do lixo esquerdistas da programação geral da RTP. Nós achamos que de facto «Malu Mulher» não está na «2» a preencher essa qualidade, está sim «escondida» de um público que os responsáveis consideram habitualmente pouco propenso a temáticas mais avançadas sob o ponto de vista cultural, político e social. Por outras palavras, tem-se feito acreditar que o público da «1» merece a «D. Xepa» e o público da «2» estará mais de acordo com «Malu Mulher». Puro engano. Começa logo por o telespectador habitual da RTP/1 reconhecer a estupidez de uma telenovela a que é praticamente obrigado a seguir, uma vez que a programação em língua portuguesa escasseia em ambos os canais.

O Museu Imaginário

André Malraux e Jean Marie Drot despediram-se do telespectador do segundo canal que ao longo de mais de três meses seguiu as suas viagens imaginárias pelos cinco continentes e pelas várias Idades da história do homem, em busca das artes do mundo, desde a mais antiga e rudimentar à erudita e à conceptual contemporâneas.

Propomos aqui que estas belas conversas com Malraux voltem dentro em breve à RTP/1. Julgamos tratar-se de facto de um programa dirigido às camadas de nível cultural mais elevado mas essa não é razão para se fazer essa espécie de racismo cultural remetendo os programas mais eruditos para um pretenso auditório mais evoluído.

No género, «O Museu Imaginário» é uma das melhores séries que já passaram pela RTP. Achamos portanto que o telespectador da «1» deve vir a participar, nem que seja como telespectador visionário, nesse grande projecto do autor de «A Condição Humana»: erguer o Museu Imaginário, provocar a resurreição do invisível, «arquivar» uma memória reactivada pela imagem. E que melhor «arquivo» senão esse mesmo que trouxe Malraux até nós? Em última análise, como disse, nada a não ser a Televisão poderá albergar a Catedral de Chartres!...

Telecrítica

Rui Cádima

Eu por mim, vou pedir uma indemnização!...

Acabou-se o martírio. A «Xepa» foi-se embora. Com ela o nosso sofrimento. Não descuramos que, para uma parte restrita do auditório, o fim desta telenovela veio de facto deixar saudades — e isso é já por si grave, seja qual for a dimensão da aderência. De qualquer modo, não as deixa para uma parte tão significativa, como aconteceu com «Dancin' Days», «O Casarão», ou «Gabriela».

Muitas são por certo as telespectadoras que vão sentir a sua falta. E se dizemos «telespectadoras» é porque a «Xepa» foi acompanhada fundamentalmente pelo público feminino de mais baixo nível cultural. A «Xepa» passava no Brasil no horário das 18 horas, um espaço habitualmente preenchido por programas dirigidos a um auditório nada exigente sobre o ponto de vista cultural. Digamos que o potencial leitor da fotonovela de cordel é aquele que vai seguir a «Xepa» e a «Escrava Isaura»... Aliás, no Brasil, após ser feita uma sondagem em relação aos Índices de audiência entre uma e outra veio a verificar-se que eram em tudo semelhantes. Quer em qualidade, quer em quantidade — o que não deixa de ser significativo. A palavra chave é «alienação».

Daí que, sob o ponto de vista sociológico e estatístico, se pudesse dizer logo desde início que a «Xepa» não iria ter o êxito que tiveram a maior parte das suas antecedentes. E não teve. A atenção que lhe foi dada resultava seguramente da própria condição de ser telespectador em Portugal. Nada de melhor havia (em português, note-se), logo... Quer dizer, ver a «Xepa» aqui em Portugal significava procurar um «refúgio», um elo entre emissor e receptor que respondesse ao diálogo constante a que o telespectador está sujeito cada vez mais. E quanto mais nos aproximamos da «multitelevisão» pior...

Os códigos começam agora a repetir-se. Reparamos então que há de facto um determinado tipo de produções brasileiras que nos não interessam absolutamente para nada, mas que há outras que, bem pelo contrário, nos dizem muito. Um exemplo é «Malu Mulher». Outro exemplo é o tipo de trabalho que vai ao encontro das raízes, da identidade cultural brasileira. E esses são aqui sempre bem recebidos. O tipo de novela *standard* influenciada pelos padrões norte-americanos e pela pornô-chanchada brasileira, essa não faz cá falta nenhuma.

E a «Xepa» foi, de facto, sinônimo de estupidez, de alienação. O argumentista recorria ao absurdo mais descabelado para «encher» positivamente um guião flutuante, ao sabor dos desejos expressos em cartas e telefonemas. Dois ou três exemplos: o sucesso do livro de Edson; três casamentos no último episódio; desfile militar para bebé ver, etc. Para além disso, há anotar a péssima realização, os maus actores e as más interpretações e os bons actores e também as más interpretações. Neste caso, está Yara Cortes que nos tinha aparecido na sua verdadeira dimensão no «Casarão», mas que foi aqui extremamente «picara» — não na forma satírica e incisiva tradicional do herói picaro, mas antes numa forma *kitsch*, amadora e provinciana. Yara Cortes foi posta ao nível da qualidade global da novela.

O «livro escabroso» já lá vai. Há agora que pedir responsabilidades. Ou será impunemente que ao longo de meses se despeja um veneno daqueles em casa de cada um?

Telecrítica

Rui Cádima

«Requiem» por uma Informação moribunda

Sem dúvida que é necessária uma paciência de Jó para ver de princípio ao fim o grande bloco de notícias da RTP/1. Temos perante nós, diariamente, não um serviço de informação, mas o retrato perfeito do narcisismo e do miserabilismo informativo.

Na verdade, não se trata já de procurar a informação quotidiana ao fim de um dia de trabalho... Muito dificilmente o telespectador que se senta em frente do pequeno ecrã ao fim de um dia de trabalho resistirá aos sucessivos atropelos à informação televisiva e à sua dignificação. Perante o chorilho de asneiras, perante o amadorismo, a incompetência e a manipulação, não há de facto qualquer possibilidade de se ser receptor de informação. O telespectador olha habitualmente para o «Telejornal» como o espectador de cinema vê os «Jornais de Actualidade» (cada vez mais decadentes) à espera do que vem a seguir...

Essa semi-sonolência é de vez em quando abalada pela famigerada «tróica» responsável. Não por surgir o trabalho de fôlego ou sequer o verdadeiro jornalismo televisivo. Mas antes porque os serviços atingem um nível de tal forma baixo que julgamos estar a seguir uma espécie de emissora regional, de fracos recursos, dirigida por aqueles que raramente ou nunca demonstraram verdadeiras potencialidades para servirem um bloco de notícias de nível europeu. Não chegarão lá, está mais que visto.

Nestes últimos dias tem acontecido por várias vezes surgirem «aberturas» de «Telejornal» exemplares: Perante os vários acontecimentos da vida política, social e económica nacional (desde a crise energética às reuniões partidárias de grande importância), a famigerada «tróica» optou por iniciar o «Telejornal» com noticiário sobre uma importante reunião da UCD espanhola (quando em Portugal reunia a Comissão Nacional do PS — situação emendada com a entrevista de Mário Soares na passada quinta-feira), ainda com noticiário sobre a mudança governamental na Polónia ou ainda a «abrir» também com o aniversário da revolução iraniana quando por cá a ordem do dia é a crise energética, a inflação e a degradação das condições de vida da grande maioria dos portugueses — não se fazendo uma pequena ideia do que se está realmente a passar no País no que se refere fundamentalmente às consequências das presentes alterações climatéricas. E isto é válido tanto para o «Telejornal» como para o «País, País», que nesse domínio deveria cobrir de facto o que é notícia nas regiões afectadas pela crise.

Acautele-se, portanto, leitor: se está à espera de ser informado através do Telejornal sobre qualquer aspecto menos «favorável» à imagem que querem dar deste país, você será por certo o último a saber. Ouça Rádio (não é o melhor conselho, mas enfim...), fale com os amigos, leia os jornais, telefone à família na província, mas sobretudo não dê importância aquilo que é congeinado no Lumiári. Se ligar, você já sabe que dificilmente sairá dos corredores de S. Bento, da Gomes Teixeira ou «de cima» dos telexes «favoráveis». Para além disso trata-se de um jornalismo «de alpaca», bolo-rento, burocrático, «de arquivo». A preferência tem ido ultimamente para o jornalismo das «imagens de arquivo». Há por lá alguém que tem uma predilecção muito especial por se sentar frente aos arquivos a ver tudo o que há sobre isto ou aquilo. Depois é o rol de planos — o «pastel» da sonolência. Não há paciência!...

Telecrítica

(6/2/81) Rui Cádima

Se eu fosse a tia Eva não perdoava nada, nada, nada!

A Xepa ainda ressuscitou, hein?! Só espero que com ela não ressuscite o mapa-tipo de Inverno... Hoje vimos aqui fazer-lhe as despedidas. Como dizia o outro, morra o mapa!

Deus o guarde. Assunto encerrado, esperamos.

Quem se antecipou nas despedidas foi a Tia Eva. Oito dias atrás a palestra da mezzo-soprano incidiu sobre um dos «buracos» maiores da nossa cidade de Lisboa — exactamente o da actual presidência do Município. Desta vez uma não menos polémica presidência veio à baila. Essa mesma; a da RTP, na pessoa («caríssima» para a Tia Eva) de Daniel Proença de Carvalho. Debaixo dos graves e agudos da insigne (sicante) cantora, o presidente do concelho de administração da casa, alcunhado de «o mauzão», era como que constrangido a adoptar o tradicional «vamos ao víra». Suponho que o «víra» profundamente desejado pela simpática titi não vai sequer ser satisfeito pelo novo mapa-tipo. Se a Tia Eva for como que a consciência crítica do grande auditório, julgo que nunca mais dará tréguas ao seu «querido» Daniel. Certamente nas suas «cartas de amor» semanais fará cada vez mais e maiores exigências... E quando as paixões não são correspondidas — diz-nos a tradição clássica e romântica — tudo pode acontecer. Nós não queremos que a Tia Eva cometa actos de loucura...

Do final do mapa-tipo de Inverno só temos más recordações.

Então, nestes últimos dias, tudo andava ao «Deus dará». Paradoxalmente, sofre o caos, ficaram-nos ainda duas ou três coisas. Uma foi, claro, o fim da Xepa (apesar daquele susto na tarde de sábado). Outra, as solicitações desesperadas da Tia Eva. Outra ainda — juro! — foi o último «República», uma reportagem de José Cruz sobre a região de Estarreja. Gostaríamos de aqui deixar bem claro que é esse o tipo de trabalho que seria importante trazer mais vezes aos portugueses. Aquela reportagem deveria ter continuidade, de norte a sul. Evidentemente, que só bons profissionais poderão apresentar trabalhos daquele nível. É aliás isso mesmo que tem estado em questão. Há que encontrar as verdadeiras alternativas e a sua praticabilidade. Quer na Televisão, quer no País. Há que prosseguir, sem parar. De realçar ainda, nessa excelente emissão, o trabalho do operador de câmara Jorge Félix. Sem ele, tudo teria sido muito diferente, possivelmente.

Quanto ao resto, muito há ainda a dizer. O «Eu Show Nico» voltou a baixar muitos pontos. É um programa que ora desce ora sobe de nível, conforme os seus autores escolhem. Se numa altura convidam a banda «Salada de Frutas», a «Go Graal» ou esse espanto que foi a Adelaide Ferreira e a «Baby Suicida», logo de seguida despejam nos estúdios todo o bolor nacional-cançonetista que por aí estrafega. São as Cândidas, os Clementes, os Valérios. Não queremos dizer que a alternativa para o grande auditório se situe ao nível dos primeiros. Há porém todo um mundo, entre uns e outros.

Dos restos fazem ainda parte os «tempos de antena» de última hora. A Xepa bisou!, a Direcção de Programas só à sua conta esgotou todos os minutos a avisar-nos de que o filme de sábado ia para a «2» e que as «24 Horas» eram suspensas... Imaginem o que era se a Direcção de Programa fizesse comunicados sempre que houvesse alterações... Não viamos mais nada!... Também o Conselho de Gérencia fez a sua «perninha»: veio avisar de que se preparavam «profundas» alterações no Telejornal. (Só agora?). A Federação de Futebol também teve direito a qualquer coisa. Rezava assim: «Vá ao futebol, participe na competição», etc., etc. Imaginem agora se tudo isso fosse publicidade paga...

Telecrítica

(7/2/81) Rui Cádima

O papa-programas

Uns dizem «A Star is Born», outros propõem desde já que desçam o Marquês e o leão do pedestal e ponham lá o Júlio e o seu papagaio, animal pouco falador, que, entretanto, parece ter sido despedido — e logo na «estreia», coitado!

Com o novo mapa-tipo, bem ginasticado, à-vontade natural, ultra-requisitado, matéria-prima impagável, insubstituível, eis que a nova «aquisição» da RTP/I se apresenta como «pivot» da programação da tarde de domingo.

Por enquanto ainda não lê as notícias nem canta. Disso se têm encarregado (ou pelo menos se encarregaram no domingo) o Hélder de Sousa e essa outra «estrela-rapsódica», multiempregue, de seu nome Manuela Moura Guedes — ela também não levou aquilo a sério, se bem que a princípio a Madalena Iglesias abismasse (supomos) com o modernismo da coisa.

Júlio Isidro é assim uma espécie de «Maradona» do novo mapa de Maria Elisa. Para o filmar lá está o José Nuno Martins, com os seus «replay» ao «ralenti». Como se o Júlio Isidro também marcase golos... Com ele vimos recentemente as «Arte e Manhas» e há um pouco mais de tempo os «Sheiks com Cobertura». Aí já ele nos tinha surgido como um excelente «entertainer», um excelente moderador do espectáculo. A escolha foi, portanto, boa. Por outro lado, não surpreende a acumulação de funções desta «peça». Isso tem a haver com a falta de imaginação manifesta que tem vindo daqueles lados. Não nos façam é querer que se trata de uma situação em que a procura é maior que a oferta. Isto não era um país, era uma família ou um grupo de amigos, se assim fosse.

Do «TV Show», com Júlio Isidro ou com Henrique Mendes, com este produtor ou aquele, o que me parece é que ao fim e ao cabo deve haver enguiço. Há de certeza quem queira fazer com que os portugueses iniciem uma semana de trabalho com fartos pesadelos televisivos. Depois daquela balbúrdia com a repescagem dos «esquecidos» e a promoção dos «novatos» que vão estar à compita, e ainda com a tão esfuziante quanto amadoríssima participação de Manuela M. Guedes e Gonçalo Lucena, mas nos pareceu que a «soirée» sirva antes para a promoção dos amadores que para a participação dos profissionais. Se assim é, os que «cairam» no palco desta vez podem desde já arrumar as botas. Isto não é «cortar» as possibilidades aos mais novos... Eles até já têm idade para ter juizo... Aquele foi, ao fim e ao cabo, o passeio dos tristes.

«O Passeio dos Alegres», esse foi à tarde. O apresentador avisou desde logo tratar-se ali de «embrulhar» qualquer coisa. Poderia ser o próprio telespectador, mas não foi. Júlio Isidro veio servir de «charneira» bem humorada, com alguma imaginação e uma preparação prévia mínimas, aos vários blocos habituais nas tardes de domingo. No «saco» passariam a estar ele, os seus convidados, a longa-metragem, o inseparável papagaio e ainda o Luis Pereira de Sousa, que nos apareceu, desta vez, nitidamente enferrujado em relação a outras situações. A conversa com Maria do Céu Guerra ressentiu-se talvez da perca de autonomia (por assim dizer) do «Magazine 7». Para que este magazine possa de facto continuar a fazer parte do «Passeio», parece-nos fundamental que Luis Pereira de Sousa passe aos trabalhos de reportagem no exterior, onde nos parece ser mais incisivo.

Telecrítica

8/2/81

Rui Cádima

Telenovelas: um culto diabólico?

Todos vocês viram, por certo: No dia de estreia de «Água Viva», a RTP optou por pôr em discussão logo após a exibição do primeiro episódio o conjunto de consequências que derivam da alteração de horário. Se a Telenovela tinha como que um horário já consagrado — após o Telejornal, às 20.30 — passa agora a ir para o ar antes do bloco de notícias, num período que vai desde já atingir todos os telespectadores que saem às 18.30/19.00 dos empregos nos grandes centros urbanos e que têm que se deslocar depois para as suas habitações nos arredores.

Evidentemente que muitas outras consequências existirão com certeza, mas só com o tempo lá chegaremos, uma vez que não existe ainda hoje na RTP uma espécie de «IBOPE» (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), organismo que acaba sempre por ser o verdadeiro «autor» da continuidade das telenovelas brasileiras, após as consultas que faz à opinião pública, as cartas e os telefonemas que recebe, etc.

Por enquanto, cá, tal como Maria Elisa afirmou, há que se limitar quase à «experiência» que trará esta nova alteração e, só depois, «sentidas» as reacções, numa percentagem máxima, se verá o que fazer. Pela nossa parte, e atendendo à circunstância transitória com que se apresenta a exibição de telenovelas brasileiras em Portugal (teremos que chegar mais cedo ou mais tarde às nossas próprias produções, isto antes ainda de ser lançada na Europa a transmissão por satélite, prevista já para 1985), achamos que a alteração se impunha de facto. Não que se trate de uma «minimização» ou de uma «desvalorização» da sua importância em termos de grande auditório (isso só aconteceria se a telenovela fosse de facto programada para o encerramento da emissão neste preciso momento, com final para as 23 horas), mas acima de tudo para subverter uma rotina — aliás atributo bastante arreigado nos portugueses. Há que criar um certo desassossego à instalação passiva, ao refestelamento ocioso, ao espírito de «robot». A mudança de horário ajuda a isso. Mas não chega — nem pensar nisso. Haveria que fazer acompanhar a alteração introduzindo no mapa-tipo programas portugueses que viessem pôr em xeque a estabilidade de uma alta percentagem de adesão, sem oposição, das telenovelas. Isso é possível. Pelos menos as matérias-primas existem. Há por um lado que dessacralizar, destruir o ritual, em última análise combater com urgência toda uma espécie de «religiosidade» que o acto de ver telenovelas em si encerra; por outro lado há que encontrar nesse percurso as formas menos trágicas que obviam as consequências que o fenômeno em si provoca na sociedade portuguesa. E aquele que nos parece vir a causar mais feridas a médio e longo prazo é exactamente esse que foi referido pela secretária de Estado da Família, dr.ª Teresa Costa Macedo. Dizia a senhora que o problema residia agora, mais do que nunca, no facto dos mais novos se colocarem em frente do pequeno «écran» seguindo obsessivamente uma história que os confunde. O mundo de ilusão e alienação do quotidiano e os brasileirismos têm seguramente um muito mau efeito em todos aqueles que se apresentam ao autêntico acto de «espreitar o proibido». Essa é a pior consequência da mudança de horário. O problema é portanto demasiado complexo. O mais aconselhável é certamente não parar com este tipo de discussões. Muito menos com as sondagens à opinião pública.

É que por uns momentos diárias de lazer, quando não de alienação, poderemos daqui a uns anos não conseguir já «resgatar» aquilo que é verdadeiramente nosso. Deve ser aberta a discussão. Com urgência.

Telecrítica

15/1/81

Rui Cádima

A bela e o monstro

Apesar de passarem no mesmo horário, «Os Jogos e os Homens» e «Desporto Regional» são dois programas completamente diferentes, embora abordando temáticas próximas, um com uma intenção claramente didáctica, antropológica, o outro meramente burocrático, «enchido» de provas desportivas captadas como que por obrigação.

O programa de Noronha Fayo tem uma intenção extremamente original: fazer uma espécie de levantamento de todas as formas populares e lúdicas de ocupação dos tempos livres. Na prossecução desse projecto Noronha Fayo tem percorrido nas últimas semanas as zonas do Norte do País. De lá nos tem enviado as imagens e os sons, as quase monografias etnográficas do quotidiano do homem trasmontano.

Nessa medida é de facto um programa bem colocado na programação, num horário digamos que perfeitamente compatível com as características e a qualidade do programa. Surge logo a seguir ao «País, País», às terças-feiras, mas não lhe dá continuidade uma vez que não aborda as temáticas de forma exclusivamente «informativa», antes lhes dá um cunho poético, analítico, deixando decorrer as imagens, sem introduzir comentários inúteis. Das várias formas de desporto ancestral dos portugueses aos vários tipos regionais, às diferentes tradições folclóricas, dramatúrgicas e de canto popular, quase tudo tem sido abordado no programa «Os Jogos e os Homens» com a atenção que estas questões merecem.

Ainda neste último programa fomos conhecer alguns jogos de adolescentes, desconhecidos nas grandes cidades, como aquele jogo do barril — típico da região duriense — e alguns outros que também foram mostrados.

No que se refere ao «Desporto Regional» — que tem sido apresentado do Centro de Produção do Porto por Nuno Brás, tudo se passa de maneira diferente. Digamos que se trata aqui de uma espécie de prolongamento de «País, País». Um mau prolongamento, diga-se. Ultimamente então «Desporto Regional» tem tido um péssimo tratamento jornalístico, absolutamente inqualificável em várias das suas reportagens. De qualquer modo julgamos que mesmo que o programa tivesse um óptimo tratamento jornalístico era descabida a sua programação para o período em que actualmente se encontra, entre «País, País» e o Telejornal, agora com a telenovela de perneiro.

A questão é a seguinte: o que quer que seja que deva ser abordado mais em detalhe no que se refere ao desporto regional, deve sê-lo evidentemente com a maior objectividade possível, mas, acima de tudo, deve ser integrado ou no «País, País» ou no «Telejornal» (isto se não houver interesse em levar a reportagem em questão para a «Bancada de Topo» ou para o «Grande Encontro»), quer se trate de uma associação recreativa em crise, da inauguração de uma pista de karting ou da prática do ténis em pavilhões cobertos...

Ora ocupar meia hora de emissão para transmitir ao telespectador meia dúzia de notícias feitas «a martelo», sobre algumas novidades regionais é estar a destruir pela raiz uma informação necessária sobre esses mesmos assuntos. Não há razão, portanto, para que «Desporto Regional» se mantenha tal como tem sido apresentado nas últimas semanas. Para além do mais está a ser gasto um tempo precioso que poderá vir a ser ocupado por algo de válido.

Telecrítica

20/2/81

Rui Cádima

Está todo o Mundo poupando 90%?

Suponho que os caríssimos leitores que têm televisor em casa estão já a poupar 90 por cento de electricidade ao fim do mês!... Se V. não está ainda, aproximar-se-á perigosamente, estamos certos!

A tendência não se apresentava assim de forma tão derrotista. Tudo indicava ir verificar-se uma mudança significativa com o novo mapa-tipo. Mas agora que vemos nós? Que a tal mudança de fundo não é mais senão uma alteração «epidérmica» — uma nova embalagem para o mesmo produto. Um pouco à semelhança do que aconteceu com a programação do domingo à tarde: baralhada e dada de novo, agora com uns «inserts» isidriacos, bem humorados, descontraídos, «práfrentex»... As vantagens que daí ressaltam estão para a situação anterior assim como a «Água Viva» está para a «D. Xepa»: as estruturas internas modernizam-se, é combatido o pirosismo, sendo o produto final promovido e impingido como se de uma «revolução no mercado» se tratasse... Banha da cobra... Ora decorrida quase uma semana sobre a estreia da nova «fórmula» são poucas de facto as novidades a anotar nesta ainda curta história. Evidentemente que surgiram coisas novas. Uma, já vimos, foi a telenovela, após o fim, ainda que «ressuscitado», para gáudio dos aficionados, da «D. Xepa». Outra, ainda, chegou já um pouco atrasada: foi a entrada dos novos símbolos identificativos de ambos os canais. Esperamos muito sinceramente que daqui para a frente eles não mudem conforme muda a telenovela (ou o mapa-tipo, é quase o mesmo, infelizmente). Apesar de chegarem atrasados os símbolos nem por isso surgiram com uma melhor concepção. Quando surge a inserção horária antes do Telejornal próprio emblema fica «debaixo» dos números. Concepções, estéticas...

Concepção nova, segundo o Conselho de Gerência anuncia, era também aquela que viria orientar o «novo» Telejornal...

Novo, entre aspas, claro. Futuramente o Telejornal há-de ser como a Escolástica. Quanto mais velhinho mais involutivo e caduco. A palavra passará a ter um sentido pejorativo. As pessoas dirão «Telejornal» quando se quiserem referir a uma Informação televisiva ainda na Idade da Pedra, passe o paroxo...

Mas na verdade o que mudou foi (aliás como no resto) a embalagem, o enfeite. Lembramo-nos da máxima: é preciso que algo mude para que tudo permaneça na mesma. No caso da Informação as coisas agravaram-se. Se anteriormente tínhamos a «Informação/2x» às 21.30, agora têm-na às 20.30, à mesma hora do Telejornal. Não sei qual é exactamente a intenção mas se porventura se pretende que os telespectadores comprem o comando à distância para irem sempre vendendo qual é a notícia que um dos canais está a dar ao mesmo tempo que o outro então proponho que as *régie* começem a fazer uso do *chroma-key* e dêem ao telespectador o ecrã dividido mais ou menos ao meio, com o Raul Durão mais para a esquerda e o Henrique Garcia mais para a direita, lendo os dois ao mesmo tempo as notícias do dia. Ganhávamos todos, ganhava o País. Conclusão: com uma programação tão pouco «iluminada» e uma Informação que só nos deixa às escuras, com um Governo e uma seca que nos põem à luz das velas (como se tudo isto fosse um velório), só nos resta apagar definitivamente o «cadáver», alinhando na poupança. Se o leitor fizer as contas, verá...

22 / Agenda

telecrítica

21/1/81

Rui Cádima

«Áqua Viva»: primeiro flash

«Áqua Viva» melhor do que a «D. Xepa»? Claro que a pergunta não se deve pôr. Passados meia-dúzia de episódios, julgamos que já ninguém aparecerá a contradizer as opiniões dos mais informados, daqueles que já viram a novela com Betty Faria no Brasil, enfim, também a opinião de quem é responsável pela sua compra.

Não há dúvida de que «Áqua Viva» é, numa primeira e rápida impressão, uma novela francamente de melhor qualidade. Estes meninos vadios, meninos do rio, surgiram-nos, logo no primeiro contacto com o genérico, bem mais atractivos do que os nabos da Xepa...

E se dizemos que a diferença é nítida, dizêmo-lo não tanto por nos parecer tratar-se aqui de uma grande inovação na narrativa, mas principalmente pelo aspecto técnico, quer na direcção de actores, quer na produção e realização, factores que vêm, de facto, contribuir para um discurso televisivo que nestes primeiros dias nos solicita para uma atenção redobrada. Atenção que incide ainda obrigatoriamente sobre o próprio texto (aqui as diferenças serão mais de «improvisação» sobre um tema básico, específico ao discurso da telenovela).

Sobre essa já um trabalho de respeito a nível técnico, nos meios de suporte postos à disposição dos autores. A utilização, por exemplo, de helicópteros nos «travelings» do Rio, a própria banda sonora, recheada da melhor música popular brasileira, o «cast», onde se está já a evidenciar Betty Faria (considerada há dois anos pela «Playboy» brasileira como «o mito sexual do Brasil»), porventura uma das melhores actrizes brasileiras, foram todos esses aspectos que nestes primeiros dias ressaltaram desde logo em relação a trabalhos anteriores.

De facto, é bastante agradável ouvir as melhores vozes da MPB nesta novela. Passaram já João Gilberto, Elis Regina, Gilberto Gil. No que se refere à estrutura narrativa e dramática de «Áqua Viva», que como sabem é da autoria de Gilberto Braga, há que reparar no seguinte: tal como nas outras novelas do mesmo autor, as relações significantes entre os vários personagens estabelecem-se segundo padrões e códigos semelhantes, inscritos numa espécie de tabela a que não é possível fugir.

O facto de o «Dancin' Days», a «D. Xepa» e a «Escrava Isaura» (todas elas da autoria do antigo crítico de teatro Gilberto Braga) estarem mais ou menos equidistantes dos limites dessa tabela é tanto mais significativo quanto sabemos que em termos de telenovela a tendência da construção narrativa é para atingir, na quase totalidade dos casos, um suposto denominador comum — o telespectador padronizado, espécie de receptor-robot, alvo ideal da mensagem «universalista» planificada com todos os cuidados pelos produtores da novela.

É essa obrigatoriedade, respeitada desde logo pelo argumentista, que preside, de facto, à elaboração do texto e do discurso televisivo. Pretende-se com isso conseguir o índice máximo de aprovação no auditório. Esta é a norma, o primeiro agente causal. A partir dai o autor passará a «improvisar» sempre sobre o mesmo tema... Se o não fizer, se não conseguir o tal «feedback», ele é «excomungado» do circuito de comunicação. Não pode fugir a banalização da mensagem. A estrutura básica do discurso, o texto, não se diferencia dos exemplos anteriores na formulação do apelo ritualizado pela produção de TV no Brasil: o da ostentação e ascensão social como principal «valor» a explorar. Ai a «Áqua» será inquinada...

23/2/81 Televisão/Espectáculos / 21

Telecrítica

Rui Cádima

Há petróleo no Lumiar!

Que isto fique aqui só entre nós: por enquanto ainda não está nada comprovado, mas circulam rumores desde sábado de que foi descoberto um poço de petróleo no Lumiar! Em plena seca geral, após as instruções rigorosas dadas pelo Governo à RTP, após os cortes obrigatórios e impreteríveis às onze da noite, eis que no passado sábado a emissão da RTP/2 é antecipada cerca de duas horas para serem transmitidos os dois primeiros episódios de «Água Viva», a pretexto não se sabe de quê, presumindo nós tratar-se de uma atitude meramente bonificadora — talvez uma recompensa pelo recente aumento das taxas e, simultaneamente, uma atitude «popular» para com os saudosistas da Xepa...

Se não é petróleo, não sei o que será. Com ou sem ele, obcecados pela poupança, esbanjadores, o que é facto é que no sábado de um autêntico «banho» de «Água Viva» se tratou.

Por outro lado o «xô» do Nicolau Breyner está agora a piorar outra vez. Aquilo às vezes parece mais uma instituição de caridade, montada para defender os interesses dos mais desfavorecidos no campo da música dita «ligeira» em Portugal. A preguiça é cada vez maior para trazer ao «xô» o pessoal da «pesada» como diria o autor de um outro «xô» — o Júlio Isidro — este sim, não perde pitada da boa música para satisfazer gostos diversíssimos no auditório. O mesmo não têm conseguido os responsáveis do «Eu Show Nico», parcos em imaginação..., ou bastos em caridel... Desta vez o «xô» foi chocho, apesar das responsabilidades redobradas do programa de Nicolau Breyner por se tratar efectivamente do único programa de sábado à noite, após se ter «ressequido» a própria programação, retirando a longa-metragem que se prolongava habitualmente até à madrugada de domingo.

Se repararem bem na programação de sábado viram com certeza como uma grande parte do público avesso às transmissões desportivas sentiu de novo a já habitual frustração. Açambarcada durante quase toda a tarde pelo atletismo e pelo futebol, a RTP/I deixaria sem contrapartida todos aqueles que se não interessam pelas competições desportivas. O documentário na National Geographic Magazine dedicado a pequenos alpinistas e a nova série, «Mulherzinhas», entalados entre o Campeonato Europeu de Atletismo na Pista Cooerta e o Braga-Académico, não tiveram as características do programa que «intervala» em termos verdadeiramente alternativos.

Por outro lado, é um facto, tudo teria sido ainda mais fastidioso para uma grande parte do público se não tivesse surgido aquele «banho» de «Água Viva», a partir das 18.30.

A transmissão desses episódios veio fazer com que houvesse uma alternativa na RTP/2 à transmissão de futebol. A opção a fazer era de facto entre futebol e telenovela. Extremamente educativo, como vêm. São as opções «ressequidíssimas» da nossa (EP) RTP.

Estamos todos de parabéns, portanto. Na RTP já não há outra vez austeridade energética... Cram-se alternativas com fartura aos diversos interesses do grande auditório, sendo feito um esforço suplementar por apresentar a «livre-concorrência» entre os dois canais sob esse aspecto remarcável: se não quiser futebol, veja excepcionalmente, duas horas antes da «abertura», a repetição dos dois primeiros episódios da nova telenovela!...

24/2/81 Espectáculos / 21

telecrítica

Rui Cádima

Seca mais seca com... «Água Viva»

A «Água Viva» está a ser a menina-bonita deste novo mapa-tipo (se é que se lhe pode chamar «mapa-tipo» neste início ainda extremamente confuso, que mais parece uma continuação das atribulações do anterior)... Voltando à nova telenovela, voltamos a referir aqui um novo dado na programação, que no texto de ontem só pudemos abordar parcialmente, uma vez que nele só falámos na programação de sábado.

E o que não referimos foi o seguinte: a telenovela, para além de passar, de agora em diante, a ser repetida aos sábados, só-lo-á também aos domingos na RTP-2, a partir das 18.30, totalizando as duas emissões os cinco episódios que passam ao longo da semana.

Trata-se realmente de uma excelente decisão para todos os simpatizantes do género, aficionados e fanáticos, só que nos parece que a situação do País a nível de abastecimento eléctrico não permite tais «extras». Daí, portanto, não se compreender a razoabilidade de uma tal medida. Poder-se-á dizer que se trata do segundo canal, que é um horário de pouco consumo de energia, que nem toda a gente vai querer repetir a dose e apanhar aquele banho de «Água Viva», os brasileirismos grá-finos que pouco nos dizem, assim como aos brasileiros, aliás. Mesmo assim, mas também por isso (se são tão poucas os interessados, qual a razão de tomar uma tal medida?), não vemos com clareza as causas de uma tal decisão. Daí termos falado ontem dos poços de petróleo do Lumiar... Daí a ideia de que a Televisão está a nadar em águas que são dinheiro, em petróleos, espécie de «emirato» ou «principado» dentro deste pobre país, e que, portanto, se pode dar ao luxo de interromper emissões às onze da noite (segundo se disse, inclusive, com telefonemas da gerência a impor ostensivamente uma determinação — no caso ao «Ao Vivo»), passando depois, aos sábados e domingos, a dar «bónus» de telenovela durante os programas desportivos que antecedem o «Telejornal» (a transmissão do jogo de futebol e o «Grande Encontro»). Em breve esperamos ficar esclarecidos sobre os factores que originaram realmente esta passagem em duplicado da «Água Viva». Resta perguntar: se em tempo de restrições é assim, o que será quando chover em barda? Repetirão a Xepa, a Escrava, o Astro, a pedido de todos os saudosistas (que devem ser bastantes...)?

Telenovela, futebol. Dois tipos de programas substancialmente diferentes de «O Passeio dos Alegres», o programa de Júlio Isidro para as tardes de domingo. São cerca de quatro horas de emissão que quase apostamos irão dar que falar. A experiência da «Febre de Sábado de Manhã» — uma das iniciativas mais populares entre a juventude nos últimos anos — irá por certo ter influência neste «Passeio». Assim o esperamos. Uma coisa é certa: é possível fazer deste programa um dos mais populares da Televisão. Seria importante «meter mãos à obra» decididamente, para vermos como é fácil atingir níveis de audiência superiores ao da telenovela. Júlio Isidro tem a receita — uma fórmula extremamente simples, onde a magia é a naturalidade, o despretensiosismo e a qualidade. Ainda anteontem vimos como Júlio Isidro numa situação algo complicada superou com a calma e o humor simples que todos lhe conhecemos os pequenos e grandes problemas que foram surgindo. E... mãos à obra!

Telecrítica

26/2/81 Rui Cádima

Melodias de sempre à brasileira

Terça-feira: o bocejo.

Se há dias em que apetece abandonar a nossa aldeia planetária e partir para uma outra galáxia — para uma sala de cinema, por exemplo — a noite da passada terça-feira (e refiro-me concretamente à RTP/1) foi extremamente convidativa a isso mesmo. E então agora que não faltam por aí alternativas, sendo uma das principais a do ciclo de cinema alemão, debatida longamente no «Ao Vivo» de domingo.

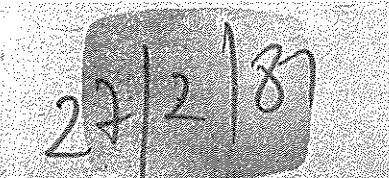
Mas atentemos naquele programa que veio logo a seguir ao «Vamos Jogar no Totobola». Tratava-se de uma emissão que já havia tido direito a promoção antecipada, como se de mais um verdadeiro show brasileiro se tratasse. Foi assim anunciado nas vésperas, em off sensual e tudo, mais um programa brasileiro — um musical intitulado «É Preciso Cantar».

O pequeno trailer de apresentação não deixava de despertar uma certa curiosidade nomeadamente naqueles que já tinham ouvido o Orson Welles dizer que o Grande Othelo (esse mesmo, o de «Macunaíma») era o melhor cómico do mundo.

Pois ele aparecia-nos no trailer divagando já em torno de um texto, que depois se verificou ser de qualidade discutível, para o qual ele acabou por fazer as «caretas» indispensáveis. Chamava-se o texto «Diálogo sobre a arte de ser carioca». Nele eram alinhadas umas quantas banalidades sobre as mulheres do carioca, a bandeira e o «Flu» do carioca (onde se acabava por falar na Legião Estrangeira e nas suecas da forma mais idiota possível), o samba do carioca, etc. Não faltou também um professor universitário (?) a botar palavra sobre a verdadeira «alma» ancestral de todos quantos habitam por debaixo dos braços do Corcovado. Dizia ele que eram os portugueses minhotos quem mais de perto se aproximava do «animal» carioca!

O Grande Othelo, coitado, perdeu-se no marasmo daquele serão para trabalhadores, daquelas melodias de sempre em tom «sépia», bacilentes, fanhosas, tal como todo o subproduto da MPB aparece sempre envolvido. E isto apesar de no filme-anúncio se falar em nomes como Alcione e Edu Lobo. Bom, não há dúvida de que eles por lá passaram. Mas será que meia dúzia de planos sobre as ruas do Rio de Janeiro com música desses intérpretes em fundo é na verdade um bom sistema de produzir programas para exportação? Pensamos que não. Com certeza que não era essa a ideia dos produtores de «É Preciso Cantar». Mas o que é engraçado verificar, quer o programa tivesse a chancela «export» ou não, é que a RTP não perdeu tempo em promover esta produção de reduzidíssimo interesse (coisa que não faz habitualmente à sua própria produção, inclusive quando ela é de qualidade), tendo também feito publicar na «TV-Guia» uma referência ao «musical» com fotografias de Edu Lobo e Alcione! Como se eles «dessem» a cara ao programa...

Para além destes desencontros, «É Preciso Cantar» foi quanto ao resto uma aflição. Por lá passariam ainda cobertos do pó das prateleiras das filmotecas (quantos aninhos tinha já em cima o programazito, quantos?) as meninas do grupo «Viva Voz», «As Cigarras», Nadinho da Ilha, Rosita Carballo, mais um menininho a cantar qualquer coisa como: «Rio/cidade-mulher/quanto mais bate nela/mais bonita ela é»... Teve isto direito a promoção! Direito a emissão, inclusive!...



telecrítica

Rui Cádima

O «mexe-mexe» na Informação

Tudo leva a crer que o «Telejornal» atravessa, neste momento, um período de reestruturação. Dizemos «tudo o leva a crer» porque nas últimas semanas têm surgido alguns artigos na Imprensa, nomeadamente no «PH», que nos têm dado notícias das alterações que, entretanto, se vão processando.

Nada de anormal se tem verificado, entretanto. O que é lamentável... Tudo decorre da forma oficiosa tradicional a que nos querem habituar. É penosa a resistência... Contudo nem tudo ficou na mesma. Com a dita «entrada em vigor» do novo mapa-tipo, ou seja, mais precisamente com o início da «Água Viva» e dos programas de Júlio Isidro, surgiu um novo (velho) rosto a apresentar o «Telejornal». Novo-velho porque, se não estamos em erro, também aqui se está a verificar uma evolução na continuidade na política de escolha dos apresentadores-redactores do «Telejornal».

A nova cara — Raul Durão *lui-même*, um nome vindo em directo do noticiário regional onde parece se estava a especializar — sofreu também as mutações já habituais que, aliás, cada vez mais se estão a repetir na Informação televisiva, principalmente, após se encontrarem os homens-de-mão da AD na casa. E qual é essa «evolução»? Nem mais nem menos do que a passagem a locutores-redactores (?), dos continuistas habituais, «separadores» de emissões ou, então, não sendo este o caso, dos jornalistas já «fora de campo» há algum tempo. Não interessa agora por que razões exactas, mas julgando nós à partida que pelas suas evidentes deficiências frente às câmaras, frente às notícias, frente à Informação. Os empregos abundam. Não há dúvida de que se trata aqui de uma política ultradesfavorável à classe jornalística.

Pelo que consta, e segundo os assessores-directores de Informação do Governo de Sá Carneiro e de Balsemão, os Media não devem ser dirigidos por jornalistas, mas antes por homens da propaganda paralela, militantes, simpatizantes do ramo automóvel (não temos nada contra eles, mas...), locutores de Televisão, continuistas, paus-mandados, afilhados, contratados a prazo e, enfim, homens inscritos no Sindicato com direito legítimo ao cartão... (que raiol!, apesar de tudo não é preciso prestar assim tão grandes serviços à profissão para se ter direito à carteira!)

A fase «Raul Durão» parece ser, apesar de tudo, uma espécie de «interregno» até à entrada em funções da equipa chefiada por Amaral Marques, vindo da «Informação/2», agora como sabem no mesmo horário do «Telejornal», não se descortinando por enquanto a verdadeira razão de uma tal troca. Com certeza para que o telespectador possa melhor comparar...

Parece ser 7 de Março a data prevista para o inicio do novo «Telejornal». Quem dera que assim fosse. Só que nem vocês nem eu, ninguém vai acreditar que sejamos «prendados» com uma nova Informação, enquanto por ali pairar a sombra soturna de Duarte Figueiredo, profissional que tem mostrado enorme competência para abafar e esvaziar, na prática, o próprio conceito de Informação televisiva. Dele pouco mais se pode esperar. Ele é o homem certo no lugar certo. Parece, por outro lado, que Pinto Balsemão concorda com isso... Ainda havemos de ver Duarte Figueiredo num posto de chefia do «Expresso»...

Telecrítica 25/4/81

Rui Cádima

O despertar dos monstros ou «O Rinoceronte»

Brecht dizia que ainda estava fértil o ventre que havia parido a besta. E não se enganava. Alguém houve que veio dizer mais tarde que o monstro habitava em cada um de nós...

Muitos ainda não acreditam nisso, tal a virulência com que receberam o «Hitler» de Syberberg. O Godard por seu lado falou-nos recentemente, na série «France, Tour Détour Deux Enfants», que o animal estava enfermo, que o monstro era já o próprio homem.

Também Ionesco, nas suas leituras de «A Metamorfose», de Kafka, manifestava o receio, mesmo o pânico, de ver o monstro surgir repentinamente como apocalipse, quer colectivo, quer individual, quer pela tirania, quer pelas palavras do falso samaritano, pelo engano. «O Rinoceronte» é um pouco isso mesmo. Vimo-lo antecipadamente na RTP/1 e por um mero acaso absolutamente integrado na «ordem do dia»: a tentativa de golpe de Estado em Espanha.

Se Ionesco nos surgesse hoje a escrever sobre o golpe de Estado moderno, sobre a subversão contra o regime democrático e todos os pequenos Hitler em potência que por aí agoniam, construiria por certo uma farsa ultra-absurda em que a narrativa se poderia processar de forma absolutamente idêntica aos factos reais sucedidos nas Cortes espanholas no dia 23 de Fevereiro de 1981, quando estava a ser discutida uma moção para aprovação do sucessor de Suárez.

Nessa farsa teria papel de destaque um qualquer tenente-coronel Molina, tipo «cow-boy» urbano capaz de entrar no Parlamento aos tiros dizendo aos deputados que se deitem para o chão que «isto» é um golpe de Estado...

Quem nos apareceu a apresentar «O Rinoceronte» foi Luís Francisco Rebelo. Tratou-se de uma intervenção infeliz por parte daquele conhecido intelectual uma vez que das suas palavras se deduziu fazer ele parte do grupo de intelectuais contra os quais «O Rinoceronte» se dirige. O próprio Ionesco o disse: «O teatro didáctico como se pratica hoje é muito controlado pelos diferentes centros, escritórios, clubes de propaganda. O seu objectivo é mesmo o de impedir a liberdade de apreciação. Querem ensinar as «verdades», esclarecem o espectador, mas é um esclarecimento especial, dirigido, imposto.»

Ao referir o fascismo como o verdadeiro *leitmotiv* desta antipeça de Ionesco, Francisco Rebelo não fez mais senão querer calar o «absurdo» ionesquiano, querendo substituí-lo pelo velho neorealismo, senão mesmo pelo caduco realismo socialista. Isto mesmo contra todos aqueles, incluindo os intelectuais comunistas, que nos finais dos anos 50 vieram a terreiro defender o primeiro grande êxito cénico deste autor de origem romena. Basta referir neste aspecto o próprio crítico do «Humanité», Guy Leclerc, ou ainda Elsa Triolet, que nas «Lettres Françaises» falava da aceitação desta peça por parte da esquerda em geral.

O trabalho que agora vimos, um telefilme com Gene Wilder e Zorro Mostel, realizado por Tom O'Horgan nos E.U.A., não teria desagrado a Ionesco. Aqui a realização ao aceitar o cómico e ao optar pela transformação interior dos personagens não fez mais senão o que Barrault já havia feito em França: do trágico fez o cómico e do cómico («O Avarento») fez o trágico. E agora, como Bérenger (Stanley), vamos enfrentar a manada que já se faz tarde...

Telecrítica 19/8/81

Rui Cádima

Auschwitz a nu

Há cerca de três anos, mais precisamente em Fevereiro de 78, a Fundação Calouste Gulbenkian reunia num pequeno ciclo dois dos nomes mais representativos do Cinema polaco das últimas décadas. Tratava-se de Andrzej Munk e Andrzej Wajda.

Todas as atenções se dirigiram, então, para o filme «A Passageira», de Munk, realizado entre 61 e 63, obra esquecida que acabava de surgir como uma grande obra-prima do Cinema contemporâneo e que o destino tinha deixado terminar — a nível de filmagens — três dias antes da morte do seu autor, num violento desastre de automóvel.

Recorde-me que nessa altura em Lisboa um grupo de antifascistas homenageava os mortos do Tarrafal. Na Imprensa alguém dizia que essa era de facto a altura para levar à Televisão o filme de Munk... Este violento documento, que fez renascer e continuar o Verão de 43 e os meses subsequentes em Auschwitz, seria, por certo, nessa altura a mais bela homenagem a prestar através do pequeno «écran» a todos aqueles que acabaram por ficar para sempre no campo de Cabo Verde.

Das rápidas deambulações sobre os campos de morte que o Cinema já viu, por onde passaram entre outros Resnais, Straub, Renoir, os *travellings* e as panorâmicas de Munk são dos mais belos. Horrorosamente transparentes, poucos se lhes podem superar em construção.

Evidentemente que grande parte do equilíbrio dos seus enquadramentos se perde na transposição do filme do «écran» de Cinema para o pequeno «écran». Mesmo as obras-primas não estão imunizadas dessa diferença. De qualquer modo — e isso é que interessa — fica-nos esse espantoso discurso fluido, construído de forma por vezes dramática, como Munk chegou a afirmar, após ter reparado que ao fim de alguns dias de fazer de Auschwitz um «plateau» de Cinema, o drama começava a reviver nas próprias objectivas...

O filme que passou na noite de terça-feira no «Cineclub», da RTP/2, ficará desde já como um dos momentos altos da programação deste ano. António Pedro de Vasconcelos, o seu apresentador, veio introduzir, através de um texto talvez demasiado longo, alguns dos aspectos fundamentais para permitir ao telespectador uma leitura mais informada.

Citou, a propósito, um texto de Jorge de Sena escrito em Janeiro de 1966 para a revista «O Tempo e o Modo», texto esse que o próprio autor considerava ser «uma espontânea reacção a um filme», mas que, apesar disso mesmo, acabou por ser cortado na íntegra pela Censura salazarista. Pouco antes da sua morte, Jorge de Sena, contactado para uma eventual publicação do texto deu a sua autorização, deste modo, se bem que salvaguardasse alguns aspectos: «Publique-se tal qual foi escrito e proibido»...

Vamos ficar só com um pequeno extracto extremamente revelador: «(...) Não que o filme de Munk, ao tratar dos campos de concentração e do monstruoso crime que eles foram, seja mais horrível do que o eram os documentários feitos com cenas verdadeiras do «gheto» de Varsóvia ou do exterminio em massa desses campos de morte. O que ele tem, como nenhum outro filme verídico ou fictício sobre o assunto, é uma autenticidade de vida, uma profundidade na orquestração visual dos elementos que compõem as sequências, uma naturalidade em exhibir o horror e a sordidez como simples acontecimento quotidiano (e eram-no lá), que nos fazem sentir por dentro de um pavor que, nos documentários, é só o choque de piedade, e a repugnância cheia de vergonha, ante os cadáveres despidos e exangues e os meios de fabricá-los e de destruí-los.»

29/2/81



telecrítica

Rui Cádima

Que nos trará este ano o «7 de Março»?

Afinal foi tudo mentira! Se todos nós tinhemos acreditado há quinze dias atrás que tinha começado um novo mapa-tipo na programação da RTP, só agora verificámos que as novidades surgidas de então para cá faziam parte de uma espécie de mapa intercalar — um mapa para a seca...

Com a chuva voltaram às páginas dos jornais os anúncios de um novo mapa-tipo. Desta vez será certo. Os títulos assim o indicam. Para além do mais, a grande novidade desta vez é a estreia de duas séries portuguesas, uma das quais — «Um Táxi na Cidade» — esteve já prevista por diversas vezes para mapas anteriores.

Assentemos, portanto, salvo alterações imprevisíveis até lá, (...) que a partir de 7 de Março entrará finalmente em vigor o novo mapa-tipo.

A partir de 7 de Março veremos também surgir, segundo tem sido referido, uma nova Informação. O «mexe-mexe» a que nos referimos terminará então com o amadorismo e a manipulação que têm emudecido a verdadeira Informação e os verdadeiros profissionais? 7 de Março! No ano passado foi a cor a comemorar a data de aniversário. Este ano a remodelação na Informação e na Programação. Se o «enguiço» for quebrado teremos uma nova Televisão... Mas quem vai acreditar nisso? Para já ninguém, cremos nós.

Ainda no que se refere à Informação, queríamos deixar aqui, em jeito de balanço semanal, algo de global sobre aspectos relevantes dos últimos «Telejornais»... Tudo se atarefou um pouco na redacção do Lumiar com os acontecimentos recentes em Espanha.

Pedro de Oliveira aparece-nos de repente na zona de operações em Madrid, com as Cortes em fundo, em jeito de reportagem «a sério», coisa rara em Portugal. O nosso miserabilismo informativo remete-nos mais para o telefone e o telex em vez de mandar o repórter ao sítio. Na véspera apareceu-nos a TVE em directo, fazendo apelo a todos os recursos do telespectador para compreender a língua de Cervantes. Um dia após o golpe, nada mais nada menos do que 25 minutos de «Telejornal», puseram-nos bem a par do sucedido na véspera, bem assim como dos acontecimentos que se lhe seguiram. Curioso foi ver suspensa, assim que chegámos à noite, a emissão de «Zoom» por falta de material pronto a ir para o ar. Dá a ideia de que as dezenas de jornalistas da RTP/1 se empenharam a fundo naqueles 25 minutos deixando «Zoom» sem alternativa, apesar das múltiplas hipóteses de trabalho!

Anteontem, quinta-feira, a notícia foi a chuva... Mas enquanto a «Informação/2» dava um ar da sua graça (num enoríssimo bloco de quase 45 minutos!) colocando na banda sonora o famoso trecho «Singing in the Rain», o «Telejornal» deixava as imagens dos pingos de chuva e passava oficialmente a S. Bento... Porém a notícia do dia — a polémica no seio da AD entre os dois pontos de vista no que se refere à revisão constitucional baquearam perante o noticiário vindo de Espanha. A manipulação passa por aqui. Vamos ver como se apresentará o novo bloco de notícias a partir de dia 7.

Quanto à programação, o destaque vai para a inserção forcada de «O Dragão» na RTP/2, logo após uma curta-metragem dedicada a Masaccio — pintor de importância crucial no inicio do Renascimento italiano. Curioso que este programa da URTI, de uma série que começou a ser emitida às sextas-feiras há alguns meses atrás, sendo entretanto interrompida, tenha aparecido agora como um fantasma na «2».

E que pena acabar este mapa-tipo! É que passávamos agora a ter às quintas-feiras, na «2», teatro português...

29/2/81
Telecrítica
Rui Cádima

Carnaval: a festa do desespero?

Surgem as primeiras imagens destes dias «gordos» de Carnaval. A folia instala-se. A loucura, perpassa agora nos media com um maior à-vontade, fazendo uso do chavão: «É Carnaval ninguém leva a mal...»

Mas leva. Estes dias são pretexto para que cada vez mais se verifique aquilo que muitos ainda teimam em não reconhecer. Fundamentalmente que o Carnaval já deixou de ser a expressão verdadeiramente espontânea de um desejo colectivo de fruição, de liberação através da encarnaçao do espectáculo, da máscara, da máxima diversão.

Cada vez mais se poderá dizer que a vida são dois dias e o Carnaval três... O tempo disponível nas sociedades industriais é cada vez menor. O ócio, apesar de ter agora o seu lado mais trágico não na vivência burguesa mas no desemprego compulsivo, é também ele cada vez mais coartado. As arrelas são maiores, o recalque «colectivo» torna-se mais violento e até «tecnocrático», o stress impermeabiliza-nos dos jogos, do humor, enfim, da actividade lúdica.

A alienação, por oposição a «escape», actua como determinante em cada um dos pequenos carnavais do quotidiano, da semana. O próprio fim-de-semana tradicional, a «febre» da noite, o culto do balcão da cervejaria, são também, cada vez mais, pequenos carnavais que se sucedem ao longo dos dias, constituindo-se como uma espécie de contraponto, de resposta, às atribulações da vida, do real. A evasão desproporcionada, os pequenos e grandes entrudos da vida, são agora parte de um ritual mais complexo enleado na «cultura» urbana de forma radicalmente subvertida em relação à antiga tradição oral e comunitária que a festa continha em si. Onde estão os últimos redutos dessa festa popular é o que resta saber.

As imagens que nos chegam são as imagens deformadas de um real deformado mas bem localizado, de um real que nada tem a haver com o verdadeiro sentir de uma multidão, com o prazer participado que surge espontaneamente na tradição popular. Os planos que se sucedem vindos do Rio de Janeiro, de Colónia, de Nice ou de Torres Vedras, fecham-se sobre um sorriso, sobre um recinto fechado que extravasse cor e música, sobre um corso, conjunto que ao fim e ao cabo nos chega, via Televisão, com um falso sentido de animação e alegria.

É-nos transmitida a visão deformada, portanto. No espectáculo paga-se, procura-se o prazer, a festa, a entrega, mas no final ressalta o balanço de um investimento comercial, de uma superprodução e ainda, claro, de um modo de ver. Chega-nos portanto a ilusão de objectividade. Essa é a constante que interrompe permanentemente o discurso entre comunicador e receptor. Sob o ponto de vista social terá inclusivamente uma maior importância a análise dos bastidores da festa, de tudo aquilo que se passa em fundo, do que na verdade o desenrolar da acção no palco, na «passadeira» do desfile.

Os bastidores são-nos dados paradoxalmente via «Informação». São as escolas que encerram, os acidentes de viação, é o pandemónio nos bailes, a zaragata de rua, as listas de mortos no Rio. Tudo pela festa. Uma festa de desesperados. E, progressivamente, a agressão — via inconsciente — quase que solicita a institucionalização...

Desse Carnaval é melhor não falar, dirão por certo aqueles que têm a função de distrair, de entreter, os profissionais da quadra... De entre eles são-nos agora aqui despejados quase às mãos cheias os actores brasileiros que fazem já parte da família «televisionária» (de uma forma muito mais acentuada do que algumas das principais figuras portuguesas). Um actor português veio porém remar contra a maré. Solnado esteve nos «Pontos nos ii» dizendo que as suas «máscaras» eram a sua vida... Um humor sério! Um convite para gozar (e escrever) o Carnaval, assim. Antes que a festa se torne de desespero. Esta uma introdução que amanhã terá a sua sequência.

Telecrítica

3/3/81

Rui Cádima

Domingo Gordo à míngua

«O Passeio dos Alegres» está agora com uma fórmula mais aceitável após a passagem do magazine de Luís Pereira de Sousa para as tardes de sábado. Qualquer dos programas em causa vem ganhar com a alteração. Rematado este pequeno aparte resta agora continuar um pouco na senda do texto de ontem.

O tema é obviamente o Carnaval. Trata-se em última instância, como vimos já, de uma reformulação, via comunicação de massa, de uma manifestação cultural primitiva enraizada na própria tradição oral. Como já alguém referiu, de rito de celebração comunitária, o Carnaval transformou-se progressivamente, com o incremento da cultura e da comunicação de massa, num espectáculo patrocinado pelo grande comércio e pelo capital quando não pelos próprios governos e pelos municípios.

É principalmente no Brasil onde este fenómeno se verifica com maior relevo, onde o folião de rua é agora substituído pelos «animais» do samba que desfilam horas e horas a fio pela «passerelle». Como diz Muniz Sodré na sua obra «A Comunicação do Grotesco», «a cultura de massa assimilou o Carnaval mas fê-lo deixando de lado o seu carácter dionisíaco, talvez mesmo histerico (no sentido grego de rito colectivo uterino ou afrodisíaco) que imprimia à diversão um forte sentido de contestação psicossocial. O que era consagração ritual de alegria transformou-se na sugestão estética (sem nenhuma transfiguração criadora) desse estado de espírito».

Nos nossos *media* (e aqui falo também na Rádio) pouco temos visto e ouvido que venha em auxílio de uma necessária dessacralização em torno da quadra. Esta fase de folia carnavalesca, intercalado na actividade produtiva, raramente é seguida nos *media* como no sentido cristão de aproximação da Quaresma (que se inicia precisamente amanhã, quarta-feira de Cinzas). Como referimos ontem, foi o próprio Raul Solnado que no «Magazine 7» de sábado, por entre o petróleo do Beato e o «Zip», no-lo veio lembrar. Também o Francisco Nicholson nas «Vozes e Nozes» («Antena 1»), ao receber na sala dos Vip's mais uma actriz brasileira (esta uma freguesa de D. Xepa) contribuiu para que o ambiente arejasse um pouco no que se refere à crítica pertinente da monopolização no «abrilhantamento» da quadra por parte dos actores brasileiros... A isso não soube fugir o Júlio Isidro que recheou o «Passeio» de visitantes nossos irmãos, vindos a granel do lado de lá, talvez em busca das «pepiatas»...

Uma abordagem do tema também interessante, ainda que simplistica, e, num ou outro caso, menos rigorosa, foi a que nos surgiu no programa de António Rego, «Setenta Vezes Sete», que agora parece estar a atingir uma qualidade homogénea e uma forma mais evoluída se atentarmos nalgumas emissões antigas com profundas deficiências na realização. Podemos avançar inclusive que este programa transmitido aos domingos logo após a celebração da missa está a apresentar emissões de grande actualidade algumas das quais nitidamente superiores ao que se faz noutras sectores dentro da RTP. Sobre o Carnaval houve quem dissesse no programa que a «máscara» contém já em si o demónio, mas também se ouviu dizer que o Carnaval fazia esquecer a vida...

Em relação ao «Passeio» conviria ainda dizer que, por exemplo, a ideia anteriormente utilizada na «Febre» de organizar um concurso de máscaras originais teria com certeza uma maior «funcionalidade» na Televisão, se bem que nos parecesse que alguns dos concorrentes se encontravam no estúdio. Em suma: um domingo gordo um pouco à míngua...

Telecrítica

3/3/81

Rui Cádima

«A invenção do diabo que Deus abençoou»

Brincadeiras carnavalescas, «porcas e brutais» (assim rezavam os editais do século passado), cabeçudos, zés-pereiras, gigantones, «trajes supostos», agora, só para o ano... Para os atrasados vem ainda aí o Baile da Pinhata, não se esqueçam...

Na nossa querida Televisão a Terça-Feira Gorda foi mal recheada de Carnaval carioca, com imagens do ano passado, numa produção da delegação da RTP no Brasil — equipa que nos trás habitualmente a rubrica «Tropicália». Este programa era inclusive uma «Edição Especial» dessa rubrica.

A primeira parte trouxe-nos a coroação do Rei Momo — sempre o mesmo de há nove anos para cá — o desfile de fantasias no Hotel Glória (com um júri constituído por conhecidos actores das telenovelas), os bailes do Vasco da Gama e do «Flu». A segunda parte era constituída quase exclusivamente pelo desfile das escolas de samba na tradicional Avenida Marquês de Sapucaí.

O apresentador — Glauco Moreira — encerraria aquela sequência de planos com uma citação de Joãozinho Trinta (conhecidíssimo organizador de «escolas»), na qual dizia, filosofando, que «quem gosta de miséria é intelectual... O povo gosta é de luxo, de riqueza»... Isto para ilustrar, talvez mesmo em forma de chavão, uma realidade sociológica quase paradoxal: a dedicação e o empenho dos extractos sociais mais baixos em construir dia-a-dia, muitas das vezes com o suor e o sangue do seu rosto, todo um aparato carnavalesco que desfilará durante algumas horas na Avenida perante cerca de cem mil espectadores de bancada, perante o Brasil e o Mundo.

Dessa realidade — que poderia levar a equipa responsável a uma óptima emissão — nada, porém, nos foi mostrado. Que vimos então? Simplesmente uma montagem de sequências captadas a eito, muitas das vezes mais com uma intenção publicitária do que com o profissionalismo de repórter. Era frequente ver planos filmados e montados com uma só intenção: de publicitar uma empresa turística do Rio de Janeiro... Assim tudo não passou de facto de uma insípida e «descolorida» colagem de planos captados nos vários bailes e desfiles. Por lá iriam passar as tradicionais Escolas de Samba. O desfile foi o do ano passado, com a Escola da Mangueira, do Salgueiro Beija-Flor, Vila-Isabel, Mocidade Independente, etc. Curioso ver no desfile desta última «cartazes» de alguns ídolos bem populares como Carmen Miranda, Kubitscheck, Chacrinha... Também um «slogan» político: «Anistia»... Nós só gostaríamos de saber onde é que o orasileiro meteu o m de amnistia...

Com este trabalho extremamente infeliz terminou este pequeno ciclo de *entrada* — já a introduzir a Quaresma cristã — a que se dá o nome de Entrudo. Terminou também o «Vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é Carnaval», na versão «Máscara Negra», de Zé Kéti.

Terminou por agora «a invenção do Diabo que Deus abençoou», nas palavras de Caetano Veloso. Terminou o tempo em que «eu sou da maneira que você me quer, o que você pedir eu lhe dou, seja você quem for, seja o que Deus quiser»..., como disse Chico Buarque de Holanda.

Já lá vão as quatro noites e os três dias. É tempo de despir a máscara, de contar mortos e feridos, de projectar novas coreografias.

As listas trágicas já chegam do Rio. Inclusive o «Telejornal» desata Terça-feira Gorda em que escrevo refere um verdadeiro duelo entre pistoleiros bairristas assanhados...

Acabaram, também, os amores de Carnaval — aqueles que só duram uma noite. Acaba a sexualidade descarregada, o sexo fácil, o endeusamento do corpo... Os impulsos agressivos vão agora ser sublimados, vão agora ser dirigidos para outros campos...

Telecrítica 6/3/81

Rui Cádima

Má política a do «futebol compulsivo»

Futebol; fenómeno de propaganda, sem dúvida, mas também agente de encontro entre povos. Atente-se por exemplo naquela recepção extraordinária feita à equipa do Benfica por emigrantes portugueses na Alemanha Federal. Atente-se também no cumprimento eternamente bipolarizado do ritual...

As transmissões mais recentes do campeonato nacional já haviam conduzido os telespectadores mais apaixonados a verem frustrados os seus desejos de assistirem aos espectáculos máximos do desporto-rei. O que tem aparecido por aí não passa de «uns joguitos»... Razão de sobra para que o Fortuna-Benfica fosse aguardado com grande expectativa.

E não só por isso, evidentemente. O facto do Benfica e de alguns outros clubes portugueses terem vindo a ser progressivamente afastados das fases finais nas competições europeias foi também em si um factor a ter em conta no ambiente de grande expectativa que rodeou a transmissão televisiva do encontro.

No que se refere exclusivamente ao Benfica, a chegada aos quartos-de-final de uma prova europeia já não acontecia há alguns anos. Também aqui portanto um motivo para os telespectadores em geral (não me refiro só aos simpatizantes do Benfica) esperarem este encontro com redobrado interesse. Para além do mais, as crónicas dos enviados especiais davam nota de um óptimo estado de espírito na equipa, ao contrário dos alemães do Fortuna, afastados recentemente da Taça alemã e ainda por cima quase no fim da tabela do campeonato nacional... Boa disposição era também a de Eusébio — o mais pretendido entre todos, o mais fotografado, aquele que teve honras por diversas vezes de «grande plano», logo no inicio, depois também no intervalo... Ele foi sem dúvida a atração «idolatrada» desta deslocação, quer nos jornais, quer, inclusive, como vimos, na Televisão alemã.

Os nossos parabéns portanto à RTP por ter assegurado a tempo a transmissão deste jogo que ao fim e ao cabo correu «de feição» para a equipa portuguesa. Este género de transmissões via Eurovisão tem um interesse irrefutável e encontra sempre no grande auditório uma aderência massiva que muitas das vezes, nas provas mais importantes, faz reunir em torno do pequeno ecrã mais de 50 por cento dos telespectadores. Pode dizer-se que o desporto é o género mais transmitido na Eurovisão, com cerca de 65 por cento dos programas da rede.

É certo também que uma grande parte do auditório não é absolutamente nada receptiva a estas transmissões. É preciso ter isso em conta. Pensamos inclusivé que este tipo de transmissões deveria ter sempre que possível uma alternativa satisfatória para todos aqueles — ou pelo menos para a maioria daqueles — que não suportam seguir duas horas de futebol através do tevisor.

Tanto quanto nos parece essa alternativa poderia ser criada na RTP/2. Se tem sido possível antecipar a abertura das emissões ao sábado e ao domingo para cerca das 18 horas só porque alguém achou que seria interessante repetir todos os episódios da «Água Viva» semanalmente, do mesmo modo será possível antecipar as emissões destes dias «extraordinários» por forma a obviar esses desentimentos na programação com uma parte bastante significativa do auditório.

Quanto ao resto achamos que é de sublinhar o aspecto extremamente aleatório que está a assumir o «fecho» do segundo canal nestes últimos tempos. Com a emissão habitualmente prevista para encerrar às 23 horas, é com espanto que por exemplo anteontem vímos encerrar ainda antes das 22.30... Se a tendência é para continuar qualquer dia não vale a pena dizer que o segundo canal existe... Será isso que se pretende na RTP?

Telecrítica 2/3/81

Rui Cádima

Um táxi prá sucata

Um táxi na cidade ou, neste caso, um táxi em bolandas vai dar ao mesmo.

A primeira imagem a recordar do primeiro episódio desta série realizada no centro de produção do Porto da RTP é, de facto, aquele enquadramento tipo «panavision» com um volante pela frente e o perfil-tangente de Jacinto Ramos descalço sobre a esquerda, tendo em fundo o velho casario da Invicta. E nisto foram minutos e minutos, ao que supomos a caminho de Viana... Daí retermos em primeiro lugar essa imagem.

Suponha agora o leitor que — vamos mesmo ao caso limite — qualquer dia «cai» aqui uma telenovela brasileira que logo no primeiro episódio nos põe um carioca ao volante de um táxi, as câmaras ao lado e atrás, e «ai vai disto, é filmar enquanto a película dura»... Em vez do velho casario chegavam-nos obviamente as fachadas gráficas do Leblon e de Copacabana, todo um intenso movimento próprio daquelas zonas e pouco mais. As reacções, com certeza, não se fariam esperar. Estamos certos que choveriam telefonemas a protestar pela «segura» da ideia, pela falta de argumento, pela falta de dinheiro, enfim, por tudo aquilo cheirar a trapaça.

No entanto, há que reter o seguinte: enquanto uma telenovela de cerca de 150 episódios se pode compreender absolutamente que esse tipo de discurso televisivo acabe por surgir mais cedo ou mais tarde, o mesmo já se não pode aceitar num pequeno «seriado», ou, claro, neste táxi na cidade — pequena série de seis episódios. Ocupar largos minutos logo num primeiro episódio com o Jacinto Ramos ao volante, e percorrer as artérias da cidade, sem nada que o sustenha em termos narrativos é, de facto, estar a queimar película, estar a «encher» tripas de fotografamas.

De qualquer modo esse tipo de opção pode ser aceite se trouxer consigo uma intenção clara: por exemplo, a de enquadrar um exterior fazendo com que a própria narrativa não surja «fora de campo»... Era isso que acontecia com um outro «taxi driver» no filme de Martin Scorsese que obteve o prémio em Cannes há quatro anos atrás. Apesar de aí se tratar da história de um ex-fuzileiro, agora no seu novo emprego na «praca» de Nova Iorque, o que nos era mostrado no exterior era-o por necessidade narrativa, como retrato significante da «big city» e não por necessidade turística, de minutagem, de poupança na produção, ou outra qualquer...

Enfim, para além do mais Scorsese não é Adriano Nazareth Júnior, Robert de Niro «nasceu» para os lados de Beverly Hills enquanto Jacinto Ramos para os lados do Conde Barão, na «Guilherme Cosscul»...

De qualquer modo pouco há a notar ao nosso *chófer* de ar duro mal sinaldo, cigarro no canto da boca e afeição de avô a merecer um ralenti. É tudo, no fundo, uma questão de *distância*, de «bandeirada» se quiserem...

Num discurso filmico é tentado o *flash* lancinante sobre a noite, a negra noite nova-iorquina como se das suas névoas e dos seus neons brotasse a própria morte; no outro, bem à portuguesa, à moda do Porto, é tentado o «eclectismo» neo-realista saloio, o onamento miserabilista lusitano por excelência.

Ainda por cima com alguns *flash-back* montados nitidamente por absurdo (o protagonista «pensa» na corrida a Viana; o seu filho «pensa» no momento em que a namorada lhe diz que vai ter o filho) e ainda outras sequências inseridas a martelo como aquela em que o nosso praciasta vai para a cama a pensar no neto que ainda não nasceu. Conclusão: de um táxi em bolandas em programações anteriores passámos para um táxi que, a continuar assim, só lhe resta a sucata!

Espectáculos / 21

Telecrítica

Rui Cádima

Nem no dia de anos!...

Se a Televisão desse um retrato fiel do País poder-se-ia dizer que tínhamos a Televisão que mereciamos. O que acontece é que não temos de facto uma Televisão empenhada numa causa comum, num projecto alargado quanto possível a todos os níveis sociais e culturais do grande auditório. Daí os sectarismos, as políticas cegas, o «bunker» feito aparelho ideológico de um projecto político que nem sequer tem consigo a metade dos portugueses.

A Televisão que temos é uma imagem disso mesmo. Todos os lamentamos (*todos*, enfim, é uma força de expressão...). Nesta coluna temos vindo a constatar dia-a-dia onde é que esses aspectos mais se fazem sentir. Passado o 7 de Março deste ano achamos ser mais uma vez altura (numa data tão especial) para ver o que realmente foi acrescentado — se é que alguma coisa o foi — em relação ao panorama geral, isto é, ver se a RTP (e o telespectador) recebeu de facto algo a que se possa chamar uma «prenda»...

Todos estão já a pensar no Festival, é óbvio. Mas a verdade é que este ano a primeira dúvida a surgir em relação ao resultado global da tradicional competição é se de facto tivemos nos pequenos ecrãs o melhor que por cá se faz na música ligeira, ou se aquilo que apareceu foi um conjunto de cançonetas de circunstância, pouco inspiradas, a copiar «receitas» ultragastas, ritmos bolorentos, fados envergonhados...

«Play-back» é uma cópia com um ano de atraso da «Eurovision» dos «Telex» belgas. A música do Cid todos dissemos logo no primeiro acorde que já conhecíamos aquilo de qualquer lado... As «Doce» e as «Cocktail», dentro da baixa mediania do «ligeiro», acabaram por apresentar composições francamente inferiores a outros trabalhos. Os «novos» passaram quase sem serem notados. Os poucos «festivaleiros» por lá passaram também sem nos darem nada de novo. Excepção para a composição «Tanto e Tão Pouco» a merecer uma outra voz e a primeira a não merecer assobios.

Digamos que a RTP/EP foi este ano ainda mais infeliz nas «prendas» dadas pelos autores e intérpretes portugueses neste Festival da Canção/81. Todos recusamos aceitar aquilo que ali apareceu como o que de melhor se está a fazer em Portugal no campo da música ligeira (de som já europeu). O Festival deste ano reuniu ao fim e ao cabo todos os veteranos destas andanças em busca de uma «desforra» e de uma promoção comercial que se não coaduna na maior parte das vezes com a qualidade vocal dos grupos. De aparatós e de show off está a audiência farta. Viu-se pela votação. Foi premiado o improviso coreográfico, a simplicidade, um som repetitivo, deslavado, mas a imitar aquilo que se faz «lá fora»... Para o quê havia em oposição chegava... Resumindo: uma «prenda» em segunda mão.

Neste aspecto portanto se há que imputar algumas responsabilidades à RTP elas terão que incidir exclusivamente na escolha dos elementos do júri que seleccionou as centenas de canções a concurso. De qualquer modo se a razão estiver do seu lado é sinal de que já pouco se está a ligar a um concurso que ano após ano só nos trás deceções. A continuar tudo assim resta aos organizadores encontrarem a maneira de fazer coincidir a edição dos trabalhos de nível europeu com o próprio Festival. Vale a pena tentar essa luta.

A comemoração do aniversário contou ainda com o bolo de anos feito pelo apresentador de «Lúculos e Brócolos» o «chefe» Michel; e também com um documentário a meio da tarde onde Alice Cruz introduziu a problemática do futuro da Televisão com os novos processos da microelectrónica e da comunicação via Satélite, tema, aliás, ainda abordado no sábado por Proença de Carvalho no «Telejornal». Voltaremos a este assunto.



Rui Cádima

É a nossa identidade cultural que está ameaçada!

Não sei se propositadamente se por simples acaso, a única referência mais particularizada que sufragiu na programação de domingo em relação ao Dia Internacional da Mulher foi o trabalho de Helena Balsa sobre Florbela Espanca, integrado no «Magazine 7» de Luis Pereira de Sousa — um programa que voltou a fazer parte do «Passeio» do Júlio Isidro. É uma péssima decisão esta, para qualquer dos dois programas, como temos referido. Sem o «Magazine 7» teria sido beneficiado um outro espectáculo raro na Televisão portuguesa: a música ligeira de qualidade com a Adelaide Ferreira e os «Piso Liso», ainda a participação rápida e espontânea dos monstros do «terror» e os «Play Dancer's» mais o seu brilhante «Horror Show» em «play-back-travesti».

Voltando ao tema «Mulher». Para além do trabalho já referido, à noite, no Telejornal, outros trabalhos surgiiram. Nada de excepcional. Apenas o cumprimento de uma formalidade, já que de cumprimento de formalidades temos vivido no que diz respeito a Informação televisiva.

O Dia Internacional da Mulher não teve assim nenhum espaço em especial apesar da intenção vigente na casa de dar da mulher uma imagem em ruptura com a passada. Maria Elisa tem-no tentado embora sem apostar nisso declaradamente.

Evidentemente que os problemas da Mulher, os problemas da criança, da sociedade, não podem estar à espera dos seus dias comemorativos para serem resolvidos, sequer para serem noticiados, levados aos media (como se fosse necessário entregar à caridade social, num só dia do ano, os males da civilização...).

Claro que não. O que se impõe é que haja uma esquematização global em todas as áreas prioritárias por forma a fazê-las avançar com uma certa frequência nos media. A criança, o deficiente, o reformado, a mulher, surgem desde logo como os grupos sociais a merecerem atenção em primeiro lugar. O que se passa é que a RTP tem por hábito fornecer pequenas «amostras» daquilo que seria desejável, como se assim calasse a boca a alguém...

E já que falámos em crianças conviria ainda aqui acrescentar alguma coisa em relação à programação de domingo de manhã, consagrada aos mais novos. Isto porque uma nova rubrica entretanto apareceu. Curiosamente também aqui de um «enlatado» brasileiro se trata... Houve já alguém que disse que em breve (se não já) notar-se-á à transparéncia uma verdadeira crise de identidade nacional. Para isso muito tem contribuído sem dúvida a *novelomania*, que continuará a assaltar-nos descaradamente, pelos vistos. E julgamos ser desnecessário prosseguir dizendo que aquilo que de mais grave pode acontecer a um povo é sentir que tem a sua identidade cultural ameaçada.

A ganhar não estamos, está visto. Por outro lado, a cultura portuguesa mal e porcamente tem chegado ao «vídeo». O «enlatado» é o recurso — agora também em brasileiro para os mais novos... Tudo se conjuga para que o alerta comece a ser lançado com sinal de urgência. Reparemos inclusive que a própria inserção de caracteres surge muitas das vezes sem til, sem cedilha, em completo desrespeito pela língua portuguesa!

Paradoxalmente foi um brasileiro que entrou nos estúdios (Teatro Villaret) para imitar a voz daquele que deu o nome ao teatro, dizendo o «Fado Falado». É, claro, reconfortante, ver um nome bem português ser relembrado por um grande actor — 116 quilos do melhor humor brasileiro — por Jô Soares!

Outras minorias passaram na tarde de domingo: o lobo e a raposa, em desaparição para os lados de Viseu, no Satão — bom nome para cobrir o crime. Tudo desaparece... Quem vai permiti-lo?



telecrítica

Rui Cádima

Malumania

Os dias secam. Isto é: com a falta de água instala-se o deserto na programação das segundas-feiras. Agora nem bailado, nem teatro, nem ópera. A partir de agora será tudo mini-qualquer-coisa. Vá lá que se aperceberam disto ainda a tempo... Umas semanas depois das chuvas escassearem, mas ainda assim a tempo de avisar os telespectadores que o «Molière Imaginário» segundo Béjart já não ia para o ar. Enfim, «estatuto especial», só para a «Água Viva» — aos fins-de-semana o espasmo...

Outro espasmo: «Malu» foi mesmo «extase»... Quem duvida de que «Malu Mulher» é um dos melhores trabalhos, se não mesmo o melhor que a RTP vem apresentando de há algum tempo para cá?

Se me perguntassem à «queima-roupa» quais os programas — as séries — que mais me têm impressionado nos últimos tempos eu diria, por certo, «Malu Mulher». Depois pensaria com certeza no «Cineclube» do António Pedro de Vasconcelos e ainda muito rapidamente não deixaria de pensar nalguns «Ao Vivo» de grande qualidade, como por exemplo aquele sobre programação radiofónica.

Há porém quem leia de forma diferente. Há quem prefira ainda hoje a «D. Xepa» (saudades... embora uma realidade a reter), há quem prefira a série «Dallas», «Água Viva», etc.

Evidentemente que as diversas opções culturais no auditório televisivo determinam escolhas diferentes na programação. De qualquer modo será curioso notar que as preferências dos vários níveis culturais se aproximam a partir do momento em que se sentem constrangidas a optar. Optam já a partir de uma escolha... Quer isto dizer que dois níveis culturais substancialmente diferentes, opositos se quiserem, ficam mais próximos quando optam ou por «Malu» ou por «Água Viva», sabendo-se de antemão que qualquer trabalho satisfaz em elevado grau. Tomemos o exemplo brasileiro: 90 por cento de aderência à novela, sendo o «seriado» eleito como o melhor trabalho da Globo.

E não será verdade que em última instância muitos dos aspectos que contemplam a trama dramática de «Malu» estão também apostos a narrativas como a construída por Gilberto Braga na «Água Viva»?

Dito isto — assim só — pareceria estarmos a cometer um «sacrilégio» nesta rápida identificação. É evidente que as diferenças entre essas narrativas, o discurso de uma e de outra, as afastam profundamente. Mas o que é facto é que aquilo que as separa não são tanto as «questões difíceis», mas sim a forma como a própria construção dramática está apresentada. De facto, qualquer das séries se apresenta com um ar de «modernidade» embora ao fim e ao cabo essa intenção seja meramente aparente nos casos de «Água Viva» e de «Dallas».

Estas sim, séries produzidas sob um código submerso nos requisitos mais vulgares (diria os mesmos do «romance de cordeis») que chamam à aderência fácil, na fase sonolenta, nem que para isso deviam assumir um carácter absolutamente retrôgrado.

«Malu», pelo seu lado, não está à disposição da sondagem, não é feudo do IBOPE. Neste aspecto, pelo menos até aqui, tem sido um «seriado» exemplar. Apesar de os *sinais* da sua narrativa aparecerem também na novela. O código é que acaba finalmente por ser outro. A mensagem é outra. Em «Malu Mulher» as funções conotativas, o significado das coisas não é manietado. Está lá à transparência. Apresenta-se quase como elemento estável, real. O que não acontece, por razões óbvias, nos outros casos...

O episódio de segunda-feira voltou a ser o «começar de novo» de Ivan Lins, excepcionalmente bem enquadrado pelo texto de Roberto Freire — uma homenagem póstuma a Vinicius e ao seu infinito cantar, ao seu infinito amor. Vocês não sabem o que perderam.



telecrítica

Rui Cádima

Televisão contra cinema?

Zanussi traz-nos da Polónia o espelho do próprio Ocidente. Ele foi um dos principais responsáveis por semelhante «declaração», uma declaração que foi toda uma luta ao longo da década de setenta, através de filmes como o que agora vimos — «Vida em Família», mas onde também contam «Balanço Trimestral», passado no Festival da Figueira de 1976, um filme que punha mais uma vez em questão a complexidade do quotidiano e a incompreensão na família, e ainda filmes como «Iluminação» («a consciência de classe não explica tudo... Explica algumas atitudes mas não certos problemas da vida e os da moral...»), e como «A Estrutura do Cristal».

Continuando no cinema e no «Cineclube». Convém fazer um pequeno ponto da situação. Na semana passada em vez do anunciado «Rio Bravo» surgiu uma obra de um outro polaco, o veterano Wajda; chamava-se «Tudo à Venda».

O filme de Wajda surge agora a propósito da Polónia mas mais ainda porque algo de muito anormal tem vindo a acontecer nas emissões do segundo canal após se terem iniciado as restrições no tempo de emissão com fecho agora marcado, como sabem, para as 23 horas (contrabalançando, com algum desprezo, com as emissões suplementares da «Água Viva» aos fins-de-semana)...

De que se trata então? Pura e simplesmente de cortes bruscos nos programas ainda antes do seu termo. Isso aconteceu na semana passada com «Tudo à Venda», tinha já acontecido com uma sinfonia de Mahler, isto para além de outras pressões na «2» sem que o mesmo se estivesse a verificar na «1». Mas não é só no corte abrupto das emissões que se têm verificado anomalias mastodónticas na programação. Para além do vendaval de alterações de programas em ambos os canais um outro problema surgiu, entretanto, em profundo desprezo para com o cinema que *não* passa na RTP. Após a administração da RTP ter anunciado um saldo positivo claro na empresa, em nítida oposição dos défices dos anos anteriores, foi anunciada a suspensão da passagem de anúncios gratuitos aos filmes portugueses que entretanto se estreasseem.

A passagem desses anúncios na Televisão verificava-se ao abrigo de um acordo entre a RTP e a SEC, acordo esse que foi agora denunciado pela administração Proença de Carvalho alegando que nada estava previsto na Lei da Radiotelevisão que contemplasse esse acordo. Daí a suspensão do acordo. Brilhante dedução — e pronto!

Mais uma vez o cinema pelas ruas da amargura. Não bastava já cortar filmes e sinfonias. A partir de agora o próprio cinema português não terá qualquer possibilidade de passar os seus trailers gratuitamente.

O primeiro a ser prejudicado foi o «Kilas» do José Fonseca e Costa — um filme que, apesar de tudo, deveria ter uma outra promoção na RTP. É necessário lutar com perseverança para que o público se reconcilie com o cinema já extremamente meritório que é o nosso. Cabe à RTP um papel importante na sua promoção. É necessário que se reveja com urgência uma tal decisão.

E acabamos voltando a Zanussi. Esta «Vida em Família» reintroduz-nos de novo nesse ambiente doseado de uma grande transparência, filmica e teórica, já nitidamente ocidentalizadas, não se furando nunca à eterna dicotomia «dialética» entre o «novo-velho» pensamento daquela velha nação católica.

22 / Agenda

HORÓSCOPO

13/3/81

Televisão/Espectáculos / 21

Telecrítica Rui Cádima**E você? já tem
as videocassetes?**

Novidades?... Nenhuma. Ou por outra: sempre aparece qualquer coisa de novo apesar de muitas vezes o «velho» nos levar o espaço todo. Fica-nos então muito pouco tempo para acreditarmos que do Lumiar ainda podem surgir «originalidades»...

Alguém dizia ainda há pouco tempo que essa coisa da crítica de Televisão corroeu os ossos (do ofício) até deixar o livre-pensador preso ao alibi dos maldizentes e dos difamadores. Não quero com isto dizer que haja mais uma animosidade do que outra coisa qualquer nas críticas que, quer nós quer o grande público, dirigem com insistência, com pertinacia, a esse *mass-media* diabólico que dá pelo nome de Televisão. A razão está sempre do lado de cá. O problema está um pouco na impossibilidade de satisfazer uma pretensa (e falsa) «razão média». Mas dai até se vir a apostar com insistência na não razoabilidade de uma política global vai de facto uma grande distância.

A questão é a seguinte: se fosse feita hoje uma sondagem à opinião pública sobre a Televisão que temos, tudo leva a crer que as respostas seriam as mais adversas, as mais violentas que de alguns anos para cá se têm ouvido, quer nos jornais quer na rua.

O signo ultimamente tem sido a consecutiva alteração de programas à última hora, muitas das vezes como tem sido referido com corte brusco das emissões no segundo canal. Estes factos só por si só mais que suficientes para desacreditar quem quer que seja, qualquer que seja o seu projecto político, quaisquer que sejam as razões apresentadas, salvo de facto por motivos imprevistos «em cima da hora» (que nos lembremos esse caso aconteceu por exemplo quando da morte de Francisco Sá Carneiro — neste caso, como é óbvio, a compreensão pelas alterações é geral. Mas fora deste tipo de excepções não há ninguém que desculpe um corte de emissão, uma alteração de programa).

Os responsáveis por essas missões-suicidas não serão poupadinhos. Em última instância há inclusive quem diga que tudo isso faz parte de um plano bem orquestrado para que sobre a acusação e a construção venha a diluição pura e simples, a extinção de uma política. E há quem dê ouvidos a esta tese. A Televisão pelo seu lado sobreviverá às contingências. É uma estrutura demasiadamente «motorizada» para ser parada.

À pergunta inicial poderíamos agora acrescentar uma outra «novedade» marginal extremamente interessante. Trata-se das declarações de um antigo director de programas, Carlos Cruz, que veio introduzir no vazio televisivo da semana o desprezo frontal, o desdém franco, talvez cínico talvez não. Dizia ele, se é que as declarações são fiéis, não estar motivado para ver Televisão várias razões (inclusive por aquela que já referimos) — a sucessiva alteração de programas: «Uma pessoa prepara-se para ver uma coisa e surge-lhe outra pela frente. Não. Tenho videocassetes vejo filmes e ouço discos, o que me dá muito maior prazer»...

Será caso para dizer que se todo o telespectador se encontrasse na posse de um monitor com gravador teria o seu problema resolvido... Chegar-se-ia a uma situação em que a Televisão — a continuar no estado em que está — deixaria praticamente de ser vista... Ninguém lhe ligava. Isto evidentemente por exclusão de partes. Mas será que na realidade isso aconteceria? Por certo não vamos já ter oportunidade de ver se tudo decorria desse modo uma vez que em breve estará aí a recepção via Satélite o que permitirá inclusive captar com uma certa facilidade várias emissões de diversos países. Até lá, um conselho: faça como o Carlos Cruz. Se não puder invente as suas «videocassetes»...

Telecrítica

14/3/81

Rui Cádima

**No Ano Internacional
do Deficiente**

Temos visto ao longo de meses e de anos que não se sabe planificar na RTP. Ou não se sabe, ou, o que é pior, não se quer. É raro aparecerem de facto responsáveis que introduzem na programação — elaborada à distância — as emissões imprescindíveis. Isso aconteceu ultimamente de forma mais nítida no Ano Internacional da Criança e está agora a acontecer com o Ano Internacional do Deficiente.

Dai muitas das vezes um determinado assunto ser notícia, desde o plano social ao técnico e comercial, e não ter o necessário eco nos media de maior alcance — no caso, na Televisão. Estamos recordados por exemplo da recente «Meditour», onde para além da transmissão do Festival das canções, a RTP não soube estar presente de forma a cobrir uma iniciativa de grande interesse para o País. Exemplos há muitos. Realidades práticas quase nem húmas.

Estamos no Ano Internacional do Deficiente. Sabemos que há um programa aos sábados logo na abertura às 13 horas, «Novos Horizontes» que de algum tempo a esta parte vem abordando a temática da deficiência e da integração e reabilitação dos deficientes na sociedade.

Entretanto, mais tarde, surgiu uma série que já havia passado na RTP sobre a deficiência na criança intitulada «A Criança à Janela». São estes os dois programas que actualmente passam na RTP para «comemorar» por assim dizer uma data — sinais de alerta para um problema dos mais graves que atingem as sociedades. Tem passado ainda ocasionalmente um «slide» a chamar a atenção para o mesmo problema tanto no primeiro como no segundo canal.

Em termos globais há a referir que nenhum destes trabalhos fazem parte de facto de uma planificação prévia que conte com minimamente o complexo problema da deficiência e da integração.

Serão estes programas suficientes na sua forma e nos seus objectivos para levarem a cabo com êxito as tarefas de informação e educação das pessoas, dos gestores (estes para os «enclaves» de reabilitação ou inclusive para os postos de trabalho com as características de «emprego protegido»)? Se não existiu uma planificação prévia dificilmente se conseguirá esse objectivo por muito que os produtores de «Novos Horizontes» se esforçem... As várias formas de abordar esta problemática não se coadunam de maneira nenhuma com, por exemplo, a propaganda governamental como foi feito num dos últimos sábados, onde um quadro superior do Ministério do Trabalho não cessava de elogiar a acção da Secretaria de Estado do Emprego inveitando toda a acção dos governos anteriores, bombardeando os telespectadores com informações unilaterais sem que fosse concedido o direito à dúvida, sequer uma informação mais diversificada.

Quando o tema é a deficiência, a marginalização e a impossibilidade de integração no mundo do trabalho tudo se passa a um outro nível; qualquer desvio menos ortodoxo a uma verdadeira política de informação entre comunicador e receptor é sem dúvida extremamente mais grave do que em qualquer outro nível social.

Há que levar o problema da deficiência neste «Ano Internacional» a um amplo debate com carácter de urgência.

Há que, em termos de Televisão, salvar o que ainda puder ser salvo introduzindo alterações ao que já está feito (e que não parece ter a forma mais correcta), não esquecendo a produção de novos programas com uma equipa técnico-científica perfeitamente à altura do tema e do media. Há tempo de sobra à nossa frente. Os «Anos Internacionais» não terminam a 31 de Dezembro...

O pouco «Censo» da RTP

A ideia de conjunto com que ficou o nosso crítico de televisão, Rui Cádima, do «TV-Show» transmitido no domingo, intitulado «Festa da Primavera» e em honra do «Censos-81», foi a de que «se pretendeu ressuscitar o Censo de 1970, esse de uma outra Primavera, também falsa — a marcelista». O mau senso e o mau gosto que

presidiram à realização daquela «festa de antiguidade saloia» tornou o espectáculo próximo de um ressuscitar dos «serões para trabalhadores» de tão triste memória e em nada abonou em favor dos responsáveis — a RTP, a RDP e o INE.

Pág. 21

Rui Cádima

Rui Cádima

«Mal aquilo vem ao mundo mal aquilo vai ao fundo...»

Autêntica surpresa na programação de sábado foi sem dúvida o Benfica-Porto.

Temos passado os últimos fins-de-semana com desafios de baixo nível técnico, entre clubes do fim da tabela, prejudicando o futebol e o espectáculo televisivo, bancadas obviamente às moscas. No jogo entre os «top» não se esperava nem a exibição que se viu nem a «caça» que esteve; talvez porque um relativo descrédito tem caído sobre as transmissões em directo, em virtude do número reduzido de encontros de bom nível que temos tido até aqui. Esta uma questão que não é só aleatória, é também de calendário.

Tratou-se de qualquer modo de uma surpresa. Foi um grande desafio de futebol. Sem este Benfica-Porto e sem a «Banda do Casaco» no «Eu Show Nico» que viria pela noite após os «fresquinhos» «Sessenta Minutos» (que mais pareciam seiscentos, perdoem-me o parêntesis) poderíamos dizer sem qualquer problema que tudo se tinha processado segundo a norma habitual, dentro da mais rigorosa vulgaridade...

E não teria surgido sequer a habitual «surpresa» (nunca se sabe qual é o programa a alterar em cada dia que passa). Isto é: nos dias em que a programação não sofre alterações de última hora diz-se que houve uma grande surpresa na RTP. Claro que nos outros dias, quando os programas andam aos tombos e às desventuras, se diz que não há alterações de monta... De tal modo que há já, inclusive, quem diga que não se gaste vela com o mau desfunto...

A realidade é essa, bem triste por sinal. No sábado pelas 20.30, de repente, sem promoção, em vez do Telejornal aquele genérico — um globo rotativo e saudosista de velhos jornais televisivos anunciando agora os sessenta minutos do Adriano Cerveira. Se se trata de uma invenção do Joaquim Amaral Marques é caso para dizer que é mais um a estar possuído da síndrome «Duarte de Figueiredo». Se não foi invenção dele também não deixa de ser «síndrome»...

A habitual «alteração» não faltava portanto. Estamos mesmo em crer que não seria desajustado de todo se de agora em diante os jornais passassem a pôr na sua informação diária da programação da Televisão, em «lead», uma dominante na qual se daria conta ao leitor de qual a alteração ou quais as alterações previstas (e não previstas) para o dia...

Voltando ao Benfica-Porto. Em torno de realização pouco há a referir, como viram. Não saímos do mesmo. Continuamos com realizações «timidazinhas» (ainda não aprenderam sequer a copiar uma planificação da BBC).

Em todo o caso tem havido progressos. Sempre aparece um planozito da câmara junto ao relvado, lá se fazem umas entrevistas no final do jogo, com o Gabriel Alves — um homem das tardes radiofónicas de domingo — a tentar dar tudo por tudo no «directo», enfim, fazem progressos à velocidade do Lumiar (três andamentos: «lento», «devagar» e «parado»).

Nestas coisas das transmissões em directo julgamos ter razão quem diz que o trabalho só resulta quando se tratar de equipas de valor em competição. Já aqui dissemos que nessas circunstâncias o público não se arredará dos estádios, não ficará em casa, distante das «vibracões» fortes. Por exemplo, quem é apologistas da ideia contrária enganou-se rotundamente. O Humberto Coelho afirmava há dias ser contra as transmissões de jogos de futebol em directo porque afastavam o público dos estádios... Com ou sem circunstâncias especiais a rodear este encontro o que é facto é que jogos deste nível dificilmente terão as bancadas às moscas.

Para além do golo do Alves está o «golo» do António Pinho e da sua «Banda do Casaco». Fora isso, mal aquilo vem ao mundo, mal aquilo vai ao fundo...

«Censo», mau senso e mau gosto...

Paiou o espectro negro do «TV-Show» na noite de domingo com aquela festa de antiguidades saloias. Dizêmo-lo, conscientes de que nem tudo aquilo que apareceu no programa de variedades «Censo-81» foi mau.

Mas no conjunto a ideia que nos ficou foi a de que se pretendeu, se bem que o possa ter sido a nível do inconsciente, ressuscitar o Censo de 1970, esse de uma outra Primavera, também falsa — a marcelista.

Esta «Festa da Primavera» agora inventada a 15 de Março foi de facto de um mau gosto e de um mau senso dignos de nota. De outro modo não pode ser visto este espectáculo de amargas variedades, «peças» de museu *kitsch*, que reuniu numa só organização de produção a RTP, a RDP e o Instituto Nacional de Estatística — responsável pelo «Censo-81» a decorrer este mês.

Ao contrário do que se quis fazer crer foi um espectáculo inverso de princípio ao fim, com exceções, claro, como o foram o açoriano José Medeiros e Isabel de Castro a dizer Miguel Torga, e mais um ou outro grupo tradicional, nada mais. A ideia global foi na verdade a de que se pretendia ali ressuscitar os serões para trabalhadores, as melodias de sempre, tentando levar o «Censo» às zonas do País ainda entregues ao mais obsoleto nacional-cançonetismo e à mitologia fadista. Um bom «cartaz» para a integração na CEE? Ou uma festa para os angustiados da saudade? Sem qualquer animosidade contra a saudade cega — cada um é livre de reclamar a memória que tem — julgamos que também aqui se trata de uma questão de bom gosto e de bom senso... Mas o bom *censo* é outro...

Deixemos o folclore e a propaganda de tão sinistras raízes para passarmos uma rápida síntese sobre um domingo cuja programação seguimos religiosamente das onze da manhã às onze da noite.

Logo pela manhã, o «Tempo dos Mais Novos» a começar com as habituals «Brincadeiras» da Conceição Lopes e do seu pequeno círculo de amiguinhos. De facto em termos de assistência infantil no estúdio tudo não passa, quanto a nós, de um tremendo erro de produção. Seria inclusive conveniente que se verificassem com urgência alterações profundas neste período de emissão dedicado ao público infantil.

É sem dúvida uma emissão que necessita de um *pivot* para intervir ao longo da hora e meia de forma a ligar os vários programas entre si na medida do possível, dando alguma unidade áquelas brincadeiras pouco atractivas. É evidente que o programa de Conceição Lopes comece logo por ter «falta de quorum» em pleno estúdio, com a agravante de convidar meninos que ou dormem mal de noite ou não estão mesmo nada motivados para participar... Desta vez nem a Leonor Poeira o conseguiu. De uma profunda remodelação precisa este «Tempo», quanto a nós.

O «Setenta Vezes Sete» falou-nos da actividade caritativa da «Caritas». Vários entrevistados se referiram ao auxílio aos necessitados, à Obra Vicentina e a outras formas de apoio nas paróquias. O que provocou alguma confusão foi ver que nada passou para além das palavras. Faltou ali de facto demonstrar como se verifica na prática esse auxílio.

E isso teria sido interessante porque sabemos como nesta cidade, neste País, existe um elevado índice de mendicidade e pobreza, a arrastar-se muitas das vezes penosamente pelas ruas da cidade, em muitos dos casos mães com crianças ao colo, outras vezes velhos desamparados sem família, sem que alguém, alguma instituição, algum grupo social se empenhe em apoiar essas vidas. Esta uma sugestão que aqui deixamos para um dos próximos «Setenta Vezes Sete» — um recado para António Rego e a sua equipa.

Espectáculos / 21

Telecrítica

18/3/81

Rui Cádima

Gastar vela
em mau defunto...

Dança cega esta. Desatinada. Cega-rega embruxada... Continuamos na mesma! Submersos nas atribulações de uma programação também ela a poupar energia mental, fazendo suspeitar que qualquer mudança introduzida é feita à sombra da mais ociosa das inerças, demos agora conta de outras novidades no que diz respeito ao solene vício entretanto instalado no Lumiar. Mais ou menos explicações já de nada valem.

Resumidamente falando — como diria o outro, para poupar energia, ou não gastar vela em mau defunto, desta vez ficámos sem o informativo da abertura, o pequeno espaço que dava pelo nome de «Sumário». A programação é agora cortada como sabem a partir das onze (isto é, conforme calha, como já observaram...), «sustindo» pela tarde. Cortam de um lado para pôr no outro. O português, que têm a mania de exagerar tudo, já pode dizer que qualquer dia põem os programas de manhã para ninguém ver. Assim, a administração da RTP poderia dar-se por satisfeita, pois só por si faria com que o País pouasse milhões na importação de energia...

Mas com estas alterações sucessivas, dia a dia, chegamos a uma certa altura e perguntamo-nos se tudo isto não fará parte de uma decisão mais ampla premeditadamente tomada para ser implementada a pouco e pouco, de maneira que o objectivo pretendido (que ninguém sabe qual é) seja conseguido sem que ninguém dê por isso? Será por essa razão que num dia sai uma coisa; no outro vai para o ar uma emissão que nem sequer se sabe quanto tempo vai durar (veja-se o caso do programa de variedades para «lançar» o «Censo 81»), para no dia seguinte continuar este jogo de solavancos, este jogo de incompetência?

Voltando a fazer o ponto da situação nesta segunda-feira, 16 de Março, dia da abjuração do «Sumário», vemo-nos de novo repentinamente atraçoados na nossa boa fé de acreditar na programação fornecida oficialmente pela «casa»...

Há, inclusive, locutoras-continuistas que esboçam já um malévolio sorriso irónico-receoso quando anunciam ao pacato telespectador as alterações do momento.

Pelo nosso lado, achamos que o melhor, ainda assim, é fazer como o Agílio Ribeiro quando disparatava com a múmia paralítica, lançando a gargalhada de desdem de martirizados consumidores pagantes, castigados e bem com as catadupas de «enlatados»...

Assim de repente vejam só porquê: os «Roppers», no domingo, foram dispensados para darem lugar ao fado «censitivo» e ao folclore decadente, desgarrado, de domingo à noite. Isso já vimos porque é que aconteceu (a entrar um programa cuja duração não se soube prever com o máximo de exactidão). Segunda-feira desapareceu o «Sumário» e mais para além desapareceram os próprios «módulos» que fazem habitualmente as noites de segunda — o teatro, o bailado, a ópera. Surgiu, então, para não se fugir à rotina, uma série inglesa (mais uma, «aquilo» é baratinho, bem feito, e não dá trabalho nenhum a encomendar...), de seu título «Despojos da Guerra», crónica dos finais da segunda Guerra Mundial que a partir de agora passará durante treze semanas no primeiro canal «ao lado» de «Malu Mulher».

Se pensarmos na noite seguinte, a de terça-feira, não é sem espanço que vemos programado mais um «TV Show»... Deve ser talvez para que a gente não se esqueça que ele existe. Mas quem se vai esquecer? Até agora, se há programas que ficam na memória pelo seu lado positivo (o «Zip», por exemplo), outros há que ficarão na memória pelo seu lado fastidioso. A não ser que o objectivo seja destruir essa imagem negra que perdura...

É que, no fundo, as intervenções explicativas da Direcção de Programas vêm sempre dar razão aos milhões de críticos que somos todos.

Espectáculos / 17

20/3/81

Rui Cádima

E não saímos disto!...

De segunda a sexta, com legendas.

Pelos vistos agora nem as esporádicas peças com actores portugueses veremos às segundas-feiras (ensim, muitas das que passaram mais valiam no arquivo...). Ouvimos já dizer que qualquer coisa poderá aparecer, embora nada ainda se saiba ao certo. Porém, em vez disso, agora, ao longo de treze semanas, mais uma série inglese...

Terça aparece agora com um musical (na maior parte das vezes «enlatado») — isto na RTP/1, porque na «2» continua o «Cine-Clube» com a habitual programação de grande qualidade assinada por António Pedro de Vasconcelos.

Às quartas-feiras, a noite de cinema continua no primeiro canal, tendo aparecido entretanto duas novas séries no segundo canal. A primeira, de ficção científica — «O Homem da Atlântida» com um «Ewing» no protagonista — Patrick Duffy. É uma produção norte-americana de qualidade discutível. Trata-se de uma série de ficção científica que em nada se aproxima de anteriores trabalhos no género que já passaram pela RTP. Nesta última quarta-feira, enquanto a «1» entretinha os telespectadores com «Max et les Ferrailleurs» (porventura o melhor filme de Claude Sautet, onde pontuam Piccoli, Bernard Fresson e Romy Schneider), a RTP/2, logo após a «Informação», dava-nos o terceiro episódio de «O Homem da Atlântida» — uma história sem pés nem cabeça, onde uns estranhos humanos «anfíbios» eram requisitados para uma narrativa perdida num jogo inconsistente.

A ficção científica tem as suas leis, os seus códigos discursivos, não renega dados científicos elementares nem deve ser produzida sem a lógica «futura», a verosimilhança antecipadora, facilmente perceptível pelo espectador médio. Esta série parece-nos poucò ligar a isso.

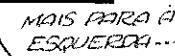
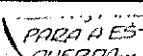
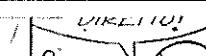
Contudo, as noites de quarta-feira na «2» têm ainda uma outra série a seguir a esta última. Foi agora exibido o segundo episódio desta nova série francesa intitulada genericamente «Os Grandes Mistérios da Música», dedicado a Franz Liszt. Chopin tinha já sido abordado no início desta série, que nos parece retratar exclusivamente a vida e a obra de grandes compositores.

Apesar de praticamente nada de novo ser acrescentado em termos historiográficos, julgamos tratar-se de um trabalho interessante, sem grandes rasgos, sem grandes meios também, mas, para além do mais, didáctico.

Ora sabendo nós que o didactismo é coisa pouco vista na programação televisiva, também que a programação cultural tem sido preterida em favor de ficções que em nada dignificam de uma maneira geral a cultura — e a cultura portuguesa de uma forma particular — é altura portanto de vos aconselharmos esta série de qualidade.

Como dissemos, este segundo episódio trouxe-nos, ao longo de cerca de uma hora, uma rápida biografia de Liszt, «boémio e franciscano», como ele gostava de se considerar, desde o período em que ainda miúdo era já considerado um menino-prodigio e mandado para Viena estudar, até à morte, passando pelas suas relações com outros compositores, pela sua correspondência e pelas suas amantes, entre as quais se encontrava Lola Montes (tratada de forma superior por Max Ophuls, o mesmo não tendo acontecido em «Lisztomania» com Roger Daltrey).

Passando agora para os dias subsequentes, dias úteis da semana, acho que nem vale a pena referir «O Táxi na Cidade» (uma produção em bolandas, em primeiro episódio que disse logo tudo). Quantos ao resto, são legendas, de segunda a sexta...



«Informação/2»:

a alternativa?

2/3/81

Já repararam todos, com certeza, nas chamadas alterações na Informação da RTP/1, após este período de seca nacional que, por coincidência (ou não), teve, na entrada de Joaquim Amaral Marques no «Telejornal», o facto mais relevante no que diz respeito às reformulações de equipas.

Outro aspecto — esse directamente ligado às consequências das dificuldades no abastecimento de energia — foi a suspensão do «Sumário» e das «24 horas». Saudades? Nenhuma.

No que se refere ao «Telejornal», as mudanças são mais de rostos do que de outra coisa... Há agora uma rotatividade semanal de equipas apresentadoras e de responsáveis de emissão, tendo pontuado nesta última semana, sem novidades, a equipa dirigida por Amaral Marques. Na próxima semana aparecerá (como está planificado, segundo julgamos) José Eduardo Monis, e os fins-de-semana estarão a cargo de Raul Durão.

Das alterações então anunciadas por Proença de Carvalho muito pouco se tem visto com estas mudanças, que nos parecem, em última instância, meramente formais. As «proençais» isenções plurais continuam iguais a si próprias — pluralismo filosófico muito «sui generis» este... Esperar alterações nítidas seria, de facto, crer no impossível. Tudo parece consolidar-se na Informação da «1». Continua a ser impedito que a imagem real do País seja dada aos milhares de telespectadores. O «levantar do véu» parece ser, entretanto, atribuição da RTP/2. Isto quer dizer que, no mínimo, é o interior do País que continua sem saber se o pão, o arroz, as águas minerais vão aumentar ou não. As «batatas quentes» da governação AD são como que um feudo da «2», quando o são.

No plano da Informação a AD diz, entretanto, que todos os partidos têm «telhados de vidro»... Poderá ser verdade nalguns aspectos. Mas no essencial nunca como agora, após a saída de João Soares Louro da administração da RTP, se verificou um constante alheamento da realidade social e económica do País. Não esquecendo a realidade cultural... Nunca, como agora, a Informação foi tão oficial, de verdades unilaterais, nunca as prioridades foram para os órgãos governativos antes de tudo o mais.

Dai o telespectador começar a procurar a alternativa, ainda a medo, alternando UHF com VHF, tentando aproximar-se mais da «Informação/2».

No nosso caso, se o não fazemos com uma maior frequência é porque na «1» se está a verificar esse período a que se convencionou chamar «de alterações». Interessa-nos, portanto, observar esse novo conjunto, ver se alguma coisa mudou, se as consequências são agora outras.

De qualquer modo, não descurramos a informação que se está a fazer na «2». Nas duas ou três vezes que temos estado com sintonia com a «Informação/2» temos verificado que uma boa percentagem dos trabalhos ali apresentados é francamente melhor que a da RTP/1, a do «Telejornal». Isto, quer no aspecto de linguagem televisiva e de qualidade do texto jornalístico quer pela curiosidade e actualidade do tema e ainda pela sua importância no plano social.

Recordamos alguns dos trabalhos de qualidade que apareceram na «Informação/2» durante o pouco tempo em que, esta semana, pudemos analisar alguns serviços. Joaquim Furtado entrou no intrincado mundo do Luna Parque-Feira de Belém-Feira Popular. Nuno Abecasis lá esteve de novo perante as câmaras a fazer-nos lembrar um outro momento aqui referido, há uns meses atrás, quando estava em discussão a construção do Centro de Arte Moderna nos jardins da Gulbenkian (mesa-redonda na «2», moderada por Miguel Sousa Tavares, na qual participou o Dr. Azeredo Perdigão). Este trabalho de Joaquim Furtado teve o mérito de, pelo menos, nos voltar a envergonhar do presidente de Município que temos.

Outros trabalhos de qualidade têm surgido, ora assinados por Fernando Pessa, ora por Diana Andriga, ou por José Alberto Machado, responsável de edição. Todos eles — e são poucos — acabam por ser «um punhado de valentes»... Faça o leitor a sua prova.

Telecrítica

23/3/81

Rui Cádima

Luculiana indigestão

Ainda não é desta que as coisas vão ficar mais ou menos ajeitadas. Apesar do tempo, do estudo das hipóteses, dos murmúrios desgostosos, do jogo do tira e põe, bem poderia agora chover a rodos que a seca nacional televisiva nem por isso deixaria de se apoiar nessa desculpa já institucionalizada, para todos os efeitos.

Entretanto, e ainda no campo das alterações (eu peço desculpa mas sinto-me impotente para resistir a este arquivo antológico) uma das melhores apareceu no sábado com o programa de informação da RTP/1.

Como sabem, o «Telejornal» tinha sido transformado aos sábados num «Jornal» com a duração de uma hora, da responsabilidade de Adriano Cerqueira. Fez neste último sábado uma semana que isso aconteceu. Na altura, estámos absolutamente convictos, o comum dos telespectadores sentiu desde logo o «pastel» que aquilo era. De qualquer modo, ficaria (ficamos) à espera da segunda edição deste «60 Minutos» para melhor ajuizar desta alteração da responsabilidade da Direcção de Informação.

Curioso e anedótico é o seguinte: ao pegarmos nos jornais e revistas que anunciam este segundo «60 Minutos» não deixámos de passar perante tamanha confusão de horários estabelecidos. Vejam só: na «TV Guia», o programa em questão aparecia com uma duração de 80 minutos; no «Diário Popular», o programa «60 Minutos» estava reduzido a 45...; no «Sete», a fórmula era «Telejornal», 35 minutos... e assim por diante. Perante isto — e o mais que se acabou por não ver — só nos restava a mais calma das conformações, aliás, reconfortada pelo próprio hábito. Não vale a pena, de facto, levar estas coisas a sério, como por aqui se vê... É claro que no meio de toda esta confusão só faltaria aparecer depois um «Telejornal» com 60 minutos de duração...

Mas as loucuras deste sábado não ficariam por aqui... Tivemos de tudo. A começar pela cozinha chinesa servida nos «Lúcules» de um «maître» que se parece mais com um mestre de cerimónias do que com um verdadeiro «chefe». Sobre isto, imaginem, o Fado de Coimbra!

Não sei se foi de propósito, mas o que é facto é que o início de um sábado assim tinha todos os perigos e mais um de causar uma espécie de indigestão, só o ponto de vista do «digest» televisivo, obviamente.

É que essa coisa de servir «Frango com Amêndoas», ainda por cima em inglês, quando temos todos à frente dos olhos o aumento do pão e da água, é, de facto, para além de tudo o mais, extremamente luculiano...

Como se isto não bastasse, vai de «carregar» com uma sobremesa deslocada da hora (e do prato). Nada mais nada menos do que o fado coimbrão, captado ali para os lados do Castelo de S. Jorge.

À noite, depois de uma tarde recheada de desporto — râguebi e futebol com fartura — e depois também de ter passado pela «2» o grande western de Howard Hawks — o «Rio Bravo» — tivemos mais um «Eu Show Nico».

O programa de Nicolau Breyner transmitido neste último sábado foi de um certo mau gosto, só explicável — também aqui — pela «seca» extensiva à imaginação dos seus autores.

Julglo inclusive que nunca tive tanta vontade de lamentar essa falta de criatividade como desta vez. Há horas de azar... O «sósia» do Nico desta vez conseguiu mesmo não ter gracinha nenhuma, o «Ispílico» se ainda causa por ai um leve riso amarelo é por razões mais que óbvias, o «Brain, Herr» idem idem, coitado, e o resto idem idem também. Quanto à Lara Li, ela foi como que ensombreada por esse pirosíssimo monumento que acabou por ser citado pelos autores do texto da «Tia Eva», já desesperados, mergulhados numa amálgama demasiado louca e provocadora.

Telecrítica

24/3/81

Rui Cádima

Música da pesada e da ligeira

Se o fado não é para ser cantado em inglês por que razão o «rock» haveria de ser cantado em português?

Esta a pergunta — e a citação — posta por Júlio Isidro e António Garcês — o *leader* e o vocalista de um dos grupos de «rock» portugueses que mais tem defendido a interpretação dos temas «rock» em língua inglesa — no final de contas a língua mãe do «Rock Around the Clock» e de outras peças da mesma família...

Tanto quanto julgamos saber foi esta a segunda vez que o grupo de António Garcês — o Roxigénio — esteve nos pequenos «écrans». Na primeira, tinham-nos sido apresentados pelo Júlio Montenegro, num cemitério de automóveis, num *play-back* demasiado forçado, enfim, uma emissão no seu conjunto um pouco infeliz, a misturar alhos com bugalhos, como assinalámos na altura.

Desta vez eles vieram ali mesmo ao Lumiar para actuar ao vivo. Um outro «décor», quatro ou cinco câmaras pela frente, e as desesperadas habilidades do Nuno Martins para os efeitos especiais que nos pareceram um tanto exagerados. Há que medir as oportunidades.

Se a banda de Garcês está ou não avançada uns bons anos em relação ao Rui Veloso — como chegou a ser afirmado pelos próprios, há bem pouco tempo atrás, é um problema que nos parece ter mais características bairristas do que outra coisa. O que é importante de realçar é o facto de os Roxigénios serem uma das melhores bandas portuguesas. E por isso mesmo a sua presença no programa de Júlio Isidro só veio contribuir, por certo, para a continuidade de uma qualidade que todos desejamos, mesmo quando o «rock» não é o género preferido por determinados sectores mais conservadores nestas coisas da música.

Mas o «Passeio dos Alegres» teve vários outros participantes ao longo daquela tarde quase musical (desta vez sem o «Magazine/7», para variar). Logo a seguir aos Roxigénio tivemos um magnífico filme de Stefanie Schoener sobre o não menos magnífico Mike Oldfield, um dos poucos músicos que trouxeram ao «rock» uma dimensão erudita, isto logo com o seu primeiro trabalho «Tubular Bells».

O trabalho de realização que vimos deveria ser seguido nos centros de formação da RTP uma vez que permite, a rigor, a análise da melhor forma de se filmar um concerto com poucos instrumentistas no «plateau». Nesse aspecto o trabalho de Schoener foi a todos os títulos notável dando-se, inclusive, ao luxo de colocar as câmaras à espera de um pequeno solo imediato com dois ou três compassos de um ou de outro instrumentista, quando não acontecia mesmo que a «planificação» seguia de uma forma correctíssima a passagem de um clarinete para um sax, ou para os vibrafonistas.

Para além da própria filmagem dos concertos dados por Mike Oldfield no seu Tour europeu de 1980 há ainda a notar a excelente montagem de todo o material — onde foi inserida, no final, mas em montagem paralela, uma curta entrevista com esse fabuloso músico que acabou por pôr em palco 11 músicos produzindo um som só conseguido em estúdio ao fim de misturas de cerca de oito bandas.

Júlio Isidro não se esqueceria de um outro público, com o *country*, os temas românticos e ainda o *reggae*, acabando por trazer ao «Passeio» o vencedor do último festival RTP da canção — Carlos Paião, que trouxe consigo os «souvenirs» e os «play-back» e ainda as Cocktail, plagiadas no final por um amadoríssimo grupo de nove imitadoras com o tema «Pouco a Pouco». Enfim, no meio daquilo que temos o «Passeio» dos domingos à tarde tem sido feito com inteligência. Não se pode dizer que não agrada...

Telecrítica

25/3/81

Rui Cádima

Dispenso este «Telejornal»

Se este País fosse um autêntico elo da «aldeia global» maccluhaniana na sua idade microelectrónica mais avançada seria possível a qualquer consumidor, em qualquer altura, saber se um determinado facto social, se uma manifestação, se uma greve de grande relevância tinham ou não acontecido — ou, inclusive, se nesse mesmo momento estavam a acontecer.

Na prática: se o leitor fosse hoje já um assinante da nova fórmula de informação audiovisual com base no teletexto difundido pelo sistema de microelectrónica computadorizada, e se, por exemplo, na segunda-feira ao chegar a casa à hora do «Telejornal» quisesse ser informado acerca da greve da Petroquímica e da impossibilidade de fornecimento de gás à cidade de Lisboa, teria que esperar uns bons 25 minutos antes que viesse a informação laboral daquele jornal televisivo. Só ao fim desse tempo veria um José Eduardo Moniz apressadíssimo em informar em poucos segundos (leia-se: dois ou três minutos) três notícias de carácter sindical com a greve dos trabalhadores da Petroquímica em primeiro lugar, logo de seguida a greve dos trabalhadores da Direcção-Geral do Tesouro e depois a manifestação da Função Pública.

Antes disso tivemos variada informação — pelos vistos julgada mais importante pelos responsáveis (?) do «Telejornal»...

Que vimos nós? A visita de Joaquim Chissano, uma reportagem da Assembleia da República com destaque para a intervenção de Adriano Moreira (sem off na locução para a resposta de João Cravinho — sintomático o tratamento dado ao deputado do PS), noticiário internacional e tudo o mais que a gente já espera. Só não puderam o desporto e o boletim meteorológico antes...

Daqui se deduz que a população de Lisboa, os funcionários públicos de Norte a Sul, a população do Porto (greve nos transportes colectivos do Porto), as consequências do conflito da EDP, e muitos outros conflitos que nem sequer um «flash» tiveram, nada disto mereceu um destaque especial aos «amorfo» burocratas do «Telejornal».

O mesmo não aconteceu — felizmente — no serviço apresentado nesse mesmo dia e à mesma hora na RTP/2. Os homens da «Informação/2» estão assim mais uma vez de parabéns por terem conseguido cumprir na missão de informar que lhes cabe perante a grande maioria dos portugueses que não estão mais para «aturar» a manipulação política a superintender o serviço informativo da RTP/1.

Estamos fartos deste serviço informativo manhoso, subserviente e propagandístico. Estamos fartos e sinceramente envergonhados.

Com o teletexto tudo será diferente... Insatisfeitos por esse ostensivo encobrimento da realidade social do País, os telespectadores de imediato mandariam aquele vergonhoso serviço «às urtigas» para serem informados por outras vias.

Desta vez foi a «Informação/2» a dar-nos a notícia no seu devido tempo. Mas será sempre assim? E o que terá de ser feito no «Telejornal»? Estamos no direito de exigir o seu encerramento... Não por um mês ou por quarenta dias, como aconteceu no passado recente com a «Informação/2», mas pelo tempo que demore a surgir um serviço de notícias que dignifique o País dando dele um retrato fiel sem o «marketing» partidário e governamental, sem a propaganda política.

Espectáculos 21

Telecrítica

Rui Cádima

Sabe quem escolhe por si?

É sem dúvida «a publicidade». Voltamos à escolha da nossa dependência. De vez em quando temos que mergulhar neste autêntico submundo da sociedade de consumo. Há que, neste caso, estar atento àquilo que mais directamente nos diz respeito. E não só com os espaços reservados por venda à publicidade. Também com os outros.

Várias são as «publicidades»... Desde a paga à subornada, da subliminar àquela feita às claras sem intenção de susceptibilizar inconscientes, dos «tempos de antena» às notas oficiosas, da promoção de programas à promoção de espectáculos em que a RTP participe, enfim, dos «slides» alusivos a um determinado acontecimento relevante aos avisos de pagamento de taxas, tudo isto se poderia integrar no capítulo mais largo que é a publicidade.

Subliminar. Ainda recentemente um jornal especializado em temas de televisão e espectáculos — O «TV-TOP» — dava «caixa» de primeira página ao chamado «escândalo» do Festival da Canção deste ano. Provava aquele semanário que na sua gravação video do programa tinha ficado «esquecida» uma pequena faixa de videotape com a palavra «play-back» gravada, isto imediatamente antes de Carlos Paião iniciar a apresentação da sua canção. Que este precalço tenha sido um erro técnico de montagem ou não isso pouco interessa. O facto é que este «insert» funcionou de forma subliminar como têm funcionado muitas vezes outras tentativas menos ortodoxas de atingir o telespectador nas suas opções como consumidor. Desconfiamos que noutro sítio qualquer o Festival teria sido considerado como manietado, falseado no seu resultado e, nessa medida, teria sido desclassificada a canção vitoriosa. Mas em Portugal tudo é possível. O «fechar de olhos» é já velha instituição.

A publicidade «subornada» conseguida através de «luvas» dadas a profissionais corruptos é outro aspecto da questão. Normalmente não existem provas de acusação. Tudo é feito, segundo penso, com todas as cautelas para que nenhuma das partes possa ser atingida.

Sem querer acusar ninguém — por ora — direi só que é frequente nos trabalhos realizados em Portugal (e em todo o Mundo) ver as câmaras apontar para um determinado sítio tendo sempre o «azar» de apanhar um painel de publicidade, um cartaz, um anúncio, um slogan de parede, os grandes anúncios luminosos, etc.

Um dos casos mais flagrantes neste aspecto foi aquele longo *travelling* em plena Praça Humberto Delgado, no Porto, com o táxi da cidade guiado por Jacinto Ramos a apanhar bem em cheio todos aqueles grandes painéis publicitários ali instalados.

Mas o curioso é que até existem casos denunciados de tentativa de aliciamento não concretizado. Foi o que aconteceu recentemente com um jornalista da RTP, repórter do «Telejornal» e responsável pelo «Magazine/7» — Luís Pereira de Sousa. O que é estranho é também aqui se «fechar os olhos» não se imputando responsabilidades aos infractores.

Outro género de publicidade muito «em voga» na RTP são os tempos cedidos a campanhas sociais. É o «Dé Sangue», o «Poupe Energia», é o «Censo/81», é a nota da CRGE, o «Ano International do Deficiente», o «Não deite papéis na rua», o «Vamos dormir», o «Não tome banho depois das refeições», etc, etc, etc. Depois é o «Vá ao futebol», o «Vá ao Stan Getz», o «Veja o Dallas», o «Não veja o cinema português»... (este em regime de austeridade), etc, etc, etc.

Tudo isto contabilizado ao fim do ano... Uma história: na Globo despedem-se profissionais com justa causa por aparecer um «branco» na emissão com meia dúzia de fotogramas... Isso é lá... Por cá,

Telecrítica

24/3/81

Rui Cádima

O OGE e o tio Patinhas

Temos que viver com aquilo que temos. Por muito que queiramos dispensar o «Telejornal» dos nossos pequenos ecrãs teremos que lhe dar algum do nosso tempo, quanto mais não seja porque é esse o serviço informativo que a maior parte do povo português segue habitualmente.

Um dia depois do Orçamento Geral do Estado ter sido aprovado na generalidade pelos deputados da AD, o «Telejornal» abria com José Eduardo Moniz a dar uma rápida notícia do facto, citando, nomeadamente, os números de votação — e pouco mais.

Este obviamente um procedimento idêntico ao do comentarista desportivo que, quando adepto de um clube, dá só os resultados finais — e as felicitações pela vitória — esquecendo o decorrer do «prelo», os erros da arbitragem e a má técnica dos seus «driblers».

De imediato passaram a Lopes Araújo — em directo de S. Bento — que numa curta interferência resumiu as sessões do dia. Em directo também, mas agora do estúdio, uma outra «peça» deste espetáculo. Um comentarista de política económica, não menos filiado no clube que preside a toda esta estratégia — chama-se o senhor: Sarsfield Cabral, figura conhecida do grande público televisivo, mas por certo, dada a sua explícita filiação à considerada «maioria», das figuras menos indicadas para uma intervenção nas circunstâncias que se apresentavam.

Tivemos assim que suportar aquela desalmada pressão sobre todos nós — todos os incrédulos em tais OGE's e em tais Planos. Sarsfield Cabral, o mais crédulo dos crédulos, não desdenharia inclusive o «slogan» mais repetido de Pinto Balsemão: «Este é o único OGE com uma estratégia a prazo, uma vez que é o Orçamento de um Governo para 4 anos...»

Estava assim encenada a comédia. Faz-me lembrar o que disse uma vez Jean-Louis Barrault — quando se tratava de encenar um clássico da comédia francesa: fazia-lo sempre pelo lado do trágico. Mas quando pegava nos anátemas dos iluministas ou nos trabalhos mais sarcásticos de Molière encenava um drama a rigor. Assim está agora o «maestro» deste «Telejornal» oficioso que nos malgovernam: drama, das dramáticas opções do Plano, constroem a comédia rosa, as melodias em parada e lançam fogo colorido. E fazem de todos os espectadores os próprios actores... Enganam-se.

Quanto aos detractores, não os esquecem. Pegam neles com todos os cuidados, apanham-nos caricatos, para que o «quadro» desejado fique completo. O «apanhado»: Carlos Brito, deputado comunista, em voo rasante sobre o ministro dos Assuntos Sociais, Carlos Macedo. Não exactamente sobre as questões sociais, mas sobre as questões patrióticas, tão bem defendidas que estão por cada um dos lados...

O primeiro acto chegava assim ao intervalo. Pensámos que na segunda parte João Eduardo Moniz teria nos estúdios o Tio Patinhas, ou o Tio Sam, como convidados para debater o tema dos sessenta milhões para o armamento e dos 0,34 por cento para a Cultura... Enganámo-nos.

A tragicomédia prosseguiria no final em jeito de «Suplemento». Seria o resumo dos trabalhos da véspera. Pinto Balsemão avançaria as razões políticas dos três documentos aprovados na generalidade (Orçamento Geral do Estado, Plano Anual e a Médio Prazo), documento, aliás, já por mais de uma vez identificado com o «ventre» que o gerou, o CDS. Jorge Miranda teria tempo (?) para se referir à (in)justiça, social que anima os textos. O mesmo seria feito em relação a outras intervenções da Oposição.

A procissão vai ainda a passar o pórtico. O Tio Patinhas virá da *dólarlândia* para explicar tudo isto «em directo». É que o nível inflacionário de 16 por cento vai ser mantido até ao final do ano, por muito que centrais de intoxicação como o é com certeza o «Financial Times» digam que entretanto, no mesmo espaço de tempo, o défice da balança comercial vai duplicar. Mas o Tio Patinhas vem

Telecrítica

28/3/81 Rui Cádima

Se houvessem actas na Gomes Teixeira

Em dia *não* — no que diz respeito principalmente à programação da RTP/1 e também ao «Taci» da «2» — um interesse especial era dado, de qualquer modo, ao encontro entre a equipa de Bolonha e o Maccabi de Tel-Aviv, para apuramento do vencedor da Taça dos Campeões Europeus em Basquetebol.

Grande Taça dos Campeões Europeus em Basquetebol.

Grande jogo este a deixar-nos a ideia de que toda aquela fase final de constantes alternâncias no marcador se afirmou sem dúvida nenhuma como um dos espectáculos desportivos do ano televisivo, a par, até este momento, do Torneio das Cinco Nações e dos jogos de futebol em que o Benfica tem sido equipa privilegiada.

Para além do jogo de *basket* nada mais era oferecido ao telespectador em termos de programação mais completa, fora do esquema tradicional que é, no fundo, o «eixo» da programação: infantil, divulgação, telenovela, telejornal (e à noite é o que Deus quiser...). Desta vez, porém, a «Água Viva» fez de programa da noite... Coisas da seca.

Perante uma alternativa destas e sabendo nós à partida que a novela de Gilberto Braga está agora numa autêntica fase de «fazer render o seu pouco peixe» (em torno dos mais exacerbados sentimentos projectados no grande auditório através da pequena Maria Helena — a orfã que tão depressa aparece como desaparece deixando «todo o mundo» em «suspense»), fomos levados mais uma vez a escolher, entre o pouco que nos era dado, a analisar em paralelo os dois serviços informativos, desta vez no ar em horários diferentes.

Para isso fomos obrigados a abandonar por um pouco a final de *basket*, mudando para a «2».

O primeiro trabalho apresentado por António Santos referia-se um tanto ou quanto surpreendentemente ao pedido de exílio do escritor colombiano — um dos nomes de maior prestígio da literatura sul-americana — Gabriel García Marquez, ao Governo do México. A «Informação/2» prosseguiria no «Internacional» em El Salvador, a Polónia e a Inglaterra, passando depois a alguns temas «quentes» nacionais, como por exemplo o caso das acusações a um dirigente do PSD do Porto de estar ligado a uma rede de traficantes de droga; o regresso a Lisboa do correspondente da Anop em Bisau, a greve na Petroquímica, a poluição no estuário do Tejo, etc.

No conjunto, um serviço equilibrado, talvez com um António Santos um pouco lento, mas em compensação com um Artur Albaran (que já há muito não viamos assinar trabalhos na informação escrita e falada) a apresentar-se em grande forma com dois ou três apontamentos neste bloco.

Na «1» de novo com os últimos minutos da final de *basket*, logo seguida do «Telejornal». Mais uma vez — e não seria de esperar outra coisa — a deceção. As relações externas de Portugal a nível ministerial estiveram em foco (com Chissano e Alexander Haig a responder do outro lado), seguindo-se-lhes o grande bloco «Internacional».

Entraríamos no «Nacional» ainda com o Conselho de Ministros e Basílio Horta a falar da Lei das Nacionalidades. «Telejornais», «Teleministros»..., pensámos. Por pouco que não nos leem as «actas» da Gomes Teixeira...

O OGE voltaria (para terminar significativamente com Amândio de Azevedo a falar da Polónia — vejam lá os «cortes» que se estão a fazer neste serviço), a «Água Viva» roubaria nada mais nada menos do que vinte minutos à poupança nacional e o «Táxi na Cidade» continuava na sua agonia, agora fazendo a apologia das maiorias silenciosas e da caridade burguesa a dar «borlas» para Londres. Uma desgraça!

Telecrítica 30/3/81

Rui Cádima

À margem: uma Conferência de Deficientes e um Congresso de Emigrantes

O exemplo vem da Áustria. Qualquer sinistrado do trabalho nesse país é rapidamente assistido em hospitais especializados no tratamento de lesões graves ocorridas durante ou mesmo fora do horário de trabalho.

«Novos Horizontes» — o programa que tem procurado chamar a atenção para a problemática do deficiente em Portugal e sua inserção na sociedade — teve desta vez no estúdio um diplomata austriaco em serviço na Embaixada de Lisboa que nos veio explicar num português claro como espera que vá decorrer a III Conferência de Reabilitação a realizar este ano em Viena de Áustria.

Segundo afirmou várias dezenas de países, principalmente países europeus, irão estar presentes neste encontro extremamente importante a realizar no próximo mês de Abril, no decorrer das comemorações deste Ano Internacional do Deficiente.

Percebemos porque é que na Áustria há já uma outra habituação, uma outra forma de ver na prática, no quotidiano, a situação do deficiente. É uma questão social que os austriacos enfrentam desde o início da I Guerra Mundial quando o Império Austro-Húngaro se começou a ver a braços com os primeiros feridos da frente ocidental. A partir daí e depois também com as consequências da II Grande Guerra, o Estado austriaco pôs-se de imediato em relação a este drama social, tendo construído toda uma infra-estrutura hospitalar para atender da melhor forma possível a todos os sinistrados — na altura portanto sinistrados da guerra. Hoje, é claro, essas infra-estruturas estão voltadas para a medicina do trabalho. Foi o que vimos numa breve curta-metragem nesses centros de assistência, centros de recuperação para deficiente nos quais não é inclusiva descurada a educação física dos corpos. Uma bela experiência vincente portanto nesta emissão de «Novos Horizontes» — oásis da programação da RTP neste Ano Internacional do Deficiente.

Uma outra reunião importante — esta especificamente portuguesa — é o I Congresso das Comunidades Portuguesas a realizar no próximo mês de Junho em Lisboa.

Este I Congresso já tem uma história digna de apreciar, aliás bem interessante (...) como sabem, pois foi de facto um Congresso, que se esteve já para realizar não o tendo sido devido às divergências entre o Governo de Sá Carneiro e o Presidente da República. Vai sê-lo agora. Todos sabemos o significado destas manobras políticas. A AD pretendia surgir como a organizadora deste Congresso. A polémica aliás ainda não terminou; mas parece que conseguiram os seus intentos.

Quem veio agora introduzir esta questão foi o dr. António Gomes da Costa, presidente da Federação das Associações portuguesas e luso-brasileiras do Rio de Janeiro. Muito oficioso esta «Tropicália» quase que a seguir religiosamente as instruções emanadas da Direcção da Informação. Gomes da Costa não deixou inclusive de levar na manga uma citação de Adriano Moreira, como que apregoando uma clara intenção política a presidir a este Congresso. Coisas do antigo...

E já que estamos entre questões de âmbito social vale a pena recordar que pouco ou nada se fez na passagem do Dia Mundial do Teatro, nem no Dia Nacional da Juventude, isto para além de um outro Congresso vir a ter as honras da Informação, neste fim-de-semana que começou logo com a renovada presença de Freitas do Amaral ainda na sexta-feira. E a reunião sobre o nuclear no Pavilhão dos Desportos?

Um abraço

Para o José Mensurado pelas suas declarações ao «Expresso».

Uma desculpa

Pelas gralhas no texto de sábado, não revisto, a começar pelo título sem reticências.

Telecrítica

Rui Cádima

E que tal uma «Febre de Domingo à Tarde»?

No texto de ontem, sobre a programação de sábado, referimos-nos a aspectos «marginais» na habitual programação televisiva uma vez que qualquer das situações abordadas, quer nos «Novos Horizontes» (Conferência de Viena sobre o deficientes), quer no «Tropicália» (I Congresso das Comunidades Portuguesas) deviam merecer da nossa parte uma referência crítica não só aos programas em si como também ao significado social e político desses acontecimentos.

Como o leitor reparou, o facto de nos debruçarmos exclusivamente sobre esses dois programas impediu-nos de fazer referência à restante programação de sábado. Isto só por si poderia causar com razão a crítica da critica, com base explícita na não referência de outros programas.

Vamos, porém, remediar o problema. E interessa-nos fazê-lo principalmente porque a programação de sábado foi no seu conjunto bastante razoável — o que é de qualquer modo raro no nosso dia-a-dia de telespectadores.

Assim, para além dessa «instituição» consagrada já pelos mais pequenos (a «Animação», de Vasco Granja), tivemos também o campeonato do Mundo de Corta-Mato em directo de Madrid. Portugal participou como sabem nas várias classes — juniores e seniores masculinos e femininos — e das várias competições tivemos nos pequenos ecrãs a cobertura em directo. Sob o ponto de vista da realização ela teve alturas extremamente deficientes (veja-se, por exemplo, a não captação da chegada de Mamede). No entanto, o que nos parece de reter é o facto de se ter perdido demasiado tempo numa transmissão com três provas que na sua totalidade duraria cerca de uma hora. A própria transmissão da corrida em juniores é discutível.

E passemos à «Traviata», de Verdi — uma das óperas máximas de um autor dos mais representados nos palcos do mundo operático. Queremos essencialmente felicitar a RTP pela transmissão em directo (a primeira na história da nossa televisão) desta ópera, com legendagem simultânea (também aqui bom trabalho).

Quanto ao «Eu Show Nico» — agora a dar as «últimas» — não nos vai deixar para já grandes saudades. Julgamos que muito melhor pode ser feito (e não negamos à equipa de Nicolau Breyner a mínima capacidade para isso, podendo com certeza ser tudo uma questão «económico-política»...). De qualquer modo, da maneira que os vários «sketches» têm surgido ultimamente, só nos resta agora esperar por uma melhor alternativa. Saudades poderão ficar da Tia Eva, essa divertida moça social-democrata...

Domingo. Vamos já direitinhos para «O Passeio dos Alegres». Mais uma boa tarde musical aquela que nos ofereceu Júlio Isidro. Mas há uma dúvida que, entretanto, nos assalta cada vez com maior premência: Não será melhor em vez de serem produzidos dois programas com muitas semelhanças entre si — um na Rádio Commercial — a «Febre de Sábado de Manhã», outro na RTP, reunir as duas Empresas Públicas para a produção de um só programa a transmitir, após as alterações necessárias, em directo para os dois media? É que a continuarem a verificar-se as repetições sucessivas de intérpretes de um programa para o outro, de sábado para domingo, tudo seria melhor com certeza se Júlio Isidro realizasse um só grande programa que reunisse verbas de produção tanto da RTP como da RDP.

Domingo à noite: a excepção do «fado-freak» no revivalismo fadista do negro destino nacional-obscurentista como «prenda» para o início de uma semana de trabalho. «Dallas», por seu lado, voltou a mostrar à transparência que é uma série inferior a tantas outras que já nos têm vindo dos E.U.A. O que aconteceu com esta série foi ter a promovê-la uma equipa excepcional. A *dallasmania* não passa de um *bluff*.

Telecrítica

14/81

Rui Cádima

O atentado a Reagan: reportagem para a História

Segunda-feira: um «grande momento» de televisão surgiu inesperadamente nos nossos ecrãs. Tratava-se de uma retransmissão para os dois canais do atentado realizado horas antes em Washington contra o presidente norte-americano, Ronald Reagan.

Nesse momento estavam no ar os dois serviços informativos da RTP. Através de qualquer uma das edições especiais — quer através do «Telejornal» com Joaquim Amaral Marques, quer através da «Informação/2» com Artur Albaran, pudemos assistir a essas imagens impressionantes — trabalho que leva à glória qualquer *cameraman*, por assim dizer, um misto de grande reportagem e de documentarismo oficial que segue todas as passadas do presidente, para o que der e vier...

As imagens, transmitidas via satélite e chegadas a Lisboa com uma diferença de aproximadamente três horas em relação ao horário em que sucedeu a tentativa de assassinato, possuíam de facto a nudez cruel, só captável pelo grande repórter perante o grande acontecimento. Num plano só, e sem necessitarmos de qualquer comentário, tivemos perante a nossa própria incredulidade um momento que virá a marcar por certo aquilo que poderá ser desde já considerado como um dos documentos do ano em termos de informação televisiva.

É interessante notar que neste trabalho, de resposta imediata em qualquer redacção, a «Informação/2» soube, mais uma vez, apresentar-se com mais dados sobre o acontecimento e com uma informação mais em cima da hora do que a sua congénere do primeiro canal.

Quando na RTP/1 era anunciada uma edição especial do «Telejornal» para as 22.50h, com «tudo» sobre o atentado contra Reagan, já a «Informação/2» tinha avançado alguns aspectos cruciais dos factos, através de Artur Albaran.

Por volta das 22.30h a «Informação/2» surgia em segundo bloco especial, referindo desde logo um «telex» em que era noticiada a zona atingida, na parte superior esquerda do corpo de Reagan. Neste preciso momento também entrava no ar um inesperado serviço no primeiro canal (inesperado porque havia sido já anunciado para mais tarde — para depois do final do episódio da série «Despojos da Guerra»), o qual, por razões óbvias e também com certeza por um certo «enferrujamento» de processos, começaria por informar com atraso em relação ao que estava a ser dito na «2». Um exemplo é o «telex» que dá notícia da operação ao pulmão esquerdo do presidente, atingido por uma bala.

Passa entretanto o filme do atentado — excelente documento como já dissemos. Acompanhada nos exteriores do hotel onde Reagan proferiu a sua conferência, a comitiva do presidente era seguida tanto quanto pudemos perceber por duas câmeras vídeo, que faziam a cobertura em directo para uma estação de televisão de Washington, que não chegámos a saber qual era. Este pequeno filme surgiu em simultâneo nos dois canais como dissemos. No final, ainda a «Informação/2» a «passar a perna» à «1» com as declarações de Carlos Pinto Coelho, um tanto improvisadas, algo emocionadas também pelo facto de acabar de chegar dos Estados Unidos, mas nas quais conseguiu mostrar como muitas das vezes as atitudes autoritárias (e nem sempre por causa disso) provocam naquele país reacções isoladas deste tipo. O «Telejornal» das 23h, no encerramento da emissão da «1», nada veio acrescentar ao que já havia sido dito, tendo inclusive posto no ar uma conversa telefónica com Washington que nada trouxe de novo, mais uma vez, ao que tinha ficado para trás. O mesmo se passou com o «forcing» final da «2». Mas, enfim, são serviços de encerramento de emissão. Justifica-se por isso.

Telecrítica 2/4/81

Rui Cádima

Aproximação à «Antropologia da Prateleira»

A seca continua a «secar» a Direcção de Programas e também a sua confessaora que tudo lhe abençoa — a Administração da casa.

Não há fumo sem fogo — diz o provérbio — e se correm rumores em relação à demissão de Maria Elisa é porque algo se passa de facto. Uma coisa é certa: Maria Elisa continua a «perder o pé» nesta exaurida quotidiana de atribulações na programação televisiva. E não só aí como todos temos visto.

Na verdade tudo parece aproximar-se de um fim próximo.

Por exemplo, nada do que temos vindo a propor de há cerca de seis meses para cá foi ainda realizado. Fala-se nalgumas produções portuguesas em rodagem, fala-se em muitos projectos a pôr em andamento, fala-se numa telenovela...

Porém, se começássemos a falar daquilo que nos tem faltado ao longo de todos estes meses — do mais elementar em qualquer mapa-tipo — teríamos que nos resignar raiosamente perante tão elevada desconsideração para com a nossa cultura, para com a nossa própria identidade nacional.

Para além das fronteiras do Lumiar custa a crer que Portugal exista. Estamos perante um feudo governado por um «Maquiavel à moda do Minho» (ou à moda de Caçarelhos — tanto faz). É nesse «centro do nosso mundo» (credo!) que se podem sonegar às mil maravilhas as grandezas e misérias deste País. Há quem esteja interessado nisso, obviamente. Não é por acaso que a comunicação afecta ao Poder — no fundo os mais poderosos órgãos de comunicação social — escondem com o mais soberbo despudor um surto grevista com as dimensões daquele a que temos assistido — verdadeira resposta popular às medidas de grande injustiça social tomadas pelo Governo Pinto Balsemão.

No que diz respeito às alterações habituais, elas não têm faltado. De sábado para terça-feira ficámos só sem a Shirley Bassey, sem o «Limite» de Manuel Varela (que se propunha tratar da ecologia sob o générico «As árvores não morrem de pé»), sem o já por duas vezes anunciado e por isso mesmo malfadado «Em defesa do consumidor», e também sem o Steve Harvey.

Paradoxalmente a média está a subir com as chuvas!...

Novidade é o aparecimento de um programa dedicado à temática da preservação da natureza. A ideia que fica é esta: o «Limite» fica para trás mas vai-se direitinho à Embaixada dos Estados Unidos da América buscar um filmezito que trate do mesmo tema — sai de borla e tudo. E se o estafeta tiver o passe social...

De facto, têm surgido de há duas semanas para cá uns programas de carácter ecológico produzidos pela International Communication Agency. Esses programas têm passado às segundas-feiras, antes da telenovela, no espaço anteriormente dedicado ao desaparecido «Qualidade de Vida» do arquitecto Sena da Silva. Não é que estes programas não tenham qualidade. Só poderemos ter a recuar é que a austera administração descubra este «filão»... Então depois «adeus» produção nacional...

Contra um estado de coisas algo mirabolantes a nível interno, as vozes começam a fazer-se ouvir. A dar razão a esses protestos está a realidade nua e crua. Primeiro um homem da Informação — Mensurado. Agora um homem da cultura — Listopad. Quem se segue?

Telecrítica

Rui Cádima

Novos feminismos velhos machismos

Novos feminismos têm sido, ao fim e ao cabo, os temas desenvolvidos por «Mulher a Mulher» desde que há uns meses atrás nos apareceu o primeiro programa.

Maria de Lurdes Pintasilgo é uma mulher suficientemente conhecida intra e extramuros para estarmos agora a acrescentar algo sobre a sua personalidade.

O facto de este grande nome da cultura portuguesa contemporânea ter encontro marcado com o telespectador deveria (como acontece em qualquer país deste Mundo, socialmente avançado) merecer uma chamada de atenção para a sua apresentação próxima. Poder-se-á dizer que nós, em termos de Televisão, não somos um país desenvolvido... Para o caso tanto monta. O que interessa é que à frente dos media estejam pessoas que na altura exacta saibam informar da importância de um programa.

Como sabem a RTP está superlotadíssima de tempos de promoção de programas, acontecendo na maior parte das vezes que só é promovido aquilo que para além de não nos falar em directo na nossa língua provoca no receptor a mais mortífera das apatias.

«Dallas» é promovido — três ou quatro vezes durante a semana, se preciso for. O Festival da Canção é promovido. O futebol pode ser promovido. As marcas de calças, quem veste e quem despe, quem oferece produtos de beleza — todos eles podem ser promovidos. Maria de Lurdes Pintasilgo não. O facto de ela própria representar em si uma alternativa, o facto de ela propor algo de diferente lança-a na prateleira das figuras públicas a esquecer. Não fosse o «Mulher a Mulher» e o esquecimento seria total.

Pintasilgo não é, de facto, um nome afecto aos «príncipes» do Lumiar. Não porque os novos feminismos tenham também sido atraídos, mas tão só porque o famigerado maccarthismo salojo se instalou no poder e não deixa de actuar com a perseverança de uma áprumada secção de propaganda. Quer se quira quer não os novos feminismos claudicam na RTP perante esse machismo de campina abandonado ao que parece a uma solitária e prolongada agonia.

Dai que «Mulher a Mulher» não tenha sido devidamente anciado para quarta-feira que passou.

Em causa os movimentos de mulheres e a situação da mulher na sociedade contemporânea. Esta problemática tem, aliás, vindo a ser tratada com grande lucidez no programa de Isabel Barreno. Nas últimas emissões tivemos por duas vezes o contacto com núcleos «Graal» dos arredores de Coimbra. Desta vez estivemos com Maria de Lurdes Pintasilgo também ela uma mulher desse movimento cristão que é o «Graal». Esta conversa com Isabel Barreno surgiu a propósito da publicação em França de um novo livro da ex-primeira-ministra portuguesa intitulado «Les Nouveaux Féminines».

Lurdes Pintasilgo poria em causa a nova ideologia dominante industrialista, alertando essencialmente para o facto de as mulheres — a metade da população deste planeta — necessitarem de fazer ouvir a sua voz na luta pelas verdadeiras necessidades básicas e elementares do nosso quotidiano. Outros aspectos alternativos não seriam esquecidos como, por exemplo, os movimentos antinucleares, as propostas autogestionárias, a própria expressão na primeira pessoa não deixou de ser abordada através da sugestão da assunção do sujeito nas circunscrições do poder não delegado.

Foram as metas da felicidade propostas por Maria de Lurdes Pintasilgo. Obviamente, demolidas de promoção.

Telecrítica

4/4/81 Rui Cádima

Regionalizar a Informação

A questão da regionalização em termos exclusivamente informativos está ainda muito confusa, muito mal delineada; como, aliás, sempre aconteceu na RTP. Não nos lembramos de nenhum momento em que se pudesse observar um trabalho claramente positivo neste campo.

Trata-se, na verdade, de uma questão extremamente complexa que se torna cada vez mais necessário resolver nas suas cambiantes, de distrito para distrito, criando um período de resposta imediata e criteriosa enquanto o próprio departamento de Informação não descentralizar e autonomizar esses mesmos serviços de Norte a Sul do País.

Por isso mesmo falar de regionalização é falar de descentralização. Na RTP prossegue como sabemos um confuso sistema de programas dedicado às regiões com base essencialmente no «Pais, País», no «Desporto Regional» e no «Res Pública». Para além disso nada mais. Nem, aliás, era preciso tanto... O «Pais, País» deveria ser mais curto e mais dinâmico (quanto mais!), o «Desporto Regional» da forma que tem sido apresentado praticamente não tem razão de existir, e o «Res Pública» tem tido qualidade nalgumas emissões transmitidas do Porto.

Trata-se, portanto, de um complexo problema que implica, por um lado, uma regionalização em termos práticos e técnicos, — operação de orçamento imprevisível, e, por outro, a manterem-se as coisas como estão, a proceder a profundas alterações de equipes coordenadoras e inclusive de jornalistas especializados.

Quanto ao «Pais, País», e ao «Telejornal», que intercambiam material entre si de forma algo aleatória, há que voltar a sublinhar o aspecto mais negativo, comum a ambos: a subserviência perante o governo que temos e também o servilismo mais transparente, como temos visto, a um jornalismo televisivo quase na pré-história do seu amadorismo...

Este intercâmbio, que muitas vezes assenta pura e simplesmente no carácter oficial da notícia (quando «mete» ministro é o «Telejornal» que a dá), vai sobrevivendo com as poucas novidades reunidas no dia-a-dia redatorial.

Por outro lado, sabemos que o «Pais, País» tem os seus correspondentes regionais, os quais têm aparecido com alguma frequência a tratar de assuntos que conhecem de bem perto. É uma hipótese a considerar também, ainda que não passe de um remendo comparada com as profundas alterações necessárias e já experimentadas na maior parte dos países europeus.

Mas já que citámos o «Res Pública» conviria ver neste caso a múltipla variedade de sentidos que por ele perpassa — uma variedade que não quer dizer qualidade plural, antes se afirma como recusa em permitir a afirmação da especificidade de um programa (que a poderia ter já e extremamente interessante), antes se afirma como catalizadora de uma mediocre difusão. «Res Pública» é válido como nos tem sido apresentado do Centro de Produção do Porto — lembramos os trabalhos de José Cruz, como, aliás, aqui já demos nota, e agora mais recentemente um outro programa sobre a região do Lindoso.

Virá o tempo em que a Informação será dada de forma autónoma, descentralizada em cada capital de distrito através de Centros de Informação Regionais. Mas isso não acontecerá com a AD, muito menos com a actual Direcção de Programas (o caso «Hélder Freire» é um belo exemplo)...

Telecrítica

6/4/81

Rui Cádima

Dublin: a contemplação da miragem

Mais uma vez, com a sempre esperada contemplação transformada no final em bocejo (os artifícios que fazemos para justificarmos a habitual carga de «déjà vu» que estas coisas contêm...), assistimos à afirmação da nossa própria mediocridade.

O acto em si de estar disponível para uma tal manifestação — para o Festival da Canção da Eurovisão — assume muitas vezes o aspecto de mera formalidade, de cumprimento de um ritual que sabemos público. Isso costuma acontecer, em geral, com os programas de grande audiência, sem que muitas vezes se saibam quais as verdadeiras razões que «obrigam» a estar presente a uma determinada emissão por outras razões que não aquelas que exercem directamente o fascínio — e que nessa medida nos completam o prazer.

O Festival da Eurovisão está nesse caso. O seu auditório atinge uma das percentagens mais altas neste tipo de transmissões por satélite. Há como que uma consciência universal que nos impele a aceitar aquele espectáculo a um nível de comprometimento na nossa aldeia planetária.

Atenção invulgar portanto para este espectáculo. Mesmo que à meio caminho se invertam os centros de atenção do próprio espectáculo. Sabe-se que no dia seguinte o tema é o Festival. Comentários redobrados. O fenômeno de projeção quase absoluta passa a «obrigar» a ver o que lá não está, ou o que é na verdade marginal. De qualquer modo, a perspicácia do «homo telespectador» fica-se nestes casos pela «passagem» à superfície. É a própria banalidade que é sacralizada. E a Televisão — o meio — assume aqui na totalidade a mensagem unívoca construtora por excelência da ilusão, da miragem. Uma miragem para um bilião de olhos ávidos de um padrão inexistente e de um contacto entre si.

Com a máquina montada, fácil é tornar tudo um regalo para a vista. Se necessário, os computadores ajudam a fabricar a eventual receita (neste caso chamou-se mesmo Buck's Fizz e ganhou o Festival...).

As canções já foram promovidas, os «visuais» e as coreografias já foram apresentadas, as campanhas e as apostas estão lançadas, a realização televisiva está controlada, resta a repetição final em que estão os «ingredientes» reunidos... Para, ao fim e ao cabo, se aceitar resignadamente o espectáculo.

O carácter verdadeiramente profissional que presidiu à apresentação dos «visuais», com pontos altos na apresentação das canções austriaca, inglesa e belga, não se fez sentir infelizmente nalguns dos concorrentes — entre os quais esteve obviamente Carlos Paião. O facto de nada ter sido alterado em relação ao que aqui vimos em Lisboa e também o facto de ele ter estado bastante nervoso e de ter aparecido «entalado» entre as representações inglesa e belga contribuíram também para o insucesso total do projecto (outros aspectos já nós conhecímos: o seu deficiente som de voz e ainda o facto de se tratar de uma canção que explora sons já muito ouvidos, tais como o velho «Popcorn» e a música mais corrente produzida pelo mais vulgar dos sintetizadores, à imagem do que fazem os Telex).

O trabalho da RTE foi discreto, extremamente funcional e por isso mesmo competente, sem rasgos de criatividade, aliás desnecessários ao ritual. Cenários bem concebidos, também muito funcionais, com variação do «fundo» numa multiplicidade de luzes sempre disponíveis para cada ambiente multicolor de cada uma das representações, etc.

Infeliz foi ainda o pequeno filme que apresentou Carlos Paião. Quase todos os países apresentaram produções extremamente sedutoras sob o ponto de vista turístico, pecando Portugal por esconder em eclipse total o sol da nossa simpatia...

Telecrítica

7/4/81

Rui Cádima

E agora, Maria Elisa?

O fim-de-semana foi um pouco o «auge» daquilo que vamos deixar de ter. Na verdade não é todos os fins-de-semana que temos um Festival da Canção da Eurovisão (por muito maus que fossem os resultados para Portugal) e não é todos os domingos (esta semana variou) que temos um «Eu Show Nico» em grande forma, mas em despedida. Talvez por isso os criadores deste programa esmeraram ainda mais esta última apresentação para nos deixarem boas recordações, até ao seu regresso, segundo se diz com uma telenovela escrita por Odette Saint-Maurice e na qual participará grande parte desta equipa que fez o programa de Nicolau Breyner.

Do Festival falámos já ontem, hoje incidiremos sobre a programação de domingo. E falar dos domingos é, por enquanto, falar também de um outro *show*, por assim dizer, aquele que tem como «cicerone» o muito publicitado e solicitado Júlio Isidro, homem dos sete *media*, profissional absolutamente competente, a demonstrar à evidência, através de pequenas «reciclagens», como é que se trabalha na Rádio e na TV. Falaremos também do «Ao Vivo» para onde demos ainda uma olhadela no final daquela mini-rock-opereta com que o pai-Nico se despediu de todos os admiradores e simpatizantes.

Mas dizíamos nós ao princípio que sábado e domingo atingiu um nível de programação que vai ser difícil de atingir nos próximos tempos. Vamos ver porquê.

Quer se queira quer não o Festival continua a ser o encontro anual por exceléncia do auditório europeu. No que diz respeito ao «Eu Show Nico» ou nos enganamos muito ou não há nenhum substituto à altura encontrado no seu devido tempo. Por isso, as noites dos próximos sábados vão ser um *show* de incógnitas... Se Maria Elisa nos vier demonstrar o contrário cá estaremos para dar a mão à verdade.

Passando para o «Passeio» do Júlio Isidro para referir que ele está agora a atingir, ao fim de oito passeios por entre paisagens todas semelhantes, uma cadência repetitiva, que a muito curto prazo obrigará à distanciamento, por parte do telespectador habitual, de um espetáculo que denuncia antecipadamente os seus movimentos exactamente pelo facto de se repetir. Um programa de quatro horas e meia não pode viver da boa vontade e do profissionalismo de um só homem (o mesmo é dizer de uma pequena equipa). Para já, o que podemos dizer é que foram encontrados profissionais certos para lugares certos. Há agora que não ter medo de abrir o leque — nem a bolsa — e apostar, se houver abertura para isso, no grande programa de domingo à tarde que não vai morrer estafado em fórmula gasta.

Isto para benefício do telespectador e para salvaguardar a imagem dos bons profissionais. Não se deve esquecer que «mais vale pouco mas bom»... E cuidado com os conselheiros da cultura e do recreio...

Boa ideia essa de levar ao «Passeio» músicos de jazz completamente desconhecidos do grande público. Trata-se na verdade de um excelente duo, aquele formado por Fredo Mergner e António Peixoto, o «Jazz Guitar Duo». Uma experiência a prosseguir por Júlio Isidro.

À noite na «1» a despedida de Nicolau Breyner e a partir das 22h era passar logo para a «2» para ver o programa de Eduardo do Prado Coelho, desta vez apresentado por Lauro António. Os óscars de Hollywood estiveram em discussão. Reunidos vários distribuidores, passados alguns trailers de filmes que estiveram em competição, a impressão final foi extremamente favorável. Só tivemos pena de não ter visto já, desta vez, imagens da própria cerimónia. O tema merece um regresso urgente.

Telecrítica

8/4/81

Rui Cádima

Função Pública: outro caso exemplar!

Resposta amarga, em todos os sentidos, a um milhão de portugueses. Grande parte deles por certo telespectadores na noite de segunda-feira, fazendo incidir a sua expectativa sobre o «Telejornal», com o objectivo de saber as «últimas» em relação à reunião extraordinária anunciada na Imprensa, espécie de Conselho de Ministros restrito, para decidir qual a resposta a dar às solicitações dessas centenas de milhares de trabalhadores.

Trata-se do problema surgido ultimamente com a Função Pública e de toda a questão reivindicativa subjacente — problema social extremamente agudo, não só pelas profundas injustiças de que vem imbuída a proposta governamental como também, obviamente, pelas suas consequências e pelo seu significado social.

As notícias não iriam ser boas. Através da Rádio já tínhamos escutado ter havido uma total ruptura nas negociações entre Governo e sindicatos. Com alguma ingenuidade talvez se acreditasse ainda na solução do conflito. O «Expresso» de Pinto Balsemão havia já adiantado, não sei se por mero *bluff* político, se por pura «ingenuidade» (...), notícias acerca de desentendimentos no PSD sobre esta questão, nomeadamente entre dirigentes sindicais e dirigentes partidários, tendo vindo inclusive a saber-se que Miguel Pacheco, dirigente da UGT, e militante social-democrata, tinha acusado Morais Leitão, ministro das Finanças, de inflexibilidade nesta discussão.

Ora depois de sabermos via rádio que tudo tinha voltado ao princípio, não foi sem absoluto espanto que vímos surgir no primeiro alinhamento do «Telejornal» José Eduardo Moniz com um ar extremamente feliz, como quem vem de fim-de-semana bem passado, anunciar que estava finalmente pronto para publicar o decreto com os novos aumentos da Função Pública!... Anunciava de seguida que Eusébio de Carvalho iria estar presente na RTP para uma comunicação no final de um «Telejornal» e falaria também de uma «ruptura» com os sindicatos, fazendo-o de maneira a deixar entender aos mais desatentos que agora tudo bem, o sr. ministro iria falar e os espíritos e os estômagos iriam sossegar...

Tudo mentira! Ninguém sossegou... Em primeiro lugar porque tanto quanto nos pareceu a tabela aprovada é ainda inferior à anteriormente proposta, pelo próprio Governo... Em segundo lugar porque se trata de uma proposta profundamente injusta em termos sociais (veja-se só o caso das classes mais baixas da Função Pública virem a ter aumentos mais baixos que o próprio nível inflacionário que o Governo diz existir!) Em terceiro lugar porque em consequência destes aspectos e de muitos outros os trabalhadores da Função Pública terão agora ainda mais razões para receberem do seu lado mais (adesões a uma luta que desta vez na intervenção de Eusébio Marques, não foi alcunhada significativamente de *política*).

Mas para o apresentador do «Telejornal» nada disto era evidente. Convinha passar adiante... Passou-se ao Congresso do Partido Comunista Checoslovaco...

E por volta das 21h. o ministro da Reforma Administrativa lá estava para ao longo de cerca de três quartos de hora, com «cortes» e tudo, prosseguir o «espírito» do «Telejornal». Direito de resposta para quê? O próprio ministro poderia pôr as questões e responder a elas... Não valia a pena convidar os sindicatos a estarem presentes...

Sabemos que não é essa a política de Informação da casa. Perante tão complexo problema nacional mais uma vez todos pudemos assistir ao perfeito acompanhamento que este aparelho ideológico, de seu nome RTP, faz da política do Governo. Não me venham dizer que eles desta vez também estiveram distraídos...

Telecrítica

9/4/81

Rui Cádima

Televisão a título póstumo

Não estamos a ironizar se dissermos que, nestes últimos tempos, a RTP na, zona da Cultura, tem funcionado exclusivamente a título póstumo...

Quero dizer: artista vivo que ande por aí, que produza o mais louco «happening» ou o mais simples bordado, não tem direito, não sei porquê, a aparecer na Televisão — eu diria mesmo que quase não tem direito a ser português.

Ser artista é, presentemente, possuir uma espécie de doença contaminosa, ser, portanto, inacessível ao «telecinema» gerido por Proença de Carvalho. Não sei se é este exactamente o administrador-mor, o propagador da ideia, mas o que é certo e bem certo é que na nossa querida RTP não têm aparecido programas sobre Arte, não têm aparecido programas culturais. Arte e Cultura estão a ser olhadas como os inquisidores medievais golpeavam as vozes dissonantes, como pecado, como doença. «Arte» deve ser a «nova peste» vinda dos lados do «Sol nascente»...

É assim que desde os tempos de Carlos Cruz, e agora com Maria Elisa, a percentagem de programas com carácter cultural foi reduzida a quase nada. É raro, como sabem, termos na Televisão, em qualquer dos canais, programas sobre Cultura portuguesa.

Vejamos, por exemplo, o caso de «José Escada» com realização de José Eliseu, pequeno filme anunciado já por duas ou três vezes para ir para o ar, mas que só na passada segunda-feira conseguimos ver após a intervenção do ministro da Reforma Administrativa.

Se a «sensibilidade singular» do pintor José Escada nos foi agora confidenciada nesta emissão isolada, e isto principalmente nas intervenções que escutámos — de Rui Mário Gonçalves e do escultor Carlos Amado — foi porque, tão só, José Escada morreu em Agosto do ano passado, após prolongada doença, não suficientemente tratada.

Alguém se referia na sua morte ao facto de nos últimos anos alguns dos nossos artistas plásticos mais representativos nos terem deixado a sós com o legado do seu pensamento e da sua obra. Escada morreu de facto depois de António Areal e de José Conduto.

Agora, que só após a morte daqueles que vão vivendo esta arte de ser português, daqueles que representam nas suas linguagens específicas sinais dessa mesma arte, nos é dado o primeiro encontro, temos a recear que haja na RTP uma espécie de habituação a este recordar *in extremis, in memoriam*.

Escada foi um dos alvos, um dos milhares de alvos dessa violência. Em vida ele passou, tal como foi referido no filme, pelo grupo do Café Gelo (onde passaram também alguns daqueles que formaram o «KWY» no exílio de Paris — Lurdes Castro, João Vieira, René Bertholo).

Após diversas experiências, utilizações de linguagens, Escada acabaria por confessar a diversos amigos seus que «a experiência da morte fez com que se agarrasse mais ao concreto»... E assim começa a trabalhar com uma intenção semelhante àquela que animou os impressionistas inicialmente. Só lhes interessava a captação do momento, o «flash» instantâneo do motivo.

Nesse sentido Escada caminharia desligado de escolas, de tendências, construindo como que por si só, as suas monografias corporais, as origens genitais, os sonhos, retratando os seus céus, os seus melhores amigos.

A curta-metragem de José Eliseu deu-nos um pouco de tudo isso através de uma realização informada, fluente, sustentada também por intervenções necessárias, quer de Rui Mário Gonçalves quer do escultor Carlos Amado, amigo muito próximo de José Escada.

Sendo este um dos raros filmes culturais que passaram nos últimos tempos só nos resta concluir que neste aspecto na RTP se faz Televisão a título póstumo...

Telecrítica

Rui Cádima

10/4/81

Noites «não»

Que dizer destas últimas noites televisivas? Não o pior, certamente, mas de qualquer modo longe de nós estarmos a reconhecer que através de um ou outro programa foi satisfeita o prazer do auditório... Não. Estas foram de facto noites «não»...

Perguntávamos há dias — «E agora?, o que é que nos vão dar?» Verificámos nessa altura que com o final do «Eu Show Nico» e com a eventual rotina em que cairá «O Passeio dos Alegres» (se não forem entretanto aplicados novos «catalisadores» ao programa de Júlio Isidro) tudo se complicará ainda mais na programação da RTP. Vejamos muito rapidamente o que poderá acontecer (isto é, o que já está a acontecer sem que dêmos por isso)...

As segundas-feiras ficamos (pelo menos enquanto durarem as medidas restritivas causadas pela seca) com uma série filmada como principal programa da noite, sendo a emissão que completa o horário das segundas-feiras qualquer coisa «de última hora» encontrado à pressa, mas no pó das prateleiras.

As terças-feiras um «musical» que tanto tem sido produção «enlatada», estrangeira, como produções com intérpretes portugueses. Estão neste caso os «TV Shows» transmitidos ultimamente. Para além desse período a rubrica «Zoom», com o seu mais recente entrevistador, o jornalista Barata-Feyo, agora um pouco mais refeito de alheamentos crassos... Diga-se desde já que nem um nem outro têm atraído os telespectadores. O «Tv Show» continua a ser uma birra que ninguém parece estar interessado em aturar (ninguém é força de expressão)..., julgo inclusive que o melhor era Maria Elisa prescindir do seu orgulho extrapolado e «enterrar» definitivamente este projecto que o não chegou a ser. Na última sessão a apresentação de Eládio Clímaco e Manuela Moura Guedes foi de facto inclasificável. Quando não há mesmo jeito para o improviso o melhor é dar uma volta pelos bastidores. «Zoom» com 'Álvaro Cunhal foi mais para cumprir calendário. Foi um jogo de perguntas-respostas mais ou menos no gênero «cassete vs. cassete», cada um a ser mais teimoso que o outro, todos com as acusações já formuladas nas entrelinhas... Há que saber encontrar outras fórmulas para este género de «frente a frente» algo radicalizado em termos profissionais. Há um falso «gentleman's agreement» naquilo tudo. Sob o ponto de vista de programa televisivo há também muito a alterar neste tipo de trabalhos, mais de acordo com interrogatórios formulados pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do que na realidade com a Informação televisiva e o espectáculo da entrevista.

O início da noite de quarta-feira era aguardado com enorme expectativa. Tratava-se de mais uma transmissão directa via Eurovisão. Desta feita do encontro da primeira mão das meias-finais da Taça das Vencedoras das Taças. E necessário de facto reconhecer o esforço da actual administração em ter conseguido levar a bom termo as negociações para as transmissões directas dos últimos jogos do Benfica a nível de competições internacionais. Mas, francamente, a qualidade técnica da transmissão, o resultado tão desanimador para tantas esperanças formadas, foram de verdade factores que vieram a contribuir para mais uma noite «não». Esta, com o agravamento de no encerramento da emissão nos ter aparecido o programa de Ivette Centeno, por volta das 22.30h, com uma quase conferência de Joel Serrão sobre o social e o político em Fernando Pessoa, a propósito da publicação de uma nova obra da Imprensa Nacional intitulada «Estudos sobre Fernando Pessoa». Bom tema, má forma, mau horário. Pensamos então em nos voltarmos para a RTP/2. Mas logo na quinta-feira com o «Taxi» dos salvados...

HORÓSCOPO

Espectáculos / 15

Telecrítica

11/4/81

Rui Cádima

A TV era especial
O conhecido publicista Eurico da Fonseca foi na quinta-feira o convidado do «Telejornal» para falar do último projecto norte-americano de conquista do espaço. Trata-se como é sabido do envio da nave Columbia para uma viagem orbital terrestre de cerca de três dias, com retorno previsto, mantendo-se utilizável para nova experiência grande parte do material usado no lançamento e no projecto em si.

Este novo projecto da NASA foi visto por Eurico da Fonseca como passível de introduzir nesta era espacial um novo tipo de relações entre o homem e o cosmos, e a humanidade entre si.

Entre o homem e o cosmos porque, como foi referido a partir do éxito deste lançamento está assegurada uma nova etapa na exploração do espaço com o surgir da possibilidade de se poder, por exemplo, produzir vacinas e ligas metálicas na zona extra-atmosférica, impossíveis se serem realizadas na Terra devido à força da gravidade. Eurico da Fonseca referiu por exemplo um facto extremamente significativo: os norte-americanos pensam ter no final do século cerca de dois milhões de trabalhadores empenhados na produção industrial para-espacial!...

Mas ao nível das telecomunicações o envio da nave Columbia também trará grandes benefícios para a humanidade em geral. É assim que, por exemplo, será possível a reparação de satélites de vários tipos que circulam nas zonas órbitais terrestres, como também o envio de novos satélites conjuntamente com naves deste tipo.

Aproveitamos o tema em questão para um rápido «flash-back» a 7 de Março, dia de aniversário da RTP, e dia em que foi exibido um pequeno filme que percorria o espaço futuro da Televisão.

Em breve a Televisão não será só a emissora central que distribui para todo o território nacional (não falamos como é óbvio da RTP — ela nem sequer cobre todo o território nacional...), mas passará a ser como um centro intercomunicador, rede extremamente complexa que a qualquer momento pode ser preterida pelo receptor em favor da videocassete, do teletexto via banco de dados e sistemas computadorizados, ou de um qualquer canal distribuído por satélite para grandes áreas europeias, podendo inclusive vir a acontecer que as emissões sejam difundidas em duas, três, ou mais línguas simultaneamente.

O futuro está na comunicação via satélite directo, na microelectrónica, numa outra telemática quase imperceptível ainda hoje.

Sob o ponto de vista sociológico e antropológico ainda as previsões não estão sequer minimamente formadas. Daqui já se vê quanto estamos longe desses tempos revolucionários pré-anunciados. Daí a pergunta que os autores do filme (de origem alemã) formularam no final: «Preparados para os embates do futuro?»...

A resposta, no que nos compete a nós portugueses, deu-a nessa mesma noite Proença de Carvalho ao adiantar a Joaquim Amaral Marques que a RTP se está a preparar neste momento para esses tempos futuros que nos estão a bater à porta...

Mas será que a RTP está mesmo preparada para o futuro das telecomunicações espaciais? Em breve tentaremos dar uma resposta a esta questão através de um artigo que preparamos e que publicaremos nas páginas do «PH».

BLE
ENTÃO
QUAL É A
SUA
QUEISADA?
FALE MAIS
ALTO.
NÃO OIÇO
NADA!

HORÓSCOPO



CARNEIRO 21/3 a 20/4

Será conveniente usar um pouco de cuidado em relação à disposição de uma pessoa conhecida recentemente, evitando cometer algum erro que poderá ser agravado daqui para o futuro.



TOURO 21/4 a 21/5

Será muito vantajoso para si ser absolutamente franco e dizer exactamente aquilo que deseja às pessoas que podem ajudá-lo. Procure não abusar da sua influência.



LEÃO 24/7 a 23/8

No que se refere aos seus assuntos sentimentais é aconselhável que use de toda a prudência, não criando compromissos de qualquer espécie. Preste atenção aos assuntos financeiros.



VIRGEM 24/8 a 23/9

O momento é propício ao desenvolvimento activo dos seus mais recentes projectos, de que saiba fazer sobressair a sua personalidade e tente corrigir os seus erros. Seja moderado em tudo, inclusive nas distrações.



SAGITÁRIO 23/11 a 21/12

O momento é propício ao sector das suas relações de amizade, sendo de prever que se constituam novas uniões proveitosas. Procure aumentar os seus bens pessoais.



CAPRICÓRNIO 22/12 a 20/1

A sua vida sentimental corre alguns perigos, pelo que convém não se precipitar em alturas imponderadas. No sector financeiro não seja demasiado temerário.

DR. GOMES DE ABREU
Parapsicólogo Exorcista Naturista
Tratamentos à mente por Biofeedback

Especialista em
Tratamentos espíritu
Marcações e consu

Johnny Hazard



«Recruta Zero»





TELECRITICA

15/4/81
Rui Cádima

E alegre se fez triste...

Amadores, precisam-se...

Bom, das duas uma: ou a «casa» está para abrir falência (e então justificam-se os convites maciços aos amadores e aos artistas de segunda), ou então perpassa agora na RTP uma crise no âmbito da produção que actua de facto como verdadeira barreira a que sejam feitos convites aos verdadeiros profissionais de qualidade indesmentível, ou, o que é o mesmo, de nível televisivo.

Pelo que vimos «O Passeio dos Alegres» já foi tocado pelo vírus. Mas foi no programa da noite, no «TV Show», que o já habitual mau gosto, um certo mau gosto muito teimoso e obsoleto, enfim, o provincianismo e o amadorismo, se pavonearam da forma mais ridícula, para os tempos que correm. Sinceramente até me lembrei da RTI e tudo... Aquilo não lembra diabo!

O que é de espantar é que qualquer dos dois programas é da responsabilidade de Júlio Isidro. Achamos de facto muito estranho que um profissional de opções bem vincadas (a quem temos ao longo das semanas de vida do «Passeio» feito justiça pela dignidade do seu trabalho), como é Júlio I, resvala agora para o demasiado «popularuchão», para o show de aldeia, dando a ideia de que o País estagnou nos anos 40 e que já não reage às cançonetas e aos instrumentos áridos das tumbas...

Sabemos que o Júlio Isidro não é o Dr. Jekyll. Impõe-se portanto que assuma o seu verdadeiro rosto, sem concessões. A «malta» da «pesada» e da «leve» cá está para bater o pé.

Julgamos que o grande auditório deve ter em primeiro lugar a qualidade musical, antes mesmo de se pensar em dar aquilo que este ou aquele sector gostam. Primeiro que tudo, portanto, a qualidade.

A partir daí há todo um leque de hipóteses. Mas tal como temos visto, não é possível reconhecer no «TV Show» a mínima idoneidade profissional. No que se refere às sobreimpressões o melhor é não fazer comentários.

Neste último domingo pudemos ainda acompanhar mais um momento de elevada importância na história da conquista do espaço. O envio da nave «Columbia» constituiu de facto um êxito científico. Pudemos assistir em directo, exactamente às 13 horas de domingo, à partida deste «castelo do céu», acontecimento comentado em cima da hora por Eurico da Fonseca, ao lado de Raul Durão, habitual apresentador dos serviços de informação, da «1», aos fins-de-semana.

Sem dúvida nenhuma que se tratou de uma emissão por vezes enfadonha, extremamente «masticada», deficientemente preparada. Eurico da Fonseca aparecia mais como um «insert» informado para os «brancos», enquanto Raul Durão fazia o seu possível para recolher telexes de última hora, informações do som de retorno e o mais que lhe viesse à banca e à cabeça. Houve quem ainda falasse do José Mensurado, mas esse está agora com um processo costas. Trabalhos que lhe dão...

A transmissão começou cedo e terminou tarde. Não se comprehende que meia hora depois da «Columbia» ter descolado o «Telejornal» ainda estivesse no ar a comentar não sei bem o quê... À noite, na edição normal, foi idêntico. Lá estavam os dois apresentadores a repetirem-se, Raul Durão e Eurico da Fonseca, a começarem com cerca de três minutos de atraso e a ficarem naquilo, ora agora puxas tu ora agora puxo eu, durante is de quinze minutos!

Espectáculos / 21



TELECRITICA

15/4/81

Rui Cádima

Super-heróis foram vacas sagradas

Já há muito que não falávamos aqui do «Ao Vivo», o único programa cultural da RTP, transmitido aos domingos à noite no segundo canal, para um auditório mais pequeno, portanto, do que aquele que habitualmente assiste à «1».

Do problema relativo à falta de programas culturais na nossa Televisão temos aqui feito eco tanto quanto nos tem parecido ser necessário fazê-lo.

Domingo à noite, enquanto viamos as últimas imagens do «TV Show», começava na RTP/2 o «Ao Vivo», desta vez apresentado por Lauro António, tendo como convidados Diniz Machado e Carlos Pessoa. Temas: banda desenhada e cinema.

Lauro António aproveitou a circunstância de estarem em exibição vários filmes baseados em histórias com os «velhos» personagens da B.D. para introduzir o tema no programa que ele coordena juntamente com Prado Coelho e Assis Pacheco.

Tivemos, assim, na noite de domingo, um contacto mais próximo com os super-heróis, figuras míticas que nos entreteram a meninice e que voltam agora a atormentar a nossa consciência de adultos, algo informados, algo viciados também, pelas leituras que da B.D. já fizeram Armand Mattelart, André Paraschi, Muniz Sodré, Umberto Eco e tantos outros.

Por isso mesmo é que teríamos gostado de ver este «Ao Vivo» um pouco mais espevitado para problemas de ordem ideológica e ainda para a especificidade do discurso filmico das obras em análise neste «B.D. versus cinema».

Importaria sem dúvida ter carregado um pouco mais na tecla do discurso ideológico dos «comic» norte-americanos para depois passar ao discurso filmico das obras que agora proliferam nos «écrans».

de cinema, nesta quadra de reflexão cristã.

A desmistificação dessas vacas sagradas da cultura infantil, a desacralização da produção Disney e de toda a bonecada adjacente deveria ter sido evidente, dado o significado político e social de uma tal linguagem. Abriria um parêntesis para referir que, por exemplo, a obra de Mattelart «Para Ler o Pato Donald», publicada no Chile antes do golpe de Pinochet — onde o conhecido teórico vivia a acompanhar o processo democrático liderado por Allende, foi depois uma das obras-vítima da fogueira fascista.

Viajámos neste «Ao Vivo» nas naves de «Star Wars», acompanhámos Flash Gordon (e toda a «traição» a Alex Raymond, seu autor), vimos o Superman em «flashes», o Homem-Aranha e os «disidentes» do kung-fu e ainda outros espécimes destas zonas...

Nós que não gostámos do «Flash Gordon» levado ao cinema por Mike Hodges, nem tão-pouco do «Superman» de Richard Lester (não pensando sequer em ir ver o Homem-Aranha ao Politeama), achámos que a emissão acabou por ser de facto um tanto condescendente perante um certo mau gosto e perante, também, a infelicidade que ressalta destas adaptações, um tanto ou quanto entregues aos velhos produtores de Hollywood, senhores todo-poderosos, nada interessados portanto em respeitar « mestres » como Alex Raymond.

O «Ao Vivo» desta vez não correu, portanto, quanto a nós, da melhor maneira. O que não impede obviamente que a nossa opinião tenha sido alterada em relação a este programa da RTP/2 — emissão que agora voltaremos de novo a seguir com maior atenção, uma vez que, «do outro lado», do «TV Show» para a série «Dallas», fica-nos o botão para desligar...



TELECRITICA

Rui Cádima

Novos programas alternativos

Ambos emitidos na passada segunda-feira e, também, qualquer deles, programas de «divulgação». Trata-se de «Gato por Lebre» e de «Energia».

A partida, há um lamentável lapso na programação do segundo destes programas que em nada o vem favorecer. Não é de facto o tipo de programa para depois do «Telejornal», se considerarmos o «mapa» do dia em que está integrado. Julgamos que o facto de as emissões encerrarem agora às 23 horas — devido à institucionalizada seca — não é desculpa para um alinhamento deste tipo.

Como sabemos, às noites de segunda-feira são habitualmente preenchidas com um tipo de programação no âmbito das grandes produções teatrais, operáticas ou balélicas. Com a seca e as restrições energéticas, essas produções foram suspensas devido à escassez de tempo para transmiti-las, entrando para esse período a série inglesa «Despojos de Guerra» e, semana após semana, um pouco aleatoriamente, mais este ou aquele programa. De alguns desses, que entretanto surgiram, lembramos, por exemplo, o concurso de dança de Lausanne e a homenagem póstuma ao pintor José Escada.

Aparece agora, a par de «Despojos de Guerra», a pequena série «Energia» com textos do eng. Humberto Duarte da Fonseca. Não teria sido possível programá-la para antes da telenovela, aliviando assim o discurso de informação/divulgação extremamente carregado às segundas-feiras? Julgamos que sim. Teria sido conveniente. Se não, vejamos como está repartida a programação na RTP/1: começa no habitual «Tempo dos Mais Novos», agora com os contos tradicionais do Japão em desenho animado; segue-se depois o «País, País» e «Gato por Lebre» (o novo programa que substitui o «Come e Cala» de Beja Santos). Intervalo então para «Água Viva»,

agora em fase de estagnação (para depois ser «relançada» em crescendo final). Depois da telenovela, mais dois programas de informação/divulgação: primeiro o «Telejornal», depois a referida série sobre energia.

São obviamente demasiados programas com características informativas para um dia só. Não se comprehende esta opção da Direcção de Programas.

O primeiro programa desta pequena série sobre as «novas energias» apresentou-se de forma cuidada, com uma montagem dinâmica, um bom texto e uma «filosofia», digamos assim, extremamente «ecológica». De facto, estamos perante «energias alternativas». Foi-nos proposta nesta emissão «a natureza como fonte de energia», sendo referida como que a pré-história das fontes de energia naturais e sua utilização, energias como a eólica (moinhos de vento, velas para navegação), a energia animal para o trabalho da terra, etc.

Tratou-se portanto de uma introdução que deixa boas perspetivas para a próxima semana, só com o contra, como referi, de estar deslocado em termos de horário.

Quanto ao «Gato por Lebre», um programa da responsabilidade da Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor, pareceu-nos animado da mesma vontade do programa de Beja Santos, pecando esta estreia por ter utilizado, sem necessidade nenhuma, a gravação de estúdio. Também não se comprehende a razão de um tão grande espaço de tempo entre a saída do «Come e Cala» e a entrada do «Gato por Lebre»... Há que planificar e produzir mais rapidamente para que este tipo de coisas não continue a acontecer.

17/4/81
Espectáculos / 21

TELECRITICA

O deficiente

Rui Cádima

Feliz coincidência aquela que juntou a exibição de «Uma Criança à Espera» com o encerramento em Lisboa (noticiado desta vez no «Telejornal») do II Encontro Nacional de Educação Especial, onde foi discutido exactamente o tema que John Cassavetes abordava nesse seu filme realizado em 1963: a criança deficiente e a escola.

Obra «terrível», pelo que ela significava em relação às produções de Hollywood, «Uma Criança à Espera» só agora logrou ser exibido em Portugal. Outros filmes dentro da mesma temática foram, entretanto, anunciados por Luís de Pina, esperando nós que essa absolutamente necessária participação da RTP venha contribuir, sobremaneira, para o desmoronamento do «ghetto» em que continuam encerrados os deficientes em Portugal.

Na geração dos novos cineastas norte-americanos o nome de John Cassavetes sobressai sobre todos os outros por uma simples razão: foi ele o primeiro a demarcar-se de um sistema extremamente concentracionário em relação à produção tradicional de Hollywood. Nesse sentido, Cassavetes pode ser considerado o «pai» dos novos, de Coppola a Scorsese (claro que alguns deles vieram depois a «readaptar-se» ao velho sistema...).

Esse acto de ruptura foi assumido logo no início da década de sessenta com o seu primeiro filme, «Shadows», rodado com actores secundários, em interiores e exteriores naturais, com uma reduzida produção, como que a relançar de novo a ideia de que uma outra indústria de Cinema pode existir para além da tradicional. Tratava-se de um filme que utilizava dois tipos de linguagem (que, aliás, se notaram também no filme que vimos agora), mas que eram aí deliberadamente assumidos: a ficção surgia paralela ao «newsreal», ao

Cinema directo. Dessa história dos submundos nova-iorquinos, Cassavetes passa ao seu segundo filme, realizado um ano depois, em 1961: «Two Late Blues». Descobria ai o «jazz» para depois aparecer com este «A Child is Waiting», o filme que vimos na noite de Cinema de quarta-feira.

É significativamente este, aliás, o seu filme menos referenciado. Por um lado, porque o tema da deficiência continua a ser um tema «difícil», por vezes mesmo «encerrado», por outro lado, porque Cassavetes é um autor visto marginalmente, nas esferas de um Cinema independente (raramente defendido nos EUA), e os seus primeiros filmes, entre o novo documentarismo e a ficção, obras «apagadas» pela produção vinda de Hollywood. A verdade é que com o tempo toda a espécie de «nebulosidade» lançada sobre autores como John Cassavetes se esfuma. A programação de «A Child is Waiting», no mês de Abril, deste Ano Internacional do Deficiente, é já um exemplo bem significativo do que dizemos.

As suas produções seguintes, como «Faces», «Husbands» e «Glória» (este recentemente visto em Lisboa), entre outros, vieram confirmá-lo como um dos autores mais importantes do Cinema independente norte-americano. Está de parabéns Luis de Pina apesar daquela «mesa-redonda» previa não ter tido praticamente razão de existir. São problemas que merecem reflexão atenta e tempo de emissão mais alargado.

Aproveitamos para lembrar dois excelentes documentos da cinematografia portuguesa sobre a nossa dura realidade no campo da deficiência: «Jaime», de António Reis, e «Júlio de Matos, Hospital?», de José Carlos Marques. Tirem-nos do «ghetto» s.f.



Razoável programação de Páscoa

Inicialmente, a Páscoa era uma festa pastoril judaica, tendo passado depois a comemorar a passagem do «anjo exterminador» que matou os primogénitos do Egito, salvando o povo de Israel. A Igreja Católica, por seu lado, comemora na Páscoa a Ressurreição de Jesus Cristo. É um tempo de penitência, de arrependimento, de jejuns. Bom, terminada a Quaresma, façamos o ponto da programação televisiva dedicada à quadra que agora passou.

Conviria fazer inclusive uma rápida incursão à própria «filosofia» que anima o estabelecimento de uma programação deste tipo. Como vimos, a festa da Páscoa não é exclusivamente católica (a Páscoa Hebraica — o «Pesah» traria aqui outros problemas como por exemplo o de satisfazer ideais minoritários)...

É certo que pertencendo ao calendário religioso de uma parte significativa da população, deveria contemplar obviamente a programação televisiva com uma escolha de emissões adequada à quadra. Mas deveria, sobretudo, atentar na tradição cultural e religiosa nacional, indo mesmo às origens de determinados costumes regionais com características de originalidade invulgar (vimo-lo no ano passado, salvo erro, num outro filme a propósito da «Encomendação das Almas» em Freixo de Espada à Cinta), fazendo um levantamento da tradição oral, dos rituais, das comunhões colectivas que se acabam por perder no tempo.

É de facto muito raro chegar-se a qualquer altura festiva, principalmente às grandes quadras religiosas, e ter no âmbito da programação televisiva em geral o respectivo tipo de trabalhos bem defini-

dos, produzidos no seu tempo, sobre a temática religiosa em questão.

Este ano, porém, surgiram alinhados alguns programas desse género, produzidos intencionalmente para serem exibidos nesta data, e, portanto, é justo aqui referi-los. Quinta-Feira Santa, quer a RTP/1 quer a «2» iniciaram a apresentação desses programas. Canções regionais portuguesas de Fernando Lopes Graça na «Encomendação das Almas» e na RTP/2 a apresentação popular do «Auto da Paixão», que se realiza todos os anos em Vale do Salgueiro (Trás-os-Montes).

Sexta-Feira Santa, transmissão da Via Sacra de Roma, presidida pelo Papa João Paulo II — acto de meditação sobre a Paixão de Cristo com o acompanhamento da caminhada de Jesus da condenação à morte, à crucificação e à descida para o sepulcro. Previstas ainda as «Quadras Populares da Semana Santa» — programa que acabámos por não acompanhar — e a segunda parte do «Auto da Paixão» (este na «2») e ainda o «Requiem Alemão de Brahms».

No sábado esteve em destaque, ainda no plano das comemorações, a «Vigília Pascal» (a RTP/2 retomava aqui a normalidade com o resumo dos primeiros episódios da «Água Viva» relativos à semana finda), e para domingo prevista só a Missa de Páscoa também transmitida habitualmente, em directo da Basílica de S. Pedro em Roma.

Com exceção para as habituais alterações na programação (já estamos viciados nelas), este «ciclo» pascal atingiu este ano um nível positivo no plano das comemorações cristãs.

21/4/81



Supercalifragilísticoexpialidoso

Era esta a palavra mágica que as crianças e os adultos proferiam a meio da canção que Danny Kaye interpretava no filme que vimos no domingo de Páscoa — obra produzida recentemente pelas Walt Disney Productions no âmbito das comemorações dos 25 anos da Disneylândia.

Foi sem dúvida este o programa em destaque no domingo de Páscoa a par, evidentemente, das impressionantes imagens que a Eurovisão nos deu em directo de Roma na transmissão da Missa de Páscoa celebrada por Sua Santidade o Papa João Paulo II.

Na biografia que Diane Disney Miller publicou sobre seu pai podemos encontrar um capítulo dedicado exclusivamente à criação da Disneylândia. Ela refere não se lembrar exactamente da altura em que o seu pai começou a falar de um tal projecto.

Sabemos, contudo, que os primeiros esboços da Disneylândia, desenhados por Walt Disney, datam de 1930. Este «Reino Mágico» só seria inaugurado 25 anos mais tarde... Assim podemos julgar melhor sobre as dificuldades que Disney teve para realizar o seu sonho mais «louco»...

É a sua filha Diane que conta o seguinte: «Quase toda a gente — especialmente os bancos — pensava que ele estava fora de si quando falava deste projecto»...

Ela própria refere que mesmo após ter visto homens a «mover montanhas» em Anaheim (perto de Los Angeles, onde se situa este mundo real de fantasia), continuou a não acreditar que o projecto do pai fosse possível de realizar!... De facto, um tal projecto-projecto não seria possível sem grandes apoios financeiros. Ele só nasceria,

inclusive, após a realização de um acordo com a Televisão norte-americana. O investimento pressupunha a realização de um programa semanal de uma hora de duração, onde pontificavam algumas das melhores criações de Walt Disney perfeitamente mecanizadas, as quais, aliás, ainda se podem ver hoje.

O programa que vimos era uma produção extremamente sofisticada onde não faltavam gruas nem helicópteros, muito menos uma apresentação magistral conduzida por Danny Kaye. Canções, «sketches», rábulas iam construindo o percurso deste passeio fantástico, aparecendo depois as grandes criações, do Rato Mickey aos Sete Anões, a dançar o «disco» nas avenidas da Terra da Fantasia...

O «cicerone» encarnava ao longo do telefilme múltiplas personagens desde o tursita estrangeiro, proveniente de variadíssimas nações, ao «cow-boy» do «far-west», passando pela Bruxa do Reino, pelo Capitão Gancho e por muitos outros personagens «filhos» do grande criador.

Este mundo verdadeiramente fantástico, que nos foi mostrado, estende-se na realidade por uma área de algumas dezenas de milhares de quilómetros quadrados e nelas existem, por exemplo, vários hotéis para albergar os visitantes, rios artificiais, dezenas e dezenas de grandes avenidas, castelos «dos sonhos», comboios que levam os visitantes a qualquer parte, etc. Como dizia o Danny Kaye, este é um mundo que não se conta nem explica: «Vê-se, sente-se, vive-se»...

É um mundo supercalifragilísticoexpialidoso.

22/4/81

Espectáculos / 21



TELECRÍTICA

Rui Cádima

O verdadeiro do falso

Há alguma coisa de verdadeiro em algumas das falsidades do programa «Qualidade de Vida». O descanso e o sossego irremediáveis com os 6 dias de feriados nacionais e o encerramento da Televisão, a hipotética destruição imediata de muitos receptores em situações perfeitamente vulgares e o consumismo fácil mas violento são alguns dos exemplos possíveis. Não tanto já o «há quem trabalhe oito horas à espera da hora de saída», ou o «há quem comece a trabalhar na segunda-feira a pensar que faltam cinco dias para que seja sábado»...

De facto, estamos perante um mundo de fáceis jogos de palavras que, ao fim e ao cabo, só desqualificam a reputação de outros jogos levados mais a sério onde as *falsidades* ressaltavam da apresentação real de *jogos perigosos*.

De qualquer modo, se a nossa Televisão fosse analisada pormenorizadamente da «janela» do arquitecto Sena da Silva, julgo que se chegaria rapidamente à conclusão (mas não se chegou já?) de que todos nós, ou *quase* todos, ligamos a televisão por ligar (enfim, *nós* não...), à espera do que apareça, diria milagrosamente, o programa da nossa preferência.

E se o «Qualidade de Vida» não é propriamente um programa da nossa preferência, tem sido, sem dúvida, um programa alternativo, preocupado em denunciar tudo aquilo que a sociedade de consumo concentracionária produz de mais negativo (e não é nada pouco)...

Alternativo, aliás, como já aqui mesmo verificámos que o é o seu congénere (que com ele alterna às segundas-feiras) — «Em Defesa do Consumidor». Parece assim que agora, pelo menos às segundas-

feiras, a RTP está a ter programas de divulgação de uma qualidade perfeitamente aceitável (pelo menos, claro, ao nível da sua «filosofia») e não tanto no plano do discurso específico da Televisão).

Também no âmbito dos programas de divulgação, cabe aqui uma referência ao segundo programa da série «Energia», da responsabilidade do eng. Humberto Duarte da Fonseca, desta vez um tanto ou quanto decepcionante, em relação às perspetivas deixadas no artigo número um da série.

Este último discurso, algo repetitivo, desinteressante, também repetitivo para arquivo, mergulhou um pouco nas águas da anti-Televisão, com um discurso quase técnico para grupos bem demarcados, abordando toda uma temática relacionada com a energia hidroeléctrica de uma forma demasiado retrospectiva e pouco prospectiva.

Nesse sentido, «Energia» fugiu à tipologia em que acreditámos na primeira emissão com referências constantes às energias «ecológicas», não se deixando perder no mundo hiperindustrializado como agora o fez. Estamos certos que as energias do «roteiro da morte» não serão aqui defendidas, mas, de qualquer modo, há que ter sempre um grande cuidado na *forma absoluta* como a mensagem chega ao consumidor de facilidades...

É que, em última instância, as suas reacções futuras são tão «inesperadas» como aquelas relatadas após o imaginário feriado nacional prolongado, com a destruição progressiva dessa energia castradora que os incautos recebem em suas casas com a ajuda das terríveis ondas hertzianas.



TELECRÍTICA

Rui Cádima

Cineclubismo

Foi o próprio António Pedro de Vasconcelos — como sabem, o apresentador da rubrica «Cineclube», emitida às terças-feiras na RTP/2 — a referir aqui há dias a uma publicação especializada em assuntos de televisão que o «Cineclube» é o único espaço que ainda se mantém na actual programação vindo do «mapa» elaborado por Fernando Lopes.

Ele disse isto com um certo tom de regozijo — e não era de facto caso para meños. Tudo o que se tem passado ao nível da «2» é francamente lamentável.

O que é certo é que o «Cineclube» é um espaço de grande importância no actual mapa-tipo (para ambos os canais), e qualquer que seja a tentativa levada a cabo na «1» com o objectivo de fazer face à sua programação sairá evidentemente gorada.

Fazemos questão, mais uma vez, em referir este aspecto. Não se trata de nenhuma maliciosa pretensiosa, tão-pouco de nenhuma soberba vanguardista, mas tão-só de constatar, como o faria, aliás, qualquer verdadeiro cinéfilo, uma realidade que se comece a tornar familiar ao auditório: a de que no final de cada «Cineclube» uma sensação desusada é sentida por todos aqueles que, menos habituados a seguir a rubrica, se viram então recompensados nas poucas tentativas que sempre acabaram por fazer...

Goradas saca! então todas as tentativas feitas para deixar na sombra a luz delirante do melhor que a sétima arte nos dá. Não se põe portanto em questão de maneira nenhuma a hipotética «soma-

bra» provocada pelo musical «Solid Gold» sobre a rubrica orientada por António Pedro de Vasconcelos.

Está fora de dúvida que um bom programa de variedades é sempre um atrativo relevante a ter em conta nas opções diárias do telespectador. «Solid Gold», primeiro de uma série de programas de variedades que agora começaram a ser emitidos na RTP1, deixou anteve um qualidade técnica e musical extremamente convidativa, por assim dizer. Isto, claro, ao nível do filme-anúncio, onde se ia mesmo mais longe, informando da participação de Dionne Warwick, de Paul Anka, de Chuck Berry. Tratava-se no fundo de apresentar um bom visual a contemplar velhos ídolos do «som» anglo-americano. Nada mais... E mesmo que o fosse não deixariam obviamente de ser fiéis ao «Cineclube»...

É uma questão de princípio... Verá o leitor, se seguir o nosso conselho, que se não dará por contrariado.

Repare, por exemplo, se é que seguiu este último, na história moralista, superiormente encenada, do burro Balthazar rodeado das inconstâncias humanas, terminando a sua exemplar peregrinação no mais bressoniano dos planos — o da pretensa pactuação com o inerte, o da aceitação melancólica de uma certa morte (...), enfim, o padecimento que é visto por uns como libertador e por outros como fraqueza. Bresson é impiedoso...

Só foi pena efectivamente que desta vez tivessem sido anunciados nada mais nada menos do que três filmes para uma só emissão!...

24/4/81



TELECRITICA

Rui Cádima

Mudar as pessoas

Estou absolutamente convencido de que o tipo de informação produzida na RTP/1 está condenado *ad eternum* a uma contínua agonia, pelos menos enquanto tróicas directoras e «aves» agorientas — os «bruxos» da informação — por lá planarem.

Temos vindo a assistir a esse tipo de informação tendenciosa e mediocre de há alguns meses para cá, enfim, praticamente desde o aparecimento desse personagem fantasmático, de intenções plenamente obsessivas, o actual director de Informação, Duarte Figueiredo. 'E bom relembrar tratar-se de um profissional promovido politicamente, após ter desempenhado a função de assessor de Francisco Sá Carneiro para as questões da informação.

Todos nos lembramos obviamente da característica «absolutista» e propagandística que assumiu a informação televisiva ao longo de muitos meses e, claro, das críticas impiedosas desferidas sobre os serviços ditos «de informação» e sobre tão suspeitas personagens.

Convenhamos que essas críticas vieram (têm vindo) a dar os seus frutos. Não é por acaso que se nota agora em determinadas alturas uma «abertura» algo forçada, é certo, perante problemas de carácter social anteriormente escamoteados, quando não mesmo ocultados.

Julgo também que a abordagem de temáticas políticas — e neste caso, obviamente nas diversas zonas da oposição, também têm sido mais favorecidas embora tudo pareça por enquanto um momentâneo «calar de bocas»...

Estou também convencido, por outro lado, de que enquanto jornalistas mediocres estiverem a dirigir a informação na RTP/1 nada

de positivo podemos ver, de forma continua e empenhada naquilo que dia-a-dia nos vai surgindo em nossas casas através dos vários blocos informativos e também nas edições especiais da informação (se bem que neste caso, por exemplo em rubricas como «Zoom» ou «Primeira Página», hajam outros problemas em questão e, claro, um género de trabalho e uma qualidade final substancialmente diferentes).

É assim que por mais manobras feitas, por mais balcões que sejam postos perante as câmaras, por muito que seja o colorido fabricado, se não mudarem as pessoas nunca será alterada uma generalizada mediocridade, consideremo-lo assim.

Mudar as pessoas. Não mudar só a fachada.

Não mudar as pessoas em si, mas mudá-las de funções.

Não apostar em reciclagens, em estágios já na fase descendente de uma carreira, ou em apadrinhamentos benevolentes, mas despromover consoante as incapacidades.

O problema da péssima informação televisiva que temos tido e iremos certamente continuar a ter é de tal modo importante e de resolução urgente que não merece de facto quaisquer tipo de contemplações nomeadamente perante a teimosia demonstrada em continuar a manter um estado de coisas degradante.

Por respeito para com todos os telespectadores, na luta pela dignificação da informação, há que ser radical nas exigências a fazer à qualidade da informação, nomeadamente na RTP/1. Há que mudar as pessoas, sem receios. Para nosso/vosso bem.

... como como Luis
II da Baviera, Joyem romântico.

Bismarck. Intérpretes: Helmut
Reich - Trevor Howard -

Na Iria Márzia apresenta Maria Helena e o seu

25/4/81



TELECRITICA

Rui Cádima

MIP-TV'81

O nosso colaborador Rui Cádima, que diariamente assina, nesta página, a crítica de Televisão, suspende por alguns dias a sua colaboração por se deslocar a Cannes, ao MIP — TV'81 (um «Mercado» de Programas de Televisão onde estão representados mais de

100 países e respectivas cadeias de Televisão), em serviço exclusivo para o «PH».

Oportunamente publicaremos a sua primeira crónica enviada em directo do Palácio dos Festivais de Cannes, onde decorre habitualmente este certame.

6/5/81

Espectáculos / 21



TELECRITICA

Rui Cádima

A passagem de «É Menino ou Menina?»

Reduz-se substancialmente — à pequenez exacta — a «folia» televisiva vivida no «MIP-TV», em Cannes, condimente-se com um balde de água fria para atenuar as «diferenças de ambiente», cerrem-se os dentes, adquira-se disposição «boa» q.b., e enfrente-se então este pequeno «écran» da terra de Viriato, que prossegue, como não podia deixar de ser, na cêpa torta — em regime de austeridade, de política do «depósito a prazo», entre a RTP/1 e a RTP/2, ora procurando aqui, ora ali, o programa do nosso agrado.

O reencontro (*ou recontro*, se quiserem) deu-se ainda no domingo, mas preferimos, cansados que estávamos da viagem de regresso, desprezar profundamente, diria mesmo com uma certa altivez, o objecto do nosso próprio trabalho... Uma espécie de galanteio firmado na distância entre o «piscar de olho» perfeitamente denunciador e o bocejo do hábito.

Segunda-feira, enfim, mais refrescados. O que será o que não se râ viemos a dar, para espanto nosso, com a programação para a noite da premiadíssima peça da «Barraca» — «É Menino ou Menina?», baseada em textos de Gil Vicente. Uma bela prenda para este reinicio. A «Barraca» que chegou a andar em bolandas com a RTP para a transmissão de «D. João VI» vê agora parcialmente recompensado o seu trabalho — a sua projecção internacional — com a transmissão televisiva desta peça considerada pela crítica, em 1980, como o melhor espectáculo com a melhor actriz (Maria do Céu Guerra) e o melhor encenador (Helder Costa). Para além de todos estes prémios a «Barraca» foi também considerada o melhor Grupo de Teatro de 1980. Todas estas infermações eram dadas — e muito bem — no genérico.

«É Menino ou Menina?» perde muito quanto a nós na sua passa-

gem para Televisão. Não está aqui em causa o trabalho da realização habitualmente de qualidade em Cecília Neto. Está sim o facto de uma peça a um ou dois personagens ser sempre terrivelmente difícil de transportar para Televisão devido à especificidade do *media* e à tradição de uma arte.

São neste caso dois tipos de linguagem em conflito não tanto entre si, mas mais entre elas e o auditório. Se pensarmos na mimica, por exemplo, vemos que é extremamente receptiva aos grandes planos, que preenche, através de um único intérprete, diria, quase todo o espaço e tempo televisivos — o mínimo detalhe é captado sem querer pela atenção expectante dos telespectadores.

Se formos para este diálogo — ainda que baseado na genialidade de Gil Vicente, ainda que dito e representado de forma quase exemplar como o fizeram Céu Guerra e Orlando Costa, já as atenções são desviadas por diversíssimos aspectos, que vão desde a não sequência do texto à «inexistência» de cenografia. O facto de «É Menino ou Menina?» ser uma montagem de textos, um conjunto de «sketches», por assim dizer, e consequentemente uma metamorfose permanente de personagens, leva a que as peças deste tipo de «teatro de bolso», as peças de «estúdio» elaboradas para públicos próximos em salas de tamanho reduzido e com orçamentos minúsculos, fracassem a olhos vistos nas suas transposições para Televisão. É claro que o mesmo não aconteceu com «D. João VI», mas também af poderíamos ter anotado alguns destes aspectos.

É uma questão a ver melhor quando de próximas gravações. É que em última instância muitos dos telespectadores ter-se-ão questionado perante alguns dos prémios mencionados, ou perante mesmo o seu conjunto. E a «Barraca» não o merece.

a Televisão já votou

Ainda o período eleitoral da segunda volta das eleições francesas não tinha começado já uma certa celeuma era criada em França em torno da utilização dos *media* de maior alcance — Rádio e Televisão — a propósito do diferente tratamento dado aos candidatos em confronto.

Como estão lembrados este foi um problema que também existiu aqui em Portugal aquando das últimas eleições presidenciais. Em Portugal, inclusive, o «fenómeno» chegou a adquirir aspectos extremamente caricatos, principalmente no que se refere à redacção das notas internas da Direcção de Informação.

Em França, porém, tudo se está a passar a um nível diferente. Apesar dos porfiados contactos ao mais alto nível com vista à efectiva realização de um debate entre os dois opositores à segunda volta, cis que se confirma de facto esse «frente a frente» para a noite de terça-feira.

Inesperadamente, mas todavia inteligentemente, a «Informação/2» anunciou um «Suplemento» a transmitir logo que terminasse o bloco habitual de notícias e exactamente sobre o debate entre Giscard d'Estaing e François Mitterrand.

Segundo informava na altura António Santos — cerca das 21 h. (22h em franca), o debate acabava de se realizar há cerca de meia hora. Teria durado quase duas horas e previa-se que viesse a ter grande influência sobre cerca de 16 por cento dos eleitores (indecisos), após ser visto por cerca de 25 milhões de telespectadores.

Julgamos ser de todo o interesse deixar aqui a citação do texto lido por António Santos a propósito das condições impostas de parte a parte com o objectivo de minimizar as possíveis interferências alheias, ad-

versárias, indiferentes, simpatizantes e militantes...

«Os candidatos estiveram sentados numa mesa de dois metros de comprimento e cada um deles podia ter quinze convidados em pleno estúdio, não estando mais ninguém para além dos técnicos considerados indispensáveis.

«O realizador tinha instruções precisas para nunca retirar a imagem do candidato que estivesse a falar. Os planos só podiam ser mudados por decisão dos conselheiros de cada uma das partes. Houve um estudo até ao pormenor para a intensidade das luzes, a distância das câmaras e a colocação dos microfones. Os moderadores foram previamente aprovados pelos candidatos, sendo um deles da Radiotelevision du Luxembourg e outro do semanário 'L'Expansion'...»

Esta, portanto, a forma achada mais aconselhável para reduzir ao mínimo as acusações de parcialidade para um e outro lado ao longo de toda a transmissão... Significativo.

É evidente que por muito que os «passos» da *regie* sejam controlados um a um, também por muita atenção que cada um dos candidatos tenha em relação à sua própria defesa perante as câmaras de televisão, o que é facto é que nunca nenhum candidato, ningum, poderá fugir a algo de mais complexo e profundo que emboca em última instância na interpretação (significante) de alguém que dizia recentemente num semanário francês que em França (como aliás em todo o lado em que estas coisas se processam de maneira semelhante) a Televisão iria votar...

Mais importante que isso neste momento — para nós, telespectadores portugueses — é assinalar a atenção dada pela «Informação/2» (a tempo) sobre um acontecimento de elevado interesse para a Europa.



13/4/81

Rui Cádima

A Televisão e a era espacial

«A Televisão e a Era Espacial» era o título da «Telecrítica» de sábado passado que, por lapso, não foi publicado a encimar o texto em questão. Do facto peço desde já desculpa aos leitores.

Porém, a «Telecrítica» de hoje sai com o mesmo título. Isto porque entretanto o que mais significativo se passou na RTP foi ainda a abordagem de temas relacionados com o futuro da Televisão. Não da portuguesa em particular, mas da Televisão como *media* universal, numa nova fase das telecomunicações espaciais. Assim, vamos continuar dentro deste fascinante tema que é, ao fim e ao cabo, aquilo que já foi denominado de «peritelevisão».

Do texto de sábado ressaltavam em particular as consequências do projecto «Columbia» no que diz respeito fundamentalmente à maior funcionalidade dos satélites de telecomunicações após o êxito deste «vaiávem» da NASA. Outro aspecto também focado era o nível actual de preparação da RTP para responder a muito próximas solicitações no domínio da utilização e comercialização de infra-estruturas que já foram postas à sua disposição pelos organismos internacionais competentes.

A todo este complexo conjunto de problemas seriam acrescentados entretanto novos dados após o final da reunião da Comissão Técnica da União Europeia de Radiodifusão que teve lugar neste fim-de-semana no Funchal. O presidente desta Comissão, assim como o director técnico da RTP, entrevistados pelo «Telejornal», avançaram informações de uma elevada importância em torno do novo sistema digital na gravação de programas. Este novo sistema irá ser implementado, como ouvimos, a nível mundial. Será portanto comum a todas as cadeias emissoras e impedirá em definitivo a continuidade dos morosos processos de transcodificação de filmes produzidos em sistemas diferentes dos sistemas utilizados nas esta-

cões emissoras.

Na prática tenderá a haver uma uniformização dos sistemas e não a sua inútil diversidade. Os sistemas PAL e SECAM têm assim os dias contados... De um outro modo se não compreenderiam as telecomunicações por satélites «directos».

Todos estes problemas foram abordados na noite de sábado na RTP/1 num programa produzido pela «Antennes 2» sobre a televisão norte-americana. Este filme, ao que parece remontado na RTP, foi incluído num novo espaço com o «velho» genérico «Grande Reportagem», tendo ido para o ar logo após o «Telejornal» com apresentação de Barata Feyo e Artur Albaran. A «Grande reportagem» pensada inicialmente como produção portuguesa aparece agora também «enlatada»... Sintomático. Sintomático também o «Até breve» de Barata Feyo... Assim se planifica na RTP!

Volto ao filme em questão, para vos dizer que se tratou de uma emissão extremamente reveladora do nível atingido por este *media* («o passatempo número um dos americanos») nos tempos que correm. E se isso acontece realmente como pudemos verificar (...), será um fenômeno cada vez mais em evidência à medida que aumentam os progressos técnicos e por conseguinte a circulação de informação.

Por enquanto a Televisão está subaproveitada. A «peritelevisão» está só agora a ganhar alguma consistência através das indústrias emergentes: videodisco, bancos de dados e microprocessadores, telexito e serviços, ecrã plano, televisão por cabo, televisão por satélite directo. Este último factor possibilitará num futuro próximo optar entre dezenas de emissões simultâneas. Permitirá a intercomunicação absoluta e com ela aproximar-se-a uma nova era na comunicação entre os homens.

11/5/81

Espectáculos / 21



Rui Cádima

Reencontrado o exigível?

Após o anúncio aqui mesmo referido da introdução de novos programas na grelha de ambos os canais da RTP, de imediato começaram a surgir os primeiros exemplos de mudança, que vamos considerar de forma algo «apriorística» como significativa. Significativa em relação a um passado longo e recente.

Entre os «novos» é de toda a justiça voltar a fazer o convite para «Ludwig», de Visconti, cujo segundo episódio será transmitido na próxima quinta-feira. Não perca, já o avisámos. Mas se essa foi de facto a estreia mundial da série, e o inicio deste novo fôlego na actual programação, o dia seguinte tar-nos-ia o tão esperado magaziné de teatro com emissão quinzenal da responsabilidade da Cine-quanon.

Um erro indesculpável fazia no entanto coincidir este magazine — «Quinzena Teatral» — com um outro programa de teatro, da RTP/2, cujo inicio estava previsto exactamente para o mesmo horário do primeiro canal. Lamentável de facto que a Direcção de Programas não tenha visto esta impossibilidade alternativa.

E não só esta. Vejamos um outro caso onde se fizeram coincidir dois programas com características biográficas. Aqui todavia ainda com a possibilidade de emenda uma vez que se trata de programas a emitir na próxima quarta-feira. Previsto para a RTP/1, após a transmissão do final da Taça dos Vencedores das Taças, um programa da série «Mulher a Mulher» inteiramente preenchido com uma entrevista a Marguerite Duras, realizada em Lisboa aquando da presença da conhecida intelectual francesa para acompanhar um ciclo de cinema dedicado à sua obra. Para a RTP/2, à mesma hora do encerramento de emissão, uma biografia de Richard Wagner in-

tegrada na série «Os Grandes Mistérios da Música». Pensamos que quem quer ver um quer ver o outro. Impossibilidade de desdobramento, impossibilidade de alternativa. Dois erros de uma assentada.

Do resto achamos que nos temos de congratular.

Satisfação, agrado, palavras perdidas, raras, se quiserem, ao longo de meses nesta coluna — e na casa de cada um — parecem de facto palavras encontradas ou em vias de o serem, caso se venha a verificar com o êxito a introdução das alterações e dos novos programas anunciados.

A produção nacional estará a atingir dentro em breve os 60 por cento, com tendência para subir até ao mapa-tipo de Inverno, aí para o ar em Outubro do corrente ano. Por outro lado, uma das gravíssimas lacunas na programação — a inexistência de programas culturais parece estar agora a ser colmatada. Já não era sem tempo...

Irão passar a haver determinadas emissões específicas na área cultural, como vimos já através do exemplo acima dado. O cinema terá também o seu magazine, assim como as artes plásticas. Ainda no campo cultural, mas com um âmbito alargado, ao que supomos, aparecerá um programa da responsabilidade de quatro nomes de peso nas letras portuguesas: Natália Correia, José Augusto Seabra, Manuel Alegre e David Mourão Ferreira acompanhar-nos-ão ao longo de 48 semanas com «1 + 1 = 1». Esperemos que neste caso a linguagem televisiva não constitua embate semiológico demasiado contundente... Resta-nos aguardar que a tendência manifestada se consolide. Não se trata aliás de nada de extraordinário. Apenas do exigível...

12/5/81



TELEGRISSICA

Rui Cádima

E se Giscard tivesse ganho?

Morno, morno, morno, foi o encontro da Informação da RTP/1 com as eleições francesas.

À partida, tratando-se de um acontecimento de grande significado para a Europa — e de um modo especial para Portugal, devido à presença em França de uma grande colónia de emigrantes — tudo faria esperar que um grande destaque fosse dado ao desenrolar dos factos, sobretudo a partir da noite. Sobretudo também a partir do momento em que se conheceu a vitória de Mitterrand. Não aconteceu assim...

A partir do fim da tarde, então, quando já se conheciam de facto as primeiras previsões seguras que davam com efeito a vitória a François Mitterrand, mais se impunha uma atenção particular ao acto eleitoral em si e às consequências de uma «reviravolta». É que uma mudança política desta ordem num país como a França não se verificava desde que o socialista Vincent Auriol presidiu aos destinos da França entre 47 e 54...

Apesar de tudo, portanto, perante o imprevisto que de algum modo constituiu a vitória do dirigente do PS francês, a resposta da televisão portuguesa a um evento desta ordem deveria ter estado, pelo menos, ao nível do próprio impacto que o resultado final causou em todo o mundo, nomeadamente naqueles que mais simpatizavam com o candidato socialista. Ao nível também das próprias consequências de um tal resultado.

Não sei se por passividade profissional, se por sectarismo político, se por preguiça, se por falta de meios, se (...), o que é certo é que tanto o «Telejornal» como as edições especiais de serviços informa-

tivos mergulharam um pouco num «laissez faire laissez passer» nada concordante com o momento que se vivia.

Neste aspecto, muito mal aproveitado foi o Congresso do PS português que estava a decorrer nesse momento no Coliseu, em Lisboa. O «Telejornal» abre com a notícia de vitória de Mitterrand passando depois para a intervenção de Mário Soares frente aos congressistas, na qual fazia referência directa à vitória do seu colega francês. Dado um excerto, logo se passou para o estúdio sem que tivesse sido aproveitada minimamente a circunstância de muitos socialistas portugueses e estrangeiros estarem reunidos em Lisboa, podendo assim dar o seu contributo a um debate que se poderia inclusive prolongar pela noite «sacrificando» «Dallas» ou «Tv Show». Somos inclusive da opinião de que se deveria ter dado um destaque especial ao tema, sobretudo a partir do momento em que era absolutamente visível que ia haver uma mudança.

A forma como tudo se passou fez-nos julgar que na RTP a Informação continua a empurrar não se sabe bem em quê, não conseguindo quase nunca actuar em cima da hora... A entrevista tardia a André Gonçalves Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros, já no último serviço de notícias, foi exemplo disso. Relata-se a posição oficial, lêem-se os telexes vindos de Paris, ouve-se o enviado especial em crónica telefonada, mas não há quem se lembre de transformar os estúdios em centros vivos de debate perante um tal preanúncio de mudança política tão significativa para a Europa e para o Mundo.



TELEGRISSICA

Rui Cádima

Ou Paga, ou Rach...

Segunda-feira à noite é dia de descanso nos teatros, é a folga semanal dos actores. Por isso a RTP costuma fazer dessas noites as «noites de teatro», semanalmente.

Nesta última segunda-feira os actores de teatro portugueses apareceram mesmo no pequeno ecrã, e não se pode dizer que não estiveram bem representados. Glória de Matos e Uinide Filipe seriam dois dactilógrafos «instáveis», segundo peça do americano Murray Schisgal — instabilidade, aliás, em equilíbrio perfeito. O que não foi por outro lado conseguido em determinados pormenores técnicos... Desde o microfone a entrar em campo, ao péssimo corte da banda musical do genérico, até à má conjugação entre a distribuição do espaço cénico e a colocação das câmaras, de tudo se viu um pouco.

Depois de Glória de Matos («A velha senhora indigna» do teatro português?, — para glosar em torno de um texto de Brecht/René Allio) e de Sinde Filipe, apareceria Henrique Santana ao lado de Ana Zanatti. Ele já por demais referido naquelas das boas páginas da revista à portuguesa, ela um nome que passou com algum êxito pelo cinema português após a locução, e que agora está de armas e bagagens no Parque Mayer.

O encontro foi motivado pelo novo concurso «Ou vai ou taxa» — espécie de aliciante «digestivo» integrado na nova política da casa que tende para a obrigatoriedade latente (compulsiva?) do pagamento da taxa a todos aqueles que ainda o não fazem. Nós já lemos algures inclusive que qualquer dia desfilam sob as nossas janelas fiscais possuidores de aparelhos capazes de descobrir os faltosos...

Mas por enquanto o telespectador em contravenção é unicamente convidado a pagar a taxa com o «paliativo» do apartamento «ou vai ou taxa». É uma espécie de «compre a cautela e fique habilitado». Estamos de novo perante a velha questão: Será legítimo pagar-se uma taxa de radiodifusão por serviços públicos que já de si vende os seus espaços à publicidade? Como dizia José Manuel Nunes, da DECO, no «Gato por lebre» em relação ao problema do pagamento do aluguer e da colocação dos telefones, o assinante não é propriamente a banca, isto é, não deve ser sobre ele que excedentes necessários para investimentos vão ser cobrados...

Aquilo que será um novo concurso televisivo com apresentação de Ana Zanatti e onde participarão concorrentes habilitados com a sua taxa em dia divide-se em várias partes: «Cada um é para o que nasce», «Arreganhe a taxa» o «Tiro ao bolso» serão algumas dessas partes bem humoradas. A par de umas breves râbulas entre Zanatti e Santana, a par ainda de algumas canções com apoio musical da orquestra de bshengundo Galarza (será mesmo orquestra?), «Ou vai ou taxa» ai está para o melhor e para o pior, um entretém para as segundas-feiras, com lotaria e tudo.

Em relação à apresentação do concurso: Ana Zanatti desta vez pareceu-nos pouco receptiva a um certo humor subtil de Henrique Santana. As referências aos «gatinhos da casa», tipo «deixem passar a doméstica» made in Artur Semedo, ou as charges sociais ao nosso inabitável planeta («Você, Zanatti, parece que não vai à praça todos os dias de manhã»), foram bons momentos um pouco «travados» por uma apresentadora talvez em noite não.

8/5/81



Quem tem medo de «Paths of Glory»?

«Paths of Glory» ai esteve na habitual Noite de Cinema das quartas-feiras, em estreia absoluta em Portugal continental. Tal como Luís de Pina referiu logo de início da sua breve apresentação, esta obra «maldita» de Kubrick já havia passado em tempos nas ex-colónias portuguesas...

Produzido em 1957 aparece-nos agora com o título «Horizontes da Glória», mas teria sido melhor chamá-lo pelo nome, da mesma forma cínica, já utilizada por Kubrick. Na senda da glória... Apesar de o termo visto no pequeno *écran*, apesar de ter sido realizado já há 24 anos, este filme mantém ainda hoje a modernidade do discurso cinematográfico conseguido de forma extremamente convincente por Kubrick, principalmente ao nível de uma clara eficiência resultante de uma *découpage* maldosa e bem «pesada» e também, obviamente, ultra-significante.

«Paths of Glory» transformou-se em pouco tempo numa espécie de mito quase intocável na filmografia do autor de «2001». Na verdade, este filme esteve proibido em vários países, incluindo Portugal e Suíça, por exemplo, onde era defendido publicamente que o filme não poderia nunca passar no circuito comercial por ser «incontestavelmente ofensivo para a França, a sua justiça e o seu Exército»...

Noutros casos, a quando da sua passagem, verificaram-se manifestações totalmente adversas à obra, manifestações essas vindas principalmente de velhos oficiais na reserva e de antigos combatentes da frente ocidental, onde se passaram os acontecimentos.

Porém, este filme não deixa de ser uma abordagem fiel da própria realidade vivida exactamente em plena primeira guerra mundial pelo seu autor — Humphrey Cobb — que escreveu a novela homónima.

Cobb combateu na frente Ocidental com o Exército canadense e assistiu frequentes vezes aos fuzilamentos que se vêem no filme, isto logo a partir de 1914 (sendo mais frequente nos anos 16 e 17). Todos esses homens incriminados inocentemente ao longo desses anos de guerra vieram mais tarde a ser «reabilitados»... Mas já era tarde. Cerca de dois mil soldados haviam ficado por terra em circunstâncias semelhantes às descritas.

Se o «Dr. Strangelove» é o rematar radical de algo que nasce já no filme que vimos agora, este, é, por seu lado, uma acusação impiedosa, diria mesmo um pouco obstinada, de valores caducos e paranoicos, mas, por vezes, considerados como instalados numa torre de marfim absolutamente inquestionável. Kubrick nada temeu neste campo de batalha onde enfrentou tudo e todos, nem que para isso tivesse de enfrentar a própria interdição da obra — como viria de facto a acontecer.

Como já tem sido referido — desde os «Cahiers du Cinema» às mais simples crónicas de jornal — «Paths of Glory» acusa e defende-se nos limites impostos à própria moral.

Kubrick aparece-nos aqui tão humanista, embora de uma outra forma, como em «Dr. Strangelove» ou ainda «Spartacus». O que varia é o humor — e esta sua realização de 57 não está isenta dele. Desta forma é difícil, de facto, compreender nitidamente todas as críticas e a grande polémica que o filme causou logo após a sua apresentação pública.

Para além deste filme ter passado como dissemos de forma extremamente legível no pequeno *écran* (o que não se verifica na maior parte das vezes), introduziu ainda duas magníficas interpretações — coronel Dax (Kirk Douglas) e o general Boulard (Adolphe Menjou). Um belo serão.



Não perca o «Ludwig» de Visconti

O «Ludwig» de Visconti, na sua versão integral de cerca de quatro horas e meia, era, digamos assim, o programa de honra do recente encontro com a Imprensa, na RTP, recepção de que aqui já se deu conta e que decorreu há dias a convite da Direcção de Programas.

Com efeito, nesse dia, durante a parte da tarde, seria projectado o primeiro episódio — que agora vimos — e após a sua projecção haveria um encontro dos jornalistas com Catarina d'Amico, colaboradora de Visconti, que acabaria por chegar ao auditório da 5 de Outubro para um longo diálogo com todos aqueles que estavam interessados em saber muitos mais pormenores em relação a esta produção.

Quando «Luis II da Baviera» foi estreado entre nós, quase simultaneamente com o «Ludwig» de Syberberg (mas que nós só vimos depois), verificámos, após o visionamento de ambos, haverem de facto diferenças importantes entre si. A versão de Visconti é mais «historicista», digamos assim, e, também, enquadrada pelos parâmetros do discurso cinematográfico tradicional. Para além disso surgia, com efeito, como sendo uma das obras mais «viscontianas» do mestre italiano. Só que a versão então vista não era de facto aquela que Visconti queria realmente fazer. Como aliás não é esta também...

Os distribuidores compeliram-no nessa altura a reduzir ao máximo a versão original — isto de forma «legal», porque casos houve de facto em que a primeira versão — mais longa — foi pura e simplesmente cortada algumas salas menos ortodoxas...

Esta versão integral que a RTP acaba de comprar à RAI tem já uma história muito atribulada. Basta referir que após a morte de Visconti, em 76, não se sabendo o que poderia acontecer aos negati-

vos filmados, Suso d'Amico, dialoguista/argumentista do «Ludwig» e amigo de Visconti, ao aperceber-se de que todo esse material poderia ser vendido em leilão após a declaração de falência da produtora que tinha todos os direitos do filme, reuniu à sua volta um grupo de colaboradores que iriam, de facto, adquirir esses mesmos direitos e, depois, pacientemente, terminar a montagem integral do «Ludwig» tentando ser fiéis aos desejos formulados inicialmente por Visconti.

Todas estas questões foram afinal de contas, umas mais do que outras, afloradas na apresentação desta série, a anteceder imediatamente a transmissão do primeiro episódio. Braz Teixeira, secretário de Estado da Cultura, foi aqui o informado — mas demasiado longo apresentador. O nosso cinéfilo secretário de Estado introduziu muito bem, em paralelo, os dois «Ludwig» pondo em evidência os aspectos que os diferenciam quer sob o ponto de vista formal, quer sob o ponto de vista «filosófico», por assim dizer. Foi de facto uma introdução demasiado longa. Esperemos só que, futuramente, Braz Teixeira nos não venha falar dos problemas da SEC. Seria para todos o serão...

De qualquer modo a problemática em questão acabou por ser explanada. Berger/Ludwig lá surgiu, entretanto, acompanhado da sua «diabólica» prima Elisabeth da Áustria (Romy Schneider)... Podíamos assim constatar à transparência, caso o não soubessemos já, que esta série constitui, de facto, um dos grandes momentos da programação deste ano. Se o leitor eventualmente perdeu este primeiro episódio não perca os próximos. E assim que apanhar a versão acabada por Visconti vá a correr... Corra mais depressa ainda assim que puder ver o «Ludwig» de Syberberg. Este é o nosso conselho.

TELLEDERIAO**Água Viva****Requim****Espectáculos / 21****TELECRITICA***Rui Cádima*

Sábado «Made in Portugal» com o Porto na RTP/2

Pelo que vimos até parece que o Centro de Produção do Porto espetou lança em África... O «estado-maior» da Imprensa nortenha, das autarquias, sindicatos e outros «parceiros sociais» lá esteve a defender com unhas e dentes as duas horas de emissão que a partir de agora serão da responsabilidade daquele centro, aos sábados e domingos, na RTP/2, com tendência para ser todos os dias a partir de Outubro.

A cena teve ares de reivindicação bairrista. O Norte para aqui, o Norte para ali, e o Porto é o papá-norte... Nada disto. Ninguém foi ali defender de facto uma política de produção absolutamente descentralizada neste País. Ninguém foi ali reconhecer as grandes incapacidades e a incompetência que existe a nível de produção e realização na Televisão portuguesa. Foram acreditar em milagres. E com certeza em manhãs de nevoeiro. De qualquer modo há que desejá um bom trabalho ao Porto. Há que incentivar também essa luta mais alargada pela descentralização.

No sábado a programação teve momentos de grande qualidade e, caso raro, foi em grande parte preenchida por programas portugueses.

Marcel Marceau em «Novos Horizontes»

O habitual programa sobre os deficientes agora coordenado por Luís Azevedo e realizado por Helder Duarte trouxe-nos na edição de sábado o tema da linguagem gestual no discurso da apresentação de notícias e de outros programas para surdos.

Recorrência também ao mimo Marcel Marceau. Uma questão que de facto já devia ter sido tratada há mais tempo na televisão — e que vai continuar a ser abordada como foi anunciado. Atenção portanto a «Novos Horizontes».

CENTRAIS NUCLEARES — O ministro Gonçalves Pereira (que vemos na foto a ser recebido, em audiência privada, pelo rei Juan Carlos), ao falar dos resultados dos seus contactos em Espanha (ver página 2), deu uma certa ênfase à «possibilidade da participação portuguesa nas centrais nucleares espanholas a construir futuramente», devendo uma missão espanhola deslocar-se em breve a Lisboa para «estabelecer as modalidades da eventual participação»

Espectáculos / 21

Outro «saneado» da Revolução?

Já lá iam muitos anos, segundo disse, que não ia à Televisão... Era Rui de Mascarenhas. Foi para o ar exactamente às 14 horas de sábado. Não faltou quem reclamasse a sobremesa...

Perfeitamente internacionalizado após as deambulações de «imigré», apareceu a cantar mais ou menos isto: «A minha terra tem o céu todo de uma cor azul sem par»... O que não foi suficiente — diga-se — para continuar «em português»: Logo de seguida viriam «Les Marins du Portugal», depois «Soledad» em ritmo disco (com o Cais das Colunas em fundo), e depois ainda um «far-away» sem ter «much to give»... Um internacionalista este «saneado» do azul sem par. Afinal de contas mais um regresso numa «reconciliação» que não nos diz absolutamente nada.

«Écran» a preto e branco

Augusto Seabra, o crítico mais polivalente da nossa praça (ele já tem cometido «gaffes» por isso mesmo, ou por outra coisa), deu neste segundo programa uma panorâmica da produção de filmes p/b produzidos nos últimos anos, dando depois um destaque especial à posição assumida por Martin Scorsese em relação ao problema das emulsões da película de cinema. O sentido «magazinesco» do programa ainda não foi verdadeiramente assumido. Esperemos que o seja rapidamente, da forma bem elaborada que tem sido até aqui.

Solnado e Cia

Maria Elisa declarou recentemente que «E o Resto São Cantigas...» era um programa quase tão caro como alguns «Tv Show». Várias conclusões se podem tirar daqui... Eu nem sequer as vou tirar... Digo-vos só que se houve «Tv Show's» a custar 2500 contos deveria haver «E o Resto São Cantigas...» a custar 250 mil...

Portugal propôs recentemente a formação de um comité da ONU encarregado de discutir a questão timorense, Waldheim afirmou que, antes de ser tomada qualquer iniciativa sobre a proposta, se torna necessário consultar os governos envolvidos na questão, especialmente o da Indonésia.

Kurt Waldheim recordou que a Indonésia se tem oposto a qualquer discussão sobre o problema, sob a alegação que o povo de Timor escolheu a autodeterminação na fusão com a Indonésia. «O assunto continua contudo nas Nações Unidas e portanto em debate», acrescentou.

O secretário-geral das Nações Unidas, que se encontra em Portugal, não quis entrar em detalhes.

do e com membros do Governo, era aguardado no aeroporto pelo embaixador Fernando Reino, representante do Presidente da República, pelo primeiro-ministro, Pinto Balsemão, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira e pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, entre outras entidades.

Waldheim, que veio acompanhado pelo seu adjunto para a questão do Afeganistão, Perez Cuellar, manifestou ainda a sua esperança de que haja uma solução pacífica para a questão afegã.

Esta visita «coincide com uma grave deterioração da situação

Para combater o terrorismo Sotelo anuncia tribunal especial

O presidente do Governo espanhol, Leonardo Calvo Sotelo,

dura», acentuou.

A mensagem foi lida após a

14/5/81

Espectáculos / 21

**TELECRÍTICA**

Rui Cádima

Timor Leste — o holocausto

O desenraizamento forçado a que estão a ser submetidos todos os timores na ex-colónia portuguesa de Timor-Leste pelo Exército indonésio é sem dúvida nenhuma um dos holocaustos deste século.

«Grande Reportagem», com apresentação de Barata-Feyo, trouxe-nos na terça-feira passada, antes da Procissão das Velas, emitida em diferido de Fátima, um trabalho do «terceiro canal» francês sobre a actualidade da ex-colónia portuguesa.

Foi dito na altura ser este o único trabalho realizado por uma equipa estrangeira após a autêntica chacina sobre uma equipa da televisão australiana há algum tempo atrás. Não percebi se esta era uma forma de «descarte» da RTP... Talvez que algo lhe esteja a roer a consciência.

Não pomos em causa o facto de existirem determinadas dificuldades em realizar trabalhos de informação naquela ex-colónia que voltou a ser colónia. Pomos sim em causa a forma como tem sido dirigido, neste tipo de questões e noutras, o departamento de programas especiais da Direcção de Informação. Tratar-se-á exclusivamente de um problema orçamental? Duvidamos. É sempre muito difícil, por muitas razões, conseguir dentro da RTP autorização, por muito boa vontade que alguns jornalistas tenham, para se fazerem determinados trabalhos sobre as ex-colónias. Ainda recentemente vimos o esforço que a RTP fez para chegar à Guiné-Bissau após o golpe de Nino Vieira...

Timor é uma nódoa muito negra na descolonização portuguesa. Os arquivos da RTP fazem eco perfeito com o silêncio nacional em torno do caso.

E não é por acaso que alguns dos melhores trabalhos recentemente publicados na Imprensa portuguesa sobre Timor são efectivamente de jornalistas estrangeiros.

Esta reportagem também o era. Da FR3, já o dissemos. Nem defendida nem atacada, ela foi entretanto considerada — em relação ao «caso» de Alarico Fernandes (ministro da Informação da Fretelin dado como morto em relatório das Nações Unidas), como clarificadora de determinados processos de contra-informação criados com o objectivo de confundir a opinião pública...

O que nós pensamos é que se cabia de facto aos apresentadores da emissão fazer comentários deste género sobre o documento que acabávamos de ver, eles teriam muito mais a dizer, pelo menos para que a sua credibilidade deontológica se mantivesse, sem deixar cair a máscara. Isto mesmo, no reduzido espaço de tempo de que dispõiam.

Mas, enfim, uma vez que foi anunciado para muito breve uma outra «Grande Reportagem» sobre o mesmo tema com «dossier» nacional, cá ficamos à espera dessa emissão para então vermos até que ponto é que muitas das questões deixadas em suspenso por este trabalho da FR3 serão retomadas com a clareza e o conhecimento necessários para questões desta ordem. Esperamos que aí então se clarifiquem um pouco mais outros processos tais como o envolvimento norte-americano, australiano, inglês e português na entrega de Timor-Leste à Indonésia.

Timor-Leste é hoje uma nação desfigurada onde ex-páraquedistas ensinam os jovens timores a soletrar os cinco princípios da moral indonésia. Timor-Leste não é hoje a «Cuba da Oceania»... Mais valia que o fosse. Pelo menos a identidade do seu povo não seria destruída. Não seria o holocausto.

Espectáculos / 21

**TELECRÍTICA**

15/5/81

Rui Cádima

Manuel de Falla e o «Espectro» intangível

«Era a natureza mais impiedosamente religiosa que jamais conheci e a menos sensível às manifestações de humor. Quando depois da primeira audição do seu *Tricórnio* lhe disse que a melhor música na sua partitura não era forçosamente a mais «espanhola», sabia que o meu reparo lhe desagradaria. E ele «cresceu» com efeito ainda que o seu íntimo fosse demasiado delicado para «crescer» muito...»

Isto dizia Stravinsky, de Manuel de Falla, nos idos anos 10. De facto, muitas foram as vozes que se levantaram por e contra De Falla. Talvez porque o filme de Michel Dumoulin, transmitido na passada quarta-feira, na série «Grandes Mistérios da Música» (RTP/2), não tenha feito referência a nenhuma das vozes antagónicas, tivéssemos «puxado» para aqui esta citação elucidativa do compositor russo.

Nada de extraordinário nos trouxe esta produção TF1/SFP intitulada «Manuel de Falla ou um personagem e o seu espectro», sendo o espectro o actor Eurico Majo — espécie de sombra fétiche, de emanação espiritual, de memória viva de Falla, que se libertaria, claro, das noites dos jardins de Espanha. Não se pense contudo que o trabalho de Dumoulin não foi parcialmente conseguido.

«Estranho, timido e apagado», «com ar de sacristão de aldeia» (Rabinstein), Manuel de Falla nasceu em Cádiz em 23 de Novembro de 1876. Morreu em 1946. O texto do filme acrescentava: «Cádiz, de onde partiu Cristóvão Colombo para a descoberta da América»...

Alguém fez lembrar há alguns anos atrás que se o testamento de De

lava da à última instância, as suas obras anteriores ao *Retablo* teriam sido pura e simplesmente destruídas...»

Não duvidamos que esse sentido de purificação fosse determinante para uma resposta de De Falla, se, ainda vivo, lhe tivessem posto a questão do acabamento da *Atlântida*, a sua epopeia cristã (curiosa a nota de Sérgio de Castro sobre a noção de Cinema do compositor espanhol e a consequente entrega ao Cinema das suas visões de grandiosidade cénica para essa obra inacabada). Mas como dizímos se a questão do acabamento da *Atlântida* lhe tivesse sido posta e se lhe tivesse sido proposto o seu mais próximo discípulo para a acabar (Ernesto Halffter) ou, enfim, quem quer que fosse, julgamos que a resposta seria sem margem para dúvida: *não*. Assim não o entendeu, como vimos, o próprio Ernesto Halffter, que acabou a obra do «mestre»...

Dumoulin, o realizador deste trabalho, poderia ter prosseguido em torno desta questão que tanta tinta fez correr. Assim, aliás, como sobre algumas outras questões cruciais em De Falla.

Algo que nos fascinou: a interacção no texto do filme da cultura espanhola que mais directamente esteve adjacente à criação em De Falla. Vímos o espectro, a Guerra Civil, ouvimos García Lorca, seu grande amigo: «Sobre as oliveiras desenha-se um arco-íris negro»... A câmara rateava então pelos medos de Goya, pelas pedras da Gaudí, falava-se de outras pedras — de Machupichio — do canto gregoriano, das recor-



TELECRITICA

Rui Cádima

Futebol: espectáculo machista?

Nestes últimos dias tivemos nada menos de dois jogos de futebol com equipas estrangeiras nestas já de si encurtadas emissões da RTP. Primeiro, a final da Taça das Taças, onde o «carrasco» do Benfica, o Carl Zeiss, foi eliminado pelo Dinamo de Tbilisi. No dia seguinte a «segunda edição» da final da Taça de Inglaterra, tradicional transmissão anual da RTP este ano disputada entre o Manchester City e o Tottenham.

Evidentemente que, devido ainda à malfadada é famigerada seca, as emissões da RTP, como é sabido, ao fecharem por volta das 23 horas, impossibilitaram que nestes dias excepcionais onde dominaram as transmissões desportivas não fosse retomada de forma alguma a regularidade da programação.

Como vimos, e um tanto paradoxalmente, à excepção da hora tardia a que foram para o ar os habituais blocos de notícias da RTP/1, nada de extraordinário aconteceu mais: quarta-feira ficamos sem o habitual filme de longa-metragem, acabando também por não ser transmitido o «Mulher a Mulher» previsto para esta vez com Marguerite Duras (emissão levada a Cannes, ao MIP-TV). Aliás, a não transmissão deste programa neste dia foi o melhor que lhe poderia ter acontecido: para além do seu início estar previsto para muito tarde, iria ainda colidir com a apresentação da «biografia» de Manuel de Falla na RTP/2 — e com Duras contra De Falla acabariam todos a perder.

Na quinta-feira a programação só beneficiou com a final da Taça de Inglaterra: «Bancada de Topo» foi assim optimamente substituído, sendo a noite encerrada com o segundo episódio de «Lud-

wig», série realizada por Luchino Visconti, para a qual voltamos a chamar a atenção do telespectador. Não perca uma das melhores séries deste ano!

Mas se dizemos que a emissão de quinta-feira beneficiou com a «segunda edição» da Taça inglesa fazê-mo-lo conscientes de que uma boa parte do auditório começava, entretanto, a deitar já futebol pelos olhos...

Terá interesse ver aqui até que ponto as emissões desportivas têm causado polémica mesmo a nível interno, na RTP. É já velha a tese de que as emissões desportivas são sobretudo da preferência dos homens. Não somos nós que o dizemos... São estatísticas de diversíssima proveniência, incluindo, por exemplo, estudos aturados do Instituto de Sociologia da Universidade Livre de Bruxelas. Ora como na Direcção de Programas da RTP predomina o elemento feminino...

É, portanto, fácil de ver que estas últimas transmissões tenham posto em pânico determinados sectores responsáveis pela programação. Tanto mais que, diariamente, quando perante casos semelhantes, o telespectador menos afecto a estas «futeboladas» tem tendência para manifestar activamente a sua discordância por uma tal programação. E então chegam os telefonemas. Não é por acaso que desde o início da «Água Viva» a RTP/2 está a fazer concorrência ao futebol da «1» com a telenovela... De qualquer modo, de uma coisa estamos certos: o verdadeiro «pecado» seria não transmitir estes grandes desafios de futebol. Foram, de facto, um grande espectáculo.

TELECRITICA

Rui Cádima

«E o resto são cantigas...»

Nicolau Breyner abandonava as noites de sábado na RTP/1 com o seu programa e nós, antes ainda dos dois compactos finais — montagem de «sketches» — perguntávamos, como se costuma agora fazer perante as grandes interrogações: «E agora?...»

Várias hipóteses foram consideradas com especial relevo para os «velhos» enlatados. Na verdade a nível do grande público poucos eram os telespectadores que já sabiam ir ter nos pequenos ecrãs, em substituição do «Eu Show Nico», o programa do Fialho Gouveia/Raul Solnado, com a participação especial de Carlos Cruz, «E o resto são cantigas».

Duas semanas antes da emissão de estreia começavam a surgir nas páginas dos jornais os primeiros textos sobre o novo programa. Os títulos punham principalmente em relevo o facto de se tratar da equipa que doze anos antes havia feito talvez o programa de maior sucesso em toda a história da televisão portuguesa — o «Zip-Zip».

O trio tinha então outras motivações, o programa tinha uma outra intenção e à equipa chegavam-lhe incentivos substancialmente diferentes daqueles que lhes poderão chegar hoje.

Não sei se foi por sentirem o peso do tempo e das circunstâncias, quer Fialho Gouveia quer Raul Solnado não ficaram lá muito contentes com esta aproximação ao «Zip», generalizada em toda a Imprensa. O que é aliás absolutamente natural. O «Zip» deixou na memória de todos momentos extraordinários de televisão sempre difíceis de igualar. A modéstia com que «E o resto são cantigas» foi anunciado pelos seus autores-apresentadores está plenamente justi-

ficada, portanto: «Um programa muito simples sobre o qual se está já a especular em demasia, querendo confundi-lo com uma espécie de reedição do «Zip» — dizia-nos há bem pouco o Raul Solnado.

Partimos de um dado óbvio: «E o resto são cantigas...» é feito pela mesma equipa do «Zip» mas à excepção disto mesmo nada tem a ver com ele. O novo programa pretendeu «reviver» não o «Zip» mas sim as melodias antigas de características populares que ficaram no ouvido de todos os que têm hoje mais de 35 anos, de todos aqueles que olharam o «Rock» com significativo desprezo.

Trata-se portanto de um programa revivalista, uma espécie de «Melodias de Sempre» com rábulas (Raul Solnado a merecer um «Zip» pelo «Festeiro» — um «Zip» e aumento de ordenado...), entrevistas e muitos maestros... Pelo menos um por programa, ao que parece...

E o primeiro a estar presente foi como viram o maestro Belo Marques, uma figura fascinante que ali deixou ficar algo do que aprendeu ao longo de 83 anos de idade — algo de novo e de profundamente honesto, dando lição a muito discurso estafado.

As suas canções, recordadas com saudade por todos quantos as conheciam de há muito na rádio, não foram aquilo que se pode considerar «canções para um auditório de sábado à noite». Há aqui algo de inconciliável entre uma figura cativante, as características da sua obra e o gosto do telespectador médio do sábado à noite. Que não é propriamente o mesmo que estar a dar uma «pensão» televisiva aos fãs das melodias d'outrora...


TELEFRÍTICA
Rui Cádima

Duas séries infantis a não perder

Voltamos à programação infantil dos domingos de manhã para vos falarmos de dois novos programas entretanto estreados, qualquer deles a merecerem a vossa atenção.

Trata-se como já devem ter reparado de «Ruy, o pequeno Cid» — produção espanhola de animação, e de «O Sítio do Pica-Pau Amarelo», série brasileira da Globo com 20 episódios de cerca de 30 minutos cada — qualquer delas recentemente estreadas no «Tempo dos Mais Novos».

«Ruy, o Pequeno Cid» baseia-se na obra «Las Mocedades del Cid», do dramaturgo espanhol Guillén de Castro (1569-1631). Obra que foi, aliás, adaptada por Corneille em 1637. O «Cid», o seu primeiro sucesso editorial era contudo uma simples tradução, em muitas das partes, do original espanhol.

Esta série de animação custou à TVE, segundo ouvimos, umas boas dezenas de milhar de contos. Terminada a sua produção foi logo facilmente vendida para cadeias de Televisão do mundo inteiro, tendo a sua estreia sido assegurada para vários países quase simultaneamente.

O «Cid», de seu verdadeiro nome Rodrigo Diaz Bivar, espécie de primeiro revolucionário espanhol, ficou na História como uma quase figura lendária após ter participado na reconquista cristã, principalmente na tomada de Valência aos mouros, no século XII. No entanto, a figura mitica criada sobretudo pela tradição oral veio a esbater-se completamente perante as fontes documentais que mais tarde começaram a surgir.

Como puderam ver neste segundo episódio, a imagem da infância do

pequeno Cid não foi propriamente aquela que habitualmente se faz dos heróis. O nosso herói, «cujas façanhas em adulto lhe deram tanta fama», aqui aluno de monastério, detestava entregar-se ao estudo dos latins e das astronomias, preferindo empilhar os livros por baixo da janela do seu quarto para assim mais facilmente conseguir escapar aos monges...

As suas atribuições com os seus mestres das várias matérias, as suas irreverências e irrequietudes quando miúdo (a fuga e a «tintagem» das rosas brancas com o barril de vinho), o espírito de aventura (a perseguição aos bandoleiros medievais) acabam por colocar o jovem Cid em permanente conflito perante a imagem mítica reproduzida pela lenda.

Este desfazer do mito está ainda associado ao sentido didáctico, histórico, dado pelos responsáveis da série a toda a narrativa. Um numeroso grupo de colaboradores cuidou da adaptação histórica do desenho e do argumento ao próprio período histórico do herói.

O telespectador poderá não se aperceber mas desde as roupas à paisagem urbana, do mais pequeno pormenor à realidade social retratada, todos os elementos pretendem ser fiéis à autêntica imagem da Idade Média espanhola.

A outra série de que falávamos de início é «O Sítio do Pica Pau Amarelo», adaptada por Benedito Rui de Sousa da obra de Monteiro Lobo. Não percam também esta, já reconhecida internacionalmente, pela Unesco, como uma série a recomendar pela sua qualidade aos mais pequenos.


TELEFRÍTICA
20/07/81
Rui Cádima

«Equilíbrio Instável»

«Equilíbrio Instável», de Edward Albee, já estreado em Lisboa no circuito comercial, com a realização de Tony Richardson que agora vimos, levanta à partida uma questão que apesar de relativamente pouco importante não queríamos deixar de expor. Trata-se da apresentação de «Equilíbrio Instável» como peça de teatro quando todos vimos que se tratava ali de algo mais do que «teatro filmando». Não foi por acaso que Albee acede aqui em trabalhar com um realizador da velha Inglaterra, ainda por cima pouco experimentando em adaptações com estas características.

Adoptado com duas semanas de idade por um famoso proprietário de teatros de *vaudeville* (da cadeia norte-americana Keith-Albee), Edward Albee é fundamentalmente um violento acusador da classe que o criou. Vinga-se de uma infância só e desolada, apesar de faustosa. Nas suas peças anatemiza, diria mesmo, fere o orgulho burguês daqueles que não o parecendo estão ainda, desde a Revolução Industrial, em «equilíbrio instável»...

Mísogino teimoso, sempre levou uma vida conflituosa com as mulheres, a começa pela sua madrasta que o repreendia, por exemplo, em miúdo, quando ele tirava um livro da prateleira e ela se abeçinhava porque ele tinha «prejudicado o efeito da decoração»... Até ao dia em que Albee, com 20 anos, saiu de casa para «passar por tudo» e escrever, alguns anos mais tarde, «The Zoo Story».

A maior parte das suas obras, incluindo o agora visto «Equilíbrio Instável» passam por ser diferentes ampliações, vistas de diversos

ângulos, da vida familiar dos seus pais adoptivos. A «mãe», esta sempre no eixo das narrativas, dominando a cena, agigantando-se ao marido para depois tudo se desfazer numa loucura estéril, amorfia. Só que aqui Agnes (Katherine Hepburn) não tinha 30 centímetros a mais do que o seu marido nem passecava de chicote no corredor como fazia a «mãe» madrasta...

Com «Quem Tem Medo de Virginia Woolf» Albee não chegara ao Pulitzer, mas conseguiu-o efectivamente mais tarde com a peça que vimos segunda-feira.

A realização de Tony Richardson seguida de perto pelo próprio autor — Albee fez a adaptação da sua obra para Televisão — mostrou-se extremamente segura, bem planificada e, o que é de facto de referir, pareceu-nos inclusive o seu melhor trabalho.

No fundo Richardson não é nenhum mestre inglês, muito menos um nome de peso na sétima arte.

Os seus trabalhos mais conhecidos não passam inclusive da mediocria no âmbito do cinema britânico que, como sabem, em termos de cinematografia, de obras em evidência, é das menos ricas da Europa!

Extremamente irregular, (ele começou pelo «free cinema») Richardson conhecido em Portugal sobretudo com «A Carga da Brigada Ligeira» e «Ned Kelly», com Mick Jagger, assina aqui um trabalho correcto, em «Equilíbrio Instável», que no seu conjunto constituiu um belo espectáculo para uma «noite de teatro» de segunda-feira, um tanto visitada pelo cinema.


TELEGRI TICA
21/5/81
Rui Cádima

O Mito Encoberto

Vamos continuar hoje a falar de programas em estreia. É bom sinal, de facto, podermos constatar que, para além de se notarem já subidas quantitativas de programas, se notam também subidas qualitativas. Como têm reparado de há alguns dias para cá temos falado quase exclusivamente de novas produções de qualidade na RTP.

Hoje é dia para «1 + 1 = 1». Título um tanto heterodoxo para um conjunto de programas que irão continuar sob a responsabilidade de outros nomes para além do de Natália Correia que por agora nos veio falar de D. Jaime IV, Duque de Bragança e do «Encoberto», D. Sebastião, rei de Portugal.

Os outros colaboradores deste programa são, como já devem saber, José Augusto Seabra, David-Mourão Ferreira e Manuel Alegre. Será inclusive interessante ver como nomes como o de Manuel Alegre e Natália Correia utilizam as possibilidades da linguagem televisiva e dela se fazem uso... De David-Mourão Ferreira já conhecemos um longo trabalho na RTP — digamos que ele é um autor já com um discurso específico, o qual foi construindo ao longo de muitas intervenções em torno da poesia portuguesa principalmente. De José Augusto Seabra muito há ainda a esperar, uma vez que os seus encontros com o *media* se fizeram sempre no âmbito do político, no lugar do entrevistado, o que aliás acontece também com Manuel Alegre. Cada um deles irá ter o seu programa em «1 + 1 = 1».

No que diz respeito a esta estreia de Natália Correia, fomos de algum modo surpreendidos pela flexibilidade da narrativa apesar de estarem a ser tratadas temáticas densas e mergulhadas no pó dos documentos. Foi conseguida uma viagem através de fontes vivas

deste País. E esse foi desde logo um primeiro aspecto positivo.

Não sei se a Natália Correia desfruta de condições particulares de produção para a realização desta série. Pressuponho que sim, que por detrás desta produção há uma margem de descanso a nível financeiro que não costuma existir — pelo que podemos constatar através das emissões — noutras produções do mesmo tipo.

Reparem, por exemplo, na série de programas culturais da responsabilidade da antiga assessoria de Jorge Listopad — a «Manta de Retalhos»: tratava-se, com efeito, de uma série mais limitada em meios de produção, o que implicava nomeadamente que a nível de colaborações suplementares pouco pudesse ser feito.

Dai, a rapidez do discurso deste primeiro «Neste lugar Onde» da responsabilidade de Natália Correia. E não só a rapidez do discurso. Também a variedade de locais de filmagem, tão depressa na Serra da Ossa como em Vila Viçosa, como ainda em casa de José Cid, «repescado» aqui com o seu «velho» tema de «El-Rei D. Sebastião».

Dórdio Guimarães soube acompanhar na realização uma certa rapidez de movimentos da poetisa-deputada que não deixou de levantar a polémica questão do mito sebástico que já havia tratado há alguns anos na sua obra «O Encoberto».

Desta vez e a propósito da questão referida, Natália Correia deixa no ar: «Será o mito uma manifestação da morbidez nacional?» Para responder com Fernando Pessoa: «Sem a loucura, que é o homem mais que a besta sadia, cadáver aliado que procria?» A polémica em torno do mito ainda está encoberta...


TELEGRI TICA
22/5/81
Rui Cádima

Uma é «oficiosa» a outra não...

Mais uma quarta-feira europeia a roubar a noite de cinema aos inveterados cinéfilos que ainda suportam ver filmes na Televisão...

Apesar da final da Taça UEFA aproximar-se do fim ainda cheia de interesse, nomeadamente por o AZ ainda poder marcar o golo de empate, o que levaria a viverem-se em Amesterdão momentos de grande nervosismo, nós optámos por seguir a RTP/2 e o seu serviço de Informação. Voltaríamos depois à «1» para ver o «Telejornal» de José Eduardo Moniz e aqui podermos fazer uma rápida comparação entre os dois blocos de notícias. De trabalhos nossos anteriores aqui feitos em torno do mesmo tema já vimos que a RTP/1 nunca levava de «vencida» a Informação da «2». Esta, apesar de nunca mais ter atingido o nível inicial, tem conseguido manter sempre uma qualidade nos seus trabalhos substancialmente melhor do que a sua congénere que, entretanto, passou por períodos francamente maus.

Na quarta-feira, enquanto a «1» se preocupava com a diminuição do imposto de trasacções anunciado pelo ministro das Finanças, Morais Leitão, a RTP/2 dava obviamente mais importância à discussão em torno da delimitação dos sectores público e privado. Sobre este assunto, António Perez Metelo fez na Assembleia da República um trabalho de aprofundamento da questão, entrevistando o próprio ministro e Vítor Constâncio.

Mota Amaral seria o centro das «segundas páginas» em qualquer dos blocos. Esta problemática foi tratada de forma semelhante em ambos os serviços. Duas ligações aos Açores, no caso da «2», com entrevista a Natalino Ribeiro, do PSD, e na RTP/1 com texto em

crónica telefonada de João Soares Ferreira.

Enquanto a «1» continuava com a conferência de Imprensa da AD a «2» voltava-se para um outro assunto extremamente importante: a greve da EPAC. Aqui, Artur Albaran, profissional com provas dadas, a ir ao fundo da questão.

Sindicatos da Função Pública versus Governo levaram tratamento diferente. Enquanto a «1» falava inopinadamente em desbloqueamento da situação, a «2» punha os pontos nos i's fazendo uma outra leitura mais adequada, digamos assim, deste conflito que ainda não terminou (as demissões só agora começaram...).

Deixando o «nacional» pela equipa de José Eduardo Moniz, Atílio Santos dava entrada na «2» a um trabalho de Helena Pinto que foi realmenteclarecedor em relação a um certo caos que se verifica neste momento nas escolas com o impasse criado neste ano lectivo com o novel 12.º ano. As orientações governamentais nada tem a ver com a prática diária vivida nas escolas (?) por docentes e discentes.

Qualquer dos trabalhos a que nos referimos na RTP/2, nomeadamente aqueles assinados por António Perez Metelo, Artur Albaran e Helena Pinto, parecem-nos ser ainda formas continuadas de uma Informação que já foi dada na Televisão Portuguesa aos telespectadores e que portanto convém ser mantidas. Infelizmente não parecem ser grandes as hipóteses de concorrência aberta entre estes dois tipos de informação que acabamos de ver — uma nitidamente «oficiosa», a outra jornalística.



TELECRÍTICA

23/5/81

Rui Cádima

Afinal sempre vêm aí — os «Jogos Sem Fronteiras»

«No pr'oximo ano a RTP vai abandonar os «Jogos sem Fronteiras» por falta de verba, anunciou Fialho Gouveia, representante português do Comité Internacional numa conferência de Imprensa realizada em Vilamoura e promovida pela RTP e pela Comissão Regional de Turismo do Algarve...»

Não foi só a «TV-Guia» a noticiar esta «má nova» em Maio do ano passado, faz agora precisamente um ano. De um modo geral toda a Imprensa fez larga referência ao facto. Falava-se então em custos de produção da ordem dos 30 a 40 mil contos cobertos na sua quase totalidade pela RTP. Muito dinheiro de facto para uma empresa só.

Valerá a pena então a participação de Portugal nos «Jogos sem Fronteiras»? Julgo, à partida, que sim. Já aqui o disse, aliás. Fialho Gouveia dizia também em Maio do ano passado que a decisão de abandonar os «Jogos» era um erro: «Queremos entrar para o Mercado Comum e penso que os «Jogos sem Fronteiras» são já de certo modo uma maneira pr'opria de estarmos na Europa...»

São-no de facto. Não tanto pelo «show-off» que os costuma caracterizar, mas mais pelas possibilidades de promoção turística que nos trazem. Não esqueçamos que os «Jogos» são, logo a seguir ao Festival da Eurovisão de canções, o programa de maior audiência na Europa — cerca de 150 milhões de telespectadores em cada edição.

Entretanto, na passada quinta-feira, foi dia «sim» para a nova época dos «Jogos sem Fronteiras». Um tanto inesperadamente e em simultâneo, Imprensa falada e escrita fizeram eco de mais uma tem-

porada dos «Jogos» com a participação de Portugal!

Tudo boatos afinal! Portugal volta assim aos «Jogos»...

E lá apareceu o Fernando Pessa agora em Ponta Delgada para acompanhar a equipa representante dos Açores na primeira jornada da prova, a realizar proximamente em Itália. Vimos o habitual: as paisagens da região, o folclore (o belíssimo folclore dos Açores), o treino da equipa e, no final, a listagem das empresas patrocinadoras da deslocação dos jovens açorianos.

O sistema de participação financeira de patrocinadores estranhos à RTP é em muitos casos extremamente polémico, mas no que respeita aos «Jogos» parece-nos ser de facto a via a seguir. Não percebemos mesmo porque é que na edição por nós realizada no ano passado em Vilamoura, a RTP apareceu como a entidade «investidora» ao lado da Secretaria de Estado do Turismo.

Não percebemos porque é que não foram conseguidas participações de patrocinadores potenciais — que existem, seguramente! Não percebemos, enfim, porque é que para a deslocação de uma equipa isso é conseguido e para a realização dos «Jogos» não o é.

Ai estamos nós então lançados para os «Jogos sem Fronteiras» de 1981. O anúncio público parece ter sido feito inclusive também anteontem numa conferência promovida pela Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Lisboa.

Esperemos só que aos «Jogos sem Fronteiras» deste ano se não venha juntar a «mãozinha» de Krus Abecasis. A não ser que seja para mais uma anedota...

TELECRÍTICA

21/5/81

Rui Cádima

Um sábado juvenil muito desengonçado

Mais um novo programa na RTP. Em jeito de análise às escolhas da actual directora de Programas: só agora parecem estar a aparecer os frutos de um trabalho que teria começado com certeza logo a seguir ao assumir do cargo. Mais vale tarde do que nunca...

Ultimamente as «Telecríticas» têm sido de certo modo elucidativas em relação a esta pequena «avalanche» de novos programas e ao seu interesse. Sábado, entretanto, surgiu o muito anunciado «Porque Hoje é Sábado» dedicado essencialmente à juventude — das idades mais pequenas às idades «quase» adultas — como consideraria eventualmente Philippe Ariès entrevistado na última parte do programa.

No entanto os mais novos não estariam apenas representados neste novo programa... Logo no abrir da emissão o actual «chefe» de serviço — o cozinheiro Michel — apresentaria um pequeno gigante da cozinha, atento orientador de um prato que nós vamos com certeza experimentar dentro em breve: A «omelete do André». Este «chefe» de palmo e meio foi com efeito o novo convidado do apresentador dos «Lúculos e Bróculos» nessa curta série de programas dedicados aos mais novos. Uma bela ideia de facto.

Ainda ainda do «Porque Hoje é Sábado» estivemos com a «Animação» do Vasco Granja e com a «Super-Mulher». A tarde seria assim uma espécie de «contrapeso» da noite com um programa de características familiares, para adultos e, também, terceira idade.

O «Porque Hoje é Sábado» enferma de uma estrutura que é à partida extremamente pesada e repetitiva sem que os «quadros» comportem as repetições e, o que é mais grave, sem que se tenha obviamente a menor intenção de fazer algo diferente.

saturada de pequenos convidados que se repetem uns aos outros (à falta de situações criadas que os motivem e para as quais eles estejam preparados...). A Televisão para crianças não é o mesmo que a festa de escola.

Penso que muitos dos erros cometidos anteriormente no «Tempo dos Mais Novos» dos domingos de manhã se voltam aqui a verificar. Em programas dessa altura, como as «Brincadeiras» por exemplo, por diversas razões, as crianças não estavam mesmo nada motivadas para uma participação, uma entrega lúdica ao jogospectáculo. E porquê? Talvez porque ele não existisse...

Aqui volta a acontecer um pouco o mesmo. Para melhor, sem dúvida. «Eu sou capaz», a primeira parte deste algo desequilibrado programa é sintomática em relação a este aspecto. É bonito ver-se uma boa leitura do conhecido poema de António Gedeão — «Poema da morte na estrada» feito por uma menina de onze anos. Todavia, se o nível geral das «capacidades» se queda por uma vulgaridade, por um «déjàvu», as crianças repetem o bocejo. Uma possível solução para obviar a este género de continuidades é seguir o exemplo de programas como «Quadrados e Quadrinhos», «Sheiks», «Directíssimo», «Passeio», etc; mesmo quando o que se passa no plateau do estúdio não é bom, o aplauso (dirigido) «abafava»...

Por outro lado o «Lugar aos Novos» parece ultrapassar aquele problema. Trata-se fundamentalmente de uma questão de produção: «Quem convidar?» Tanto neste bloco, como no primeiro, como n'este no último — talvez o mais indefinido dos três



Domingo sangrento domingo

Sobre temática tão actual e preocupante escrevo-lhes ainda durante o «Telejornal» de domingo, pensando no título em epígrafe e tendo consciência de que este trabalho só vai ser lido depois de os telexes começarem a circular e, enfim, depois das coisas já estarem esclarecidas, por assim dizer.

No momento em que vos escrevo ainda não estão contudo completamente esclarecidas as questões relativas ao assalto do banco em Barcelona. Não completamente esclarecida também a forma como se prolongaria a própria reportagem feita pela TVE-Barcelona, dando inclusive a ideia, a certa altura, de que o operador de câmara havia sido atingido por uma bala. Não seria de facto o primeiro caso em condições semelhantes...»

Foram imagens extraordinárias as que vimos, semelhantes às que recentemente vimos do atentado a Reagan e da atentado a João Paulo II. As imagens de agora talvez transcendam as primeiras. Não tanto pelo seu significado em si, mas talvez por serem nossas vizinhas, dizendo-nos por isso muito directamente respeito. E não é só por isso... É que como se sabe a situação política em Espanha tem sido de tal modo tensa que muitas das vezes se sobrepõe inclusive à própria situação política nacional que se vive por este cantinho à beira-mar «sitiado»...

Entretanto o «Telejornal» termina. Os reféns acabam de rastejar debaixo do fogo cerrado. A dúvida permanece, porém, rastejando também ela debaixo de uma informação incompleta, saltitante entre parágrafos obviamente desconexos. Raul Durão, com uma mão nos telexes e outra no telefone, lá informa, no final, que os terroristas não são políticos, mas sim de delito-comum para depois o Governo espanhol voltar a informar que eram de extrema-direita. Do outro lado Vasco Lourinho enrola os pés nas mãos e ante-aprova,

rastejando perante o nervosismo. Uma palavra a pairar sobre as atribuições da informação da «1»: violência. Brutalidade, também.

Sangue, violência, brutalidade não vimos só na Praça da Catalunha, em directo de Barcelona.

Viriam também do Estádio da Luz. Estávamos calmamente a ver o programa de Mário Zambujal quando nos apercebemos de que algo de anormal se havia passado no final do jogo entre o Benfica e o Vitória de Setúbal. A partir daí a continuação do «Grande Encontro» seria um pouco sobressaltada.

Por fim, após as 20 horas, e um pouco mais tarde que habitualmente, lá surgiu o tema «quente» pelo qual todos com certeza aguardávamos. Pelo nosso lado, nessa altura estávamos ainda a «leste» daquilo que efectivamente se havia passado. Que dificuldades se puseram então à transmissão dos acontecimentos no programa em questão é coisa que não sabemos. Não foi difícil porém de ser perceber que alguma coisa não estava a decorrer normalmente.

Aqui as imagens parecem não terem sido assumidas com a mesma cruzada com que por exemplo foram assumidas as de Barcelona.

O retomar da «batata quente» veio contudo num «frente a frente» muito apaziguador entre Mário Zambujal e o presidente do Benfica, Ferreira Queimado. Zambujal não foi aqui de facto c «bom malandro». Deixou-se enlear numa espécie de pré-campanha eleitoral. Parecia até o «Telejornal» em tempo oficial. Respeitinho, e mais nada...

Violência política, violência desportiva, violência policial. Violência do espectáculo (uma outra forma de violência a do «TV Show»). Do sangue que correu na Luz, do sangue que correu em Espanha nada mais senão o medo. E ele entrou-nos pela casa dentro, em directo dos estúdios...

S. Carlos vs. Parque Mayer

Quase autênticas as águas de Maio que nos visitam neste final de Primavera. A seca perdeu-se e a emissão de segunda-feira, mesmo sem «Últimas Notícias», aproximou-se das 24 horas. Um retomar da normalidade, ainda que neste aspecto tudo não passe de algo feito com pouca convicção.

Águas televisivas, claro. Sente-se agora uma outra «corrente» a ganhar forma. S. Carlos e o Parque Mayer, cada um na sua vez, preencheram os espaços da noite.

A Companhia Nacional de Bailado esteve finalmente presente com a sua muito aguardada «Sylphide». Desde a apresentação deste trabalho realizado para TV por Cecília Netto, e dirigido por Armando Jorge, apresentação feita à Imprensa recentemente no auditório da RTP, desde aí que se esperava com uma certa curiosidade esta gravação integral.

Logo nessa apresentação foi de facto notado o excelente trabalho de todos os intervenientes neste espectáculo televisivo. Desde o corpo de bailado à direcção coreográfica, passando obviamente pela direcção de TV, todos evidenciaram um nível de preparação, todos se «exibiram» de forma pouco usual em programas deste tipo. Houve mesmo quem não se coibisse de apontar ao trabalho final um nível internacional.

Uma das pessoas a fazê-lo foi, inclusive, o director da Companhia Nacional de Bailado, Armando Jorge. Ele foi o primeiro a reconhecer, no final, que se tratava, com efeito, de um trabalho de exceção. É claro que estas coisas não acontecem por acaso...

Não é sem mais nem menos que é possível atingir uma realização

de grande nível para Televisão. Os «ensaios» aturados, por assim dizer, são obviamente forçosos; o estudo da planificação e a correcção das «takes» menos felizes um imperativo. E para que tudo isto resulte é necessário uma predisposição, um apoio «logístico» da própria produção. Cecília Netto parece ser, actualmente, no plano da gravação de espectáculos narrativos em estúdio, uma realizadora francamente em evidência e portanto a exigir um apoio inquestionável. Lembramos alguns bons trabalhos: sobre Camões há cerca de um ano; recentemente, «Aida»; também «É Menino ou Menina», com as ressalvas que a tempo assinalámos, e muitos outros.

Um apoio também fora do vulgar parece estar a ser dado ao concurso «Ou Vai ou Taxa» agora em segunda edição de apresentação. Há quinze dias atrás tínhamos visto já uma primeira emissão com a atribuição de um apartamento entre todos «taxados». Desta vez em jeito de reedição uma resma de prémios a mais vieram acompanhar o «chorudo» prémio final.

Alguns milhares de contos em jogo uma vez por mês, portanto. Está assim feito o convite a todos aqueles que ainda o não fizeram para entretanto pagarem a taxa e ficarem candidatos a esta lotaria video-electrónica.

Para além desses aliciantes, a nota de humor vinda de uma das mais produtivas equipas humorísticas do Parque Mayer: Henrique Santana, César de Oliveira, Rogério Bracinha. S. Carlos contra o Parque Mayer...

Quem adorou o primeiro poderia ter odiado o segundo. Incompatibilidades? Julgamos que sim. Passíveis, contudo, de serem mediadas.



28/5/81

Rui Cádima

Do toiro de Balsemão para os «leões» da Luz

Há jogos e... jogos. «Animal Farm» de George Orwell era um jogo parabólico. Mas há também jogos lúdicos, jogos escuros, jogos de sorte, jogos de palavras, jogos de morte. Terça-feira todos eles pareceram estar representados a partir da abertura da emissão.

Os jogos e os homens, Nelson contra Marcos, os «Jogos sem Fronteiras», Balsemão e a cabeça do touro, César Oliveira e os «leões» na Luz, a Divisão Brunete e os «Marroquinos» do exército espanhol contra todos e, enfim, o que mais se viu...

Daqui se poderia partir para uma certa antropologia das relações de força entre os homens, dos «jogos» a que eles se propõem, da bestialidade a que eles se oferecem. Claro que em caso de prolongar as consequências destas premissas às suas últimas instâncias, as conclusões finais não seriam nada estimulantes. Tudo indica de facto que a civilização contemporânea percorre actualmente um longo túnel, ao encontro quase fantasmático de uma espécie de bestiário medieval. E de facto todas as barreiras parecem frágeis para deter esta «onda» irreconhecível.

Jogos e homens estariam de facto em questão ao longo de toda a noite de terça-feira, sendo assim feito como que um apontamento alargado às mais variadas temáticas e situações, daquilo que pode ser por exemplo a interacção da actividade lúdica (e da sua oponente repressiva) no meio social.

O triunfo dos porcos criados à maneira de Esopo por George Orwell está já por aí a grunhir. 1984 também se aproxima. A futurologia começa a ver o seu fracasso quando contabiliza o número de fícções em torno de uma eventual III Guerra Mundial, para se afastar daí, inventando agora o superestado policial, a militarização dos

«robots» humanos, a afirmação de todos os «intervenientes especiais» perante os «toiros» indomáveis.

Voltamos de facto ao circo romano. Os homens voltam a ser lançados às feras. Toiros e leões andam por aí à solta, à mistura com os cães-polícias debaixo de eventuais inquéritos parlamentares.

É este o panorama sombrio que se sente cada vez mais a pairar sobre os indefesos humanos à mercê dos jogos ilícitos. É esta a paisagem negra que rapidamente ressalta de uma primeira leitura à informação televisiva «catapultada» de todos os centros em ebulição para nossas casas.

O animalismo paira por aí. Num «salto» à RTP/2, num intervalo dos «Jogos sem Fronteiras», deparamo-nos com Pinto Balsemão a ser entrevistado por José Alberto Machado em pleno voo da Madeira para Lisboa. Por duas ou três vezes no avião, e pelo menos por mais uma já no aeroporto, Balsemão sacou do cômputo de uma governação que teria terminado a 1 de Maio.

Que se conseguiu manter à «cabeça do touro», disse. Que neste momento tem o jogo ganho... Espécie de «domador», o nosso primeiro-ministro... Esta ideia de «domar»...

Sobre os acontecimentos da Luz verfamos entretanto parte da intervenção de César Oliveira, da UEDS. Aqui, a defesa dos «sacrificados», jovens na sua maioria, que foram alvo fácil dos bastões de homens treinados, muitas vezes nas condições que veríamos na reportagem sobre o exército espanhol — do corpo para-franquista Brunete aos legionários de Ceuta, os «puros» que não gostam de ouvir falar em democracia...

Se Orwell estivesse por aí escreveria hoje a sua mais violenta fábula contra a besta que está viva.

Rui Cádima

Futebol: cúmplice do fenômeno televisivo

Vamos aproveitar o fim deste ciclo das finais das taças europeias de futebol para tecermos aqui mais algumas considerações em torno do espectáculo desportivo na Televisão. No que se refere em específico à transmissão da TF1 do Liverpool-Real Madrid pouco há a acrescentar em relação ao que temos dito sobre trabalhos idênticos feitos fora de Inglaterra. De facto, a BBC tem um jeito especial de realizar jogos de futebol...

Quando aqui há uns dias atrás falei do futebol como um espectáculo televisivo, essencialmente visto por homens, fizendo tendo em consideração algumas estatísticas conhecidas, elaboradas directamente sobre a questão.

Talvez tenha interesse fazer aqui referência a uma dessas estatísticas uma vez que se trata de um trabalho de investigação de nível universitário extremamente bem elaborado. Apesar de realizada em 1971, pelo «Centro de estudos das técnicas de difusão colectiva», da Universidade Livre de Bruxelas, esta análise estatística não pode deixar de ser considerada como actual, dado tratar-se com efeito de um dos raros trabalhos a citar entre estudos do género. Vejamos então:

Em geral as emissões desportivas dirigem-se, sobretudo, à metade masculina do público. É de facto um elemento a ter em consideração quando se aprecia a importância dos seus auditórios. Sem dúvida que a mulher continua a ser, neste caso, um público «obrigado»...

De facto, gostam de ver desporto na Televisão cerca de 51,5 por cento do auditório global. Vêem desporto sem se interessarem profundamente por todos os lances cerca de 35,3 por cento (dos quais

11 por cento são homens e 24,3 por cento mulheres). Ainda segundo o mesmo estudo não vêm programas desportivos cerca de 13 por cento dos telespectadores. Não respondem 0,2 por cento dos interrogados.

Em termos de transmissão «via Eurovisão» pode dizer-se que o desporto é o programa-tipo, o género mais transmitido: cerca de 65 por cento dos programas da rede. Isso acontece desde que a França e a Grã-Bretanha decidiram estabelecer uma primeira ligação simultânea em 1950. A Eurovisão só se oficializaria em 1954, como é sabido, sob o impulso de Jean D'Arcy. Seria nessa altura que surgiria o acontecimento que popularizou definitivamente a rede da Eurovisão. E não seria outro senão um acontecimento desportivo, com efeito: O Campeonato do Mundo de Futebol retransmitido de Berlina, Houver, inclusive, quem dissesse que «graças ao futebol» tinha nascido a Televisão!...

Outros dizem que se não fosse o Futebol a evolução da própria Televisão e também a comercialização dos aparelhos teria tido em tempos um muito menor sucesso... Citam como exemplo diversas grandes transmissões de jogos de Futebol, de Ciclismo (principalmente a Volta a França), de Râguebi, ao longo dos anos 50-60 para explicarem o triunfo da «Televisão desportiva».

O que é certo é que para além do aspecto alienante a fusão do espectáculo desportivo com o *media* é muitas vezes lido sob o ponto de vista sociológico como um símbolo de paz e de entendimento entre os Homens, mesmo quando a competição não decorre da forma mais «amistosa» como acontece por vezes em grandes jogos internacionais...



TELECRITICA

30/01/81

Rui Cadima

Viva o rock «vivamúsica»

Passaram-se meses e meses sem que a RTP tivesse um magazine de música «pop». Passaram-se meses e meses, aliás, sem que a RTP tivesse sequer um único magazine fosse do que fosse.

Esses tempos inglórios parecem ter chegado ao princípio do fim. Sejamos optimistas: magazine de teatro já há, de cinema está por aí a aparecer, de música já apareceu, de artes plásticas há-de vir.

«Vivamúsica» — assim se chama o magazine musical que agora se estreou — é um programa da responsabilidade de Jorge Pego, um nome também conhecido das lides automobilísticas, ao que parece com competência em qualquer das matérias, o que normalmente não acontece na RTP em casos semelhantes...

«Vivamúsica» estreou-se na RTP na passada quarta-feira. Guardámos a referência a este primeiro programa propositadamente para sábado para que os leitores do «Som 80» também se inteirassem do espírito e da estrutura do programa, pelo menos do que esta primeira emissão de «Vivamúsica» deu a entender.

Tratou-se, com efeito, de uma emissão muito especial, de uma qualidade francamente acima da média, de tal forma que nós temos, inclusive, que o nível atingido não possa ser repetido muitas vezes, devido aos elevados custos de produção de um programa com a estrutura deste primeiro.

Em questão esteve o rock português. Uma boa mão-cheia de grupos recém-criados, mas já com as suas músicas bem decoradas pelo público mais jovem, passou de princípio ao fim por este «Vivamúsica». Para além dos grupos, algumas incursões de críticos da especialidade como Jaime Fernandes, António Macedo, Ricardo Camacho.

A iniciar a série de grupos, era de facto imperdoável não propor o

Rui Veloso. Diz-se por aí que ele foi um dos principais responsáveis por este autêntico «boom» por que passa a cena do actual rock que por cá se fabrica. Diz-se, e em parte é verdade... Por outro lado, antes de Rui Veloso muita coisa se passou. Que o digam os músicos da «geração de 60» que andaram com o «rock around the clock» e os Beatles nos ouvidos, ainda os «putos» de agora estavam no berço...

O que é facto é que se 1980 foi o ano em que se ouviu e se comprou rock português «a sério», 1981 foi o ano da consolidação e simultaneamente o do «grande estoiro»: dezenas e dezenas de grupos apareceram em avalanche de norte a sul do País.

Alguns dos melhores de entre eles estiveram pois na primeira edição de «Vivamúsica». Os seus nomes: GNR com «Portugal na CEE»; os TNT com «Tudo Bem»; os CTT de Torres Vedras vieram-nos falar de «destruição»; os Taxi com a sua já muito conhecida provocação ao *media* sobre o qual vos escrevo; também por lá passou a Adelaide Ferreira feita «Baby Suicida» (perdeu muito sem a sua «coreografia de cena», sem o seu óptimo «visual»), os Iodo, os UHF, a gente do Salada de Frutas com o seu polémico «Robot», top de vendas nos singles, assim como, aliás, é top nos LP's o longa-duração dos Taxi.

Todos eles, portanto, em «telediscos» que nos pareceram serem feitos com grande dedicação e profissionalismo, julgo que pelo João Egreja, com uma óptima «câmara». Boa também a montagem de Eulália Pinheiro.

Um excelente trabalho, portanto, bons «telediscos» e a vontade de promover o rock tocado pelos grupos portugueses nesta altura «histórica» em que foi aprovada a lei de defesa da música portuguesa. Boa nota!

TELECRITICA

16/81

Rui Cadima

Se não fossem algumas mulheres a bater o pé...

Em primeiro lugar e no que se refere à programação de sábado, uma constatação de ordem geral: à «pedrada no charco» que foi a mesa-redonda coordenada por Lénia Real no «Em Família», terceira parte do «Porque Hoje É Sábado», cujo tema era a mulher na família, nada se opôs ou nada mesmo surgiu, em paralelo, ao longo de todo o dia.

Mas para além da cortina que mediou entre o vasto auditório de que todos fazemos parte e o Lumiar, alguns aspectos houve que fizeram, inclusive, desse dia a reposição de águas passadas em terrenos demasiado pisados nestes últimos meses: um programa que continua a ser anunciado mas que teimosamente continua a não aparecer — o «Ecran» da responsabilidade de Augusto M. Seabra e José Nascimento.

Ainda um «Festival de Saint Vicent» a seguir aos «Lúculos e Bróculos», programa da RAI que mais parecia feito para «fazer frente» às produções semiclandestinas das muitas dezenas de Televisões privadas que abundam em Itália. De facto, um programa daqueles, aquela hora é, no mínimo, uma indigestão. De Allen Sorrenti às meninhas do debache «novo-punk», passando pelos mini-shows de um erotismo de revenda, tudo aquilo estava de facto desenquadrado do horário, tendo assim, claro, estragado a sobremesa sobre a «Eagle Toast» preparada no programa de culinária transmitido imediatamente antes.

Nota negativa também para o primeiro programa da série «Gente Singular» com realização de Alfredo Tropa. Teresa Cruz entre a publicidade e o jornalismo do décimo ano da escolaridade. Um tema imaginável: os *flipper's*. Com música de Rui Pinto, que

Jim Morrison, ouvimos falar da «técnica» deste jogo quase clandestino...

Do «Aqui e Agora» pouco haverá a dizer. Quase duas horas de tempo de emissão para os esforçados delfins da política de Proença de Carvalho/Duarte Figueiredo... José Eduardo Moniz a coordenar falhanços atrás de falhanços, a impor a lengalenga de bloco, a baquear estrondosamente como entrevistador perante Meneses Piamentel, despedido no melhor da «festa», quando se esperava que a polémica com Almeida Santos viesse animar a noite televisiva que nada mais prometia...

«E o Resto São Cantigas» é um programa com uma filosofia bem delineada à qual aqui já nos referimos logo após a sua primeira emissão. Não concordamos com este tipo de programa para as noites de sábado. Estes serão para a terceira idade não têm de facto conquistado, tanto quanto julgamos, o auditório de sábado à noite. Jaime Mendes, maestro sem referentes, admirador número zero dos Beatles, foi o convidado desta terceira vez. Para além dele as habituals rábulas, fados e guitarradas, revival-saudosismo, lágrima ao canto do olho...

Voltemos atrás. Rápida passagem pela intervenção de José Vieira Marques sobre o Festival de Cinema de Cannes, no «Magazine/7». Uma passagem ainda pelas sorumbáticas questões postas aos Tubes nas bancadas de Alvalade. Qualquer dos materiais foram, com efeito, muito mal tratados.

Quanto ao resto há só que felicitar todas as participantes na mesa-redonda a que fizemos referência de inicio, principalmente pelo



3/6/81

Rui Cádima

Uma mão cheia de «malditos»

Nós confessamos todos: até pensámos que era brincadeira... Quando nos disseram que o José Mário Branco ia preencher o «TV Show» com o seu espectáculo «Ser Solidário», recentemente em cena no Teatro Aberto, não fizemos mais senão sorrir. Boa sátira. Qualquer bom humorista poderia utilizar esta «charge» sobre o malfadado programa. Mas de facto desta vez não se tratava de humor. Nem sequer de boato... Era mesmo verdade, ninguém diria...

Vitorino, um companheiro de viagem de José Mário Branco nestas coisas da música popular portuguesa, estaria também no pequeno ecrã neste domingo que passou, mas durante a tarde, no «Passeio dos Alegres». Dois nomes essenciais no panorama da música portuguesa de qualidade, dois nomes habitualmente vistos como «malditos» pelos responsáveis da RTP. As pouquíssimas vezes que eles têm tido acesso aos estúdios desta empresa pública muito privada são disso uma prova irrefutável. Começará agora, muito provavelmente, a época da «abertura»...

Outro nome em foco na tarde de domingo foi Fernando Mamede. Todos nós guardávamos para o início do «Grande Encontro» para vermos essa grande proeza do atleta do Sporting. Não se percebendo porquê, Mário Zambujal iniciou o programa de que é responsável com um palavreado enrolado referindo em «lead» os aspectos mais importantes do dia deixando assim as imagens de Alvalade para o «miolo» do programa. São teses....

A grande surpresa do dia veio no entanto no habitual bloco religioso dos domingos. Quer a «Eucaristia Dominical» quer o «Setenta Vezes Sete» trouxeram neste domingo aos estúdios um tema sempre quente e, por isso, sempre afastado da informação da

RTP/1, um dos principais responsáveis pelo facto em si. O tema: a «Comunicação Social».

Se no passado sábado tinha sido uma mesa-redonda a sobressair sobre a restante programação (e da qual falámos ontem), domingo foi ainda uma mesa-redonda que se destacou da programação em geral — a par, claro, do fabuloso programa onde José Mário Branco foi a figura central.

Tratou-se de um trabalho realizado pelos coordenadores de «Setenta Vezes Sete» — Manuel Villas Boas e António Rego, que também foi aqui entrevistado. Pedro Cid, conhecido comentarista de política nacional da RDP, Rui Osório, jornalista do «Jornal de Notícias», foram os outros dois participantes.

A manipulação na Informação, a deontologia profissional, a preparação do receptor da mensagem e a função da Igreja nestes domínios foram os temas mais presentes. Iniciado o programa logo após a «Eucaristia», onde acabava de ser feita uma homilia sobre o mesmo tema, foi-nos apresentado um pequeno filme animado no qual a família «transistor» se apresentava como personagem manietada pelas múltiplas fontes «dirigidas» da Informação. Várias pessoas apanhadas um pouco ao acaso pela equipa de reportagem de rua disseram um pouco de sua justiça, José Gomes Ferreira foi um dos inquiridos ali para os seus lados, na Av. da Igreja, pronunciando-se, claro, contra os efeitos malignos dos media de maior capacidade difusora.

Uma mão cheia de «malditos», ou não. Porém, os suficientes para encherem bem a pantalha.



3/6/81

Rui Cádima

Hollywood «miserabilista»

Foi de facto num ambiente «dourado» que não refletia de modo nenhum a crise por que passa a indústria cinematográfica norte-americana que se realizou a 53.ª edição da atribuição dos Óscares.

Talvez não tenha nenhum significado particular mas de qualquer modo achamos interessante referir o seguinte: o programa especial da entrega dos Óscares da Academia de Hollywood foi para o ar este ano com cerca de dois meses de atraso em relação ao dia da realização do certame. No ano passado essa diferença foi de cerca de um mês... Não atribuimos contudo nenhum significado especial ao facto.

O programa deste ano foi então transmitido anteontem. Há um aspecto de ordem geral em relação à atribuição dos 'Óscares' que convém sublinhar, ou melhor, re-sublinhar. De facto aquilo que se verificou o ano passado em termos de política geral de atribuição dos Óscares voltou este ano a verificar-se. Aquilo que no ano passado foi grande surpresa tornou-se este ano numa repetição aguardada, foi o manter de uma política bem definida (e bem defendida) pelos grandes produtores de Hollywood para os anos 80. Só Coppola e alguns «independentes» parecem ainda empenhados em combater este novo espírito «miserabilista» que paira sobre a fábrica dos sonhos...

«Miserabilista» não foi de qualquer modo a realização deste acontecimento «top» no mundo do cinema. Michael Pasetta foi este ano de novo o responsável pela realização sendo Norman Jewison, o popular realizador, o responsável pela produção. Uma elevada técnica apoiada em sofisticados meios técnicos para além da brilhante preparação e planificação televisiva do espectáculo fizeram

que a tardia transmissão muito tirou ao impacto do programa. Um problema a resolver, portanto, para o próximo ano.

O problema do «miserabilismo» de que nos falava atrás é como sabem o apoio entretanto dado às boas produções de baixo custo em detrimento dos superfilmes que são também superproduções. O problema é de facto serem os primeiros mais rentáveis. Isso aconteceu também em Lisboa. «Kramer contra Kramer» foi umas dezenas de vezes mais barato que o «Apocalypse Now» de Coppola e no entanto fez muito mais dinheiro em Lisboa por exemplo do que o filme sobre o Vietnam.

A aposta dos produtores norte-americanos é essencialmente essa. Defender «Ordinary People» contra «Raging Bull», ou contra «The Elephant Man», defender o pequeno investimento rentável contra a aventura do grande investimento.

A atribuição dos Óscares é o culminar desta política, o auge de todo um complexo sistema de «marketing» que atinge tudo e todos, desde o apagado estudante do American Film Institute à Casa Branca, de onde o próprio Reagan envia, como viram, uma mensagem «para todos os que participam» com o seu trabalho na realização dos filmes... Aliás neste esforço oficial sobre a própria indústria cinematográfica estaria implicada a defesa do próprio sistema de austeridade. Nada melhor do que ter um «padrinho» presidente...

Curiosamente a data marcada para a entrega dos prémios coincidia com o dia em que Ronald Reagan sofria o atentado de John Hinckley. Exactamente com a explicação do dia de atraso na comemoração da cerimónia, devido ao atentado, assim começou esta 53.ª edição. Que Hollywood se não transforme na fábrica das realidades e Washington na fábrica das sonhas é o nosso desejo.



1 + («ÁGUA VIVA»—1) + 1 = 1

Sem dúvida nenhuma que a «Água Viva» está agora com um novo ritmo. Há alguns episódios atrás Gilberto Braga — o primeiro autor desta novela, e autor também de algumas outras que já vimos — cede o lugar a Manoel Carlos, um nome que se afirmou no panorama dos novos argumentistas de novela brasileiros, principalmente com o «seriado» «Malu Mulher».

É assim que neste momento as atenções se voltam como nunca para o desenrolar de uma narrativa cada vez mais expectante e explosiva, onde Ligia — a excelente Betty Faria — desencadeia no auditório as mais diversas e opostas reacções que provocam a briga entre os irmãos Fragonard.

É aliás extremamente «requintada» a forma como Manoel Carlos resolve — e deixa em suspenso — uma série de situações de um «youerismo» absoluto, por exemplo, após o reencontro de Nelson com Ligia, imediatamente antes da partida de Miguel para uma viagem de dois dias...

Um espanto este Manoel Carlos!...

Vem a propósito, claro, relembrar aqui a série «Malu Mulher», entretanto desaparecida das segundas-feiras. Em sua substituição veio uma série inglesa com o título genérico «Caminhos do Coração» que, evidentemente, nem de perto nem de longe terá em Portugal a popularidade de que desfrutou a série de que foi autor, em grande parte dos episódios, o autor desta fase final de «Água Viva». Uma pergunta que entretanto deixamos no ar: para quando a continuação da série com Regina Duarte que tanto êxito tem feito mundo fora?

Em relação ao «Cineclube» de António Pedro de Vasconcelos e

após uma breve homenagem a Hitchcock, que decorreu ao longo de três sessões, entrámos agora numa fase dedicada a um dos mestres do western — Raoul Walsh, de que foi exibido nesta terça-feira «Silver River».

Nós, contudo, ficámos a seguir a «I» com o segundo capítulo da série «1 + 1 = 1», o programa de que já falámos há quinze dias atrás, da responsabilidade de José Augusto Seabra, Natália Correia, Manuel Alegre e David Mourão Ferreira. Cada um deles na sua vez, todos irão «radiografar» o rosto cultural deste país, numa espécie de psicanálise «verista» do destino nacional.

Natália Correia percorreu na primeira emissão algumas das intrincadas veredas do mito sebástico, José Augusto Seabra preferiu desta vez o movimento portuense da «Renascença Portuguesa» como forma de introduzir o lema mais amplo da «assunção da identidade e da diferença» do ser português, da singularidade da cultura em geral e da estrutura «colectiva» civilizacional.

«Não há civilização que termine sem cultura», era dito a certa altura, citando-se Almada Negreiros, para exemplificar depois com Pessoa a multiplicidade cultural de que somos feitos: «Todo o bom português é várias pessoas...»

Da «Renascença Portuguesa» José Augusto Seabra voltará a falar na sua próxima intervenção. Voltaremos a ouvir falar de Pascoaes, Cortésão e Leonardo Coimbra. Da importância do movimento nas aspirações e objectivos da I República. E voltaremos a ver com certeza como no Porto se pode fazer boa televisão. Caso raro!



Óleo na costa, ira na vinha...

Precisamente no dia em que se anunciava na primeira página do «PH» uma entrevista com Victor Alves acerca do I Congresso das Comunidades, passava na RTP um programa de «Divulgação» que tinha por principal objectivo anunciar a realização próxima do referido congresso — de 5 a 10 de Junho — fazendo também uma breve retrospectiva de tudo quanto se passou nos últimos meses em torno de todos os preparativos que antecederam esta reunião.

Vimos assim os vários responsáveis pelos diversos encontros de comunidades de emigrantes, nas várias partes do mundo, prestarem declarações à reportagem da RTP. A «superintender» todos estes pequenos apontamentos estava, por assim dizer, o reitor da Universidade de Lisboa, professor Rosado Fernandes, um dos melhores da antiga comissão de apoio da candidatura de Soares Carneiro...

A partidarização de que falava Victor Alves não se verificava só em situações deste tipo. Mesmo sem termos conhecimento da totalidade das suas declarações, aquela «cacha» era já de si não só significativa, como, aliás, um lugar-comum.

Falararam os vários representantes máximos dos encontros realizados mundo fora: por Macau, pelos EUA e Canadá, pelas comunidades da África do Sul, da América Latina (Caracas), das comunidades europeias (Paris). Falou «quem de direito»... E nada mais se disse... Como se este I Congresso das Comunidades não comportasse-se em si a diferença, a crítica, a dissidência, a dúvida, a oposição. Como se este I Congresso das Comunidades fosse um congresso verdadeiramente cedido à emigração...

Outra «mancha negra»: esta na verdadeira acepção do termo. Trata-se de facto da mancha de óleo negro que se estende ao longo das praias desde a Costa da Caparica até à Fonte da Telha. Com imagens deste verdadeiro crime iniciou o «Telejornal» o seu bloco informativo — iniciou e terminou, agora com imagens de helicóptero. De um crime ecológico se tratou. Contudo não nos foram dadas respostas satisfatórias, cumpriu-se o calendário...

As respostas têm sido sempre mais oficinas do que «informativas». Sobre qualquer problema há sempre uma solicitação a uma entidade oficial ou paragovernamental — nunca são dados ouvidos àqueles que vivem mais de perto o acontecimento — quer sejam muitas vezes as próprias populações, quer os grupos empenhados na defesa de determinados interesses do «social».

Assim se passa também a nível informativo na área do «trabalho». Greves, lutas sindicais, conflitos laborais nunca são suficientemente tratados, põem em pânico o apresentador responsável, jornalista que por certo se deita todas as noites em perfeita paz com a sua consciência, julgando ter informado os portugueses.

«As Vinha da Ira»... Espécie de mancha exorcizada... Como se do lado se tratasse, Steinbeck e John Ford juntos para anatemizar impiedosamente em duas grandes obras-primas — o livro e o filme — as atribulações de uma família pobre rural norte-americana em busca de terra fértil para se estabelecer em definitivo. Uma realidade tratada na ficção como nenhum dos aspectos anteriores deste texto o foi sob o ponto de vista informativo.



Em torno da estreia de Hitler

Se o telespectador quisesse, quinta-feira passada, fazer o percurso «televisivo» Ludwig - Visconti - Wagner - Syberberg - Hitler não poderia, pura e simplesmente. Ter-se-ia que deter, ou perante o último episódio da série de Visconti, ou, em detrimento deste, optar pelo primeiro episódio de «Hitler, Um Filme da Alemanha», de Hans-Jürgen Syberberg.

Como sabem esta longa-metragem de oito horas, recentemente exibida nos circuitos não comerciais, em Lisboa, foi agora dividida em cinco episódios pela RTP, tendo sido iniciada a sua projeção anteontem.

Eram cerca de 21.20h quando João Barreto iniciava na RTP/2 a apresentação do polémico filme do mesmo autor de «Ludwig, Requiem por Um Rei Virgem». Na «1», entretanto, estava Margarida Andrade a apresentar a programação da noite; que a seguir viria «Ludwig», de Visconti, e no final a «Grande Reportagem»...

Voltamos a «Hitler, Um Filme da Alemanha». Em primeiro lugar para dizermos que a escolha de João Barreto para apresentar esta série nos pareceu perfeitamente correcta. E dizêmo-lo porque aquando da passagem do filme em Portugal, por ocasião da retrospectiva Syberberg, acompanhámos de perto os debates então realizados, bem como a longa série de artigos que iam sendo publicados na Imprensa de Lisboa sobre o polémico filme. Assistimos inclusive ao debate a que João Barreto fez referência nesta apresentação, realizado no Centro Nacional de Cultura e no qual participou também o realizador do filme, Hans-Jürgen Syberberg.

João Barreto foi uma das únicas pessoas a assumir uma posição pública que nos pareceu na altura mais consentânea com aquilo que

nós «víamos» no filme e também com as próprias propostas do realizador.

Bom... Não se comprehende portanto porque é que «Hitler» começou a ser exibido na RTP/2 sem ter terminado o «Ludwig» na «1». Trata-se aqui de uma questão de fundo: quem vê o filme de Visconti quer ver, em princípio, o filme de Syberberg. Os números poder-nos-ão desmentir, mas há que arriscar. A programação quase simultânea de ambos, por muito que a Direcção de Programas a isso quisesse obviar, é puro desprezo por todos os eventuais seguidores das duas séries.

A introdução inédita do «Hitler» de Syberberg na programação da televisão portuguesa marcia por outro lado um outro tratamento. Merecia, fundamentalmente, uma outra apresentação, uma ampla discussão virada essencialmente para o grande auditório com o objectivo principal de facilitar o acesso às palavras, aos sons e às imagens desta obra-prima do cinema (e da filosofia) contemporâneos.

O filme de Syberberg dirige-se à partida para a élite «intelectual», por assim dizer. Foi ele mesmo que disse que as suas propostas em relação à «velha» questão da Alemanha de Hitler atingem em primeiro lugar os intelectuais que, por exemplo, fizeram publicar no «Der Spiegel» ser este um filme «suspeito»...

Se a televisão portuguesa tivesse encontrado uma outra forma para introduzir o filme e o tema aos telespectadores portugueses, inclusive com a possibilidade de recorrência a «citações» do próprio discurso filmico-filosófico Syberbergiano, tudo seria mais fácil. Esta portanto uma hipótese a ter ainda em consideração para o final da série.

Até que enfim se vêem os frutos das críticas!

Dizia o ex-assessor da RTP para as questões culturais — Jorge Listopad — em recente entrevista a um programa de Rádio dirigido por um homem também de Televisão — no caso Júlio Isidro — que uma estação emissora de Televisão sem um projecto cultural torna-se numa espécie de monstro incaracterístico. Não citamos textualmente, mas esta era, de facto, a imagem deixada.

Esse monstro existiu, como sabem. A sua gestação começou ainda com Carlos Cruz, na Direcção de Programas — o próprio Jorge Listopad se debatia nessa altura com uma certa perseguição movida aos «culturais», mas veio a assumir formas desproporcionadas nos primeiros meses da direcção de Maria Elisa.

Recordo-me de, nessa altura, se criticar profundamente a política de Proença de Carvalho — já no seguimento da de Vitor Cunha Rego — e exactamente sobre a questão dos programas de âmbito cultural.

Nessa altura havia quem dissesse que Proença de Carvalho considerava a cultura como uma coisa «chata» que afastava o telespectador da Televisão. Havia quem dissesse que a política de direita do novo presidente era incompatível com a promoção da cultura — cultura igual e anti-revanchismo, irreverência, dúvida — o que se coadunava nada com os pressupostos políticos do conhecido advogado. Havia ainda quem dissesse que mais cedo ou mais tarde toda essa problemática acabaria por converter-se em programação real sobre as actividades culturais que por aqui se vão realizando, neste cantinho lusitano.

De facto o que se verificou foi haver um crescendo de críticas em relação à programação da RTP, críticas essas que incidiram fundamentalmente sobre a informação e sobre a programação cultural.

Houve, inclusive, uma altura em que essas críticas foram mais insistentes uma vez que a programação cultural esteve quase reduzida a zero! *A zero*, repito.

Penso que foi isso que veio despoletar, no interior da RTP, uma certa boa-vontade, ainda não apagada, para o apoio a produção deste tipo.

Vemos agora os frutos de tais críticas; também os frutos de uma tal boa-vontade «amaranhada». Assim, sexta e sábado, dois programas — dois — um sobre Artes Plásticas e outro sobre Teatro — «Quinzena Teatral». Um de produção interna, falsamente anunciaido com realização de Cecília Netto, o outro da responsabilidade da produção externa, da Cooperativa Cinequanón.

Vejamos então o que estes novos programas nos trouxeram em termos de contribuição para, no mínimo, um arquivo televisivo do acontecimento cultural: «Simpósio internacional sobre a escultura em pedra», realizado em Évora; exposição «A Vida Misteriosa das Obras de Arte»; exposição de António Sena; o cartaz das exposições, etc.; isto no programa «Artes Plásticas», realizado por Fernando Midões e com assistência de João Garção Borges — um dos poucos assistentes da RTP com uma formação cinematográfica.

Quanto à «Quinzena Teatral», trouxe-nos de princípio uma pequena homenagem ao actor tendo depois feito referência ao novo espectáculo da Cornucópia e também a um espectáculo de Ricardo Pais e estrear em breve, não deixando também de dar o cartaz dos teatros. Neste campo, portanto, a RTP está a melhorar a olhos visíveis...

É caso para dizer: «Até que enfim!»...

**TELECRITICA**

9/6/81

Rui Cadima

Sorria: «TV Show» e «Telejornal» — a melhor produção nacional...

Maioritariamente para miúdos e graúdos as manhãs e as tardes de domingo entram agora no período de rotina após o aparecimento quase em avalanche de novos programas. O «Tempo dos Mais Novos» ficou com as duas excelentes séries a que nos referimos recentemente, isto é, com «O Sítio do Picapau Amarelo» e «Ruy, o Pequeno Cid» (para além das «Brincadeiras» que também ressurgiram), estando as tardes entregues a Júlio Isidro e à sua equipa, continuando estes a preencher da forma habitualmente «ligeira» que conhecemos os intervalos da programação que já todos conhecíamos também.

Poder-se-á dizer que esta é uma leitura um tanto depreciativa do «Passeio dos Alegres»... Convém notar de facto que se trata de um trabalho de «ligação» quase sempre conseguido, umas vezes pior, outras melhor. Apesar de tudo não queríamos passar sem deixar um conselho «crítico» à nova equipa do «Passeio» que conta agora com outros nomes na realização, sob direção de João Serradas Duarte: conviria obviar tanto quanto possível à entrega dos espaços à publicidade e aos candidatos «profissionais» aos prémios (bem pouco chorudos para a promoção que têm)...

Entretanto deparamo-nos com uma engraçada curiosidade sobre a programação em geral e sobre alguns programas em particular simultaneamente. Como sabem um dos raros «referendum» que se fazem ao público telespectador sobre a programação da RTP é o «Top TV Guia» publicado semanalmente naquela revista. E que vemos nós no que se refere à pontuação dos programas de «produção nacional»? Em primeiro lugar surge-nos «O Passeio dos Alegres»

com 1418 pontos, em segundo lugar o já acabado «Eu Show Nico» com 503 pontos, seguindo-se o «TV Show» com 82 pontos e o «Telejornal» com 45 pontos. Assim, *a priori*, digo-vos sinceramente que esta pontuação extremamente aleatória, é certo, e também um pouco por isso mesmo, dá-nos vontade de rir... Não se trata de brincar com as votações que concorrem para o «top», trata-se sim de constatar uma realidade que não corresponde à verdade quotidiana que resalta das emissões.

Esmiuçando um pouco mais: em primeiro lugar «O Passeio dos Alegres» não é exactamente aquilo que se pode considerar «produção nacional». Por razões óbvias: é um programa com mais tempo de emissão de programação estrangeira (e publicidade) do que de programação nacional. Em segundo lugar é conveniente constatar que o «Eu Show Nico» já não existe, muito embora se mantenha em segundo lugar (é ainda bom constatar que programas mais recentes como «E o Resto São Cantigas» ou o «Porque Hoje é Sábado» ainda não chegaram aos primeiros seis lugares do «top»).

Ora partindo destas premissas fácil é concluir que a produção nacional mais votada é na realidade o «TV Show». Curioso notar, em relação a este programa, que de há dois domingos para cá parece querer redimir-se de todos os pecados cometidos... Porém, ninguém conseguirá «desvirtuá-lo» do seu famigerado passado...

Pela ordem de pontuação, a seguir ao «TV Show» viria o «Telejornal»... Não vamos de facto levar isto a sério: o «TV Show» e o «Telejornal» os melhores programas de produção nacional!... Passe a banalidade, mas só se for a contar do sim...

**TELECRITICA**

10/6/81

Rui Cadima

«O fotógrafo não estava lá»...

A passagem por «The Wall», pelo Chico Fininho. A promoção na «1» de um programa da «2»... A promoção de um programa que deixou boas recordações na sua primeira emissão veio agora logo em cima do «Telejornal», após Joaquim Amaral Marques ter dado por concluído o serviço de notícias de anteontem.

Este é de facto um «caso» pouco habitual na RTP. Muito raramente surgem na RTP seja na «1» ou na «2» trailers a anunciar a programação portuguesa de qualidade. Muitas das vezes isto mesmo não funciona não porque os responsáveis pela programação por isso se não interessem mas porque nalguns casos é a própria burocracia interna que não possibilita a funcionalidade prática de um sistema tão simples.

Pelo contrário, quando «altos valores» se levantam, no caso a «Corrida TV», fazem-se logo em três tempos dois ou três trailers para passar um a seguir ao outro se necessário for.

No que respeita a «Vivamusica» não queríamos deixar de voltar a recordar tratar-se de um magazine musical a não perder, não só por todos os que gostam da «pop» como também por todos os outros. Não se esqueçam logo à noite, portanto, de ligar para a «2» às 22 horas — isto, claro, se não quiserem seguir a anunciada «Grande Reportagem» sobre as comunidades portuguesas no Sara.

Comunidades é tema presente, também. E «à baila» vem obviamente o I Congresso das Comunidades portuguesas que decorre presentemente. A «Informação/2» só na passada segunda-feira se pôde referir aos acontecimentos ocorridos na sessão de abertura. No «Penta» estava Artur Albaran a fazer a cobertura do Congresso.

Entretanto, em plano secundário no bloco informativo da «2» surge um pequeno filme em que vimos a intervenção de Fernando Reino, representante do PR. Foi pena que após a sua breve intervenção não tivesse sido captado todo o «burburinho» que se seguiu (ou, pelo menos, se foi filmado não foi depois apresentado). Decididamente os operadores da RTP andam com azar... Depois da «festa» da Luz não ter sido filmada veio agora a pouca vergonha instalada em Congresso, com as conhecidas afrontas ao Estado democrático e ao Presidente da República, também elas não filmadas...

Decididamente a «marginalidade» está protegida na RTP. Não há câmara que a filme. Resta-nos ficarmos pelo que nos dizem na Rádio e nos jornais, já que na TV nada se vê...

Esperemos agora que tudo já tenha acalmado com as transmissões do Funchal. E esperemos que para a próxima «o fotógrafo esteja lá»...

Queria ainda falar-vos de um momento extraordinário de televisão que preencheu a noite de segunda-feira. Foi como sabem o bailado «Molière Imaginário» pelo Ballet du XXème Siècle sob a direção de Maurice Béjart e com música original de Nino Rota. Ainda a participação de Robert Hirsch da Comédie Française. Tratou-se sem dúvida de um dos melhores espectáculos do ano televisivo. Tal como Armando Jorge disse, Béjart está agora voltado para o «espectáculo-total» para a conciliação num só trabalho de linguagens diversas, da música para as artes plásticas, do teatro para o canto. Este percurso pela vida de Molière, percurso de comédia-bailado, não nos sairá da memória tão depressa.



10/6/81

Rui Cádima

«Portugal dos Pequeninos»

Se é um dado que Alberto João Jardim tem por hábito ser um dos primeiros defensores dos direitos autonómicos das ilhas atlânticas; se é ele de facto que desde o 25 de Abril tem causado na maior parte das vezes a grande polémica em torno destes e de outros temas, mas, no fundo, principalmente, aqueles ligados à autonomia da Madeira, não percebemos porque é que a RTP-Madeira baqueou tão estrondosamente perante os coordenadores-apresentadores dos telejornais especiais transmitidos via satélite no passado 10 de Junho, Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas.

De qualquer modo foi o próprio dirigente do Governo autónomo quem acabaria por inevitavelmente «puxar a brasa à sua sardinha» ao reconhecer logo no início da sua intervenção que Portugal se celebrava naquele dia numa das suas regiões autónomas. Nisto tudo, evidentemente, a contradição entre práticas e palavras, mas, sobretudo, o reconhecimento «flagrante», a «nua», perante as câmaras, que para a coordenação de um bloco de notícias televisivo é necessário enviar jornalistas de Lisboa. Se a autonomia, na prática, é esta, estamos de facto muito mal...

Uma das coisas mais bonitas que pudemos ouvir ao longo daquelas comemorações quase fúnebres — de tal modo de um ritual passivo e cabisbaixo se tratou — foi em determinada altura da comunicação de Agustina Bessa Luis ouvir falar de Camões em termos desacralizadores, um ano após uma quase mitificação lendária da figura do poeta aquando das comemorações do quarto centenário da sua morte. Agustina comportou-se irreverente, anti-romântica, mulher fascinante nas suas «leituras» apaixonadas e lúcidas dos

grandes vultos da língua pátria. Agustina, mulher discutível, sem dúvida. «Camões, cidadão discutível», assim a grande escritora se lhe referiu. E foi uma frase grande, sonante, de elevado significado, que porventura dará, só por ela, mais frutos do que relatórios e congressos com menos peso do que uma sua vírgula.

De qualquer modo e em termos gerais conviria sublinhar que, comparativamente ao ano passado, algo do que então aqui apontámos criticamente em relação às comemorações de Leiria foi agora ultrapassado, principalmente no aspecto dos folguedos e festarolas à margem. Este ano não se abusou dos «foguetes»... Por outro lado não se fugiu nalguns casos ao tom «catedrático» das intervenções, num ritual de facto pesado para um dia com um tal significado.

Cultura e não manipulação, cultura e consciência, foram outros dos temas abordados no texto de Bessa Luis, tendo Alberto João Jardim passado também, ainda que um pouco ao largo, nestes domínios. João Jardim não deixaria aliás de sublinhar *coloridamente* a sua intervenção com uma citação final à «sinceridade e utilidade» já defendidas anteriormente por Francisco Sá Carneiro em relação aos temas em questão. O que no ano passado Ramalho Eanes se esforçou por conseguir no que respeita ao desejado suprapartidarismo do acontecimento parece infelizmente não ter sido conseguido... Por isso a referência aos «debates menores» e aos «interesses particulares» em torno de Camões, das Comunidades. No fundo, este 10 de Junho mostrou-nos um «Portugal dos pequeninos» em dois ou três dias de transmissões, de um Congresso de Comunidades para o dia do épico.

13/6/81

Rui Cádima

4 séries enlatadas 4

«Os Anjos de Charlie», «Hitler», «Hollywood» e «Histórias Insólitas», quatro séries estreadas recentemente na RTP são a prova clara de que a tão apregoada política de defesa da produção nacional não é assim tão evidente como por vezes se quer fazer crer:

São de qualquer modo um bom «cartão de visita» em qualquer mapa-tipo. Nada as liga entre si, todas possuem características bem diferenciadas, umas são para o grande público outras não. As duas primeiras estão a ser transmitidas às Quintas-Feiras, respectivamente na «1» e na «2», as outras duas às sextas-feiras, também nos dois canais.

O simples facto de constatarmos a presença massiva deste tipo de séries nestes dias da semana, numa altura em que se fala num substancial aumento da produção nacional, é já de si sintomático de que a elevada percentagem de programas portugueses de que se tem falado não existe, pura e simplesmente. Se formos um pouco mais atrás veremos inclusive que, à exceção dos dias «úteis» em que passam magazines culturais, a programação é na sua quase totalidade estrangeira. Voltamos portanto a ter séries dúvidas perante o que foi recentemente afirmado pela direcção de programas em relação à percentagem de produção nacional da nova «grelha». Veremos entretanto o que os próximos tempos trarão...

Do conjunto das novas séries está esta semana em destaque «Os Anjos de Charlie», um conjunto de histórias, mais precisamente treze, que ao longo de outras tantas semanas irão preencher o espaço antes ocupado pelo «Ludwig» de Visconti. Substituição difícil sem dúvida.

Porém, não se pense que esta série policial e de aventuras, interpretada por três detectives de saia-casaco (as protagonistas são nada

mais nada menos que Farrah Fawcett Majors, Kate Jackson e Jaclyn Smith) não vai atrair a atenção do auditório de quinta à noite, tradicionalmente habituado a séries estrangeiras. Posso dizer-vos que «Os Anjos de Charlie» atingiram já nos EUA níveis de audiência francamente superiores à série «Dallas» — série que continua a ser transmitida pela RTP aos domingos à noite com um elevado índice de audiência, segundo se crê.

Outras das séries a que não fizemos ainda uma referência especial é «Hollywood» que passa à sexta à noite na RTP/1 — série curiosíssima que nos historia através de incríveis imagens de arquivo os primeiros tempos desta «Meca» do cinema na altura em que o mudo ainda era rei...

Enquanto a «1» passa esta série de grande qualidade a RTP/2 põe no ar uma outra série, antes das «histórias Insólitas» — «Pintores Célebres», desta vez «cultural», série que aconselhamos desde já.

Quanto a «Hitler» de Jans Jurgen Syberberg, que está agora a passar em cinco partes na RTP/2, às quintas-feiras, como dissemos, há a dizer que se trata na verdade de um extraordinário momento de televisão, não tanto pelo que a série provoca no grande público (porque não o provoca minimamente), mas tão-só por se tratar de um importante documento artístico e filosófico da segunda metade do século.

Mais uma vez queria aqui deixar a minha indignação perante o facto de a passagem de «Hitler» na Televisão não estar a ser utilizada com manifestações paralelas, e concorrentes, com vista a uma melhor formação do próprio público perante as grandes questões da sociedade contemporânea.



15/6/81

Rui Cádima

As Festas de Lisboa em todo o País

Se o improviso foi a nota de maior realce ao longo da transmissão de Alfama para nossas casas, via «Aqui e Agora», foi-o também, ainda que de forma um pouco mais encoberta, na noite da véspera sobretudo a nível da realização na longa transmissão que foi feita do desfile da Av. da Liberdade.

O dia de Santo António ficou marcado na RTP por algumas contradições, umas meramente casuais, sem quaisquer conotações de carácter negativo, outras de carácter técnico de certo modo assentes no improviso e na falta de aptidões profissionais (Adriano Cerqueira iria um pouco mais longe ao falar inclusive da importância do calor nestas coisas), outras ainda de carácter marginal em relação à especificidade da quadra.

E a que mais ressaltou do conjunto da programação foi sem dúvida alguma a oposição entre, por exemplo, aquele inicio do «Aqui e Agora» com Luís Pereira de Sousa a saber novas da Ti Augusta (e da influência casamenteira do Santo António no bairro de Alfama) e aquele importante debate na terceira parte do «Porque Hoje É Sábado» em que se discutiu o problema do divórcio. De um lado, nestes casos, o improviso, a laracha, a sardinhas, o popularuchos, do outro a questão estudada, a «mesa-redonda» delineada, o tratamento de um tema previamente preparado.

Outras, meramente técnicas, mergulham nalguma espontaneidade do ser português, talvez mesmo de uma rotina algo preguiçosa sempre difícil de aceitar como verossímeis. Lembro aqui a própria entrada imprevista — e ainda aqui também improvisada — de Augusto Abelaira que repentinamente nos surgiu na Câmara Municipal de Lisboa para agradecer o prémio da Câmara e da Associação dos Escritores Portugueses à sua obra «Sem Teto Entre Ruínas».

Abelaira na RTP... Primeiro com Abecasis à sua direita, depois com Adriano Cerqueira. Só que não chegou a «escrever na água»... Esperemos a sua próxima crónica. Esperamos a sua confissão meditada...

Ainda no âmbito da quadra esteve também o programa de Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, «E o Resto São Cantigas...». O programa saiu desta vez do seu tradicional figurino, aliás como já havia acontecido há uma semana, em Santarém, não tendo desta vez nenhum compositor popular, preferindo a equipa responsável participar das comemorações da quadra com um «especial» sobre as Marchas Populares, tendo sido convidado especial o «decano dos jornalistas», Norberto Lopes.

A mesma opção fez a Tia Eva, de braço dado com os santinhos todos. Desta vez com ânsias de saltar à fogueira, fazendo-nos um curto relato do seu primeiro casamento quando foi vestida com o patrocínio das margarinas e dos insecticidas, falando ainda das basílicas e dos balões que andam por aí... César Oliveira continua assim o sempre bem humorado autor dos textos da Tia Eva. Este um dos melhores momentos do dia a par da rábula de Rui Meneses e Raul Solnado.

Não ficariam por aqui ainda as comemorações dos festejos em honra do santo patrono de Lisboa. A RTP/2 punha no ar, a partir sensivelmente das 21 horas, o sempre aplaudido «A Canção de Lisboa» de Cottinelli Telmo.

No conjunto, um trabalho forçado, «sem rede», perfeitamente escusado se a quadra tivesse sido mais bem planificada na RTP. Um trabalho que nestes casos se deseja também descentralizado.



15/6/81

Rui Cádima

Da Terra dos Procópios para a «reforma» de Sousa Veloso

«O Que Aconteceu na Terra dos Procópios» é o título de uma peça infantil da autoria de Maria Alberta Menéres — responsável pela programação infantil da RTP —, peça que foi emitida domingo passado na parte final do habitual período da manhã dedicado às crianças — o «Tempo dos Mais Novos».

Aconteceu inclusive que a série brasileira «O Sítio do Picapau Amarelo» foi neste domingo preterida em favor da peça portuguesa, encenada por Carlos Avilez, tendo como intérpretes os actores do Teatro Experimental de Cascais. A peça em si impressionou-nos favoravelmente. Com uma ideia geral algo semelhante à actual série infantil da Globo, já reconhecida pela Unesco como de grande qualidade, «O Que Aconteceu na Terra dos Procópios» assenta a sua estrutura narrativa na imaginação mais aberta possível, por vezes a lembrar o que de melhor tem Manuel António Pina, por vezes atingindo mesmo o surreal sem referentes, de fácil entendimento para as crianças o que é sem dúvida o mais importante.

Mas nesta curiosa peça infantil nem só o texto era fascinante. O guarda-roupa era também de uma grande riqueza, de um grande corredor. Se este tipo de produção fosse, inclusive, apoiado e desenvolvido não temos dúvida de que facilmente superaria a série que agora aí temos da Globo. No fundo é esse tipo de apostas que a RTP deve fazer. Investir na qualidade. Investir no produto que se pode vir a afirmar inclusive nos mercados de língua portuguesa — e não só nesses, claro.

Julgamos que poderia ser encontrada uma forma de produção contínua deste género de espectáculos de que miúdos e graúdos tanto gostam. Poder-se-ia reduzir o seu tempo de emissão para 5 ou 10

minutos e assim todas as semanas poderíamos ter pequenas histórias destes procópios.

Se esta foi uma das grandes novidades de domingo, outras questões haveriam não menos importantes, como, por exemplo, a discussão em «Setenta Vezes Sete» do problema relativo ao interesse ou não interesse da disciplina de «Religião e Moral» no ensino secundário e também no preparatório.

Pareceu-nos extremamente bem abordada esta questão por Reis Ribeiro — co-autor do programa juntamente com Manuel Villas Boas — e ainda pelo repórter que fez uma série de entrevistas nas escolas sobre o que os jovens pensavam da disciplina. Trata-se com efeito de uma questão muito complexa a de discutir se a disciplina deve ou não fazer parte do núcleo das disciplinas opcionais dos ensinos preparatório e secundário. Este de facto um problema que se integra na questão mais ampla de saber se, qualquer que seja a religião, qualquer que seja o discurso, se é legítimo impor qualquer delas a quem não tem capacidades opcionais, ainda que essa mesma imposição seja um costume, uma tradição. De qualquer modo ao nível do ensino secundário os alunos sabem já aquilo que lhes interessa. Foi essa aliás a conclusão que se pôde tirar dos inquéritos feitos. Discutir o quotidiano era a tônica geral.

E discuti-lo à margem das ideias específicas desta ou daquela religião. «Setenta Vezes Sete» voltou a afirmar-se, portanto como um dos programas de divulgação mais importantes da RTP.

Uma palavra final para a substituição do «TV Rural» pela rubrica de Vasco Granja. Seria o acontecimento do ano televisivo se o eng. Sousa Veloso tivesse sido «reformado»... Que raio!, ele já o anda a merecer há uma data de anos!



TELECRITICA

12/6/81

Rui Cádima

«Viver» ou o calor que quase derreteu o Lumiar

As segundas-feiras trazem-nos agora de quinze em quinze dias um novo programa sobre a questão da «qualidade de vida» de título genérico «Viver», um programa da responsabilidade de Mourato Costa.

Uma questão de ordem geral, em relação a este programa, que se pode pôr de imediato é a seguinte: haverá razão para a existência de um tal programa, sem uma definição precisa, no actual mapa da RTP/1? Trata-se de um programa que avança muitas vezes inclusive sobre assuntos da competência do «Em Defesa do Consumidor», noutras vezes sobre área do domínio da Informação. Será que «Viver» é de facto um programa com o seu lugar bem caracterizado na programação em geral?

Curioso foi ver neste último programa o som entrar ridiculamente desincrono em relação à imagem. Percebemos no fim, segundo informação de Manuela Moura Guedes que se tinha tratado de uma avaria técnica resultante do intenso calor que se fazia sentir no Lumiar... Esperemos que se não tenha derretido o material novo comprado pela RTP... Esperemos que a RTP não esteja a arder, agora que se começa a consolidar uma programação melhorada substancialmente em relação aos primeiros tempos de Maria Elisa.

E um sinal bem evidente dessa melhoria substancial que se tem vindo a verificar na programação é por exemplo a importância que entretanto começou a ser dada ao teatro português, aos grupos independentes e inclusive ao teatro gravado nos estúdios, como já vimos aliás alguns exemplos. «Que Farei Com Este Livro» foi desta vez a peça apresentada. Um trabalho de grande qualidade do grupo de Campolide dirigido por Joaquim Benite, com uma realização também extremamente positiva de Hélder Duarte.

Nova estreia «infantil» de qualidade, desta feita no «Tempo dos Mais Novos» das segundas-feiras, logo na «abertura», a partir das 18.15. Trata-se de uma animação histórica da autoria de Albert Barillé, de título genérico «Era uma vez... o homem».

Sem possuir a qualidade de outras séries recentemente estreadas e das quais destaco, dentro do género, «Ruy o pequeno Cid» este «Era uma vez... o homem» não deixa de ser um programa a aconselhar, principalmente pelo seu valor didáctico, no que diz respeito à História e à evolução da Humanidade.

Há contudo um pequeno senão a apontar em relação a esta série — uma produção a que já tínhamos aliás feito referência aquando da realização do MIP-TV, em Cannes, onde as produções Albert Barillé foram muito bem recebidas. O pequeno senão refere-se uma vez mais à questão da legendagem e por conseguinte à difícil leitura — ou à impossibilidade de leitura — a que as crianças estão sujeitas.

Ora se este tipo de programas se dirige principalmente a idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, abrangendo portanto uma grande parte de crianças que não conseguem acompanhar as legendas, não se comprehende porque é que não foi feito um esforço pelo respectivo departamento, sob a direcção de Maria Alberta Meneres, com vista à solução deste problema habitual nas produções infantis. A série «Era uma vez... o homem» nem sequer levanta grandes problemas de substituição das legendas uma vez que há um narrador que vai descrevendo as várias etapas da evolução do homem, ao longo dos vários episódios. Seria bom que até à próxima emissão se remediasse este problema.

Helena Roseta? Connais pas!

18.6.81

No «Telejornal» sucedem-se os exemplos de manipulação política das notícias. O último caso mais flagrante, em relação a outros mais, foi, como não podia deixar de ser, a abordagem, em vários dias, do tema mais candente a nível político nacional: a crise no PSD.

Se fizermos um *flash-back* ao «Telejornal» de domingo (apresentado por Raul Durão), dia em que foi dado pela primeira vez conhecimento das questões que, entretanto, haviam sido levantadas no PSD e da polémica travada no partido dirigido pelo primeiro-ministro português, veremos que todo o tratamento dado ao assunto não foi do que uma referência lacónica, receosa, vindas das instâncias superiores da hierarquia partidária.

Foi isso, afinal, o que sucedeu com a introdução de um breve depoimento de Ângelo Correia — que em termos informativos não teve absolutamente significado nenhum — o que não se verificou sob o ponto de vista do «spectáculo político», ai com um significado preciso: o do ridículo emissor do rótulo falso, ou do vendedor de ilusões, de quem apregoa a banha de cobra. E nós sabemos como isso funciona em termos televisivos... É assim que se vendem as *marcas* sofríveis, incaracterísticas, deficientes.

Ora no prosseguimento dos debates, inclusive no desenrolar do caso com a informação e a contra-information extremamente acti-vas, nada mais veio à lume no «Telejornal». Até então (até ao regresso de Pinto Balsemão da Alemanha Federal) única e exclusivamente o silêncio. Uma referência aqui, outra ali, aliás, todas elas informações que pareciam emanadas em consonância e em «exclusividade» de fonte oficial.

Sobretudo, nada de tocar nas feridas do PSD. Nada de *expor* as fendas do poder. Nada de «trair» a voz do dono... Helena Roseta? Connais pas! O que veio a acontecer, aliás, nos blocos informativos de segunda e terça-feiras com apresentação de Joaquim Amaral Marques.

De facto, quando o País aguardava relatos circunstanciados das dissensões, das lágrimas e dos pedidos de demissão, das lutas de «capela» e das lutas de «galos» o «Telejornal» passava sobranceiro sobre o assunto, preferindo imiscuir-se noutras matérias de maior «impacto», sobretudo, a nível da imagem — caso dos sinistros que envolveram a queda do avião da Força Aérea, o incêndio em Sintra e o aumento progressivo da mortalidade nos hospitais em virtude das elevadas temperaturas que se têm feito sentir.

Fora do âmbito estritamente político — onde, sem dúvida nenhuma, que muitas contas virão a ser exigidas no que se refere à manipulação, incompetência e falta de imaginação perante as questões da Informação, baqueando mesmo a Direcção de Informação perante esse tremendo calcnar de Aquiles que é o «respeitinho» pelo poder instituído (e o inevitável «esquecimento» de que mais de metade dos eleitores não querem a «AD»...), fora desse âmbito, dizia, têm vindo a notar-se alguns progressos, pequenos sem dúvida, mas demonstrativos de uma enorme vontade profissional, da procura da competência. Uma palavra pela melhoria evidente de Teresa Cruz na apresentação das notícias e também pelos trabalhos de Helena Balsa nos apontamentos «culturais». Ao contrário do que ela uma vez pensou nunca achámos que o seu trabalho estivesse ao nível da qualidade do «Telejornal».



TELECRITICA

20/6/81

Rui Cádima

Como levar a Cultura à Televisão?

A propósito da recente atribuição do prémio da crítica literária, pelo Centro Nacional de Cultura, a João Gaspar Simões, o poeta Melo e Castro declarou que quem deveria ter ganho este prémio era alguém que fosse um verdadeiro «crítico-jornalista» e não um crítico em código, um especialista em hermetismos.

O problema que Melo e Castro fundamentalmente levantava era o do texto «totalmente inadequado ao meio de comunicação» que lhe serve de emissor. A posição por si assumida vem levantar desde logo uma outra questão mais ampla, mas com ela profundamente relacionada, que é a seguinte: como levar à Televisão os temas literários, os programas de artes e letras, enfim, como emitir para os grandes auditórios televisivos os programas de cultura portuguesa?

Vamos servir-nos de dois exemplos ainda passados esta semana para tirarmos algumas conclusões. Um desses programas é «Autores Portugueses», transmitido quarta-feira passada com um atraso de quinze dias (ao ponto de ter passado inclusive Ivette Centeno a referir que era «agora» a boa altura para se comprar livros mais baratos na Feira do Livro...), e onde participaram João Gaspar Simões e Maria da Glória Padrão, para falarem das «Críticas», e de Virgílio Ferreira em «Um Escritor Confessa-se», respectivamente. O outro programa cultural que nos servirá de termo de comparação é «1 + 1 = 1» que terça-feira passada teve como autor-apresentador o poeta — e o político — Manuel Alegre. A esta série recentemente estreada falta só o programa de David Mourão Ferreira para que tenhamos uma ideia generalizada dos parâmetros em que se movimenta. Trata-se de um conjunto de programas de referentes diver-

sos com uma qualidade nitidamente acima da média do que tem sido feito nestes domínios na RTP, ainda que se tratem de facto de programas difícilmente «visíveis» pelo grande auditório da «1».

De todos os «1 + 1 = 1» até agora apresentados o de Natália Correia foi o mais hermético. Pelos seus temas, quer o de José Augusto Seabra quer o de Manuel Alegre vieram encontrar por certo mais interessados. A «Renascença» portuense e a I. República; Coimbra e as lutas estudantis, são mais «acessíveis» que o mito sebástico. De qualquer modo Manuel Alegre nesta televisiva «Trova do Vento que Passa» teve uma primeira parte extremamente difícil de seguir pelas referências densas às trovas provençais e a Gulherme de Aquitânia relacionando-os com o aparecimento em Portugal da cantiga de amigo e da trova medieval. Na parte final, já em Coimbra, Manuel Alegre consegue tornar mais «ligeiro» o seu programa sem contudo perder a montagem e inclusive uma original *découpage* que vinha a manter desde início.

«Autores Portugueses» alia a um certo hermetismo o ser gravado em estúdio, num tom quase conferencista, num permanente desfazamento portanto com o tipo de discurso mais viável em casos semelhantes.

Duas experiências televisivas mergulhadas portanto nessa fatal indecisão entre o discurso mais ou menos hermético, com uma informação que quase sempre restringe a audição, e o grande auditório da «1». As palavras de Melo e Castro poderão também aqui querer dizer alguma coisa.

22.6.81

Ele (Solnado) foi contar a história da sua ida à guerra

Dou a mão à palmatória: É uma outra «guerra» a deste trio ex-Zip composto por Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz.

De facto, no panorama dos programas de produção nacional, «E o Resto São Cantigas...» tornou-se num programa de grande popularidade. E conseguiu-o fundamentalmente com todo o trabalho prévio que envolve a preparação de um programa deste género. Essa popularidade acaba então por atingir não só as camadas saudistas do som e do texto da revista «à antiga portuguesa» — como julgámos de inicio vir a acontecer — mas seguramente também algumas das camadas «da pesada» que não recusarão um pezinho de dança ao som das velhas marchas populares.

Lisboa veio de novo à baila nas canções de um dos maestros homenageados — Carlos Dias. Fernando Carvalho foi o outro lembrado. Lisboa, as águas e as mágoas...

Mas o grande momento do programa foi a entrada, tímida, através da abertura da corina, do grande mestre de um certo *non-sense* da rábula alfacinha — Raul Solnado.

Aliás, tanto Fialho Gouveia como César de Oliveira (o «pai» da Tia... Eva), ali mesmo no palco do Villaret, foram os primeiros a desejar o rápido regresso do cómico e do humorista aos palcos da grande revista. Nós apoiamos! Faça-se um «peditório» abaixo-assinado...

E a sua entrada, tão aguardada, tal a luta que mobilizou os seus «fíéis» para o convencer a estar ali presente, foi para *contar* «A História da Minha Idade à Guerra de 1908». Foi um momento daqueles «a não perder». Mas a Televisão não perdoa...

As palmas vinham de pé, e com razão. Da cadeira de telespectador as palmas também poderiam ir de pé para a excelente realização de Oliveira e Costa. Não queria deixar de falar ainda no «Zé Cacilheiro», velho rapazote que soube levar a varina no bote, cantada a preceito pelo sempre bem disposto José Viana — mesmo quando se passam os anos sem que alguém se lembre dele no Lumiar.

«Aqui e Agora»: nem aqui nem agora.

«Aqui e Agora» não é de certeza deste País. «Aqui e Agora» é uma emissão-pirata E.P./q.b. Se houvesse um prémio para quem melhor consegue fugir à própria realidade que todos vivemos — e ao facto que é notícia — ele iria direitinho para esses personagens servis, gente já insuportável (são por certo excelentes rapazes nas tertúlias lisboetas), mas não à frente dos destinos da Informação da «1» — ou de qualquer fonte informativa não partidária...

O holocausto de Timor visto por Adriano Moreira...

Imagine só que numa altura em que se realiza em Portugal uma sessão do Tribunal Permanente dos Povos sobre os genocídios na ex-colónia portuguesa de Timor, agora sob o domínio indonésio (o que quer dizer, como sublinhou alguém, que a religião muçulmana e a língua indonésia se estão a impor ao cristianismo e à língua portuguesa), os senhores jornalistas (perdoem-me p.f.) da RTP/1 inventaram mais uma emissão em que o «Agora» era um pouco do tempo da velha senhora, com um ex-ministro de Salazar, *agora* democrata-cristão, a depor sobre as «desgraças» da descolonização... Boa malha!

TELEVISÃO



- 18.17 □ Abertura
 18.19 □ **Tempo dos Mais Novos.** Com «Filatelia para Todos»
 18.45 □ **Pais, País.** Informação Regional.
 19.10 □ **Res Publica.** Sobre «Praia da Vitória», ilha Terceira, Açores
 19.30 □ **Água Viva.** (Episódio n.º 87)
 20.25 □ **O Tempo.** Informação meteorológica.
 20.30 □ **Telejornal.** As notícias do País e do estrangeiro
 21.00 □ **Direito de Antena.**

Com o PSD — Partido Social Democrático
 21.20 □ **Os Anjos de Charlie.** (3.º episódio) «A patinadora Karen Jason foi encontrada morta. Apesar dos relatórios da Polícia, que considera que a morte foi acidental, entregam o caso a Charlie...». Intérpretes: Kate Jackson, Farrah Fawcett Majors e Jaclyn Smith.
 22.20 □ **Bancada de Topo**
 23.00 □ **Encerramento da Emissão**

Áqua Viva

Resumo do episódio de hoje

Sandra telefona para Janete pedindo-lhe que vá a sua casa. Percebendo que Janete acredita no romance inventado pelo jornal, entre Marcos e Stella, Sandra resolve pedir ajuda a Stella para convencer Janete da verdade. Jader confessa a Edyr que está apaixonado por Sandra. Edyr aconselha-o a ir em frente, já que o único risco que corre é o de se desiludir. Bruno recebe, em Miami, o jornal que Evaldo lhe mandou, com a notícia do escândalo envolvendo Marcos e Stella. Bruno diz a Nelson que viajará para o Rio, imediatamente, para «partir a cara» a Marcos. Márcia comunica a Lourdes que não lhe emprestará os cem mil cruzados que lhe havia prometido. Stella chega ao apartamento de Evaldo e espera para ser atendida por Janete. Diante de Ligia com a gravação de Nelson na mão, Suely diz que tem um assunto importante para tratar com ela.

HORÓSCOPO

Espectáculos / 17



TELECRÍTICA

23/6/86

Rui Cádima

RTP — a televisão elefante

Há quem fale em «Dallas sobre o Tejo» — imagem criada a partir do *kitsch* mediocre, da *sopa opera* que é a série norte-americana. Há quem improvise sobre o sumarento tema do «abacaxi» — agora promovido a vedeta televisiva, sem dúvida *interpares*. Há quem ofereça «pegas de caras» a Proença de Carvalho (é mesmo verdade — aconteceu na última corrida TV). Enfim, há quem tivesse deixado de engolir elefantes para passar a engolir torres de betão armado! Mas disso não fala o «Telejornal»... Entretanto, uma das sondagens feitas à receptibilidade no público do «caixote» televisionário não dava nada por aquilo. Afinal há mais gente a «borrifar-se» do que se pensava...

Se há para ai políticos a engolirem elefantes e torres de betão, o que diremos nós, milhões de telespectadores sem direito de antena, fartos de engolir «de tudo»?

A «Reforma Agrária» nunca existiu

Entretanto o eng. Sousa Veloso — já conhecido pelo único português que nunca ouviu falar em Reforma Agrária — lá voltou no domingo à hora habitual. A pobre da agricultura portuguesa ali tem o seu «púlpito» dominical com um celebrador de rituais destemperados, há muitos — demasiados anos já — a dirigir os destinos do ultra-esgotado «TV Rural». Sousa Veloso é de facto mais uma das velhas instituições nacionais, espécie de vaca sagrada «intocável». Faz lembrar a velha história que diz: «Os regimes passam e os homens ficam»... O que às vezes até é bom sinal... Mas isso não acontece neste caso. Há que ter a coragem, a nível administrativo e também a nível da Direcção de Programas, de assumir, ainda que timidamente, a decisão de substituir Sousa Veloso por alguém que traga uma nova dinâmica às questões da agricultura na Televisão portuguesa.

Uma alegria pegada

No domingo ainda, os televisivos «from Grafonola», mais concretamente Júlio Isidro e Margarida Andrade, foram um pouco azarentos nas suas «deixas» em relação ao material alinhado. Margarida Andrade, ainda mal acordada, cedinho, pelas onze da manhã, apareceu a anunciar «Watoo, Watoo» — e apareceram as «Brincadeiras»... À tardinha Júlio Isidro chama Cerqueira e aparece a publicidade; depois anuncia a Pantera e quem vem é o Papafornigas; e ao abrir todo o seu sorriso para os «Marretas» eis que nos aparece um não menos apetecível «sumo diluído sem gás»... Por este andar o Júlio Isidro qualquer dia anuncia o «Passeio dos Alegres» e aparece a «Febre de Sábado de Manhã». Já faltou mais. Neste momento inclusive posso sugerir que se alterem os genéricos e que introduzam «A Febre dos Alegres» e os «Passeios ao sábado pela matina».

Aires Rodrigues, 1-Timor, 0

O «Telejornal» começou como devia com as eleições francesas e com a rotunda vitória do Partido Socialista francês. Manuel Ricardo Ferreira balbucionaria depois uns apontamentos sobre o assunto. Vimos depois como essa festa se comemorou em Portugal com a intervenção do director da France Presse e às 23 h. com Gonçalves Pereira... Mas o que foi engracado foi ver qual o destaque dado ao Congresso do POUS, com prioridade sobre o Tribunal Permanente dos Povos que reuniu em Lisboa para debater o caso trágico de Timor.



Um cavalo chamado «Napalm»!

Em vez da «Lenda do Rei Artur» foi um cavalo com uma montaria inesperada que nos apareceu no «écran», logo na abertura da emissão, numa transmissão directa de um concurso hipico. Chamava-se o cavalo — pasme-se! — «Napalm»!

A transmissão da maior parte destes concursos é já em si extremamente polémica dado tratar-se de um desporto elitista e talvez com um número de adeptos que não justifica muitas das vezes o interesse manifestado pela RTP.

O caso agora foi outro. Tomo inclusive a liberdade de me afastar um pouco dos pressupostos que animam esta coluna para manifestar a minha estupefacção. Sob o ponto de vista freudiano o facto de atribuir à bicharada de estimação nomes por vezes de pessoas tem um significado muito específico. Há sempre uma atitude afectiva quando isso se verifica, querendo dizer também que de um processo de substituição ou de «transfert» se pode tratar.

Falar de «napalm» é, por outro lado, lembrar os genocídios do Vietname e do Camboda, o «Apocalypse Now», a Guerra Colonial..., enfim, lembrar a *morte* na sua imagem mais horrenda destas últimas décadas.

Existir um tenente-coronel no Exército português que dá ao seu cavalo o nome de «Napalm» é no mínimo angustiante. Pois no concurso hipico de Braga, no período habitualmente preenchido pelo «Tempo dos Mais Novos» lá andou o belo animal a saltar obstáculos montado por alguém para quem «napalm» é por certo sinónimo de «carinho», de «afecto»... Portugal 1981...

«País, País» adiado

Se as crianças em vez da «Lenda do Rei Artur» viram os «Napalm» subir ao «podium», as «Regiões» viram o seu noticiário adiado por dois dias — uma vez que terça-feira havia «hipismo» e

quarta-feira era dia de futebol e de «Jogos Sem Fronteiras».

«Água Viva» em roda viva

No horário habitual lá apareceria a «Água Viva» agora com uma narrativa mais expectante a fazer subir os índices de audiência em progressão. Cá, como no Brasil, o fenómeno é idêntico. As paixões de Stela, as dúvidas de Ligia, o ressuscitar dos mortos e as loucuras dos vivos, introduzidas num ritmo lancinante estão a dar um fôlego à telenovela que ela nunca teve. O mérito vai em grande parte para Manoel Carlos, o guionista que trabalhou ao lado de Gilberto Braga, a partir sensivelmente do terço da novela para a frente. A telenovela está agora mais do que nunca a «suspirar» o País. E não há meio de sair disto, entregues que estamos ao pior folhetim do século passado (estas coisas andam sempre atrasadas um século)...

Portugal, onde fica?

«Newcomers» neste último episódio construiu uma ficção em torno de uma família de imigrantes italianos que se estabeleceu nos anos 50 no Canadá. Tirar os italianos e pôr os portugueses é algo fácil de imaginar, tal a semelhança das situações vividas. No fundo foi também isso que levou o polícia negro a confundir o herói com um português. Mas não só isso. Andamos esquecidos pelo mundo. Nem nós nos lembramos dos nossos.

Teria sido bom que por exemplo entre os «newcomers» se falasse da chegada dos portugueses à Terra Nova no século XVI. Mas como, se nem os folhetos oficiais o referem?

Rui Cadima

Abecasis à presidência da RTP!

Dois «vedetas» televisivos estiveram aqui há dias no «Telejornal» num, assaz original «mano-a-mano» a propósito dos «Jogos sem Fronteiras». Tratava-se de Proença de Carvalho — grande «vedeta» de bastidores da Televisão portuguesa — e Kruz Abecasis, «spécial guest star» das atribulações para-surreais do Município de lisboa — a nossa câmara «ardente»...

E encontraram-se os dois — imagine-se! — para procederem exactamente ao protocolo habitual de recepção aos participantes dos «Jogos».

À partida, portanto, a surpresa... Que faria Kruz Abecasis naquelas tertúlias? Está bem que ele é o presidente da Câmara Municipal... Mas... lado a lado com o presidente da RTP? De facto, entre os dois, um cheque de 20 mil contos concedido pela Câmara aos «Jogos sem Fronteiras» unia-os agora mais do que nunca.

Se Abecasis tem um poço de petróleo em Lisboa e não quer dizer nada a ninguém o caso passa a ser muito grave... É que entre torres de betão, arraiais, lunas parques e feiras de Belém é de facto bem possível que haja um «sheik» árabe de perneco... Ou um Ewing, quem sabe... Ou então o petróleo é do Beato e foi o Solnado que o emprestou...

Bom... isto tudo a propósito dos «Jogos» e também das especulações, já com barbas, em torno da continuação ou não de Portugal nos «Jogos sem Fronteiras». Mais uma vez julgo ser conveniente notar o interesse de aproveitamento de um acontecimento deste género para a promoção turística do País em toda a Europa, de Ayamonte aos confins soviéticos. Se a RTP anda assim tão por baixo e não se consegue recompor de um abanão de 20 mil notas então sugiro que se leve já o poço de petróleo de Abecasis para a 5 de Outubro. Terá um repuxo para cima e... ficaremos com uma Televisão muito mais divertida, juro!

Galos e galinhas chocas

O dia ficou marcado pela vitória da «selecção» de Lisboa nos «Jogos», a compensar talvez a derrota que eu diria quase vergonhosa da selecção portuguesa de futebol frente à sua congénere sueca. Madrid cada vez mais por um canudo... Os nossos «galos», porém, vestidos de corvos e abutres fizeram esquecer completamente as galinhas chocas, os «impostáveis» e atabalhoados futebolistas dirigidos por Juca.

Sérgio Godinho contra 250 milhões

À medida que as provas se iam desenrolando o público telespectador ia ficando cada vez mais agarrado às cadeiras perante essa quase certeza que se avizinhava, após na noite da véspera Portugal ter ganho nos ensaios, ali onde o velho do Restelo em tempos quis ditar lei:

Mal fora se *isso* — a vitória — não acontecesse... A equipa portuguesa tinha de tudo: atletas olímpicos, recordistas nacionais, atletas de renome, enfim, um grupo de competidores escolhidos a dedo — como se o «patrono» Abecasis exigisse um pouco à moda de Esparata a recompensa pelo seu cheque...

É claro que nessa fase mais acsa dos «Jogos» ninguém estava a pensar em ligar para a RTP/2 para ver a entrevista de Sérgio Godinho a Jaime Fernandes no «Vivámusica». Ele lá esteve a falar do seu «Canto da Boca». Teve azar, contudo. Muita pouca gente ouviu da sua boca o seu canto... Eram 250 milhões a seguir o outro canal...



Unanimidade popular: não à central nuclear de Ferrel!

Durante dois dias estivemos sem «País, País». As gentes da cida-de, porventura, não deram por isso, mas na província, dado tratar-se de uma rubrica de grande interesse para muitos, por certo que o notaram.

País, País sempre em festa

E o regresso desta vez foi altamente festivo. O País não sofre de doença nenhuma graças a Deus. Estamos nos Santos Populares e chega!...

Em primeiro lugar, muito possivelmente no seu lugar, a feira de Évora. Depois o encerramento do ano lectivo no ensino. E por aí fora, passando pelos «Jogos sem Passaporte», pelos bailes de bombeiros, inaugurações, iniciativas, fungagás, conferências, exposições, espectáculos, folclore, encontros, convívios, etc., etc., etc.

Para além disso, como já vem sendo habitual, o apontamento monográfico de âmbito social. Estão neste caso pequenos desenvolvimentos como a «velha» questão da pônte para a ilha de Tavira, como ainda o crédito agrícola, o fomento cooperativo, etc. O que nos parece óbvio é que se torna cada vez mais urgente que este programa tenha em atenção as deficiências não só a nível «oficial» — autárquico — mas principalmente a nível micro-social, ao encontro das raízes e das soluções preconizadas pela base. Não é esta infelizmente a política geral desta rubrica.

Filme quase clandestino sobre Ferrel

Mas se o «Tempo dos mais novos» já havia sido curto, o «País,

País» seria curtíssimo. Para «encher», a RTP optou por mais dois telediscos: um dos «Boombtown Rats» outro dos «Queen». Entretanto, depois disto tudo, ainda faltavam cerca de quinze minutos para a entrada da «Água Viva»...

Repentinamente, como por milagre, uma pequena reportagem de Fernando Magalhães sobre Ferrel, as suas populações e o ponto de vista da base sobre a central nuclear prevista para aquela zona. Foi de facto com grande alegria que ouvimos aquele conjunto de depoimentos dos habitantes de Ferrel através dos quais, unanimemente, se afirmou a sua total oposição à construção de central nuclear em Portugal. Há de facto uma consciencialização progressiva do povo português em relação a estas questões. É esta consciência amadurecida que deverá ser referendada.

Este filme «clandestino» que poderia ter sido anunciado e promovido como o são muitos outros alheios à palavra da base, nem sequer foi alinhado no «País, País»... Este o estranho mistério que conviria deslindar. Alô..., RTP?...

Um «selo» de 25 minutos...

Panorâmica para a esquerda, panorâmica para a direita, serralha abaixo, serralha acima, comentário aqui, comentário ali... Assim se vão passando os minutos em Televisão. Trata-se, neste caso, do «Tempo dos mais novos» preenchido quinta-feira com «Filatelia para todos».

Um desastre, este programa. Pretender ocupar o período de um módulo de 25 munitos com uma «Filatelia» assídua como esta o tem sido é não ter a mínima noção de como a Televisão não deve funcionar em relação a estes «clubismos» restritos, a estes «hobbies». 5 a 10 minutos não estava nada mal. Agora, 25!...

Castigo: Duarte Figueiredo deve ver 70×7 «Em Família»

30/6/81

Que eu saiba nem Lénia Real nem Santana Castilho — respectivamente coordenadora-apresentadora do espaço «Em Família» (último bloco do «Porque hoje é sábado» após o misterioso desaparecimento do programa da responsabilidade de Jorge Alves da Silva), e convidado-participante especialista em questões da educação e ensino — que eu saiba, dizia, nenhum deles é subordinado do célebre Duarte de Figueiredo, «pai» da informação televisiva «AD» — um dos monstrozinhos que a RTP tem vindo a «parir» ao longo de todos estes meses.

Também que eu saiba nem Reis Ribeiro nem Manuel Vilas Boas — coordenadores da rubrica da responsabilidade do Patriarcado de Lisboa, «Setenta Vezes Sete», são servidores do mesmo director de informação.

Nem uns nem outros. Só o temos a lamentar. De outro modo teríamos hoje uma informação porventura digna desse nome, o que infelizmente não acontece de há muitos meses para cá.

«Porque Hoje É Sábado»: sobre uma experiência louca

Este programa é como sabem composto por dois blocos substancialmente diferentes um do outro. O primeiro, dedicado aos mais novos, inclui agora também o espaço para a promoção dos valores ainda mal conhecidos do grande público.

O segundo, intitulado «Em Família», tem vindo a debruçar-se desde o primeiro programa sobre os problemas mais candentes da juventude, desde as questões relativas ao sexo até aos problemas específicos do ensino, como aconteceu nos dois últimos programas.

E se na semana passada Lénia Real levou aos estúdios, e a casa de

cada um de nós, os problemas relativos à gestão das escolas e às causas e consequências de uma certa marginalidade que tem proliferado nos últimos anos nos subúrbios das escolas, desta vez esteve em questão o «12.º ano» — essa grande aberração do Ministro Vitor Crespo, espelho da «mudança» AD no campo do ensino...

E de tal forma, que após convite ao Ministério da Educação para se fazer representar na mesa-redonda moderada pela apresentadora habitual, e ainda por Santana Castilho, a resposta foi diplomaticamente negativa.

Apesar de tudo o debate em si foi extremamente esclarecedor. Teve aliás uma função de grande importância, diria mesmo de uma extraordinária importância, dado que este é um assunto quase tabu na Informação da RTP/1, assim como têm sido tabu os temas «catástrofe», as aberrações geradas nos governos da AD desde Dezembro de 79.

Viu-se de facto que alunos e professores não foram mais senão cobaias de uma experiência que toca as raias da loucura. Neste país acontecem coisas destas. E se se quiser depois pedir responsabilidades não há quem responda... Um tema portanto que só agora foi introduzido na RTP/1 e que deve continuar a ser tratado para bem do ensino em Portugal.

Caso curioso é aquele que ressalta da constatação de que este tipo de debates não é de facto «dirigido» por quem de direito. Parece inclusive não haver ninguém no sector da Informação que possa assumir de forma responsável e competente a direção das questões da educação. É sintomático que tenha sido um convidado — Santana Castilho — que tenha ficado de uma sessão para outra, tendo sido «promovido» a moderador... Eu aposto que naquela casa não há nenhum especialista em temas do ensino!...



Um Repórter entre Fernando Pessoa e Costa Pinheiro

Na recente conferência de Imprensa dada pela direcção de programas da RTP sobre a polémica questão no novo horário da telenovela foi dito a certa altura que a RTP/2 tem atingido por volta das 21 horas níveis de audiência extremamente grandes, na ordem dos 800 mil a um milhão de espectadores. Bonito número!

Não sabemos se é também esse o nível atingido pela Informação/2. Ou se foi inclusive o bloco informativo da «2» que «fez» esse elevado índice.

O que sabemos em relação à «2» é que ela tem tido trabalhos de uma grande qualidade, isto mesmo sem utilizarmos como termo de comparação o trabalho produzido pela sua congénere subdirigida por José Eduardo Moniz.

Um belo exemplo do que dizemos é a reportagem que anteontem encerrou a «Informação/2», um trabalho de Joaquim Furtado sobre a exposição do pintor Costa Pinheiro recentemente inaugurada na Gulbenkian. Os «objectos» de Costa Pinheiro são Fernando Pessoa, os seus heretônios e os seus objectos de uso pessoal. Os mais conhecidos: o maço de «Definitivos», os óculos de aros redondos, o chapéu-não-ele-próprio, a boquilha e todo um conjunto de complexas «visões» que se desenhavam quase em projeção nas lentes de vidro. Joaquim Furtado esmerou-se neste trabalho. Ultrapassou o que lhe era exigido na circunstância. Fez coisa rara de ver na RTP. (À atenção de Duarte Figueiredo).

Cro-Magnon e as legendas

Foi a própria Maria Alberta Menéres quem simpaticamente nos veio dizer que já não era possível emitir a série de Albert Barillé «Era Uma Vez o Homem» com a dobragem do off uma vez que as legendas já haviam sido apostas há algum tempo, o que veio depois a tornar impeditiva a sua dobragem. Aqui fica a rectificação e o de-

sejo de que a RTP futuramente faça um esforço ainda maior para que as crianças tenham as suas séries dobradas num português claro.

«Água Viva» a ferver

Esta Stela!... Imaginem que o Manoel Carlos pô-la agora numa onda muito *reggae*, amiga do Peter Tosh e tudo, onde não faltou musiquinha com letra «prá-frentex» (se aquilo fosse traduzido a «Água Viva» estava já na Judiciária, não haviam quem a salvasse da fogueira...):

O pior foi quando no melhor da festa apareceu Bruno, de fantasias, directo de Miami, para mandar um «directo» no pobre do Marcos e no seu espírito de «escuteiro»... Vejam lá no que dão os sensacionalismos da Imprensa...

O Telejornal não estava lá mais uma vez

Isso mesmo, foi na Nazaré. Aqui, os «directos» foram outros. Aconteceu na final da «liguilla» entre Os Nazarenos e o Académico de Viseu.

Há quem diga que quando se está perante problemas complexos de solucionar manda-se instaurar um inquérito — é remédio santo: a coisa arquiva-se e nunca mais se ouve falar no assunto...

Nós aqui propomos que se não instale nenhum inquérito. Que se vá à bruxa perguntar se a culpa é dos operadores que se evaporaram em cima do apito do árbitro ou da PSP que não é «revelável» pelo filme da RTP.

Que se faça *luz* é o nosso desejo. A propósito: precisam por ai de um operador?... Perguntar não ofende, já dizia o outro.

Produção nacional: de férias

2381

A RTP está em regime de poupança. Nem mais. Maria Elisa, sem o explicitar claramente, deu-o a entender na conferência de Imprensa de segunda-feira. No Verão, mais concretamente nos meses de Agosto e Setembro, ficaremos sem «O Passeio dos Alegres», sem o «Porque Hoje É Sábado» e ainda sem o «Ao Vivo». O que virá em sua substituição é coisa que, para já, não interessa muito. Coisa boa — entenda-se: produção nacional — não é com certeza...

RTP desconhece RTP

Curiosamente, o «Telejornal» de segunda-feira não nos soube dizer nada sobre essa mesma conferência de Imprensa. Foi, aliás, nortada naquela reunião com os órgãos de comunicação a ausência do director de Informação da RTP. Sobre temática tão complexa, como é a discussão sobre a alteração do horário da telenovela para as 22.15 horas, e sabendo-se, à partida, que uma alteração desse tipo está directamente relacionada com o horário do «Telejornal», foi, de facto, estranho que Duarte Figueiredo não estivesse ali presente para melhor se equacionar o problema em discussão.

Na verdade, Duarte Figueiredo nem esteve presente para dar informações, nem sequer «esteve presente» com uma equipa de reportagem a cobrir o acontecimento que, como se sabe, tem sido primeira página nos jornais.

Para terça-feira tinha ficado anunciada uma nova reunião da direcção de programas, desta vez com a associação das empresas de cinema e com os sindicatos do espectáculo. À noite, Eduardo Moniz, em última página, depois do desporto e antes de uma nota oficial, sintetizava em duas linhas: a telenovela tinha ficado para as 22.15, por consenso, comprometendo-se a RTP a dar um maior relevo aos espectáculos de teatro e cinema.

A questão da mudança do horário da telenovela foi assim considerada como uma questão de ordem secundária pela informação te-

levisiva, sendo relegada pelo «Telejornal» para o final da emissão e não tendo sido mesmo referida pela «Informação/2» de terça-feira.

De notar ainda o grande atraso com que começou a «Informação/2». Uns incompreensivos quinze minutos de atraso, para depois abrirem com a sondagem, que tinha sido logo de manhã «descoberta» pelo «Diário de Notícias», não teve, de facto, *a priori*, nenhuma razão de ser. Foram quinze minutos de efeitos especiais, de promoção do bloco, espécie de «tempo de antena» dos homens da «2» que, desta vez, não foram iguais a si próprios...

Natália Correia não esteve na Relação do Porto

Muito anunciado o segundo programa de Natália Correia, da série «1 + 1 = 1», «Neste Lugar Onde» iniciar-se-ia, segundo a promoção feita, na Cadeia da Relação do Porto, por onde passou Caímo Castelo Branco, sobre quem trataria o programa.

Porém, Natália Correia viria continuar sobre tema já tratado por Manuel Alegre. As cantigas trovoadorescas, as cantigas de amigo e as cantigas de amor foram outra vez o tema. Um outro ponto de vista sobre o assunto, mas que, de qualquer modo, poderia ter evitado a sobreposição temática.

Hollywood contra cineclubistas

Dilema nas hostes cinéfilas. O que ver? O cineclube de António Pedro Vasconcelos ou a excelente série de David Gill e Kevin Brownlow? Ainda antes de começar o «mapa-tipo» de Verão, este foi já um primeiro erro crasso a lamentar.



Algumas notas sobre o mapa-tipo de Verão

A telenovela ai está, para ficar, às 22 horas, durante três meses, até que o mapa-tipo «outonal» vá para o ar. Isto quer dizer que o «prato forte» das noites «úteis» — que não as do fim-de-semana — passou a ser a telenovela. Não tanto, evidentemente, por não haver mais nenhum programa a fazer-lhe face, ou dela complementar, mas principalmente porque, como se sabe, a habituação ao género narrativo é de tal forma grande que por certo fará daquele tempo de emissão o preferido da grande maioria dos telespectadores.

Evidente que há alternativas. Elas começam à mesma a partir das 21 horas na RTP/2 — sem considerar, claro, a «Informação/2» — mantendo-se na «1» diariamente entre as 21 e as 22 horas um espaço preenchido por diferentes programas entre os quais estão, aliás como já foi tornado público, «É o Resto são Cantigas...», às segundas-feiras, «Hollywood» às terças; às quartas (pelo que parece) a actualidade na «Primeira Página»; à quinta não se sabe se ficam as «Variedades» e, à sexta, «Os Anjos de Charlie».

Como tive oportunidade de referir já ontem, a programação nacional é a que mais vai sofrer com as alterações introduzidas no mapa-tipo de Verão. Convém de facto voltar a sublinhar esta questão. Ela é sempre ponto fuleral para estabelecer uma discussão em torno de uma política de programação.

Em relação aos programas que ficam há que ver que desmantelam os culturais e os programas de divulgação no período de antes do Telejornal, ficando as noites algo esvaziadas, indo também faltar aos sábados e domingos em Agosto e Setembro programas como «O Passeio dos Alegres», o «Porque Hoje é Sábado» e o «Ao Vivo».

Agora as emissões começam às 19 horas. O primeiro espaço continua a ser «infantil». Depois o habitual período concedido às regiões, agora com meia hora de duração. Antes do segundo bloco in-

formativo — o Telejornal — um outro período de meia hora, mas de divulgação, ou cultural.

Enfim, globalmente, um plano de «poupança» que deveria ter sido indiscutivelmente mais «suave». Assim o não entenderam a administração e a direcção de programas. Pensamos que não é suspender programas de grande audiência em dois ou três meses que a RTP se vai preparar para os «grandes voos» do Outono.

Nesse sentido as medidas tomadas e recentemente dadas a conhecer deixam-nos algo estupefactos. Achamo-las perfeitamente incompreensíveis.

A passagem da telenovela para as 22 horas é sem dúvida extremamente polémica mas, mais do que isso, levanta problemas de carácter social e antropológico, no sentido do cumprimento ou da ruptura nos hábitos quotidiano e nos ritos — e são esses que conviria abordar.

De facto, se foi compreensível o debate realizado aquando da anterior mudança de horário para as 19 e 45, mais agora se torna indispensável realizar um debate alargado, idêntico ao que então pudemos assistir. Há inclusive que sistematizar um pouco as ideias neste aspecto.

Ao longo de quatro anos os telespectadores habituaram-se à ideia de ver o Telejornal às 20 h. e de seguida a telenovela. Foram várias as que se sucederam neste alinhamento. Até ai tudo bem. Qualquer das alterações introduzidas por Maria Elisa não parecem ter sido muito felizes. Por que não o repensar do esquema inicial?

★ ★ ★

Entretanto, conforme noticiamos na página 8, o novo horário da telenovela não parece ter afectado a frequência dos cinemas.

Manuela Melo devia vir ensinar o Lumiar

No meio do bombardeamento informativo de que fomos alvo na quinta-feira — e lembro que começou com meia-hora de «Filatelia» para adultos no «Tempo dos Mais Novos», tendo prosseguido com «País, País», «República» e com o «Telejornal» (...), um programa houve que se destacou: foi exactamente o «República», com uma excelente reportagem dirigida por Manuela Melo sobre a cidadela de Penafiel. As honras vão todas para ela. É uma grande profissional e fez um dos melhores trabalhos dos últimos tempos da RTP.

O caos

O «Telejornal» volta todos os dias à mesma hora, caoticamente. Questões tão significativas como o recente aumento pecuniário dos deputados e a não resolução do caso dos presos do PRP, as greves da fome iniciadas, foram pura e simplesmente ocultadas. Por outro lado o péssimo tratamento dado por exemplo ao anúncio da revogação da Lei do Serviço Nacional de Saúde e a outras temáticas foram de igual modo casos escandalosos.

Charlie versus Almeida Bruno

Uma das coisas que mais espanta na série «Os Anjos de Charlie». É o facto de ter conseguido manter-se em produção continua ao longo de cinco anos. Depois dos três episódios já vistos estamos à vontade para o dizer.

Uma quase coincidência de textos, curiosa coincidência, aliás, apareceu-nos de repente no final do «Telejornal» de quinta-feira.

Cinema deixava entrar a promoção das três meninas detectives que fizeram sucesso há cinco anos atrás nos *states* e entretanto na «Informação/2» entrava Almeida Bruno, comandante da PSP, um não-fantasma que em discurso bem adjectivado alertava os seus «anjos» para o fenômeno «polícia-tampão» entre o Estado e a sociedade... Evidentemente que qualquer coincidência entre os dois discursos é pura coincidência...

Fungagá por fungagá

Dizia o folheto que o jovem Manuel, personagem de «A Garça e a Serpente», de Artur Duarte, tinha, também, como o outro, dois amores... O que bastava, depreendemos, para aliciar o leitor-telespectador... Quem afinal de contas não ligou muito ao assunto foi a direcção de programas que à última hora reparou que se o filme fosse para o ar a emissão terminaria lá para a meia-noite. Optou pelo fungagá da Figueira. E a emissão terminou uns minutos antes da meia-noite...

Desta vez a política não foi de «poupança». Entretanto, para a próxima quinta-feira fica já a pairar a ideia de que a longametragem voltará a não ser emitida. Precalços intercalares de um mapa-tipo que parece afinal não o ser.

As deambulações por Copacabana, agora às 21 horas!, seguiram-se as da Figueira. Do Casino Peninsular não veio o menino do Rio nem o Peter Tosh. Veio o José Manuel, preciosidade de casinos... Atrás dele um fungagá privativo. Se a RTP fizer progressos qualquer dia teremos em directo o «Bolero» ou o «Ritz Club». Até lá se calhar ainda passam pelo Penta para gravar o célebre moçambicano que veio directamente da África do Sul.



Xenofobia, q. b., precisa-se!

Estou a lembrar-me das duas grandes transmissões desportivas deste fim-de-semana na RTP/1. As duas por três as pessoas perguntavam-se se já tínhamos chegado ao Principado do Mónaco...

Reparem que no sábado tivemos cerca de três horas e meia de ténis e domingo mais ou menos duas horas e meia de Fórmula 1. Qualquer dos períodos, contudo, em detrimento de transmissão da Taça da Europa de Atletismo, onde participou, ainda que modestamente, a equipa nacional de Portugal!

Andamos muito pouco xenófobos; ou por outra: a RTP, ela mesma, é que não quer nada com os chauvinismos desportivos... Ora se isso aconteceu quando estava no ar unicamente a emissão da «1» (o atletismo na «2» iria para o ar mais tarde) mas acontecendo haver inicialmente desporto programado para os dois canais, simultaneamente, quer sábado quer domingo, torna-se legítimo perguntarmos o que aconteceria se houvesse mais canais e se a aderência áquelas modalidades fosse realmente significativa... Coitados de nós! Era desporto de sol a sol!... Isto, evidentemente, só do estrangeiro...

O Lumiar a ver se parava de chover

De Dijon recebemos a voz de Adriano Cerqueira (como alguém disse, um jornalista formado na rampa de Sintra) e as imagens dos bólides da Fórmula 1. Nelson Piquet, à frente na primeira parte, antes da interrupção causada pela bátega de água, Alain Prost a vencer no piso molhado. Pelo meio foi a desgraça. Infundáveis minutos nas «boxes» com o operador de vídeo a não saber que publicidade não filmar e o realizador louco pelas poucas possibilidades de empatar tempo. No Lumiar, porém, a perplexidade parecia ser ainda maior.

Os minutos passavam e repassavam sem que entrasse a publicidade, o «Sumário», desenhos animados (que tanta falta fizeram na

edição de domingo uma vez que não foi transmitida a actual rubrica de manhã — o «Tempo dos Mais Novos», ou outro qualquer pequeno bloco alternativo àquele pasmo onde predominaram as deficiências técnicas — a todos os níveis. Adriano Cerqueira bem se esforçou por superar as suas próprias dificuldades as dos outros e ainda aquelas que deveriam sê-lo no Lumiar. Tudo isso em vão. Foi pena...

Júlio Isidro: «Vivó Porto!»...

«Vivó Porto!», gritou o Júlio Isidro no princípio do seu alegre passeio dominical — o nosso «passacô dos tristes» do domingo à tarde televisivo. E gritou-o alto e bom som para que se ouvisse com ouvidos de gente, tal o seu empenho descentralizador. Que a emissão era dedicada ao Porto, disse.

Logo de seguida falava-nos da «opera-rock» «Evita», em cena há algum tempo noutras capitais europeias. Para representar alguns dos seus quadros o «Zé Pedro Play Dancer's», os já conhecidos intérpretes do «alegre» «Rocky Horror Show».

Concluindo: Em Portugal é assim: tudo se arranja, tudo se resolve. Somos o País do «desenrasca». Se não se pode ir ao Porto faz-se de conta. Se a «Evita» não vem cá, vamos nós até ela, nem que seja em «play-back». E não saímos disto.

Xenofobia à moda do Porto

Antes do Telejornal surgiria José Augusto Seabra destacando de novo a cidade do Porto como berço do movimento da Renascença. A xenofobia está mas é toda no norte é o que é. A RTP/2 que o diga aos fins-de-semana. Tudo bem quando tiver qualidade.

Canigas de ouro ao preço de TV Show's...

Frederico de Brito e António Melo foram os homenageados no programa de Solnado, Fialho e Carlos Cruz. Solnado brindaria desta vez o público com a «História da Minha Vida». Muitos e bons foram os participantes desta edição. As próprias viúvas dos maestros estiveram presentes. Um belo programa este que, segundo fontes bem colocadas, está a sair ao preço dos TV Show's, ainda que este não tenha chegado, como afirmámos, aos dois mil e quinhentos contos. Um bom negócio para a RTP.

Afinal o paraíso existe!

A «TV Guia» informava oficialmente que o «Tempo dos Mais Novos» tinha escolhido para a abertura de anteontem um filme sobre a Venezuela. Oficialmente também, logo após um pequeno bloco informativo, iniciado um pouco antes das 19 horas, passaria o filme sobre aquele «país ao norte da América do sol»... «Sol» encoberto, contudo. É sempre ingrato aceitar o documento de propaganda como vindos de fonte fidedigna. Por isso o espectador prefere o ponto de vista *de fora*. Este filme que passou sobre a Venezuela parece estar enquadrado no âmbito da política de férias da RTP — política de poupança geral, de reserva do investimento. Não é razão de qualquer modo para se justificar esta «tribuna mental» que nos veio dizer desta vez que estávamos perante um país de «liberdades absolutas», onde só há «cidadãos do primeira». Vimos o paraíso sem o sabermos...

Buchas

Extra-programa, como se de «buchas» se tratasse: «Watoo, Watoo» e «Popeye», agora papá, até que entrasse o «País, País». É que o filme sobre a Venezuela não chegou a durar 15 minutos...

«Ubu» e a «cabra-cega»

A informação teve que se lhe dissesse. E referimo-nos em primeiro lugar à reportagem de «País, País» sobre a estreia de «Ubu», pelo TEP, no Auditório Carlos Alberto do Porto. Foi de facto estranho que a entrevista com o encenador — Eduardo Freitas — aparecesse em texto lido pelo repórter. Porque é que não foram ouvidos autores e actores? Continua a jogar-se à «cabra-cega»?

Três dias de atraso para o «Telejornal»

Joaquim Amaral Marques começou a sua semana de trabalho com o pé (quase) direito. Apesar de sábado e domingo o «Telejornal» nada ter dito em relação às críticas às declarações de Balsemão veio agora a informação da RTP/1 pôr alguns pontos nos li em relação a este assunto. Assim, ouvimos a UGT, a Intersindical e as associações patronais defenderem as suas posições. O que já é alguma coisa, embora não seja o suficiente.

Cesário Borga assinaria o melhor trabalho da noite com a sua reportagem sobre a inauguração da electricidade algumas zonas do concelho de Palmela. O rei ia nu: as deficiências de abastecimento ao País teriam, naquela caso concreto, de ser superadas pela autarquia sem participação da EDP. Lamentava-se o presidente da Câmara, e muito bem, que é a EDP quem depois fica a cobrar sobre um trabalho no qual não investiu a nível de infra-estruturas...

Consumir o gato

«Gato por Lebre» falou-nos em consumo de Verão: consumir o sol, consumir a imagem. Que bronzeador usar, que filmes comprar. A Deco em cima da «saison», como é, aliás, seu dever.



TELECRÍTICA

6/7/81

Rui Cádima

Carlos Lopes perdeu para Borg

Imagino o desagrado que terá causado a programação de sábado. A abrir cerca de três horas e meia (!) cedidas à transmissão directa da final do torneio de Wimbledon, entre o campeoníssimo Bjorn Borg e o norte-americano McEnroe.

O ténis não é propriamente o futebol... E se o futebol só por si levanta sempre uma grande polémica no auditório, principalmente por altura das finais europeias — não esqueçamos que é o desporto mais visto em televisão — faça-se uma pequena ideia das diatribes que por ai pulularam no público em geral.

Inexplicavelmente tinha sido relegada para a «2» a transmissão de Varsóvia das meias-finais da Taça da Europa em atletismo, onde Carlos Lopes arrancou uma brilhante vitória na prova dos dez mil metros.

Não sei se concordarão comigo, mas julgo que este tipo de distribuição de transmissões pelos dois canais obedeceu desta vez a critérios que se não foram casuais... não foram critérios. Não acredito que a direcção de programas queira conceder a Borg, em Portugal, a imagem de que ele desfruta na alta roda do ténis a nível internacional. E deveria acreditar pela simples razão de que, ao mesmo tempo, na RTP/2 um grande ídolo popular, um dos raros «campeões» olímpicos portugueses, comandava, para depois passar a meta em primeiro lugar, a corrida dos dez mil metros. Era o Carlos Lopes desta vez. Perdeu para o Borg...

**Vá lá a gente
compreender isto...**

Uma complexa filosofia tem animado e movimentado o mapa-tipo intercalar dos meses de Verão. Se os dias da semana passaram a

contar com a telenovela às 22 horas, os sábados e domingos começaram a apresentar-se recheados de enlatados, desde a simples série à longa-metragem.

Se daqui se quisesse extraír o tom da política geral seguida pela direcção de programas, sem alienar recentes declarações de Maria Elisa, chegar-se-ia forçosamente à seguinte conclusão: o País real terá o «seu» programa todos os dias a partir das 22.15h — isto é, quem trabalha de sol a sol já não terá dificuldades de maior, pois chega a casa pouco antes da novela começar (...). E quanto ao fim-de-semana a programação contemplará as gentes do litoral e das grandes cidades: cinéfilos, aficionados das séries, adeptos da dança. Assim se agrada a gregos e a troianos...

Elia Kazan no seu melhor

Num sábado muito morno que teve único atractivo «popular» a transmissão da 3.ª Gala dos Pequenos Cantores, da Figueira da Foz, o grande programa seria de facto a passagem da longa-metragem da noite, uma das grandes obras de Elia Kazan: «Um Eléctrico Chamado Desejo», com Marlon Brando, Vivian Leigh e Kim Hunter.

Tratou-se de um trabalho quase «encomendado» pelo seu autor — Tennessee Williams — a Kazan. Williams considerava a sua peça como uma das melhores produzidas nos anos 40 nos Estados Unidos. Kazan realizaria mais tarde esta obra com uma mestria inesquecível, deixando inclusive transparecer no seu discurso filmico uma nítida ruptura com os processos narrativos tradicionais de Hollywood. Para além disso, foi um dos filmes de lançamento do então jovem Marlon Brando, a par de «On the Waterfront».

«País, País»: feudo de burocratas

Oitocentos anos de história dão a este País uma identidade cultural extremamente rica e diversificada. De norte a sul, as tradições, os rituais e as festas caracterizam de uma forma específica as várias regiões, as gentes que as povoam, e sempres traíram forasteiros curiosos, simultaneamente empenhados na celebração dos rituais, espectadores e actores desses ritos ancestrais.

Do século XII para cá tem sido esta uma das formas mais usadas pelo povo português na comunicação entre regiões, independentemente das afinidades existentes entre elas.

Evidentemente que só há um programa na RTP que deve privilegiar o tratamento desse tipo de questões é, sem dúvida, o «País, País». O âmbito deste programa não é só exclusivamente, por outro lado, o da reportagem da festa. «País, País» deveria ser, principalmente, um bloco dedicado aos problemas sociais e económicos desse País. E, depois, a festa...

Sempre que vemos alterar a coordenação desta informação regional notamos também uma alteração de princípio. Com efeito, se é José de Melo que se apresenta, do Porto, a coordenar «País, País», temos um género de informação que normalmente incide mais sobre questões de carácter social, embora a nível do discurso sejamos prendidos em regra com «compactos» mal tratados.

Se é José Corte Real que de Lisboa sintetiza as notícias temos habitualmente uma informação «ligeira» que parece esquecer de verdade a autêntica atribuição do programa: a «radiografia» socioeconómica das regiões, ao serviço das populações e não dos ministérios da tutela...

Terça-feira, dia para «Hollywood» na RTP/1 e para os «Cineclubes» de António Pedro Vasconcelos na RTP/2 — concorrência des-

leal e anedótica entre dois canais de um mesmo emissor — foi de facto um dia em que tivemos dois ou três exemplos extremamente elucidativos do que atrás dissemos em relação à informação regional.

«País, País», desta vez coordenado por Lumiar e apresentado por José Corte Real (voltamos aqui a chamar a atenção para a necessidade de responsabilizar não só o apresentador das notícias mas também este ou aquele jornalista, ou repórter, através da assinatura dos seus trabalhos) avançaria com dois pequenos trabalhos — ridículos, aliás — o primeiro sobre a Festa dos Tabuleiros em Tomar e o segundo sobre as festas do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira.

Mais para a frente seria abordado o problema quase «catastrófico» — segundo já foi noticiado na Imprensa — da falta de água que se está a fazer sentir no Algarve. O disparate é evidente. A agravar este péssimo alinhamento de notícias, este tipo de informação mediocre, em que não só o «País, País» é exemplo infelizmente, está também o facto de qualquer desses blocos não ter sido minimamente claro em relação aos factos em si, principalmente em relação à festa de Tomar, que ainda domingo passado era aqui mesmo escalpelizada pelo Roby Amorim. Ele partiu das suas origens e da sua longa tradição, que remonta à Idade do Bronze, para chegar à actualidade. Era no fundo isso que muito rapidamente o «País, País» deveria ter feito. Um belo exemplo de tratamento simultaneamente poético e informado de uma outra festa foi depois dado por Noronha Feio nos seus «Jogos de Borda de Água». Mas os bons exemplos não devem ser compreendidos...



10/7/81

Rui Cádima

Já chegámos (outra vez) à Madeira?

Por várias razões somos levados a perguntar, em jeito bem popular, se estamos outra vez «a chegar à Madeira?»...

Acabámos de entrar em nova fase da programação televisiva. Facto que tem sido, aliás, largamente noticiado. Estamos em pleno mapa-tipo de Verão. Maria Elisa não parece concordar muito com a opinião um pouco generalizada de que a programação da RTP está a baquear de forma evidente — atingindo de certa forma o seu limite negativo nos meses de Agosto e Setembro.

A não ser que algo mude ainda favoravelmente, nós somos dos que defendem ser essa quebra uma realidade. O que no fundo volta a ser também extremamente negativo é o facto de a produção nacional interromper, de forma nítida, o seu ascenso dos meses anteriores.

Produção nacional «de férias», dizíamos nós aqui há dias...

Novas mudanças da programação

Mas a acompanhar esta quebra nítida está um outro aspecto que regressa a apoquentar os «estimados telespectadores»... São as alterações constantes à programação que tanta atribuição causaram, ainda há pouco tempo, no dia-a-dia do contribuinte mais apaixonado pelo espectáculo televisivo. Volta, portanto, a surgir a ideia de que a todo o momento pode desaparecer «do mapa» o programa por que se espera...

Gótico rima com folclórico

Não poderia ser de outro modo: a Isabel Baía começaria por apresentar a programação de quarta-feira referindo-se às alterações do dia. A «Primeira Página» não iria para o ar devido a discussão na A.R. em torno da questão EPAC (o Telejornal a muito custo lá puxou a conferência de Imprensa da FRS para a abertura). O «Vamos jogar no Totobola» passaria para antes dos «Jogos sem Fronteiras»

ras» e, de uma forma bem oficial, com grandes planos para os ministros e tudo, veio dizer-nos que Vila da Feira, para além do novo edifício veraneante do Inatel, tem um castelo gótico e um rancho folclórico.

Nessa apresentação de abertura a continuista esquecer-se-ia de uma outra alteração. O anunciado pequeno documentário intitulado «George Stage», previsto para início da emissão, a seguir ao «Sumário», não apareceu.

Pérolas... a quem não tem dentes...

Em vez dele um pequeno filme sobre a ilha da Madeira realizado por Helder Mendes. Afinal de contas a Madeira acabaria por ser o centro das atenções da noite. Isto, evidentemente, exceptuando o fogo amoroso que encharca a «Água Viva»... Claro que a Lígia também tem tomado conta da assistência...

Contudo, com os «Jogos sem Fronteiras» em directo de Charleroi a vedeta, pelo que se viu e ouviu, foi a simpatia dos madeirenses e, mais do que isso, muito significativamente, o «P» de Portugal. Fomos claramente privilegiados. Portugal e o seu «P» estiveram largos segundos em muito grande plano para Europa ver. Nítida publicidade gratuita ao «sol» da nossa simpatia...

A imagem da Madeira foi assim muito melhor defendida pelos próprios naturais da ilha, em terras da Bélgica, perante os *cameramen* belgas, do que o foram as paisagens da ilha e os seus turistas perante as câmaras dirigidas por Helder Mendes.

Ele, coitado, lá andou Madeira abaixo, Madeira acima, à procura do penedo e do sorriso do turista. Aquela «ousada narrativa» (?) para delícia turística, «sponsored» pelas autoridades do ramo com «music by» Haydn, Beethoven e Brahms, samba de perneco, foi abafada pelo «P» português constantemente focado em Charleroi. Enfim, uma pérola perdida, noz sem dente à altura.



11/7/81

Rui Cádima

Na passagem da «Abelha»

O escritor é artífice da língua. As palavras são compostas no seu tempo, na entrega dedicada e, como eventualmente diria o poeta, no engenho.

As palavras vieram inicialmente depois das imagens. Mas a benéfica descoberta gutenbergiana rapidamente as viria a colocar em situação privilegiada.

A escrita, ainda antes de ser poética, reivindicou para si um estatuto ideológico de poder. De poder imperial. E as imagens cederam.

Só a perspectiva renascentista e a tridimensionalidade da nova imagem pictórica viriam repor as coisas no seu lugar. Sem contudo procederem a qualquer ruptura...

Nem a fotografia nem o cinema, ainda menos os novos meios de informação, vieram a destruir a força expressiva contida quer na prosa quer na poesia. Os valores ancestrais vieram à tona...

O cinema procura apaixonadamente o discurso literário que lhe possibilite ampla afirmação.

O continuista fecha os olhos. Aparece uma fotografia de jornal. Um círculo vermelho, negro. Um «paralítico», em linguagem cinematográfica. Seria a única foto do escritor. A sua morte.

Um falso esquecimento: no fundo a morte, mas outras.

Nos arquivos podem descobrir-se a boémia, os apóstolos ditos marginais, as fitas cortadas, as coroas de flores. Morra o Dantas!, e teremos filme em arquivo!

Não dos construtores da ideia. Da memória do inconsciente difícil de assumir, exemplos de solidão esculpida e de investimento,

quer individual quer colectivo — os que ficam escondidos, remetidos inconfessavelmente na ponta recôndita do «iceberg».

«Uma Abelha na Chuva» foi o tímido descarte.

A morte do escritor solicitou as imagens, como nunca o foram. Solicitou as palavras. Entre «Finisterra» e o «iceberg», o silêncio — a abelha, só, a chuva, o relógio de sala. Queria dizer mais. Queremos saber mais.

Portugal nu e cru, moldado pedra a pedra por um perfeccionista. A literatura, o romance, prosseguem impávidos no seu percurso.

Artífice denodado esse prévio criador consciente da imagem que antecipa.

Um escritor morreu. E outro. E outro. E... outro... e... Não será o caso... Mas é muitas vezes a pretensão da imortalidade que move o artista. Raul Brandão chamar-lhe-ia a loucura. Ou mesmo, despudoradamente, a morte.

Recuámos agora dez anos.

Estamos em 1971. Carlos de Oliveira de saúde precária. Mas de saúde, incansável.

O País, doente...

Fernando Lopes leva o projecto «neo-realista» da «Abelha» a bom termo. Visível, já, a ponta do «iceberg». Presa, a parte submersa... Do início dos anos 50 para cá os acabamentos da colmeia, progressivamente, no silêncio. Um pacto colectivo. Escrito, isso: Literatura.

Hoje: um nome de memória. Da memória do cinema.

A RTP? Obviamente não podia dar sinal de si.



Romeu, Julieta e o tresmalho

Saiu algo descharacterizado o segundo sábado da programação de Verão. Único programa da noite: um «Romeu e Julieta» nacionalizado, que apesar de coreografado por Skibine, apesar de permitir um legível acesso à obra de Shakespeare, esteve deslocado no seu tempo de programação e, por razões justificáveis, veio colidir em determinados aspectos com uma certa «perfeição» a que «La Sylphide» nos tinha começado a habituar...

De facto, após vários dias de ensaios e de exibições públicas, a Companhia Nacional de Bailado efectuou uma derradeira apresentação em Lisboa, espectáculo realizado propositadamente para que a RTP gravasse o programa que acabámos de ver na noite de sábado.

Quer o primeiro espectáculo, a que já nos referimos, quer este segundo, tiveram ambos realização de Cecília Netto, nome — de mulher, pouco habitual nestas coisas — que já nos habituou a um trabalho rigoroso, de uma qualidade sempre digna de alargados elogios. Na altura em que passou a «Silfide» houve mesmo quem reconhecesse o valor «internacional» do conjunto do trabalho. Nesta breve análise que aqui fazemos não estão portanto em causa as potencialidades evidentes quer do corpo de bailado quer do trabalho conjunto entre Armando Jorge («coreógrafo-residente») e a realizadora Cecília Netto com a sua equipa — talvez aquela que mais se tem dedicado na RTP, neste género de trabalhos, a uma preparação prévia muito profunda do que há a fazer.

«Romeu e Julieta» não teve a qualidade do espectáculo anterior por algumas razões, entre as quais estão, por exemplo, a presença de um público tresmalhado durante a gravação e o facto de se tratar de um trabalho efectuado após muitos ensaios e algumas representações. Qualquer destes imperdoáveis aspectos reduziu substancialmente as capacidades de resposta individuais e colectivas. Os pequenos desacertos são consequência disso, principalmente.

Esse nervosismo latente e o cansaço que se notava no palco não vêm de qualquer modo justificar um menosprezo ou uma desconsideração por este tipo de realizações conjuntas entre a RTP e as

companhias de bailado. Bem pelo contrário. A continuação desta prática (que obviamente se deseja) virá por certo contribuir para que esse género de desentendimentos se venha a diluir.

Invasão baiana

Portugal na Baía, de volta, via «Tropicália». Na parte da manhã Jorge Amado, sua mulher e mais alguns amigos brasileiros passeavam-se frente ao Tivoli... Entre eles Glauber Rocha. Teriam vindo todos ver esta cofagem desenxabida dos correspondentes da RTP no Brasil? O que teria dito Glauber? Que se tratou de um excelente trabalho sobre «seu» Amado e Amália Rodrigues (com fundo baiano e tudo)?

«Beliches» nas salas de aula

«Porque Hoje É Sábado...» vê-se o «Em Família»... Lénia Real, Santana Castilho e alguns entrevistados para discutir o problema do equipamento das escolas. Presente o director-geral do Equipamento Escolar. Breve dissecação da questão — sem dúvida que grande parte dos telespectadores se apercebeu do interesse do que ali estava em causa. Pena foi que o 12.º ano não fosse aqui também abordado. É que a recente medida de integrar nas escolas secundárias obrigara por certo a um novo tipo de carteira: a «carteira-beliche»...

Écran

Mais em cima do acontecimento, agora. Melhor, portanto. Jerry Lewis em traços largos, uma aproximação ao «Bobo» e um rápido roteiro. Talvez a necessitar de mais «flashes».

O alerta de Manuel Alegre sobre a passagem do quinto centenário do nascimento de Sá de Miranda

Antes de Abril, Manuel Alegre era fundamentalmente conhecido pelas suas poesias e pela incursão destas nas letras da música ligeira portuguesa de qualidade.

Abril «abriu» e Manuel Alegre passou a fazer parte da família política, tendo um mais directo acesso a nossas casas, via TV, sendo assim a sua militância claramente mais divulgada do que a sua poesia. Ele é contudo «o» poeta e «o» político.

Assim mesmo se têm que entender estas «Trovas do Vento que Passa». Um primeiro programa já havia mergulhado nas raízes da poesia portuguesa. Esta segunda emissão, posta no ar a anteceder o Telejornal de domingo, incidiria primordialmente sobre Francisco Sá de Miranda, sobre quem se irá comemorar, no próximo mês de Agosto, o quinto centenário de nascimento.

Se «se irá comemorar» ou não — e por quem — é o que se irá ver depois. Não esqueçamos o escândalo nacional em que se transformaram as não-comemorações do 4.º centenário da morte de Camões.

Manuel Alegre fez contudo questão de ser ele o primeiro a lançar o alerta. E a iniciar as comemorações... obviamente à margem do poder. Como Sá de Miranda: «longe da corte e contra a corte...»

Desde já vos chamamos a atenção, principalmente aqueles que não viram esta primeira emissão sobre Sá de Miranda, de que haverá ainda um segundo programa dedicado ao introdutor da poética renascentista, renovador da métrica.

Pedro Caldeira Cabral foi o acompanhante, em fundo musical renascentista, desta viagem de Manuel Alegre ao século XV português, narrador quase «épico» que foi de alguns aspectos fundamentais da biografia de um dos maiores poetas portugueses.

Um único «senão»: a fotografia de Aquilino Mendes — um «director de fotografia» que se esquece de mandar limpar as lentes da câmara e que não tem quem lhe faça panorâmicas bem feitas. Manuel Alegre merece bem melhor.

Música, músicas

Foi um domingo em cheio. Começámos com os Beatles e a sua longa-metragem «Let it Be», passámos pelo Salada de Frutas e a «remake» do Robot, pelo Sérgio Godinho, pela Joyce e o Paulinho da Viola — todos eles no «Passeio» do Júlio Isidro e acabámos à noite com Gladys Night, nos «Marretas», e com o belo espectáculo dos Up With People, estudantes-cantores, viajantes, jovens que fazem amizades do lado de lá do écran.

Outras músicas...

Seriam as da RTP/2, Porto. O limite da decadência: do Brasilien Club aquele asco do Jimmy Belle's Dancers. Se é para a comercialização do corpo que se apoia a regionalização da RTP então eu sou pelo «bunker» do Lumiar...

Balsemão Pico Show

Hélder de Sousa apresentou o Telejornal com a boca fechada. Ele lá consegue aqueles milagres... O governo — sempre o governo à cabeça, desta vez com o passeio de Balsemão pelas ilhas do Pico e adjacentes. De «Portugal» chegava. Depois o «internacional»...

Quando a Polícia

protege o Ku Klux Klan: o Telejornal...

... O Telejornal corta! Imagens from USA: contramanifestantes boicotam um ritual dos brancos ultra-racistas norte-americanos. Quando os polícias que defendiam os KKK (!) investem sobre os jovens opositores do sinistro ritual o Telejornal corta!...

Não ficámos a perceber se foi para que não nos impressionássemos com uma tal violência (...), se foi para que não ficássemos a simpatizar (emotivamente, claro...) eles na informação são sempre pela objectividade como a gente sabe...) com os jovens reprimidos...



A seca volta a atacar uma semana de castigo para Solnado e Cia

Solnado, Fialho e Carlos Cruz ficaram nas cabines depois do intervalo... O árbitro — ou, neste caso, a direcção de programas e o ministério da poupança de energia — acharam por bem voltar de novo a introduzir as antigas restrições aos tempos de emissão da RTP, obrigando à entrada da «Água Viva» no lugar da segunda parte do «E o resto são cantigas».

São perspectivas, ou cumprimento de contratos, ou aquilo que se lhe queira chamar: a melhor produção nacional não tem prioridade sobre o doentio seguimento diário do «folhetim» brasileiro. Aqui nem a Maria Elisa arrisca... Faz lembrar a purga que só faz mal, mas que «moraliza»...

A primeira parte do programa do trio «ex-zip» decorreu (tal como decorrerá aliá a segunda parte a transmitir na próxima segunda-feira) com a presença do maestro João Nobre que, com alguma razão, como disse o João Rosa na sua reportagem feita «in loco», se portou melhor que os apresentadores. Ele é de facto uma figura extremamente apaixonante, com expressões que se tornam tanto mais curiosas quanto os grandes planos se fecham sobre si.

Já no que se refere ao show em si, ao produto final montado após aquela «seca» no Vilarett, não se pode dizer o mesmo que aqui foi dito na reportagem. Há que ver obviamente as diferenças. As paragens não acontecem por acaso... A equipa sabe muito bem pôr e dispor dos seus tempos mortos, dos seus enganos, e na montagem consegue sempre introduzir, como se tem visto, uma dinâmica de êxito assegurado.

As aparências iludem

Prossegue a série de animação de Albert Barillé. «Era Uma Vez o

HOMEM...», série que tem preenchido semanalmente o espaço de abertura dedicado aos mais pequenos.

Já passámos pela pré-história e estamos agora com a civilização egípcia, no tempo dos faraós, aproximando-nos do nascimento de Cristo.

Se temos vindo a referir alguns aspectos mais interessantes deste trabalho produzido significativamente por quase uma dezena de grandes produtores de televisão, não vamos deixar também de apontar aspectos menos «ortodoxos» que entretanto se têm vindo a manifestar com alguma insistência nos últimos episódios deste desenho animado histórico.

É o caso, por exemplo, da sequência em que Barillé pretende dar uma ideia de como as pirâmides egípcias foram construídas. Sob o ponto de vista histórico a divagação era evidente, havendo inclusive um tomar partido pelo «nonsense» meramente, formal, de um certo mau gosto, maneira talvez subreptícia de evitar um «entrar» nos pormenores... É o caso também da apresentação do histórico plano de irrigação do vale do Nilo. «Era Uma Vez o Homem» na mó de baixo, portanto. Esperemos que seja um acidente de percurso...

Confusões

Pouco mais nos daria a emissão de segunda-feira. Um Telejornal sorumbático, um «Viver» que não aquece nem arrefece, um «É Sempre Bom Saber» que mais parece uma aula de dicção. «Mulher a Mulher» e «Gato por Lebre» bem os podiam substituir.

O espectro das 11 da noite

Fechar ou não fechar às onze da noite, eis a questão, eis a fatídica questão, diria eu. E não sei se é sinal se é praga; o que é certo é que Maria Elisa se está de novo a transformar num agente de poupança-energética sob obrigatoriedade governamental, sendo de certo modo constrangida a dar de si a imagem da directora de programas hesitante, inexperiente, incompetente.

Voltamos, claro, à dança de programação na RTP. RTP/1 e RTP/2 estão neste momento de novo permeáveis às mais incríveis alterações de programas.

Façamos o ponto em relação à programação da passada terça-feira, dia extremamente elucidativo do que acaba de se dizer. Anunciada inicialmente estava, como todos se devem lembrar, a série da Thames «Hollywood» que neste sétimo episódio incidiria sobre dois grandes «directores», os quais produziram ainda no tempo do cinema mudo muito do seu melhor: Stroheim e De Mille.

A fazer-lhes frente, diria mesmo a colidir de forma absurda com eles estava nessa mesma noite o «Cineclube» da RTP/2 que desta vez apresentava talvez numa das melhores noites de cinema do ano: o filme de Joseph Mankiewicz «A Condessa Descalça», com Ava Gardner.

O que é facto é que nem um nem outro vieram a aparecer... A rubrica habitual da «2», sob a responsabilidade de António Pedro de Vasconcelos, fazia entrar «O sol quando nasce é para todos», de John Ford e na RTP/1 «Hollywood» era estranhamente substituída por «produção nacional»: uma comunicação ao País de Isabel Wolmar (sobre o «Ou Vai ou Taxa» e o novo regime de cobranças «porta a porta»), outra comunicação ao País (desta vez do «governo»

para se não confundir com Pinto Balsemão, que já havia feito uma há dias), mais um programa da série «1 + 1 = 1» (que parece ter voltado para as terças-feiras), mais uma «Grande Reportagem» e, para terminar, obviamente já depois das onze da noite, a «Telenovela», espécie de «conforto» nacional antes do ir para a cama...

Terça-feira era entretanto dia grande para o Telejornal. Aqueles homens, fartos de cumprimentar para com os seus «senhores», incapazes de lhes tirarem a máscara às 20.30 da noite (ou às 23, ou à hora que for), estão agora a sublimar como que o seu espírito censor com a reportagem brejeira, despontando já o sorriso pelo canto da boca... Será bom sinal? Será sinal de «abertura»? Já nem sei...

Mas exemplo desses brejeirismos foram dois trabalhos que apareceram lá pelo meio das notícias... Um deles deixou Leonor Beleza quase pálida quando José Eduardo Moniz lhe fez chegar aos ouvidos a possibilidade de ser criada uma Comissão da Condição Masculina... Perfeitamente prescindível, segundo ela... Se querem que lhes diga, também aqui já nem sei... Grande conquista foi essa do subsídio para o cuidado dos filhos por parte do pai. Contudo, não foi isso que foi explicado no trabalho apresentado, em parte, por José Eduardo Moniz. Um descuido de informação que nem sempre quer dizer incompetência.

Outro sinal de frescura informativa, tipo «magazinesco» — enfim, do mal o menos —, foi aquele trabalho sobre os desassossegados onde despontaram Júlio Isidro e Beatriz Costa, dois jovens que não chegam a velhos por muito que o B.I. faça força.

No final já íamos nas onze e vinte quando a «Volta a França» chegava ao fim de mais uma etapa.



17/9/81

Rui Cádima

Marguerite Duras e ninguém

Há vários mundos na programação da RTP/1, como aliás não podia deixar de ser. Enquanto, por exemplo, a partir das dez da noite, Nelson se encarrega de fazer justiça pelas suas próprias mãos, tentando aclarar definitivamente quem foi de facto o autor daquela «reles» repartagem sobre a paixão de Stella por Marcos — isto para aqueles que não trabalham de sol a sol —, para os outros, eventualmente para os que só trabalham oito horas por dia e que vão de eléctrico para casa, haveria um «Mulher a Mulher» especialíssimo, que já vinha a ser anunciado há meses e meses. De perninho mais duas ou três coisas acabariam por «prender» de forma somática, ou poupada, como quiserem, outros (poucos) interesses. Estou a lembrar-me dos adeptos do «Ou Vai ou Taxa» e do «Jornal de Actualidades da Santa Casa da Misericórdia», mais conhecido pelo programa do totobola...

Sobre o que é que incidiria «Mulher a Mulher»? Exactamente sobre Marguerite Duras — um nome da cultura francesa muito divulgado por entre alguma *intelligentzia* europeia, principalmente entre aquela mais dedicada aos meandros das vanguardas artísticas, no cinema e na literatura. Marguerite Duras portanto um nome que não diz absolutamente nada à grandíssima maioria do auditório da RTP/1. Digamos que só os privilegiados frequentadores do «tempo da cultura» (mais conhecido por Gulbenkian) poderiam à partida estar prontos para receber aquela emissão. Trata-se de facto de uma cerimónia quase iniciática para a qual é preciso ser o «eleito» ou pertencer à élite...

Obviamente que não estamos contra o facto de qualquer programa de televisão trazer até nós nomes tão «disfícies» como o de Duras. Pelo contrário. Estamos é declaradamente contra a forma como a escritora e cineasta foi apresentada. Ela própria porventura

não reparou no logro em que caiu. Habitualmente estanque aquilo que a rodeia (em termos de *massa* e de *media* de massa), Duras teve com certeza grandes dificuldades em se dirigir em entrevista aos telespectadores portugueses. Ela, aliás, estava perfeitamente consciente de que não seria capaz. De facto, não se tratou ali de comunicar. Não comunicou sequer com aqueles que, como nós, seguimos a retrospectiva da sua obra cinematográfica e ouvimos as suas teses «arqueológicas» nos debates então realizados. Ela não comunicou ao fim e ao cabo com ninguém... Ela procedeu a uma ruptura ou a uma descodificação do discurso do entrevistador/entrevistada, tão depressa composto como descomposto (ou inclusive em decomposição), ora combatendo Mann, por exemplo, ora seguindo-lhe as pisadas.

O facto do entrevistador ser um francês foi um sintoma nítido de um certo hermetismo do programa. «Mulher a Mulher» apostou num trabalho a que eu chamaria de «ensaísta» mas, claro, profundamente voltado à insignificância do seu impacto perante o auditório da «1». Se nós soubéssemos que era isto que andava a ser anunciado há meses na RTP/1 tinhemos perdido logo a esperança em ver o lado «legível» de Duras na RTP, personalidade rica em dúvidas, em ânsias, em posições políticas. Vimos afinal o «lead» hermético.

Cardoso e Cunha em família

Afinal quais foram os jornalistas convidados pelos responsáveis da «1.ª Página» que não apareceram? Perguntar não ofende, né?...



18/9/81

Rui Cádima

«Isso é coisa dos jornais...»

Não é segredo para ninguém dizer que, desde o aparecimento da Televisão, a Imprensa tem vindo a ter um papel cada vez mais reduzido a nível da informação das grandes massas. Cada vez mais tem vindo a ser a Televisão a desempenhar essa função.

Se os anos 40 foram uma década de grande proliferação de diários nos países mais desenvolvidos da Europa, após a Libertaçāo — e após a implementação da Televisão — os gráficos começaram a anotar, em geral, uma curva descendente.

Paris tinha 31 diários em 1945, agora tem, salvo erro, 8. A Alemanha Federal tinha, por exemplo, em 1954, 255 títulos e tem agora menos de metade.

No que se refere ao próprio hábito de leitura diária sucede o mesmo. Numa sondagem recente feita pela American Newspaper Publishers Association, entre 1971 e 1977, nos níveis etários entre os 18 e os 34 anos, o hábito de leitura diária desceu de 47 para os 32 por cento.

Outro tipo de comparação fornece conclusões como esta: da década de 60 para a década de 70, o tempo de leitura desceu em média na ordem dos 7 minutos por dia. Mantém-se, de qualquer modo, a vantagem dos jornais sobre a informação televisiva no que se refere a temas em concreto, ou a um determinado assunto (65 contra os 62 por cento dos que preferem ser informados pela Televisão). Porém, se a questão é posta em termos genéricos já a resposta é favorável à informação televisiva.

Isto nos EUA...

Uma sondagem que eventualmente fosse feita em Portugal, a nível nacional, que não diferenciasse o litoral do interior, dar-nos-

ia, por certo, conclusões favoráveis em absoluto (em todos os níveis etários de ambos os sexos e em todas as classes sociais) à Televisão.

Porém em Portugal sofre-se da síndrome do descrédito em relação à Imprensa em geral, mas, mais ainda, paradoxalmente (vide as eventuais conclusões), em relação à informação televisiva da RTP/1. Não há ninguém que em boa fé, na sua livre consciência, informado, possa dizer que o «Telejornal» merece crédito. Não o merece Assim como na Imprensa escrita, onde há inúmeros casos «desacreditados». Veja-se a recente «local» do semanário «Tempo», em que se relatava circunstancialmente uma reunião inexistente do CR (e veja-se que, por exemplo, enquanto a Rádio deu o alerta, «investigando» este caso, tão escandaloso e vergonhoso para todos quanto escrevem para os jornais, o «Telejornal» calou-se muito bem calado...).

O «Tempo» apareceria num «slide» do «Telejornal», mas por outra razão completamente diferente. Tratava-se de anunciar o aumento dos combustíveis, tendo optado os responsáveis pela edição por passar, em «slides», recortes de vários jornais... Simplesmente, uns houve que foram mostrados com cabeçalho e tudo e outros só com as «gordas» da notícia... É o inconsciente que os denuncia, sem dúvida. É o pluralismo deles...

O que é espantoso neste caso é que perante facto tão sinistro como aquele que inventava a reunião do CR, o «Telejornal» silencia o mesmo jornal que já havia posto em evidência...

Não admira, pois, que o «Telejornal» tenha, hoje, a imagem de uma folha serviçal no limite da mediocridade e também que seja corrente entre o povo dizer: «Não ligues..., isto é coisa dos jornais...».



Entre actores com prioridade para... Ângelo Correia!

Ângelo Correia não é um grande actor. Nem um grande político, claro. Houve quem soubesse antecipadamente qual seria a conclusão do C.R. sobre a nova apresentação da Lei de Delimitação dos Sectores Público e Privado. Ângelo Correia também o sabia. As suas declarações ao Telejornal (e à RDP) não podem ser entendidas de outra maneira. Tratou-se de um texto bem estudado, quase decorado, declamado, dito como em tempos eram ditos os «poemas» do realismo socialista e quejandos... O que é triste é que há ainda quem julgue que não é o método de Stanislawski (e a formação de uma psicotécnica consciente no interior da qual o subconsciente age naturalmente) que ajuda a produzir aqueles discursos de um amador com possibilidades...

**Augusto Figueiredo:
«actor-poeta»**

Não vamos sair dos domínios do espectáculo, continuamos no palco da vida, nos palcos que nos envolvem no quotidiano. «Quin-

apenas dois minutos sobre ele, pensei «que dizer em dois minutos?»... «Calo-me, e penso nele»... As palavras que estou a dizer são apenas palavras porque Augusto Figueiredo precisa um dia de uma grande reflexão. Por nós, que fazemos teatro, e pela Televisão, que *por vezes* esse teatro transmite»...

**Sto. António
dos Cavaleiros
na Av. de Berna**

Por vezes também o espectáculo à margem, embora aqui ainda na «Quinzena». É o caso do pequeno apontamento feito na Universidade Nova sobre o último trabalho de Ricardo Pais. É curioso anotar aqui, por exemplo, as diversíssimas opiniões sobre o espectáculo ou, melhor, sobre *interpretações* de actores. Enquanto a «Quinzena teatral» julga José Jorge Duarte como uma «revelação», o crítico-encenador já aqui referido considerava-o actor de «sorriso amador»... «Amadora» não se mostrou contudo Teresa



A começar assim Proença de Carvalho acabará por suspender a RTP!

Agora que Proença de Carvalho começou a descobrir irregularidades na casa, aonde é que irá parar a RTP?

Sammy Price e Hal Singer, *blues «la suisse»*, com cinco anos em cima, substituíram o «A Par e Passo» que deveria ter ido para o ar, domingo, às 21.30.

O que se passou é já do domínio público: Proença de Carvalho recorreu à sua perspicácia de analista de legislação para descobrir na Lei da Radiotelevisão um artigo qualquer que teria sido «violado» pelos responsáveis do referido programa, ao permitirem a emissão de uma entrevista com Carlos Antunes, hospitalizado em Santa Maria, sob prisão. «Incitamento à violência» e «comportamento fraudulento» dos jornalistas da RTP/2 foram os dois aspectos evidenciados pelo acusador.

«A Par e Passo» suspenso, entrevista de Joaquim Furtado com o capitão Roby para os arquivos (ele também um entrevistado sob prisão).

Entretanto animem-se: se Proença de Carvalho começou agora a reparar nos comportamentos fraudulentos da Radiotelevisão Portuguesa tudo leva a crer (mentira...) que haja dentro em breve uma reestruturação de fundo jamais vista em qualquer cadeia televisiva nos cinco continentes... Mas à parte disso, e aqui para nós: o ministro da Justiça, que respondeu durante a emissão a perguntas postas por Carlos Antunes, anda por aí a infringir as leis assim às claras?

Adóque ad hoc na RTP

«Brinca, Brincando», original de Ermelinda Duarte passou domingo de manhã no «Tempo dos Mais Novos», antes de «Ruy o pequeno Cid» e do «Sítio do Picapau Amarelo». Não teve direito a

promoção. Passou assim completamente despercebido.

E não o merecia. Não o merecia mesmo considerando tratar-se de uma espécie de «catequese» de aprendizagem obrigatória, de uma «sessão de esclarecimento» para os mais pequenos que não acreditam em ladrões...

A didáctica utilizada por Ermelinda Duarte no seu texto não foi de facto a melhor. Um pierrot-pivot introduziu sucessivamente um avaro, um «médico-ladrão», os metralhas do rock, a boneca vaidosa e a boneca bailarina. Os diálogos em muitas situações não foram mesmo nada construtivos. Por pouco iam buscar as palavras de ordem de 75 para explicar às crianças os malefícios do capitalismo... Quanto ao resto o balanço é positivo, embora a realização devesse ter sido mais bem preparada.

Passear o neofuturismo

Óptima aquela ideia do Júlio Isidro de pôr os spandauzinhos-alfacinhas todos a passear o trapito, com 1984, os TNT e o Rick Wakeman a fazerem força também. Se a acompanhar tivesse estado «A Mulher na Lua» do Fritz Lang não vos digo nada...

Eu Show Gordo

Algumas piadas já repetidas no «Eu Show Nico», outras do domínio público, neste tempo de antena da Sociedade Protectora do Obeso. Apesar daquela violenta porno-star que intimidava por certo desde o mais beato telespectador ao mais desinibido produtor porno, apesar do «fado falado» não ter ponta por onde pegar, apesar de todo aquele peso inicial, o Jô é um gordo da pesada...



TELEGRISSICA

Rui Cadima

Mais barato que nunca: você paga um (mapa-tipo) e leva dois

Você nunca ouviu falar dele (do outro). Nunca viu qualquer dos seus períodos de emissão anunciados. Possivelmente nunca deu por ele, ou nunca reagiu a ele, o que é o mesmo. No entanto ele existe. É um autêntico mapa-tipo, um canal-sombra, uma programação tapa-buracos, uma tábua-de-salvação, ou aquilo que lhe queira chamar.

Repare: os seus filhos acabam de ver a série de Albert Barillé (animação que se aproxima agora da Grécia Antiga, tendo já desfilado pelos impérios da antiguidade oriental), e, dado faltarem ainda uns bons minutos para se chegar às 19.30, a RTP recorre aos expedientes, isto é, a uma espécie de publicidade em... serviço público (!), preenchendo desse modo os quase dez minutos de diferença entre o final do «Tempo dos Mais Novos» e a entrada do «País, País».

E para começar (vamos entrar nos blocos «clandestinos», no mapa-tipo desconhecido que está sempre à nossa espera), para comecar, dizíamos, essa moçoila com ares ali da Malveira mas que se chama Kelly Marie e desta vez veio bisar o seu «Hot Love», amor derretido, fora de tempo, claro, ainda por cima já em repetição...

Logo a seguir tinha que vir uma banhoca na praia... Digo-vos inclusive que estas coisas não devem ser por acaso... Altas inteligências estão por detrás deste mapa - sombra - primeiro - socorro das falências quotidianas. Logo a seguir, em cima de um *hot love*, o conselho para uma banhoca na praia com informação suplementar sobre os códigos para reconhecer e os cuidados a ter. Não ficariamos por aqui... Depois da banhoca, mesmo em fato-de-banho, pode dar um salto ao Alentejo e inscrever-se na Escola Naval. Repare na perfeição da sequência...

Cumprida a missão, entra o insensor com «Segunda, 20»: nem acentos, nem sinais. Nada... Apenas letras. Isto do português não

deve ser coisa para levar a sério na Televisão portuguesa. Puseram música, depois viraram o disco, tocou o mesmo, tocou outro e... finalmente, chegávamos às 19.30. Uf!...

O País está a arder!

Assim com esta «cacha» entrou José Corte Real. Tal a violência, tal o rompante que ele até se engasgou a ler o texto que lhe tinham pespegado em frente. O subconsciente alertava-o certamente para outros fogos que deixam o País «queimado».

Tele, tele... disco

Mas o «País, País» foi-se e, à falta de programação-programada (...), entrou a outra: Suzi Paula de carroça com as suas «Visitas», o José Cid à cowboy a cantar o rock dos bons velhos tempos e a terminar — para não destoar — mais Forças Armadas: agora a Academia da Força Aérea a requisitar «pessoal»...

Álvaro Cunhal deixa a clandestinidade...

Aos meses que não viamos aquela cabeleira branca, aquela voz inconfundível, aquela entonação moscovita, aquelas posições políticas que você já aprendeu de cor e salteado. Álvaro Cunhal apareceu num comício em Braga; as imagens deu-as o Telejornal...

Duarte Figueiredo que tinha remetido o dirigente comunista para a clandestinidade está por certo em férias. Estou a vê-lo disparado para o Lumiar com ganas de suspender o malandro do comunista que «legalizou» esse perigo vermelho...

«Show de charme» no deserto informativo

A curiosidade do dia — poder-se-ia mesmo dizer o *show* da noite de anteontem — foi, obviamente, para o debate entre o conselheiro da Revolução, Vitor Alves e o ministro das Finanças, Morais Leitão. Duas presenças «televisivas», eventualmente mesmo dois encantadores de audiências, lançados pelo Departamento de Informação na arena da incredulidade pública, cobiçadas de uma política televisiva informativa facciosa. Viu-se que a questão política estava já gasta (não em termos televisivos, claro). Apesar de tudo foi importante a intervenção didáctica e legalista de Vitor Alves. Morais Leitão estava condenado à derrota, mesmo a jogar em casa. Eles foram também os dialogantes do charme. E esgrimiram em «crise institucional», afinal não tão acentuada como se pensaria e, de igual modo, no reino da desinformação — esse sim, sentindo-se todos os dias. Este tipo de debates resulta na Televisão Portuguesa, disso mesmo: de uma constatação subconsciente de que se não informa realmente o País. Para uma questão tão importante, este «lavar das suas mãos» só pode ser entendido como um «show de charme» provocado deliberadamente por quem não tem vontade nenhuma de esclarecer o fundo das questões, diariamente, de forma plural e profissional.

Volta, não volta...

Com as transmissões que têm vindo a ser feitas no final das etapas da Volta a Portugal em Bicicleta, dias houve em que a emissão deixou o seu horário habitual de abertura (do actual mapa-tipo) para começar um pouco mais cedo. De facto, por tão pouco — e tão

mau — não sei se valeria a pena esse tempo extraordinário quando, para depois das onze da noite, são impostas as restrições que se conhecem. Opções momentâneas que abrem sempre os flancos, não deixando entender de que é que se trata realmente.

O lirismo de Ilse Losa

Pela janela mágica reentraria o habitual tempo dos mais novos, anteontem, um tanto inopinadamente (mas há alguém que ainda estranhe as alterações na programação?...), um conto descaracterizado, insonso, até certo ponto antipedagógico no sentido em que não soube definir ambientes, não conseguiu ligar texto e imagem, onde, inclusive, o nome de Nuno Teixeira que apareceu aqui na realização não veio trazer nada em abono da qualidade a que já nos tinha habituado em produções de outro género. Ainda no tempo das crianças, a visita de Haol Lloyd, nas alturas, suspenso nas nuvens hollywoodescas dos anos vinte, o trânsito lá em baixo, e o espectador perfeitamente assoberbado no mistério e na vertigem. Trucagem ainda recentemente explicada na série da Thames...

Ele vai contar tudo para ela

Natália do Vale — Márcia — protagonizou um dos melhores momentos que já vimos nas suas participações, e um belo momento na «Água Viva», no episódio em que recebe a notícia de que se tinha acabado a orfanadade da «mininha». Nelson resolve-se a esclarecer a paternidade... Um episódio movimentadíssimo, Manoel Carlos a ganhar balanço para «Baila Comigo». Um «ás», sem dúvida.

**TELEGCRITICA**

Rui Cádima

Proença de Carvalho entre o milagre (económico) e o pecado mortal (cultural)

No dia em que passou o sétimo ou oitavo episódio do «folhetim» «Ou Vai ou Taxa» o Telejornal, essa espécie de sobrevivente-cadáver que ainda se arrasta penosamente, punha no ar o «slide» RTP, mesmo por detrás do Hélder de Sousa, de novo promovido a apresentador diário da «contra-informação» da RTP/1. (Do folhetim falaremos mais tarde)...

Pensámos que era engano. Mas não era. Um grupo de gestores da banca nacionalizada esteve nas instalações do Lumiar e da 5 de Outubro, tendo por guia Proença de Carvalho, por certo um solicito convidador. Era essa a notícia. Mas não se ficava por ai.

«Considerandos» alinhados: há três anos atrás a RTP era uma empresa deficitária — na ordem dos 400 mil contos —, hoje é uma empresa minimamente rentável. Então para quê a visita? — perguntámos do lado de cá.

Temos visto aqui nas «Telecríticas» e, enfim, na Imprensa em geral, como esse regime de poupança tem sido possível. À custa da compra de «enlatados» e da consequente redução na produção de programação nacional, e também na «mobilização geral» da caçá-a-taxa (isto não falando numa série de outros aspectos essencialmente técnicos).

É curioso reparar no seguinte: trata-se de uma visita realizada numa altura em que todos estes factores confluem para a definição de um novo período extremamente negativo na programação da RTP. Um novo período de onde resalta com maior acutilância o facto de serem suspensos uma série de programas portugueses que vinham a desfrutar de grande popularidade entre a audiência. Ora um canal de televisão não pode entrar num regime de «férias» como todos fa-

cilmente podemos concluir. Para quê, então, a banca na RTP/EP? Para constatar o «milagre» económico de Proença de Carvalho, ou para suspeitar da deficiente gestão «cultural» do media?

É óbvio que económico rima com económico... Daqui não ter sido o imediato que se embandeirasse em arco com as «óptimas» medidas de carácter financeiro verificadas nestes últimos tempos. Note-se ainda que entre as causas de um tal «milagre» económico estão as medidas de saneamento da empresa tomadas ainda na gestão de Soares Louro...

Nada disso se disse, nunca. Percebe-se porquê. Também nada se disse no texto lido no Telejornal sobre as elevadas verbas então investidas em material novo e, ainda, claro, nas novas instalações da RTP. Tudo isso aconteceu há relativamente pouco tempo. Mas eis que Proença de Carvalho reúne agora os gestores da Banca nacionalizada para lhes fazer ver o interesse em investir de novo em material técnico para a RTP. Jacinto Nunes tinha a memória tão fresca em relação ao anterior empréstimo que lhes fez desde logo referência...

Esperemos agora que esta intenção da actual administração seja acompanhada com determinação (será autêntico milagre, mas enfim...) de uma política de produção nacional concordante com as atribuições específicas da empresa que o contribuinte sustém. Só assim, por outro lado, se poderá explicar a necessidade imprescindível, urgente, da compra de mais material... O que é certo é que os meios técnicos que têm vindo a chegar à RTP ultimamente são ainda tão mal dominados, que nós tememos sobre o real interesse nos novos...

Fazer Televisão «por desporto»

Todos sabemos que as reportagens televisivas sobre a Volta a Portugal em Bicicleta são estremamente difíceis de realizar neste país.

Há várias razões a justificá-lo: deficiente apoio em meios técnicos e humanos, deficiente apoio informativo ao chefe coordenador da equipa, ausência de uma produção capaz de «suportar» a aventura, logo as dificuldades surgidas sempre junto da meta, enfim, toda uma série de questões que têm de facto vindo a repetir-se no dia-a-dia das reportagens em directo.

Sábado, uma curiosidade: Carlos Quinas, habitual apresentador, aparecia um pouco preocupado em esconder qualquer coisa... uma beleza da Curia, quem poderia adivinhar? Vimos depois que era afinal o monitor TV colocado mesmo por trás de si... «peça» impressionável no seu trabalho, não aparecia porém no seu devido lugar, ou seja, «fora de campo», do lado da câmara, antes atrás do apresentador, obrigando-o a voltar as costas ao telespectador para ver o que se passava no «écran», em directo. Um pouco de surpresas está RTP, o improviso desmedido e selvagem. Sem olhar a meios...

Dá a sensação de que estas não são reportagens feitas sobre o desporto, mas sim «por desporto»...

Outro desastre é a constante presença de marcas e siglas comerciais a que os operadores quase não conseguem fugir... Há que ver que o «sponsored» de estrada não é exactamente o mesmo de estádio. Dende se conclui que há que ter muito cuidadinho com estas coisas...

Atestado de incompetência

Outros aspectos curiosos ressaltaram numa outra reportagem desportiva, a dos Campeonatos de Portugal de Atletismo, no Estádio Nacional. Muito activa a equipa de comentadores com Bessa Tavares e José Galvão. A certa altura Pedro Palma presta-se para

saltar 5.15m, o que constituiria recorde nacional. Eis então Galvão nervosíssimo, chamando constantemente a atenção do realizador para se não distrair com outras provas porque o salto seria para o «Telejornal», etc. e tal... E não se ficou por ai. Passar um autêntico atestado de incompetência à realização em plena transmissão e para que todos ouvissem não foi com certeza a intenção de José Galvão... Mas o que é certo é que não soube agir de forma profissional. A tal ponto que mais tarde Bessa Tavares apanhava-se a elogiar o trabalho da equipa de realização, sem dar por isso, isto é, de forma subconsciente. Mas José Galvão anda assim tão descontente com as funções de «mero» comentador?

«Em Família»

Mais um ponto positivo marcou o apontamento de Lénia Real integrado no «Porque Hoje é Sábado», «Insucesso escolar» em questão. Tratado dentro dos limites de tempo e com o rigor «condensado» a que já nos habituámos, não nos podia fazer esquecer as graves questões que se têm vindo a abater sobre o 12.º ano. E que continuarão a abater-se. Questão urgente: Que é isso de irem «chumbar» 500 mil no próximo ano? Como «integrar» o 12.º ano nas escolas secundárias? Suas consequências... Dois temas que só o «Em Família» pode tratar. E é urgente para o País.

«Ana e Alexandre» procuram-se

Augusto Seabra foi a Trás-os-Montes entrevistar António Reis durante as filmagens da monografia etnográfico-poética que tem neste momento em mãos — sobre a região que melhor conhece. Voltou com um trabalho que pouco mais tinha do que uma reportagem do «Telejornal». Atenção meninos!, então essa fúria cínéfila?



TELECRITICA

Rui Cádima

Uma das mais belas homenagens que o cinema jamais prestou ao jornalismo

Fuller esteve ai em rigoroso exclusivo da RTP e do «Cineclube». Para além da entrevista conduzida por António Pedro de Vasconcelos tivemos também «Park Row», filme de 1952, que passou agora pela primeira vez em Portugal e logo na Televisão! Teria sido melhor, sem dúvida, vê-lo no grande «écran»... De qualquer modo, parabéns RTP!

A Samuel Fuller já lhe chamaram tudo: louco, poeta lírico, anarquista, fascista, comunista, místico, dependendo os epítetos mais dos seus próprios filmes — «ame-os ou deixe-os» — e da sua moral infantil, do que do moralismo doseado da crítica e dos espectáculos.

Fuller está hoje com 70 anos. Numa das suas recentes passagens por Lisboa — raras, aliás — onde veio participar no filme que Wim Wenders rodava ali para os lados da Praia Grande, declarou à Imprensa — e voltou a repeti-lo na entrevista que vimos — que um dos seus grandes projectos do momento era filmar a odisseia de Vasco da Gama, espécie de filme histórico à imagem do que de melhor Hollywood deu...

O filme que vimos na noite de terça-feira na RTP mergulha no mundo dos jornais, nos finais do século, sendo a narrativa como que uma projecção parcialmente vivencial, com referentes históricos bem determinados, da sua experiência no jornalismo antes de se entregar de corpo inteiro ao Cinema.

Vejamos, primeiro, como tudo se passou, para compreendermos depois por que é que «Park Row» é uma das mais belas homenagens que o Cinema já prestou ao jornalismo.

Em 1924, aos treze anos de idade (!) o «menino» Samuel Fuller inicia-se no jornalismo como «copy-boy» do «New York Journal».

Dois anos mais tarde, no mesmo jornal, passa a assistente pessoal do jornalista Arthur Brisbane.

Mais tarde passa pelo «New York Evening Graphic» e pelo «San Sirgo Sun» e em 1928, com 17 anos de idade, ele é já o mais jovem especialista para assuntos criminais, percorrendo os Estados Unidos de lés-lés no desempenho do seu trabalho de dedicado «criminólogo»...

É com este *background*, com toda esta experiência, que irá mais tarde passar a escrever algumas novelas policiais, começando a publicá-las logo aos vinte anos de idade. Cinco anos depois, aparece como argumentista de «Hats off», de Boris Petroff. A partir dai ficaria para sempre ligado ao Cinema. Cada filme seu passará a ser uma espécie de luta pela sobrevivência onde é sempre a astúcia de David a vencer...

A sua primeira realização seria significativamente «I Shot Jesse James» (1948). Poucos anos antes tinha feito parte, durante a Segunda Guerra Mundial, da Primeira Divisão de Infantaria do Exército norte-americano — The Big Red One — sobre a qual viria a fazer um filme que esteve ainda muito recentemente em exibição entre nós. É famosa a sua «bouteade»: «O Exército americano é constituído pela Primeira Divisão e por dez milhões de suplentes»...

Fuller nunca foi levado muito a sério nos Estados Unidos. Seria na Europa, como reconhecimento da tradição de Hollywood e do chamado Cinema da transparência, acção que teve por principal catalizador os «Cahiers du Cinema», ainda nos finais dos anos 50, que Fuller e alguns outros realizadores viriam a ser descobertos na sua genialidade.

«Park Row» foi exemplo disso.



Quem demite

Proença de Carvalho?

Os apaniguados de Proença de Carvalho na informação da RTP/1 deram-se ao luxo de «mandar às urtigas» um reparo da Presidência da República a uma notícia lida por Helder de Sousa no «Telejornal» de sábado sobre declarações de Ramalho Eanes no Dia do Exército!

Com efeito, a «leitura» que a redacção fez do texto do Presidente da República foi nada mais nada menos suficientemente escandalosa para que poucas horas depois Joaquim Letria estivesse a ler um comunicado para os meios de comunicação no qual criticava a forma como o «Telejornal» tinha veiculado a informação do texto oficial. Nessa «interpretação» se dizia que Ramalho Eanes falava em possíveis eleições intercalares como alternativa à crise!... Era obviamente pura demagogia, manipulação informativa, mesquinhez, mediocridade, anti-canismo, ocultação dos factos. Era o que de mais profundamente retrógrado se pode ver na informação televisiva. Não é novo, por outro lado. É o caminho que tem sido seguido após a vitória da AD. Resta-nos continuar a esperar com amargura, revoltados por um tal atraso na demissão da mediocridade.

Adóque bisa

Bisa, mas não trisa... Pelo menos por enquanto. E desde já no que se refere à sua passagem extemporânea pela RTP gostaríamos de aqui deixar a nossa expressão de grande agrado pela presença daquele conjunto de profissionais naqueles pequenos *sketches*, naquele cenário montado expressamente para crianças. «Brinca, Brincando» esteve agora pela segunda vez nas manhãs de domingo. Trata-

va-se de um original de Ermelinda Duarte extremamente bem representado por aquele punhado de actores mais dedicado ao teatro de revista para adultos do que ao teatro infantil. Nós que conhecemos alguns dos trabalhos da companhia do Martim Moniz para revista não temos dúvida nenhuma em recomendar uma continuação de trabalho deste grupo de actores para o «Tempo dos Mais Novos». Assim saiba a RTP aproveitar o que de bastante bom por lá vai passando. Esta segunda parte — com momentos francamente bons, de onde destacamos obviamente o excelente trabalho do «Pierrot», pareceu-nos ter uma realização mais escorreta do que a primeira parte. Parabéns também ao Fernando Middes.

O Lumiar às moscas?

Foi a sensação que nos deu após vermos aquela grandiosa despedida do Júlio Isidro e de toda a «pesada» do «Passeio dos Alegres».

Estamos agora em fase de elogios. E de elogios à produção nacional, o que é bastante saudável. Pena é dentro de uma semana estes elogios se transformarem em lamentações. Não, claro, porque os programas mudem de figurino, mas antes por desaparecerem pura e simplesmente. Vamos entrar em pleno período de poupança, declarado aqui há dias pela direcção de programas.

É evidente que se justificam as férias do «Passeio» ao fim da 24.ª edição. Só que isso está a acontecer com a produção nacional de maior audiência... Agosto e Setembro ficarão «despovoados»... E o Lumiar voltará a parecer a casa assombrada que era dantes.

Mataram a festa

«Mataram a Tuna!» foi um dos belíssimos poemas de Manuel da Fonseca recitados por José Carlos Gonzalez na homenagem prestada ao grande escritor pela passagem dos seus quarenta anos de actividade literária. O encontro realizou-se domingo passado e como os leitores do «PH» puderam constatar tratou-se de um acontecimento relevante na nossa vida cultural, para além de se ter pautado pelo não pretensiosismo; foi de facto a antítese da homenagem académica, aspecto verdadeiramente salutar da homenagem.

«A festa ia boa», comentava a certa altura o escritor aos muitos presentes e a alguns jornais, partilhando todos em comum as vivências e a humanidade — a humildade também — do autor de «Cerro-maior» (cujo filme homónimo, realizado por Luís Rocha, recentemente presente em Cannes foi também projectado). Em crónica de jornal pudemos constatar que nem a Rádio nem a Televisão estiveram presentes. Não quisemos acreditar... Abrimos bem os olhos, lemos nas entrelinhas, cedemos toda a nossa benevolência mas nem o «País, País», nem o «Sumário» nem ainda o «Telejornal» se lembraram de partilhar algum tempo com aquela «belas» festa dedicada a um dos maiores escritores portugueses vivos.

É com amargura que me sinto no dever de escrever que a informação da RTP/1 me repugna profundamente. «Mataram a festa»... se ela se não tivesse afirmado por si só, independentemente dos humores dos mediocres que dirigem a informação da RTP/1.

O século de Péricles

Assim ficou conhecido o século V a.C., na Grécia antiga. Foi um período de grande esplendor na história de Atenas. Profundas reformas sociais e políticas foram executadas, assistiu-se a um autêntico «boom» na criação artística, paralelamente à grande produção agrícola, e ao progressivo avanço económico. A acção governativa de Péricles foi a principal responsável por essa fase de grande prosperidade, logo após as terríveis guerras Pérsicas.

«Era uma vez o homem», a série de Albert Barillé a que já temos feito referência por diversas vezes, terminou agora a abordagem da civilização grega clássica indo passar muito provavelmente no próximo episódio para Roma. Sob o ponto de vista histórico nada de excepcional se passa, não sendo absolutamente necessário, de qualquer modo, que para o efeito que se pretende seja obrigatório tocar no pormenor. Uma série que voltamos a recomendar à pequenada que quer conhecer algo do passado do homem.

«Viver» ou ir vivendo...

Quanto mais «Viver» prossegue o seu percurso delineado por quem o apresenta — Morato Costa de seu nome — mais o crítico de televisão pasma pelo desinteresse das propostas e, claro, pelo seu desenvolvimento. Não é com uns planozitos sobre os fumos que encharcam as cidades e com um texto lido «in» com aquele despautério de amador, que em 1981 se vem «lançar à população» uma resma de generalidades sobre a pomposa «poluição». Moralidade, meus senhores!

Múmias

Estão para ai muitas a despertar. Vêm a correr pagar a taxa para ver se ainda fazem um «Tv Show» ou coisa parecida. A resposta do contribuinte devia ser radical: vamos deixar de pagar a taxa!...



O «casamento do século»: — mau espectáculo dado ao Mundo

*Aqueles que querem cortejar uma mulher nobre, uma filha de rei
E que com outros rivais a disputam,
Testemunham-lhe o seu amor com bois e ovelhas gordas
E trazem-lhe magníficas ofertas para os banquetes seus.*

«Odisseia», canto XVIII

Ulisses estava longe, na Guerra de Tróia, e Penélope dirigia-se desta forma, em epígrafe, aos seus pretendentes. Nada disto se passa hoje, contudo. Lady D não faz parte da mitologia homérica e, que saibamos, o príncipe de Gales não faz mais senão caçar raposas. Contudo, entre Penélope e lady D, é para a segunda que neste século XX vão os favores dos deuses.

Se não acreditam, tivessem visto a reportagem televisiva de três horas e meia em directo de Londres, via Eurovisão, com cinquenta câmaras à disposição da BBC!

De igual modo os pretendentes a Agaristé (filha de Clistenes), «fina flor» da juventude helénica, em nada poderiam hoje competir com o descendente directo da coroa real inglesa. Ainda aqui a vantagem para a casa de Windsor.

S passarmos um pouco à frente e olharmos para Roma, não considerando obviamente as consequências que derivam do imediato domínio mediterrâneo e europeu, mas tão-só o casamento de Marco António e Cleópatra, facilmente veremos que o «casamento do século» (XX) a alguns anos-luz deixaria o romano...

Não há memória também que os casamentos imperiais em Bizâncio tivessem sido tão grandiosos como o foi este. Nem mesmo quando Aleixo, filho dos Comnenos, se casou com Agnés, filha do rei de França. Nas épocas de Henrique VIII, de Luís XIV, de Luís II da Baviera ou da rainha Vitória também dificilmente se encontrariam

exemplos dignos de uma aproximação. Muito menos no século XX, com aquele «Wedding» de Robert Altman...

O enlace de lady D com o príncipe Carlos só tem de facto equivalente nos contos de Charles Perrault ou nos desenhos de Disney. Diane Spencer não será mais do que uma bela adormecida desperta pelo belo (...) príncipe com quem casa. O espectáculo que vimos foi remetido por isso mesmo para as zonas concedidas pelo nosso inconsciente aos domínios do fantástico. E isto é válido quer para o londrino que foi dois dias antes para a rua, para marcar lugar ao longo do percurso, como para o telespectador não avisado que julga estar a ver a maior superprodução do Mundo. Mas se o casamento real que vimos em directo de Londres foi um dos espectáculos mais caros de toda história da televisão (e difíceis — 50 câmaras, para dirigir, oitocentos milhões de críticos a ver), foi também um dos piores espectáculos que podiam ser dados ao Mundo.

Divinizar o casamento quando ele anda pelas ruas da amargura, torná-lo numa autêntica indústria lucrativa (do pequeno balão com a fotografia dos apaixonados ao bilhete-postal que Londres vendeu a todo o Mundo), divinizar o fausto, exacerbar de tal modo o já de si grande contraste entre classes sociais, presumir que a Igreja, o divócio, Margaret Thatcher e os motins de Liverpool são inquestionáveis perante necessidades da corte, foram aspectos que a mágica e a fantasia do amoroso enlace admitiram à partida como «irrelevantes»...

Vivemos num mundo em crise. O ressuscitar do desfile imperial antigo com o fausto desmentido que vimos não foi para muitos um mau espectáculo dado ao Mundo, mas talvez um dos piores espectáculos neste ano de recessão de 1981.

Será que a comunidade internacional é capaz de justificar uma festa daquelas?

Ignoraram o «Requiem» de Lopes Graça

Apesar da existência de pequenos diferendos sobre questões pontuais da sua obra mais recente, a apresentação pública do «Requiem à memória das vítimas do fascismo», realizada na segunda-feira na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, constituiu seguramente um dos mais importantes, senão mesmo o mais importante acontecimento musical não só do VII Festival de Música da Costa do Sol, como também da corrente temporada.

Como vimos ontem, em relação à homenagem a Manuel da Fonseca (...), como estamos a ver hoje em relação à estreia mundial dessa obra de Lopes Graça, considerada pela crítica como uma das suas criações máximas, a RTP voltou a comportar-se de novo à altura do ridículo que encerra em si própria desde a entrada da primeira administração AD: nem a «informação» nem a «programação» se referiram, por pouco que fosse, a estes dois importantes acontecimentos da nossa vida cultural. Remetidos à «clandestinidade» televisiva, estes nomes máximos da cultura portuguesa contemporânea, bem se poderão queixar de estar a ser alvo de um alheamento político-cultural por parte da televisão portuguesa que poderá ser considerado, em última instância, como um gesto censório absolutamente inqualificável.

RTP «a la minuta»

As transmissões em directo da Volta são um retrato fiel daquilo que tem sido a televisão portuguesa.

Entretanto têm sido um pouco mais cuidadas as reportagens em directo do final das etapas desta Volta a Portugal em bicicleta. Ainda assim há coisas a quem nem a experiência vale. É o caso do reduzido equipamento posto ao serviço das equipas de reportagem. De facto quase que não faz sentido ter uma só câmara, para fazer «to-

do o serviço» junto à meta...

Outras coisas há, porém, que parece não terem sido ainda ultrapassadas. Aquela que mais poderá insultar o próprio telespectador: a continuação do aparecimento quase propositado das variadíssimas marcas comerciais que estacam mesmo em frente à objectiva. Bom..., que eu saiba só uma empresa tem direito ao cartão de agradecimentos final...

**Suzy Paula e José Cid
«na maior»**

Tanto eles como as suas editoras encontraram um filão do precioso metal na RTP. «Volta» não volta ficam uns bons minutos em aberto para «encher» — como os chouriços — embora aqui de telediscos...

Como parece que só eles têm «promoção» apresentável não queiram vocês saber o que tem sido... Mas será que entre os portugueses só eles têm telediscos? Será que a RTP é sócia maioritária das editoras que os representam?

Traição cinéfila

Trocar o filme de Walsh por Teixeira de Pascoais apresentado no último «1 + 1 = 1» por José Augusto Seabra é de facto uma traição cinéfila. Acabámos por não ver Ronald Reagan quando joram actor. De qualquer modo esta viagem pela «Renascença» portuguesa e por Teixeira de Pascoais foi mais uma vez bem conduzida pelo prestigiado homem de letras responsável pela emissão.

TELECRÍTICA

1/8/81

Rui Cádima



Carné, mestre do realismo poético

Bom sinal: a programação de filmes de longa-metragem parece estar agora a sofrer benéficas influências de rubricas como o «Cineclube», que mantêm um bom nível de escolhas desde o seu inicio.

A continuarem como nas duas últimas semanas, as «Noites de Cinema» da RTP/2, às quintas-feiras (por imperativos da «poupança» de Verão), serão sem dúvida a melhor alternativa à série norte-americana «Os Anjos de Charlie», autêntico produto «em série», receita indigesta. Então se continuarem com filmes como «As Crianças do Paraíso», a alternativa pôde-se em termos de visão absolutamente indispensável...

Vimos agora pela primeira vez este filme de Marcel Carné, realizado entre 1943 e 1945, tendo as suas filmagens começado logo a seguir à estreia do conhecido «Les Visiteurs du Soir» que se acabava de estrear em Paris. Trata-se efectivamente de uma das maiores obras da cinematografia francesa.

Marcel Carné afirma-se em «Les Enfants du Paradis» como um mestre «metteur-en-scène», só igualado pelos mais brilhantes Renoir e por um ou outro Becker. Trata-se na verdade de uma obra excepcional, contra aquilo que alguns chegaram a considerar como não tendo nada a ver com o cinema.

Só o contrário seria de espantar. Carné parte para este filme com um prestígio enorme, conseguido em obras como «Quai des Brumes» e «Hotel du Nord». Por outro lado volta a ter como colaborador nos diálogos e no argumento o nome de Jacques Prévert — a quem alguns críticos chegaram a atribuir responsabilidades pelo sucesso dos projectos...

Parte não menos importante nas suas produções era o «cast» de actores. «Les Enfants du Paradis» é nesse aspecto também um filme à parte: Arletty, Jean Louis Barrault, Pierre Brasseur, Maria

Casarès, Pierre Renoir e Gaston Modot eram os nomes em destaque.

O filme, de três horas e quinze minutos acabou por passar em duas partes na RTP, com uma semana de intervalo entre ambas. Baseia-se nalguns acontecimentos reais da vida do mimo Jean Baptiste Debureau. É seguramente uma das maiores produções do cinema francês, tendo sido terminado só ao fim de dois anos de trabalho.

Por exemplo, o décor do boulevard do crime tinha cerca de duzentos metros de comprimento tendo sido gastos nele cerca de cinco milhões de francos antigos e sessenta mil horas de trabalho! O filme seria mais tarde amputado em cerca de uma hora e dez minutos pelos seus distribuidores o que fez com que o realizador os levasse a tribunal. A versão que vimos é segundo julgamos saber a original. Um filme para a história, sem dúvida! Ai o único senão: porque é que não foi promovida nos dois canais a passagem desta obra de Carné?

O Porto vence Lisboa

Tinhamos acabado de sair de Bragança em mais um daqueles improvisos constantes do «deus-dará», que é a chegada dos ciclistas nas etapas da Volta. Entrámos no distrito de Vila Real pelo «País, País» e também pelo «Res Publica» em mais um excelente documento produzido por profissionais da redacção do Porto. A coordenação centrada no Porto ao longo de toda uma semana foi mais que suficiente para que conseguissemos ver as qualidades desta em relação à de Lisboa. «Res Publica» demonstrou-o também. Mais uma vez.

Fantemas do primeiro de Agosto ou a promessa de um Verão de arrepiar

«Sex Symbol» para os que trabalham de sol a sol e nem sequer descansam ao fim-de-semana é o que se poderia dizer da noite de sábado último, com Marilyn Monroe — cantora inocente apaixonada pelo cow-boy, em «Bus Stop» de Joshua Logan.

Nestas circunstâncias Marilyn apareceria obviamente deslocada, espécie de fantasma consolador, sublimação final para uma programação remendada.

As «cantigas» do trio ex-Zip deixaram os sábados, o «Porque Hoje É Sábado» está de férias — a RTP ela própria está em férias — e entretanto fomos positivamente assaltados por inesperados fantasmas de Verão, corpos invasores que pensávamos já extintos. Reparámos no regresso de Patrick Duffy («O Homem da Atlântida») vale pela reposição de um rosto, identificado com o ceremonial Ewing, imagem de marca «Dallas», em vez de ser uma imposição pelo valor da própria

série), e ainda o regresso fantasmático de um morto, ou de um moribundo se quiserem de seu nome «Aqui e Agora» que se fosse a Roma não tinha visto o Papa... Como foi a Beja, esqueceu-se, em resumo, das tais duas palavras que em tempos eram as mais ouvidas em português... Da conquista dos Alentejos e Algarves não se esqueceram eles. Coisas que não lembra nem ao diabo, ainda por cima com uma semana de atraso. O Adriano Correia, «pivot» a pisar permanentemente a linha dos 6 metros, nem se esqueceria de pôr questões sobre o milagre de Ourique e sobre a «agricultura muçulmana»...

«Novos Horizontes» para Sérgio e Madi

Próximos, por razões várias, do problema da deficiência, Sérgio — que recuperou de uma deficiência — e Madi, ele próprio

irmão de um deficiente, estiveram presentes na rubrica «Novos Horizontes» logo no inicio da emissão de sábado.

Em breve conversa com o apresentador do programa os dois populares cantores viriam a adiantar que em breve lançariam no mercado um disco cujas receitas reverterão exclusivamente para um fundo destinado aos deficientes. Sob o ponto de vista social é óbvio que este tipo de atitudes se repercutem sempre por duas vias: pela comercial, beneficiando os próprios artistas, pela social, identificando um gesto com um factor social. Mas não há nada a fazer... Há sim que pôr em causa, como eles aliás muito bem souberam fazer, as estruturas sociais que ainda hoje teimam em relegar o deficiente para uma cidadania de «ghetto».

Vasco Granja e os «velhotes»

Uma coisa que nunca cheguei a perceber: porque é que a rubri-

ca «Animação» de Vasco Granja, cotada como uma das mais populares — quer na RTP-1 quer na RTP-2 — nunca foi integrada no habitual «Tempo dos Mais Novos»? Será que o Departamento de Programas Infantis teme que o Vasco Granja traia a pequenada com filmes para os «velhotes»? É evidente que não é disso que se trata, apesar de por vezes passaram pequenos filmes difíceis para os mais novos. Sábado passado, por exemplo, após um velhíssimo Duffy Duck em «Conrad, the Sailor», viriam atrasadas, dez anos, três curtissímas curtas-metragens inglesas.

Tratou-se de parte de uma série de filmes de jovens cineastas feitas sob o patrocínio de John Hallas. Não cabiam, quanto a nós, no espaço etário da rubrica. Este um exemplo de determinados casos que por vezes originam críticas dos mais pequenos ao programa deste «pionheiro» da animação televisiva.

Rui Cádima



O passeio dos tristes com uma alegria de permeio

Fez domingo oito dias que Carlos Franco, habitual responsável da «Informação» do desaparecido «Passeio dos Alegres», dava os seguintes números «oficiosos» relativamente à percentagem de audiência da RTP/1 antes e durante o popular programa de Júlio Isidro. Antes: só 12 por cento do auditório nacional via em média a programação que então existia nas tardes de domingo. Depois: cerca de 75 por cento dos telespectadores portugueses passaram a ver «O Passeio dos Alegres».

Henrique Mendes, 50 — Júlio Isidro, 20

Essa não foi porém a suficiente razão para que Júlio Isidro tivesse justificado junto da Direcção de Programas a continuidade do seu programa, ainda que se justificasse, enfim, as «férias» do «Passeio»...

Muito menos seria razão para que Júlio Isidro tivesse sido amamentado ainda no decorrer do programa. Seria deontologicamente correto, pelo menos em relação ao rotundo fracasso que foi o regresso televisivo do velho locutor «exilado» no Canadá. Não esqueçamos que Júlio Isidro ganhava 20 mil escudos por cada programa, enquanto Henrique Mendes havia ganho duzentos contos mensais por cada famigerado «Tv Show».

O leitor que tire as suas conclusões.

Domingos de novo nos 12 por cento?

Bom. Ficámos então sem «O Passeio dos Alegres». Não vou ser tão malicioso — diria, talvez, «directo» — a ponto de prever que a audiência voltasse agora a baixar para os 12 por cento. Se não o faço é fundamentalmente porque entretanto uma «manobra de versão», perante a conjuntura, chamou o «Vivamúsica» da RTP/2 para as tardes de domingo da 1ª. Habitualmente transmitido às quartas-feiras à noite no segundo canal — o tal que nunca foi «esvaziado», pois não Fernando Lopes? — o «Vivamúsica», coordenado por Jorge Pego, rapidamente se afirmou como um programa

bem elaborado, com profissionalismo, tendo para isso razoáveis meios técnicos à sua disposição. Aliás, outros programas do género que já haviam deixado impressão semelhante foram o «Ligeiríssimo» e o «Sembrevés», de 77 e 79 respetivamente, onde o nome de Jorge Pego se havia imposto.

Adelaide Ferreira, a «senhora» do rock português

Ora se a audiência não desceu para os 12 por cento foi porque o pessoal da pesada sintonizou o «novo» Rui Veloso e a «nova» Adelaide Ferreira.

Um Chico Fininho fadista no «Azevedo, o último dos duros» e uns belos blues brancos no «Baile da Paróquia» antecederam a exibição dessa grande senhora do rock português, de seu nome Adelaide Ferreira.

«Bichos» em «Trânsito»

Dois novos temas em estreia absoluta no «Vivamúsica» (como aliás já tinham sido os de Rui Veloso): «Trânsito» e «Bichos», Adelaide Ferreira mostrou mais uma vez ser uma espécie de «magia» da melhor música ligeira portuguesa. Ela é um «caso» ainda não completamente descoberto. Não esqueçamos que a «Baby Suicida» foi talvez o melhor tema da música ligeira e do rock em português, desde sempre. Pena que os novos temas não tivessem chegado tão alto:

Apesar do excelente trabalho do João Egreja na câmara seria bom que Adelaide Ferreira estudasse melhor a coreografia a lançar «estes telediscos». Com loucura daquelas como é que a Maria Elisa vai passar os «telediscos» do pessoal da pesada? Para infelicidade sua, você tem que aprender com o José Cid e mandar fumarada para cima, até ao pescoço... Se o fizer tem o «teledisco» pela certa no ar logo no segundo seguiente. Pode já preparar-se para mandar um ramo de flores para a 5 de Outubro... Mas não compre já, se não elas murcham...

Um dos mais belos programas da história da Televisão portuguesa

Vimos anteontem um dos mais belos programas da história da televisão portuguesa. E se o digo sem a conhecer (à história) tão bem como poderá parecer (quase que nascímos no mesmo ano e éramos do mesmo signo...), é porque tenho a consciência, a noção, de que é extremamente difícil em Portugal — isto é, para a RTP — fazer um programa de televisão com o nível que teve «E o Resto São Cantigas» dedicado ao maestro Raul Portela.

E afinal o que se passou? Nada de extraordinário, se bem pensarmos as coisas, e ao mesmo tempo algo de extremamente belo e raro. Em primeiro lugar a presença de três mulheres muito queridas à história do espectáculo em Portugal (e, claro, ao público em geral), três presenças muito dignas e apaixonantes.

Os seus nomes: Josefina Silva, Beatriz Costa e Herminia Silva. As duas primeiras para homenagear o maestro, ali sentadas entre a jovial equipa apresentadora do programa, e Herminia para interpretar, não tão bem quando o fez pela primeira vez, quando a canção foi feita especialmente para si, a «Lisboa Antiga», talvez o maior êxito de Raul Portela.

Elas três são afinal de contas extraordinárias presenças televisivas difficilmente ultrapassáveis em à vontade, carisma, humor e malícia... Quem é que se habilitaria a bater Beatriz Costa num qualquer «frente-a-frente» em tema livre? Quem se atreveria a tentar evidenciar uma maior simpatia perante a presença de Josefina Silva? Quem, enfim, bateria a naturalidade boémia, tradicionalista, e simultaneamente feminina à moda antiga, da sempre bem humorada Herminia Silva?

Os nossos «anjos» são «galos de briga»

Perante este trio de autênticas rainhas do espectáculo de revista não há dúvida nenhuma que quaisquer que fossem os «anjos» que lhes aparecessem à frente estes «galos de briga» (os direitos são da

Beatriz Costa), esfrangalhá-los-iam enquanto o diabo esfregasse o olho... E, perdoem-me as senhoras, isto mesmo em plena «terceira idade»...

Estas três presenças femininas fizeram esquecer que ali ao lado estavam sentados outros «anjos», com sexo, bem masculinos, três anjos de rapazes que bem podem dar por feliz a hora em que se lembraram criar esta série de programas. Depois tratáram-nos mal, mas isso é outra história...

Com isto tudo as senhoras quase que faziam esquecer Raul Portela, o homenageado da noite, recordado com grande saudade e emoção por seu filho e por todos os participantes deste excelente programa.

A presença da Banda da Carris e do Coro de Santo Amaro de Oeiras foram com efeito dois excelentes «furos» de produção — que só uma grande equipa pode activar — os cenários de Moniz Ribeiro integraram-se perfeitamente na temática das canções e na coreografia de Fernando Lima. Rita Ribeiro, Alice Amaro e Maria do Amparo com Carlos Alberto Moniz três boas presenças também.

Abaixo o Gordo, Viva o Regime!

Perante isto que dizer do Jô, que tínhamos visto na véspera? Que se está a repetir, que está insuportável, que já nem a porno-charada lhe vale... Abaixo o gordo, viva o regime! «Regime», entendida-se: dieta!...

Sobre a bonança, a tempestade!...

Acabava de escrever este texto e ouvia na Rádio que José Mensurado havia sido despedido por Proença de Carvalho.

A RTP não nos deixa ir deitar sem irmos profundamente chocados. Espécie de sadismo...

O que pretende Proença de Carvalho?

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Informar ou depender?

Jornalistas despedidos, outros compulsivamente demitidos, outros, porém, guindados de há muito aos mais altos postos e inclusivamente à Direcção de Informação pela sua incompetência e servilismo, outros ainda «papagaios» desnaturalados, «vozes do dono» — é este, muito genericamente, o panorama, o cenário-bunker do chamado jornalismo televisivo que por aí se pratica.

A classe dos jornalistas não é obviamente a culpada, se bem que a encimar a pirâmide da classe política — verdadeira responsável pelo estado degradante e repelente que atingiu a informação televisiva — esteja um jornalista, autor em tempos de uma obra intitulada «Informar ou Depender?», na qual anatemizava, tanto quanto era possível na altura, o estado («novo...») da informação salazar-caetanista. «Informar ou Depender?», escrito há dez anos por Francisco Pinto Balsemão é perfeitamente válido hoje. Muito se pode adaptar às circunstâncias actuais...

Enfim, já tivemos oportunidade de ver aqui nesta coluna o porquê — e mais porquês — destas coisas. Acontece de tudo neste país. Felizmente Duarte Figueiredo ainda não descobriu o filão da notícia inexistente...

A repassagem de Amaral Marques pela Informação/2 levou-nos a ver mais uma vez, comparativamente, os dois serviços de notícias. Estamos agora em presença de um sistema de vasos comunicantes em que o vaso emissor tradicionalmente considerado mais «à esquerda» se esforça por não ser «esvaziado» de seu conteúdo inicial, a conhecida «poção» Fernando Lopes... Com a comunicação em regime de permanência relativa dos corpos envenenados, sucede que o vaso «à direita», vulgo RTP/1, se distingue do outro pelo estado adiantado deste... em retardar, regredir... Isto é, agora a «2»

parece ser mais renitente em mostrar-se cópia fiel (antecipada) da primeira, indo sempre com metade da notícia de avanço, mas sendo tudo igual no fundo. Vamos de facto de mal a pior.

Só vos digo que adorava ver as percentagens de tempo de emissão dos partidos sobre a crise da AD e do PSD...

Poética nordestina

«Os Jogos e os Homens» tiveram na emissão de segunda-feira um dos seus programas mais conseguidos. Noronha Feio veio desta vez fazer como que uma pesquisa arqueológica pela poética física do nordeste, do corpo do homem, lutador ancestral de vésperas de Natal (antes em verdadeiros currais, hoje em eiras), aos perfis arquitetónicos neolíticos, romanos e românicos, dos dólmenes às igrejas medievais. Em suporte, uma excelente banda sonora, a fazer lembrar os torneios medievais, à imagem daquele corpo-acorpo greco-romano, em terras onde nada mais parece correr a não ser a água das nascentes...

Poética minhota

Entramos de novo nas «Trovas do Vento Que Passa». Outras águas eram com efeito as da Quinta da Tapada. Manuel Alegre completou aqui a sua incursão no mundo de Sá de Miranda. Tememos, contudo, que o alerta deixado aqui pelo autor de «O Canto e as Armas» não tenha eco nacional e assim passe despercebido este 5.º centenário do nascimento de Sá de Miranda.

Rui Cádima



Eu não vi a Rosa

Depois de 21 de Junho, em França, não querer ver a Rosa é suspeito. Eu não a vi no trabalho de Barata-Feyo.

Um trabalho de reportagem que traz no pré-genérico duas introduções da redacção deixa-nos à partida obviamente receosos. Denuncia desequilíbrio, lacunas, pressupõe que o trabalho pouco fala por si só. Surge então uma justificação, um tímido «mea culpa» (ou sua culpa). Foi isso que fizeram Fernando Garcia e Artur Albaran antes da entrada de «França, a Esperança e a Dúvida», reportagem assinada por Barata-Feyo, jornalista destacado para as «Grandes Reportagens» (o tal gabinete por onde passaram Joaquim Letria, Mega Ferreira, Maria Elisa, José Júdice, Mensurado — e que nunca, ou quase nunca, tiveram oportunidade de mostrar serem eles dos melhores profissionais da casa).

Mas, do mal o menos: o que eles não conseguiram conseguiu-o agora Barata-Feyo. A mudança política em França permitiu-lhe realizar este documento de uma hora, tendo-o feito regressar ao meio que bem parece conhecer — ele que viveu um determinado tempo nesse país — o que o fez esquecer, segundo consta, nomes de figuras de primeiro plano da vida política portuguesa.

A sua estada em Paris não serve de argumento por outro lado para desculpar expressões como «os socialistas franceses vão ir...»

Vimos que o jornalista se sentiu de algum modo como peixe na água neste mosaico desconjuntado de entrevistas que fez com a classe política francesa. Vimos que possuía uma certa argúcia nos «lances» de perguntas, vimos que se colocava numa posição informada ainda que pusesse a descoberto todo o flanco...

Em Portugal, de 21 de Junho para cá, pouco temos visto, ao nível da informação televisiva, sobre a nova França. Duarté Figuei-

redo limita obviamente essa informação à sua expressão mais simples, insignificante, ridícula, exemplificada nas crónicas enviadas na altura das eleições por Ricardo Ferreira. Foi o que se viu.

Dai para cá a França continuou distante. Barata-Feyo não foi a Paris remediar o que quer que fosse. Com o beneplácito da mediocre circunspectão lá foi prestar alguma vassalagem aos bons e aos maus cépticos.

Esta reportagem surge tarde. Muito tempo passou desde a vitória socialista para montar este documento de uma hora e, claro, programá-lo. A reportagem falha contudo por nos ter afastado talvez mais ainda do que o que estávamos desse sonho vivido à medida que se iam conhecendo os resultados eleitorais.

Não que gostássemos de ver o sonho, aquela constante festa, mas sim, paradoxalmente, as realidades, as imagens que nos aproximam da França real, substancialmente diferente da França política que Barata-Feyo nos trouxe em excesso. Esse o primeiro erro. Depois há a forma como o próprio retrato da classe política é dado: «quadro» para quem lê depressa, espécie de «slides», de «paralíticos» que desumanizam, que tornam gélido o trabalho.

Esta a questão de fundo. Sobre o grande movimento de massas, as vagas humanas, a entrega a corpo inteiro, a festa, e o regresso a um quotidiano que é comum, Barata-Feyo deu-nos obsessivamente o grande plano das múmias esgotadas — por agora — da direita, deu-nos o discurso dos novos governantes recém-empossados, ainda com o programa eleitoral nos lábios, deu-nos enfim os «interiores» em mudança, as paredes vazias, os móveis tapados. A França ficou distante. A esperança não a vimos. Nem a Rosa...

TELECRÍTICA

8 | 8 | 81



Rui Cádima

Em noite de divórcios só Freitas do Amaral não disse o «não»...

Imaginem ao que a RTP chegou!... Quinta-feira, dia prometido às ex-mulheres-policia — os «Anjos de Charlie» (sabiam que no Brasil lhes chamam «As Panteras»?) —, as atenções da programação iam nada mais nada menos para o «Direito de Antena» concedido ao CDS, integralmente ocupado pela tão falada «comunicação» de Freitas do Amaral, e ainda para a tão aguardada continuação do episódio em que Márcia iria pôr os pontos nos i's com Edyr. Se quiserem pode inclusive dizer-se que toda a questão girava em torno de «divórcios». Seja: quinta-feira houve «divórcios» para todos os gostos...

Contudo, o divórcio principal seria, como já vem sendo hábito, entre a RTP e o auditório. Eu julgo mesmo que neste País se não fazem sondagens a sério para evitar desgostos...

A via-rápida «António Barreto»

«Aos anos que o não viamos!...», juraram por certo os seus simpatizantes. Era ele mesmo, em pessoa, o ex-ministro da Agricultura. Durante largos minutos falou sobre regionalização e descentralização a torto e a direito. Era o programa «Res Publica». Tratava-se de abordar a questão das comunicações da região transmontana com o interior... Será que a auto-estrada Vila Real-Porto se irá chamar «António Barreto»?

«Western» de cordel

A noite, na «2», tivemos uma espécie de «western» de cordel no feminino-masculino, com rapariga de «rodeo», marido machista e problema conjugal de perneco. E saber que na semana passada vimos «As Crianças do Paraíso» de Marcel Carné. Vá lá a gente perceber a RTP!

O «livro» não chegou a ser aberto

Tudo aquilo foi muito mau. Não esqueçamos que estavam presentes o secretário de Estado da Cultura, uma ensaísta e professora universitária e um poeta e ensaísta, administrador da Imprensa Nacional por acidente de percurso ao que julgo.

Objecto de discurso: a edição de livro pela IN, a política editorial governamental e aquilo que há para fazer no domínio das publicações e do apoio a dar ao livro.

Pareceu de algum modo um encontro sobre o medo... Medo de enfrentar a dura realidade: neste País o livro é ainda objecto de especulação, não sendo minimamente protegido do fito lucrativo, das taxas alfandegárias, sendo quase tudo permitido, da não aplicação da legislação à não existência de uma «deontologia». Do serviço público que deveria ser, não é mais senão um serviço especulativo. A especulação está nas bancas para toda a gente ver. E se não valeria a pena falar da importação de livros... (onde, só o livreiro, chega a ganhar quase cem por cento!) talvez tivesse valido a pena falar dos preços elevadíssimos que aqui se praticam... (tiragens reduzidas a preços inacessíveis — «o que rende mais», segundo os editores). Também teria sido interessante aclarar melhor o verdadeiro serviço prestado à divulgação do livro pela IN. Não nos parece de facto haver uma grande diferença, em termos de preço, comparativamente ao editor privado. Enfim, muitas questões ficaram de facto por abordar. Não percebemos porquê.

Faltou ali claramente um crítico dessa política editorial. Por isso mesmo se entrou naquele *gentlemen's agreement* profundamente claudicante e desfazado das realidades. Rapidamente se passariam então os minutos, que não poderiam ser muitos... Não chegou a quinze. Estavam presentes Brás Teixeira, Ivette Centeno e Vasco Graça Moura.

U meu rico Sto. Antoninho

Na passagem do 750.º aniversário da morte de Santo António de Lisboa, o programa «Tropicália» optou, também ele, por lembrar o que se passou no Brasil, recentemente, nas comemorações das referida data, junto das comunidades religiosas — as «irmãndades» — seguidoras do referido santo.

Bonita intenção! Porém, só de intenções não se alimenta o telespectador. Muito menos vive de realidades pessimamente tratadas — o que é já, aliás, apanágio da equipa de correspondentes da RTP no Rio de Janeiro.

Como se diz em português, claro, trata-se de uma equipa que já devia ter sido chamada há muito «à pedra» pelos trabalhos profundamente desinteressantes que tem vindo a apresentar de há uns largos meses para cá. E o facto tanto mais se agrava quanto se pensar que está em causa uma nação extremamente rica em motivos de trabalho.

Digo-o com franqueza: em termos de informação televisiva, os profissionais da RTP no Brasil são dos que apresentam as piores reportagens. E isto é de facto tanto mais estranho quanto se sabe que naquele país se pratica já um jornalismo televisivo aberto e tecnicamente evoluído. Ora a agravar a péssima impressão geral que já existe sobre o «Tropicália» veio agora este trabalho sobre as comemorações em torno desta data popular e sagrada.

Belo material havia ali para explorar. Contudo, nem o antiquíssimo apresentador Glauco Pereira nem os próprios produtores o souberam enfrentar sob o ponto de vista social. Ou será que eles ainda acreditam na «sopa dos pobres»? Enfim, uma reportagem prontinha para passar na RTP de 24 de Abril de 1974.

Enchido

Desde que o «Porque hoje é sábado» abandonou a programação de Verão — pelos talis motivos austeros e poupadinhos a que aqui alu-

demos na altura própria — a programação de sábado encontra-se agora num impasse muito mais complicado do que já estava, completamente descaracterizada, impossibilitando assim o telespectador de uma qualquer identificação prévia com o seu alinhamento, com o programa seriamente calculado. Agora é um pouco aleatório o que poderá surgir. Depende... Depende do programa que se arranja, e não tanto daquele que deve ser arranjado...

Vimos que o «Tropicália» tratou pessimamente um tema social e religioso; «Lúculos e Brócolos» e «Novos Horizontes» responderam ao que deles já é esperado habitualmente; a «Animação» da responsabilidade de Vasco Granja *idem*, e para o resto veio um «Espaço Rock» com os UHF, um programa algo retardado se pensarmos que se tratou de uma gravação feita ainda antes da gravação do disco, onde nomencladamente se notou um grande desfazamento entre o trabalho então realizado e um apuramento posterior nas vozes.

Quer o «National Geographic» — sobre os «cowboys» e os índios deste século XX, quer o recreativo «Bandas», com a banda da GNR quer ainda «O Homem da Atlântida» ou os dois *magazines* que vieram a seguir, falharam de facto todos por si e, no conjunto, por nenhum deles se ter apresentado com a qualidade suficiente para atrair o auditório. Mesmo assim, e curiosamente, foi um desconhecido — Maurício Vale — que introduziu em primeiro programa («Sombra — Sol») um trabalho esforçado, montado em simples colagem, mas ainda assim um trabalho que se distinguiu dos restantes.

A noite, felizmente, entraria com «Um Lugar ao Sol», um filme muitas vezes esquecido, mas porventura uma das melhores obras do Cinema Americano dos anos 50.

Bom trabalho ainda foi o da equipa do «Écran». Tôbis e Resnais muito bem vistos.

11/8/81



Rui Cádima

Lógica e paradoxo na importação do riso

Já estou como a equipa que semanalmente escreve o «Viva o Gordo»: «Rir dá status, mas não rir em português»...

Isto é: se você quiser rir com o estatuto de contribuinte da RTP tem que recusar obrigatoriedade a piada nacional (não precisa fazer esforço, como sabe), não pode rir portanto «Made in Portugal». Ria por exemplo «à brasileira», ou «à inglesa», já que outras alternativas não tem.

No fundo há uma certa lógica nisto. É perfeitamente compreensível que também se importe o riso num País que já poucas coisas tem para importar... Mas por outro lado há o paradoxo: então a RTP que nos faz rir todos os dias necessita agora de importar o riso em doses industriais, quando nem sequer é com «esse» que o contribuinte na maior parte das vezes ri?...

Tudo isto é ao fim e ao cabo o que se deduz aritmeticamente da «tabuada», do humor televisivo nacional. Por exemplo a piada de Raul Solnado — uma das últimas a passar a sério pela RTP — pode não ser conveniente, ou convincente, ou ser demasiado cara, ou, enfim, outra coisa qualquer... Então corta-se. Reduz-se o programa quase a metade e pronto! Outros grandes humoristas portugueses são esquecidos para darem lugar aos Frank Spencers do Parque Mayer...

O que fica então? Pouco mais do que a anedota do «Telejornal», raramente, aliás, assumida à transparência. Eles ficam-se sempre nas meias tintas, parecendo às vezes que fazem as coisas sem querer...

«Frank Spencer» ao domingo, o «Gordo» ao domingo à noite, os «Marretas» de vez em quando, os «Ropers» à terça, todos eles nos vão fazendo «aregaranh a tacha» ainda que nem sempre tenham jeito para isso.

Ter «istatus» ou não ter...

Ainda que isso acontecesse na abertura do «Gordo» não teve de facto uma continuidade na maioria dos «quadros». De qualquer modo este último programa foi substancialmente melhor que o da semana passada. De facto, quer o texto que quase fez perder o «istatus» ao primeiro «gordo», quer o texto do «confessor», quer ainda o texto da «Madalena amancebada» foram três bons momentos deste «Viva o Gordo».

Lacinhos à gato

A língua alemã pode rimar com uma marcha militar, com uma canção de cabaret, mas definitivamente não rima com a dança tradicional — da valsa (inclusive) ao tango, passando pelo fox-trot.

Festa de grande pavilhão, com o alemão em fundo, só o comício, a festa da cerveja ou o concerto de rock-alemão... Não o concurso de dança «amadora»... O facto de se tratar de um concurso «amador» fez-me lembrar inclusive o tão discutido «amadorismo» dos Jogos Olímpicos. Ali deve ser praticamente a mesma coisa. Eles são «amadores» mas não fazem mais nada na vida...

Toda aquela gentinha de lacinho à gato e fraque (eles), elas de saítes enfunados, apareceram quando menos se esperava, isto é, logo a seguir ao programa do eng. Sousa Veloso... Nós acabávamos de ver um guarda florestal intervir com as banalidades do costume sobre os incêndios de Verão, e de repente deixámos a «ruralidade» para entrarmos no salão de baile. Nem sequer tivemos tempo para tirar a lama das botas e pôr um lacinho à gato.

E ainda há quem diga que a RTP não dá para rir...

Será desta a queda do anjo?

Quando todos os anjos caem (ou, se se quiser, todos menos um). O «Telejornal» informa-nos da crise, vista «a bruto», por dentro, fazendo-se caixa de ressonância quer dos «minoritários» (considerando-os por vezes soberbos «maioritários»), quer de Balsemão, para todos os efeitos o «primeiro-ministro». Fá-lo, inclusive, também, de uma forma imbecil quando destaca para S. Bento um repórter que não sabe perguntar outra coisa a não ser um — «Acha que a crise é grave?». E que não sabem depois ouvir as respostas pois passam a vida a repetir perguntas umas atrás das outras, como se as tivessem todas decoradas independentemente do interlocutor ou da matéria em questão...

Com a forte tendência que existe para ver os ministros da AD a pularem, a entrar e a sair, enquanto aquele que foi considerado o «superministro» fica de pedra e cal, muito provavelmente, de futuro, virá a verificar-se que as crises não existem, que não existe oposição, que a AD foi buscar inspiração ao «bunker» da 5 de Outubro, enfim, que os duros é que mandam, e ai daqueles que falem dos Calistos Elóis de Caçarelhos... Enquanto isso não acontece vão-nos satisfazendo com «oposições» na AD, dando a entender que quase não existem críticas de fora... Se o anjo não cair preparam-se para resistir à verdadeira virulência do quarto poder.

Cristo, Maomé e Lamartine

Com uma citação do poeta francês Lamartine (que chegou a ser ministro dos Negócios Estrangeiros imediatamente antes de ser deposto com as «jornadas de Julho» de 1848, as quais levaram ao poder o sobrinho de Napoleão) com a citação, dizia, terminou este mais recente episódio da série «Era uma vez... o Homem». Dizia o

poeta referindo-se a Maomé: «Quem ousa comparar outro homem a ele?»...

A opinião de Lamartine fundamentava-se no facto de Maomé ser o «unificador» e «conquistador» para o Islão e, mais do que isso, o «profeta» de Alá, o único Deus.

Com alguma razão Albert Barillé prestou uma atenção particular ao aparecimento da religião islâmica, que surge logo após a unificação do Islão seguida do domínio muçulmano no Mediterrâneo, em pleno século VII e no princípio do século VIII. Como foi referido, aliás de forma algo chauvinista, foi exactamente em Poitiers, no reino Carolíngio, que se deu a travagem do ascendente muçulmano.

Até aqui tudo bem... Uma dúvida ficava entretanto no ar: Seria que o programa que mediava entre esta crise europeia do século VIII e o nascimento de Cristo — programa sugerido no final do episódio anterior — foi pura e simplesmente trocado pelo seguinte, ou teria Barillé saltado algumas centenas de anos passando logo para Maomé e a decadência de Roma? Um estranho mistério de facto.

«Baldio» inaproveitado

«Viver» tratou dos espaços verdes nas cidades. Transportando as imagens paisagísticas para o «bunker» de betão RTP, logo diríamos que este mapa-tipo está sobrecarregado de «monstros de cimento», de paisagens degradadas, sem espaços verdes, livres, em permanente desequilíbrio, portanto. Por muito que gostássemos de ver «Viver» como um espaço aberto, bem «verde», verificamos antes que se trata de um «baldio» subaproveitado.

13/8/81



Rui Cádima

Um outro dom de contar em Raul Brandão

Quando a sensação geral é a de que a programação da RTP tende para a vacuidade, para o esgotamento sem dar qualquer alternativa estival em termos de novas produções nacionais, é perfeitamente compreensível que muitas das vezes as atenções incidam prioritariamente sobre determinados programas que à partida se apresentavam como emissões pouco populares.

Esses programas, com um cariz mais intelectual, muitas vezes inclusive com um tom tipicamente universitário, previstos agora para irem para o ar «fora de horas» surgem, naturalmente, como uma espécie de tábua de salvação do telespectador mais desesperado...

À espera da síndrome...

E não são poucos os que se sentem nessa pele... O crítico, inclusive, já não sabe se tem um estatuto reactivo à parte se tudo não passa já de um soporífero com os seus efeitos primários a partir do inicio da emissão... Por outro lado já não é o primeiro nem o segundo telespectador «médio» que vemos suportar de uma forma heróica o sono (e a programação da RTP, o que acaba por ser o mesmo), para numa reacção quase pavloviana, abrir o olho em plena novela das 22 horas, espreitar de soslaio os calmantes de síndromes neuro-vegetativas... e perguntar pelo programa *tal* em pleno hino nacional...

Programar em pleno Verão uma introdução ao grande esquecido Raul Brandão, «enfiando-o» entre o «Telejornal» e os «Ropers» à espera da novela brasileira, é talvez estar a lançar de novo no esquecimento um autor e uma obra entretanto analisadas, mas absolutamente mal defendidas no que se refere ao seu alinhamento. É que

quem vê David Mourão Ferreira depois do jantar a falar do autor de «Os Pescadores» ou está a pensar na Janete e nas suas atribuições em família, ou está a lavar a louça, ou a sonhar com as declarações amorosas da Celeste que confessa finalmente o seu amor por Miguel, ou então, é um «novato» nestas coisas de ver televisão, enfim, um simpatizante de Raul Brandão...

Por outro lado quem espera os «Ropers» detestará por certo o «halito salino» que já Manuel Mendes via em Raul Brandão naquelas descrições da faina cruel, de grande violência. Neste primeiro «dom de contar» concedido por David Mourão Ferreira ao grande Raul Brandão somos remetidos para aí, exactamente para o que de mais íntimo e valioso existe nesse homem de letras que segundo José Gomes Ferreira foi o seu «mestre», foi quem lhe abriu os passos e o mundo. É o próprio Gomes Ferreira quem na «Memória das Palavras» justifica a sua ligação ao escritor: «... os nossos guias em 1921 não eram nem poderiam ser, Fernando Pessoa nem Mário Sá Carneiro. Como mestres elegéramos Raul Brandão em que os componentes do grupo encontraram não só o Espanto, a Caricatura, o Absurdo, o Desumano e o Desvario do planeta circundante, mas também a fraternidade e a Revolução inverosímel imanente. Ao lado do Brandão colocámos o Fialho dos contos rústicos, a verdade camponesa do incomparável Aquilino das «Terras do Demo», Camilo, Dostoevski, Tolstoi, Gorki, Stindberg»...

Mas se a aproximação a Raul Brandão se não completou ainda neste «contar» que irá ter o seu «dom», o «dom» de Raul Brandão, o que é facto é que pelo que se conhece de há muito, da opinião mais austera à mais liberal, parece levar desde já consigo um consenso agora ainda mais claro: o de que Raul Brandão é no panorama dos escritores portugueses deste século uma figura verdadeiramente ímpar. Esperemos agora pelo próximo programa de David Mourão Ferreira onde ele completará este trabalho.

RTP: um caminho para a falência?

A crítica mais violenta que pode ser feita à actual gestão da RTP — da Administração à Direcção de Programas, passando, claro, pela Direcção da Informação — é efectivamente dizer que nada mais parece estar ali em causa a não ser a destruição total, a médio prazo, daquela empresa pública.

De facto, se há determinadas alturas em que esta ideia ressalta com mais insistência, esta é uma delas. Neste momento não está já em causa o tão referido «esvaziamento» completo da RTP/2, com um pequeno foco de resistência na «Informação/2» ainda não totalmente destruído mas sim o esvaziamento da própria RTP, compreendida obviamente a RTP/1. Tenha-se em atenção a pauperrima programação que entretanto tem vindo a ser apresentada, com particular destaque para a quase inexistência de produções nacionais neste chamado «mapa-tipo» de Verão...

É por se manter e repetir agora com mais insistência esta ideia, que somos levados a deduzir que a médio prazo tudo poderá finalizar em perfeito golpe de mão — previsto ou não, para o caso tanto interessa — mas que, em última instância, remeterá para a inviabilidade da empresa.

Explicamos: É sabido que a AD fez constar no seu programa eleitoral, explicitamente, a necessidade de existirem cadeias privadas de televisão em Portugal.

É sabido que a este nível diversos são os interesses privados em Portugal (e não só em Portugal, há interesses no estrangeiro tam-

bém), pela disputa de um futuro primeiro canal privado neste País.

Mais: são conhecidos vários nomes, inclusive de meios da alta finança, e, paradoxalmente, de conhecidos profissionais da RTP, que têm vindo a apoiar publicamente não sei se um projecto em particular — de sigla já conhecida: a RTI —, se a simples alteração da legislação...

São conhecidas, enfim, diversas tomadas de posição vindas de diferentes sectores que têm criticado a política da actual administração como sendo passível de vir a pôr em causa, futuramente, a própria viabilidade económica da empresa num confronto aberto com um eventual canal privado (que não necessaria de oferecer uma qualidade por ai além para fazer esquecer a RTP).

São conhecidas portanto estas intenções. Elas remetem afinal, todas, para que num futuro próximo a empresa pública reconheça a falência de uma política — e eventualmente a falência da própria empresa...

Seria então atingido o grande objectivo a que se propõe a direita nacional: ter o seu próprio canal de televisão, apoiado pelo grande capital privado, e fazer obviamente ao cadáver que já é a RTP o enterro definitivo. Lucros chorudos, para além do que será com certeza o mais importante — os dividendos políticos — recompensariam então os tenebrosos intentos, o diabólico projecto. E não há dúvida de uma coisa: consciente ou inconsciente, esse projecto existe no actual poder político.

Se estamos a entrar nos domínios da mais pura antecipação ou se se trata de uma maquiavélica especulação é o que a História dirá. Para já uma certeza: um óptimo trabalho está a ser feito para lançar no público a ideia de que é necessário em Portugal uma espécie de canal «salvador» perante o deserto chamado RTP.

TELECRÍTICA

15/8/81



Rui Cádima

RT 20 por cento P

E 80 por cento M.M. de má..., entenda-se.

Telegrama aberto ao leitor

Vamos de férias. A RTP secou. Voltamos lá para 15 de Setembro, com a entrada do novo mapa-tipo.

RTP/2 entre os 5 e os 20 por cento «nacional»

De segunda a sexta são cerca de 12 horas e meia de programas. Se lhes tirarmos os cerca de 150 minutos relativos à «Informação/2» ficam-nos 10 horas de programação. Destas, por exemplo, na semana agora terminada, vimos dois programas portugueses: «A Garça e a Serpente», filme de Arthur Duarte e os «Sinais do Tempo», do Dr. Atanázio. Quer dizer: nessas 10 horas de programação só 20 por cento dos programas eram portugueses.

Mas se alargarmos a retrospectiva à semana que decorreu entre 1 e 7 de Agosto, a percentagem nos dias úteis desce para uns ridículamente vergonhosos 5 por cento! Isto é: verifica-se existirem só cerca de 30 minutos de programação nacional com «Sinais do Tempo» e mais nada. Quase que chegamos ao escândalo de haver mais tempo concedido à publicidade que à programação nacional! No total dos dias úteis, portanto, cerca de 12,5 por cento.

A «2» aos fins-de-semana

Passando agora aos sábados e domingos, aumentados com os trabalhos da RTP/Porto, vemos que à volta de 10 horas de programação há cerca de 30 por cento do tempo ocupado em português, sendo um terço desses 30 por cento ocupados com a informação nor-tenha — o «Estúdio Aberto».

Do tempo que resta — de 2 a 2 horas e meia — pode aparecer um «magazine», um documentário ou um espaço musical preenchido muitas das vezes com o pior nacional-cançonetismo e os porno-

ballets. Aqui, no cômputo das últimas semanas, talvez um pouco mais dos 20 por cento.

Intragáveis 30 por cento na «1»

De segunda a sexta, mais minuto menos minuto, pondo de parte o «Tempo», a publicidade, os telediscos, as avarias, os «slides» e os «brancos», são cerca de 20 horas de programação assim distibuidas: Informação (Telejornais e «Grande Reportagem» ou «Primeira Página») cerca de 6 horas; «Tempo dos mais novos» cerca de duas horas e meia, mas só com 25 minutos em português (e às vezes nem isso); programas de «Divulgação» — todos portugueses — também aproximadamente 2 horas.

Depois do «Telejornal», num total de 10 horas de programação semanal, na semana de 8 a 14 de Agosto, dois programas portugueses: «E o resto são cantigas...» (que termina agora) e o «1 + 1 = 1». Passaria ainda uma «Grande Reportagem» que já integrámos na Informação. Partindo do princípio que a «Divulgação» é da responsabilidade da Direcção de Programas, temos em 14 horas de programação (reduzida a informação) cerca de 4 horas de produção nacional, a maior parte da qual mediocre. Percentagem: 28,6 por cento.

Sábados e domingos

Na RTP/1, cerca de 20 horas de programação, tantas quanto os dias úteis. Verifica-se de facto uma maior percentagem de programas portugueses. No entanto, reparem nos seguintes: Quer as noites de sábado quer as noites de domingo são preenchidas por filmes, «shows» e séries estrangeiras, havendo o «Gordo» em quase português.

Os inícios das tardes de sábado e de domingo são preenchidos com «Divulgação» raramente interessante e com o espaço litúrgico. As tardes não são mais, porém, senão um amontoado de programas estrangeiros, voltando, com certeza, a audição ao tempo de antes do «Passeio» do Júlio Isidro: 12 por cento!

TELECRÍTICA

17/8/81



Rui Cádima

Não se publicará, de hoje até final do corrente mês, esta rubrica de Rui Cádima, por o mesmo se encontrar em gozo de merecidas férias.

Tal facto não obstará, porém, a que este nosso colabo-

rador não continue a contribuir pontualmente com um qualquer artigo, o que, estamos certos, é motivo de agrado dos nossos leitores e acréscimo para uma valorização das páginas de Cultura/Espectáculos de «PH».



Putre-factos (ou: factos putrefactos)

«Desprezo» é talvez o termo mais apropriado para, numa palavra só, resumir a relação mantida pelo crítico de Televisão, ao longo de três semanas de férias, com aquilo que vinha do lado de lá do aparelho, antena voltada para Monsanto — cancro no «pulmão» de Lisboa.

Um desprezo tanto mais difícil quanto é certo tratar-se de um objecto familiar. A nós todos, enfim. O seu carácter ubíquo, fetichista, mais requer de nós a utilização da distância, do «á cautela». Um desprezo, afinal, que não deixou de denunciar obviamente uma atitude interessada, defensiva, patriarcal.

Movimentamo-nos, portanto, no labirinto, onde o jogo é, nitidamente, na maior parte das vezes, furtar-se à sua própria execução nesta fogueira electrónica. É o domínio do fantástico, mas é também a ficção que nos espelha a terrível realidade: conhecer os preliminares do crime, os seus propósitos, mas ignorar a evolução da narrativa. Mergulhamos em Borges. Quer queiram quer não é disso que ele fala. Ele faria o romance mais negro da sua vida entre o Lumiar e a 5 de Outubro, o labirinto acaba-

do. Do que passou de mau, segundo as crónicas, não nos poderá chegar o espanto. O pouco que se disse ser bom foi mesmo muito pouco. Aqui e ali uma reportagem sobre o exército da «coca» na Bolívia, uma «trova» de Manuel Alegre, o «Cineclube».

Era nossa intenção regressar de férias e encontrar o cadáver já definitivamente arrumado. A programação de Verão estava de facto putrefacta e quando a 15 de Agosto assinámos «RT 20 por cento P» um hálito fétido parecia

já querer acompanhar o som e a imagem que nos chegavam da «1» e da «2».

Seria, na verdade, óptimo para o crítico regressar de férias e encontrar o tão falado mapa-tipo de Outono a preencher já a programação. Isso deveria acontecer, em princípio, lá para 15 de Setembro. Agora, a uma escassa semana dessa data vemos que tudo deverá estar retardado, o que obviamente nos dará uma «rentrée» televisiva extremamente penosa. A ser agravada ainda pelo apoio expresso (não do dito) de Balsemão a Proença de Carvalho. Nestas coisas, pelo que já é do domínio público, quem é rei nada resolve...

Aguardemos assim melhores dias. Com o mapa-tipo de Outono em preparação, sabendo nós, de momento, que a Direcção de Programas não parece tão à vontade como há tempos declarou no que se refere às facilidades e à melhoria visível na programação após os tempos austeros do Verão, vamos assistir à recta final da «Agua Viva», ao aparecimento antecipado de mais séries estrangeiras para os espaços dos «Anjos de Charlie» e para as segundafeiras da «2»; enfim, à perpetuação de um estilo de gestão abominável, agora a levantar mais do que nunca a indiferença e a repugnância entre os contribuintes.

Só há ao fim e ao cabo uma via capaz de reconciliar o grande auditório com esse fantástico média que é a Televisão. Esse projecto tém-lo visto afastado da política geral que tem orientado a RTP. Não se investe na qualidade da produção nacional, sem atitudes censórias perante as várias zonas culturais.

É exactamente por isso que aqui estamos. É pelo fim desse estado de sítio que lutamos.

Salvou-nos uma de... rock cristão

Nem a Pelé das pornocas, candidata ao porno-óscar com todo aquele porno-peso chegou para nos encher o serão de domingo — já que nem a tarde nem a manhã foram suficientemente «pornográficas» para bater Bo Francineide...

Agora a sério: nas alturas de crise o bicho homem volta-se para os místicos. A crise em TV é tão grave que acabamos por nos socorrer dos místicos de circunstância...

Falávamos de rock, no título. Altura talvez para lembrar os místicos: os Seals and Crofts, o Cat Stevens, o John McLaughlin e muitos outros, uns pró-islâmicos, outros bahai's, outros ainda profetas de gurus...

Por cá, os exemplos não abundam. Os Newriders apareceram-nos à hora de almoço de domingo com um som próximo dos America, ou dos Barclay James Harvest — um rock extremamente sofisticado, de instrumental bem acabado, mas neste caso um rock cristão à imagem daquilo que já se faz há muito nos Estados Unidos, principalmente. Muitos desses grupos têm-nos inclusive visitado nestes últimos anos.

Boa nota portanto para o «Setenta Vezes Sete» nesta sua deslocação ao Festival Rock de Albergaria — um programa que mantém intactas as suas características especificamente religiosas e simultaneamente de larga audiência entre a generalidade do público.

Teledisco na guilhotina

De seguida viriam os estafados Supertramp (num desses estafados telediscos). Faltavam uns segundos para o «Sumário» e os responsáveis da emissão não quiseram deixar de introduzir... quanto mais não fosse «meio» teledisco... Às tantas tiveram que cortar forçosamente aquele «Take a Look to his Girlfriend». A caixa foi tão mal feitinha que o Cas-

los Noivo, a entrar logo em cima com o seu resumo de notícias, até se assustou... verdade?

Os cavalos a correr...

Sábado: tourada na «1» e atletismo na «2».

Domingo: cavalinhos na «2» e Taça do Mundo na «1»... Conhecem aquele jogo do «Salta a pulga da balança...»? Não faz mal se não conhecem. A programação da RTP está assim, é uma espécie de jogo de escondidas. A gente às duas por três já não sabe se tem os canais trocados...

Para rir (se não para chorar também)

Este Jô - Soares - one - man - show não parece estar de facto a conquistar o público da mesma forma que o «Planeta» já havia conseguido. A sua «obesestinada» presença de princípio ao fim talvez lhe reduza a presença...

Para rir foi a Dalida, teimosa, a cantar o «Besame Mucho», com um slide da Taça do Mundo a encher todo o ecrã e à mistura a voz do Bessa Tavares a falar na fasquia a 2,28 m...

O «sócio», ou o «sósio» (sic) do Jesse James numa criação de Manuela Moura Guedes não foi também para, menos. Já não bastava o Roy Rogers feito à pressa servido de desastrados sósias dessa figura mítica que alguns grandes realizadores souberam trazer para o cinema: era preciso que a sua apresentação também tivesse o mesmo «cenário».

À sobremesa outro cowboy: o J.R. Mas esse ao que consta já não dura muito tempo... O diabo o leve!

9/5/81

Rui Cádima



E a seguir ao «Gato» virão «As Calcinhas Amarelas»?

Ele tinha sete foles, como os gatos... Se naquela noite, numa qualquer sondagem pelo telefone, me tivessem perguntado quantos foles tinha eu para ter assistido via televisão àquela «peça» (se é que o termo se apropria ao original de Henrique Santana) não respondia nunca «sete»... Pelo menos catorze!...

É evidente que nem todos os telespectadores reagiriam da mesma maneira. Temos presente que «O Gato», aquando da sua estreia (e salvo erro também na altura em que foi reposto), no Teatro Laura Alves, constituiu um assinalável êxito de bilheteira. Mas só isso, pelos vistos.

Se recordarmos as opiniões da crítica de então, elas foram extremamente favoráveis, na grande maioria dos casos, à excepção talvez daqueles que acabariam por considerar «Um Zero à Esquerda», com Laura Alves, como a «peça» do ano... Para esses, «O Gato» seria inevitavelmente um grande êxito. A filosofia que anima os negociantes da cultura — no caso da anticultura — conduz à imediata mas falsa identificação entre o dinheiro que entra na bilheteira e a «qualidade» do produto. Nas indústrias culturais, como na banha da cobra.

No caso de «O Gato», com Octávio de Matos e Irene Isidro nos principais papéis — peça exibida anteontem à noite na RTP/1 — que me lembre a única coisa positiva que por ali apareceu foi a interpretação de Irene Isidro num quase regresso de «velha senhora» aos palcos.

Uma questão de princípio se coloca entretanto: será «O Gato» exemplo lídimos do tipo de peças teatrais que a RTP diz estar a fazer esforços para trazer de novo ao pe-

queno ecrã (isto sem falar claro na sua própria produção que parece por enquanto inexistente?). É que se é, estamos mal. E convém arrepiajar caminho desde já.

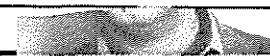
A esta questão todos devemos dar a máxima atenção, pelo seguinte: um serviço público de televisão só muito excepcionalmente, e em casos de verdadeiro trabalho criador, deverá conceder às indústrias culturais lisboetas, habitualmente, no caso do teatro, entregues à mais declarada pornografia política, tempo de emissão à mediocridade que exala de peças como esta que agora vimos.

Um serviço público de televisão como o é a RTP deve ter uma função essencialmente formativa e recreativa. Peças como «O Gato» recreiam única e exclusivamente no sentido da alienação mais imbecil. Longe, contudo, de estarmos a defender a programação de peças esotéricas ou de hermetismos vanguardistas exclusivamente. Este tipo de trabalhos também deverá estar presente salvaguardadas as circunstâncias em que esses programas foram transmitidos.

Optando por um teatro ligeiro vincadamente mediocre, Maria Elisa poderá dar-nos a todo o momento monstruosidades como «Um Zero à Esquerda», «As Calcinhas Amarelas», «Direita Volver», «E Tudo São Bento Levou», etc., etc. Teatro comercial, sim, mas devagar. Pornochanchadas já há para aí muito, obrigado!

A RTP só assumirá o seu verdadeiro papel de transmissor privilegiado da cultura portuguesa se der prioridade ao teatro português de valor internacional. Esse, Maria Elisa sabe-o bem, está nos grupos independentes.

Rui Cádima



Garfield: o primeiro dos rebeldes sem causa

Na passada semana, o «Cineclube» da RTP/2 coordenado por António-Pedro Vasconcelos — o espaço mais bem ocupado nos últimos anos na RTP — iniciou, tanto quanto julgo saber, um pequeno ciclo de filmes que pretende ser uma homenagem a um nome a que normalmente se dá pouca importância no conjunto dos mais famosos «astros» da Hollywood, dos «forties».

Trata-se de John Garfield, actor norte-americano que se estreou no cinema em 1938, no filme «Four Daughters», nome esquecido de algumas histórias do cinema, espécie de rebelde sem causa *avant la lettre*.

Foi ele talvez o primeiro criador do mito dos deserdados mais tarde desenvolvido por James Sean, Marlon Brando e por muito do que se vê ainda na mais directa sequência do «underground» e do *new american cinema* que fez escola principalmente nos anos 60.

Garfield apareceu-nos na semana passada em «Cruel é o meu destino» um filme também de 1938, realizado por Lewis Seiler (este também um novo nome a ser descoberto por muitos cinéfilos já muito rodados na cinematografia norte-americana mas ainda com bastantes lacunas). Curioso notar neste caso o facto de se tratar de um cineasta a conhecer com urgência, tal a boa impressão que deixou a muitos que o não conheciam. Mas voltando a Garfield: Ele apareceu-nos agora em «Águias Americanas», num papel completamente deslocado daquele que o matou e o definiu para sempre. Aqui ele é um piloto aviador ao serviço do exército norte-americano em plena II Guerra Mundial. «Air Force» — assim se chama esta obra em inglês, foi realizado por um dos maiores nomes do cinema norte-americano: Howard Hawks.

personagem mítico de que falávamos: Mickey Borden, que segundo os argumentistas vestia-se de uma maneira negligente e com a roupa coçada... «O seu ar descuidado ainda o torna mais atraente. Os seus gestos são indolentes e a sua expressão arrogante, quase grosseira»... (algo diferente portanto do que vimos em «Air Force»...).

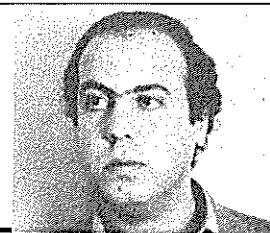
Em «Cruel é o meu destino» — o seu segundo filme — desenvolve aquele personagem-tipo, representando um jovem inadaptado tentando sobreviver numa altura em que se atravessa uma situação de grave crise económica. Se John Garfield não tivesse encontrado um dia num hospital psiquiátrico para jovens delinquentes um médico que descobriu algumas das suas qualidades para a arte cénica, nunca teria entrado no American Laboratory Theatre, nunca teria frequentado círculos teatrais de difícil acesso, nunca teria conhecido Strasberg, Kazan, Hawks, enfim, nunca teria encarnado essa figura mítica que acabou por fazer dele um actor prestigiado, um quase herói de todos os desesperados...

Consciente do seu passado difícil, declarou um dia: «Se não fosse um actor talvez me tivesse tornado num inimigo público n.º 1...»

Papo cheio

De papo cheio ficou o auditório da «1» na mesma noite em que Garfield passava na «2»: a partir das 20 horas os «Jogos Sem Fronteiras», em finalíssima ganha «ex aequo» por nós e pelos ingleses, e mais para a noitinha a morte do cirurgião da «Água Viva». Desconfio que se nessa noite se fizesse uma rápida sondagem para ver quem estava a seguir a telessenha, os sujeitos com por canto responderiam «sim».

11/5/81



Rui Cádima

Ir ou não ir em futebóis: eis a questão!

Federação Portuguesa de Futebol e Rádio Televisão Portuguesa — duas entidades que estiveram nestes últimos dias «na berra» devido à confusão gerada em torno da transmissão do Escócia-Suécia, previsto para o início da noite de quarta-feira.

A confusão foi tal que logo na abertura da emissão foi lido um comunicado (tão depressa dado como proveniente da administração como de um denominado «subdepartamento para as relações com a Imprensa»), que de uma forma concisa e rápida esclarecia qual o percurso seguido internamente no respeitante a todo o intrincado processo: primeiro o assegurar da transmissão junto da Eurovisão, depois a antecipação do jogo do Sporting para a Taça da UEFA (para o mesmo dia) e a finalizar o consequente pedido de anulação junto da Eurovisão do contrato para a retransmissão do jogo que havia sido anunciado.

No entanto, a um nível mais alargado as coisas não se passaram com a clareza e a eficiência que o comunicado, aliás largamente difundido, parecia evidenciar...

Nesse mesmo dia, à hora de almoço, no bloco de notícias da «Antena 1», o repórter de serviço para os assuntos desportivos — não me recordo do seu nome — dava conta no final do jornal das suas porfiadas tentativas para esclarecer os radiouvintes sobre se seria ou não transmitido o jogo entre as equipas do mesmo grupo de Portugal nas eliminatórias para o campeonato do mundo... As coisas apresentar-se-iam de facto mais complicadas do que o comunicado da RTP fazia crer...

O referido repórter no seu aturado inquérito ouviu César Grácio, responsável da Federação Portuguesa de Futebol, que acabaria por declarar peremptória e definitivamente não vir a ser transmitido o desafio em causa porque, em circunstâncias idênticas, a FPF tem poder de voto

sobre os interesses da RTP uma vez que é reconhecida internacionalmente a necessidade das federações salvaguardarem as bilheteiras dos clubes sempre que se realizem jogos no mesmo dia. E como na quarta-feira em Lisboa disputava-se o Sporting-Red Boys, não haveria Escócia-Suécia...

Supomos que tudo se complicou em virtude de a RTP não informar de uma forma suficientemente esclarecedora o facto de a sua decisão estar absolutamente dependente da FPF. Não se comprehende de facto o porquê de tanto mistério... Em entrevista realizada no mesmo dia, às 12 horas, e na qual a «Antena 1» inquiria junto das Relações Públicas da RTP (após ter levado uma negativa da administração), a senhora autorizada a prestar declarações respondeu nada saber em concreto, isto a umas escassas sete horas da eventual transmissão... Aconselhou contudo o repórter a telefonar mais tarde, talvez por volta das 14 horas, segundo disse, porque muito provavelmente a essa hora já teriam terminado as reuniões que entretanto estavam a decorrer, e então existisse já uma certeza absoluta...

Perante isto, o jornalista voltou obviamente a contactar César Grácio. A resposta deste só podia ser uma. Foi mais ou menos assim: «Não sei o que é que a RTP pretende com essas hesitações... No fundo só poderá prejudicar a bilheteira do Sporting porque cria assim a esperança em muitos potenciais espectadores do jogo vir ainda a ser transmitido, o que é impensável...»

Implicados neste labirinto burocrático: a administração, o tal subdepartamento acima citado e as Relações Públicas. Que melhor exemplo de uma engrenagem emperrada, de uma administração que não funciona?

Seca televisiva

Se o leitor está de regresso de férias (férias televisivas, obviamente) e julga estar quase a acabar o Verão «quente» televisivo que lhe foi impingido logo no início da estação, engana-se redondamente...

Repare que digo «Verão quente» no estrito sentido McLuhaniano..., tal qual ele definia meios «quentes» e «frios»: uns, os primeiros, aqueles que são um prolongamento de um só dos nossos sentidos e que têm um elevado índice de informação; os outros, aqueles que estão no prolongamento de dois ou mais dos nossos sentidos.

Um pouco ingloriosamente, a Televisão foi considerada por McLuhan como um meio «frio» de baixo índice de informação...

Saiba porém o leitor que este Verão «quente» televisivo a que assistimos se irá estender insuportavelmente até 15 de Outubro, isto segundo as últimas informações — o que não quer dizer que não venham ainda a verificar-se mais atrasos na entrada do próximo mapa-tipo. Caso, portanto, a programação outonal — em tempos prometida como de melhor qualidade do que a de Verão e com uma mais elevada percentagem de programas portugueses (o contrário é que era difícil), caso, dizíamos, essa programação não entre urgentemente, desconfio que o público começará a pedir à RTP o dinheiro da taxa... Já chega de restrições e de medidas de austeridade em relação à produção portuguesa!

Está a tornar-se urgente o aparecimento de programas que de algum modo façam perder a ideia de que na televisão portuguesa não há nada que preste.

Basta por exemplo de férias prolongadas para programas com as características do «Porque Hoje É Sábado». É urgente fazer regressar às

tardes de domingo programas que façam subir — e muito — os níveis de audiência. É urgente manter programas com a qualidade de um «E o Resto São Cantigas...». É urgentíssimo provocar de novo a concorrência entre os dois canais, o que aliás deixou de acontecer desde que Fernando Lopes abandonou a RTP/2, é, enfim, absolutamente necessário que a RTP dê a imagem nítida das potencialidades criadoras dos profissionais portugueses. Tal como estamos, estamos mal. Estamos pessimamente...

E entretanto aquilo que aparece de novo são os já intragáveis enlatados. Verão «quente» portanto devido principalmente a não existir nenhuma vontade de olhar para aquilo: então fica-nos no máximo um só sentido sintonizado com a aldeia global, ficamos como que reduzidos ao tambor tribal... Esta mais uma das nossas originalidades.

McLuhan teria reflectido sobre ela se ainda fosse vivo... Mas você, caro leitor, se sentir a sua televisão muito quente não se aflija. Só o tem a ganhar...

Nesta seca, nesta pasmaceira que nos afasta do *media* e nos faz regressar às origens, às conversas «calorosas» junto da lareira — espécie de antepassado longínquo do receptor TV —, assistimos assim rapidamente em Portugal a um processo talvez saudavelmente regressivo de substituição da televisão pela lareira, pelo retorno à tradição da oralidade...

Vamos assim aguardar a quente mais um mês de programação.

Esperemos que o nosso esforço seja recompensado a partir de 15 de Outubro. Para já, secou também a nossa paciência.

14/9/81

Rui Cádima



Germe RTP ataca nadadores portugueses em Split

Segundo o comentarista convidado, que ouvimos durante a transmissão de sábado dos campeonatos europeus de natação, a equipa portuguesa tinha deixado de se comportar de uma forma adolescente — o que teria ocorrido em edições anteriores — para passar a aparecer já nestes campeonatos em pleno estado adulto. Salvo erro, era fundamentalmente por nos termos classificado a meio da tabela que se podia deduzir na verdade desse progresso da equipa portuguesa.

Essa referência à equipa portuguesa seria contudo, e infelizmente, única. Ao longo das duas horas de transmissão assistimos em directo às finais masculinas e femininas da tarde de sábado — finais essas, obviamente, disputadas entre as grandes potências da natação europeia. Evidente que de Portugal, afi, nem pensar...

A nossa presença, a nossa frágil presença, tinha-se quedado nuns meios recordes nacionais. Longe portanto de obtermos tempos que levasssem os nossos nadadores às finais. Este facto foi, tanto quanto pudemos observar, impeditivo de vermos no pequeno «écran» os nossos atletas. Nem uns poucos minutos, um pequeno resumo da nossa participação a RTP nos deu. O que é de facto esclarecedor quanto à importância e à dedicação que a RTP concede aquilo que é português!

Para além desse «pormenor» fulcral (...), tivemos com efeito espetáculo. Vimos cair recordes europeus. Alguns mesmo por escassos décimos de segundo, tal como aquele conseguido naqueles espetaculares 4x100 metros estilos. Vimos parte desse extraordinário recorde das nadadoras da Alemanha de Leste que não deram qualquer chance às suas adversárias. Né conjunto um belo espetáculo desportivo mas onde a RTP teve uma actuação que foi também ela um «espectáculo»: tirou-nos aquilo que no fundo mais gostaríamos de ver: a presença nas competições dos atletas portugueses. De Split, via Eurovisão, os nadadores portugueses foram transformados pela RTP numa espécie de fantasmas, homens da Atlântida que não vieram à superfície, atacados pelos germes, seguramente.

O erro de Vasco Granja

Grande espetáculo foi também o Concerto Promenade e aquele final com o «Prometeu» de Scriabin superiormente interpretado. Espectáculo seria ainda o pequeno «Festival» Tom e Jerry apresentado por Vasco Granja e especialmente dedicado aos surdos-mudos — o que não foi de facto nada boa ideia uma vez que nestes filmes ressalta a particular importância da banda sonora como elemento determinante no significante dos «gags».

Ex-continuista faz esquecer «profissionais»

Divulgação e informação completaram o restante programa. No «Magazine 7» vimos cobras e lagartos enquadrados pelas já gasta «curiosidades», aliás mal engendradas, e no «Telejornal» acabariam por não ver Carlos Noivo a lançar qualquer pista sobre as causas do acidente ferroviário ocorrido na sexta-feira perto de Fátima. Seria assim tão difícil avançar mais pormenores?

Ainda em relação ao «Telejornal» foi com bastante agrado que vimos Teresa Cruz conduzi-lo de princípio ao fim. Digo-vos muito sinceramente, não por ela ser superdotada para o lugar. Teresa Cruz, que iniciou a sua carreira na casa como locutora-continuista, esforçou-se sempre por não estagnar. Se ela nos aparece agora a substituir as habituals mímicas despudoradas que nos têm apresentado o «Telejornal» de há uns bons tempos para cá, não é porque ela seja «iluminada». No fundo, qualquer locutora-continuista o consegue fazer (os chamados «papagaios»)... É porque, fundamentalmente, ao se deparar com a falta de apresentadores «à direita», a actual administração opta pela mudança para uma voz feminina, a progridir em sobriedade, e não muito conotada com a habitual mediocridade (até porque livre de responsabilidades a nível de direcção...). Tenta assim a Direcção de Informação no caso melhorar a sua horrorosa imagem. E marcou pontos!

Sintonize a Mundovisão mas cuidado com o canal escatológico

Hoje proponho-vos um jogo mundovisivo: vamos comparar serões televisivos por esse mundo fora. Partimos do «caso português», referenciaremos a programação espanhola, francesa, inglesa e brasileira... Vão ver que é um jogo divertidíssimo.

Mas antes do sinal de partida, convém tomar nota do seguinte: há quem partilhe actualmente da ideia de que para se fazer televisão são precisos «homens, mulheres, talento e dinheiro». Isto declarava bem recentemente um adjunto de direcção de programas de uma cadeia de televisão francesa.

Ora se reflectirmos um pouco sobre os atributos requeridos pelo senhor André Harris para fazer da «TF1» uma «boa televisão» chegamos à conclusão de que esses são à partida os mesmos outrora reivindicados pelos produtores do «To leave or to let die» ou pelas necessidades de, por exemplo, um Cecil B. de Mille...

A nossa latina mania de exagerar permite-me dizer que um só homem de talento faz uma «boa televisão»... Haveria então que filosofar em torno do providencialismo e daquilo que é na realidade o talento...

Na verdade, homens, mulheres, dinheiro e talento não faltam na RTP. Mas o problema é que o dinheiro não se gasta para evitar que a empresa tenha déficit. E o talento, aquele que existe está todo voltado ao que consta para a mais pura criatividade escatológica. Isso mesmo... O outro, o talento de sinal + anda por aí, «flirteando» nas prateleiras do novo-velho poder.

Vejamos então por exemplo o caso da noite de sábado. No Brasil um super-espetáculo bem jovem e de grande popularidade, desde o ano anterior, em todo o país, foi transmitido a partir das 21.25, em directo do Maracanãzinho. Tratava-se do MPB-81, final de um concurso que mo-

bilizou milhares de músicos, intérpretes e compositores de todo o Brasil, principalmente nomes ainda pouco conhecidos do grande público. Ivan Lins (a RTP gravou alguma coisa com ele...), Elba e Zé Ramalho seriam os convidados especiais para terminar o show após a exibição das 20 canções finalistas. Isto num só dos vários canais brasileiros.

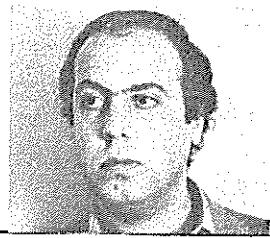
O sábado à noite dos espanhóis seria um pouco idêntico (formalmente, diga-se ao português, embora no fundo tivesse uma muito maior qualidade). *Nuestros hermanos*, para além de terem apresentado o habitual magazine informativo da semana, programaram «Yakuza» de Sidney Pollack. Tanto quanto estão lembrados por cá o nosso talento optava desoladamente por uma fita a meias entre Sidney Lumet e Sean Connery.

Porém, os franceses, mais exigentes que os telespectadores das recém-nascidas democracias ibéricas, programavam o intocável Claude Nougaro, um dos «monstros» da canção ligeira francesa, espécie de Sinatra francês,

Se dessemos um pulo a Inglaterra veríamos que também a velha fleuma se não perde entre aquilo que é seu. Mas neste caso vence a comunidade de expressão inglesa. A ITV com Dame Edna Everadge, a BBC com o torneio aberto de ténis nos states e com uma dupla de respeito — Shirley McLaine e Dean Martin.

Daqui se concluiu que a noite portuguesa, preenchida com o pobre Lumet, concederia à RTP o privilégio de se apresentar no panorama afrás referido como a cadeia que pode perfeitamente abdicar dos seus talentos, pois para salvaguardar a sua balança comercial pode optar pela compra dos talentos dos outros, mesmo quando os vai encontrar já no caixote do lixo. É que nas «rebajas» ainda é mais barato.

16/9/81



Rui Cádima

Goretta e os caminhos do exílio

«Os Caminhos do Exílio», série de quatro episódios que começou a ser exibida pela RTP na semana passada, incide sobre os últimos anos de vida de Jean-Jacques Rousseau, como sabem o filósofo francês autor do «Contrato Social», poucos anos antes de eclodir a vitoriosa Revolução Francesa. Podem (e devem) ver esta série na RTP/2 a partir das 10 da noite, às segundas-feiras.

«Os Caminhos do Exílio» são no fundo os mesmos caminhos dos cineastas suíços, que há mais de vinte anos se decidiram por partir daquele «centro do mundo», daquele enorme depósito bancário que dá pelo nome de «Suíça». Ensaiaram então novas formas de estar perante o seu próprio país. Eles, como todos, *de fora* viam mais do que *dentro*,,,

Nessa medida 1957 é uma data importantíssima para o cinema suíço, principalmente, claro, para o chamado «novo cinema suíço», este mais em destaque nos últimos vinte anos. Foi pois nesse ano que Claude Goretta — o realizador desta série sobre Rousseau — se associou a Alain Tanner, cineasta muito nosso conhecido, para em Picadilly Circus lancarem um primeiro repto em 24 imagens por segundo ao seu país, «acima de qualquer suspeita» segundo a velha fórmula de Jean Ziegler.

Chamava-se esse filme «Nice Time» e no fundo não passava de facto de uma colagem de impressões sobre a famosa praça londrina — outro «centro»... — um pouco à maneira de Jean Vigo no seu espantoso «A Propos de Nice».

O sentido do documento levou Goretta à Televisão suíça, para onde entraria nesse mesmo ano como realizador.

Os percursos de exílio nunca deixariam de se atravessar na actividade profissional destes cineastas, bem como, aliás, na maior parte dos ci-

neastas suíços das mais jovens gerações.

Vinte anos depois de «Nice Time», Tanner lutava contra a tentativa de proibição do seu filme, belíssimo, aliás: «Jonas». Um partido de extrema-direita tinha apresentado no Parlamento um requerimento nesse sentido...

Mas enfim, o novo cinema suíço estava lançado. E isso era o mais importante. A partir dai surgiram nomes como Daniel Schmidt, Patricia Moraz, Michel Soutter, Francis Reusser, Thomas Koerfer, Peter von Guten e muitos outros, todos eles cineastas que acabariam por constituir uma cinematografia extremamente curiosa na Europa.

Nos primeiros anos da sua passagem pela Televisão, Goretta realiza muitas dezenas de documentários e reportagens, filmes que iam do tango argentino aos nazis ingleses, passando por Johnny Halliday e já nessa altura Jean-Jacques Rousseau (um primeiro trabalho que data de 61 — «L'Energie des Rêves»), trabalhos sempre influenciados pela estética de Vigo, autênticos retratos tirados de ângulos impossíveis, por vezes inclusive com uma estrutura dramática plenamente conseguida.

Cineasta pouco regular, Goretta é contudo já bem conhecido do público português no que se refere a longas-metragens. «O Convite» (73), «Não Tens Um Ar tão Mau Como Isso» (74) e «La Dentelliére» (77) («Uma Rapariga Frágil»), já todos passaram em Lisboa, sempre com boas referências da crítica.

Só por si seriam razões mais do que suficientes para vos aconselhar vivamente esta série sobre Rousseau, produzida por muitas das mais importantes cadeias televisivas europeias e canadianas. Pena que a RTP falhasse na promoção da série.

17/9/81



Rui Cádima

O prazer dos jogos

Enquanto prossegue o préstimo na RTP/1, que, aliás, como facilmente se pode verificar, não decorre só na ficção da telenovela, mas também no conjunto da programação, a RTP/2 ia para o ar logo após a Informação/2 com mais um «Cineclube».

Como referimos na semana passada está a decorrer no programa de António Pedro Vasconcelos um pequeno ciclo de filmes em homenagem a John Garfield, actor habitualmente referenciado, repetindo-lo, com o primeiro dos rebeldes sem causa...

A longa-metragem que anteontem podia ter salvo qualquer um de vós dos enfadonhos preliminares da leitura do testamento do cirurgião Françonard (este mais simpático que os outros — já nos deixou em paz, coitado), era nada mais nada menos o filme por demais defendido como o melhor trabalho de Garfield.

Simultaneamente era também para muitos o melhor filme da carreira de Robert Rossen. Contudo, logo no habitual prólogo com texto do coordenador da rubrica, fomos alertados para o facto do filme que se segue no ciclo ser talvez uma obra ainda mais conseguida que este «Corpo e Alma», datado de 1947. Nós próprios, tanto quanto nos lembramos, julgamos que o filme seguinte de Robert Rossen — «A Vida é um Jogo», com Paul Newman, demonstra talvez uma maior mestria, um discurso filmico mais perfeito que o de «Body and Soul». De qualquer modo não há dúvida de facto de que se tratava de uma obra a não perder.

Vocês, estimado leitor, que se deixou embalar (ou adormecer) pela «Água Viva» e perdeu este excelente filme, tome portanto atenção, não lhe vá acontecer o mesmo na próxima semana. Previna-se: marque já encontro com o próximo «Cineclube» e verá que «A Força do Mal», de Abraham Polonski (argumentista de «Body and Soul» e posterior reali-

zador de «O Vale do Fugitivo» e de «Os Cavalos Também se Abatem») o não decepcionará, seguramente.

Trata-se ainda aí de um filme do ciclo «Garfield», realizado um ano depois do filme que agora vimos. «Corpo e Alma» é mais um dos filmes que parte do ringue de boxe para fora dele construir uma narrativa tão violenta fora, como dentro... Se você gostou de «Raging Bull» — essa obra-prima ainda recentemente estreada, se achou «Rocky» uma monografia conseguida, entusiasmar-se-ia certamente com este excelente trabalho onde pontificaram esses três nomes já referidos: Garfield, Rossen e Polonski. De referir ainda o excelente trabalho na fotografia desse grande nome que foi James Wong Howe.

Do jogo do boxe para os jogos da borda d'água

O professor Noronha Feyo terminaria o seu programa, antes do Telejornal, referindo-se assim à festa dos Tabuleiros, numa das «cálidas» tardes de Julho: «Grande jogo colectivo que só pode ser compreendido quando nos sentarmos ao lado dos jogadores»... Bela forma de encerrar aquela primeira parte dedicada à festa do Tomar.

«Jogos da borda d'água» era o título do programa. O jogo do chinquillo, a corrida dos púcaros, a produção do oleiro — espécie de jogo com o barro — e cerca de 2400 bilhas mensais, as azenhas que se perdem no tempo, e enfim, a preparação da festa de Tomar, foram todos eles motivos para o responsável do programa construir mais uma emissão de grande qualidade visual e poética, com uma banda musical de muito bom gosto.

TELECRÍTICA

18 / 9 / 81



Rui Cádima

Nem Pessoa nem Polónia: só Mafia

Se não estivéssemos avisados é que era pior... Agora, enfim, já nada nos espanta. Os dois programas do «horário nobre» previstos para quarta-feira, isto é, os programas de antes e depois do Telejornal, foram alterados à última da hora, não se soube bem porquê, nem nunca se chegará a saber, com certeza.

Na verdade, quer a «TV Guia», quer o roteiro do «Sete», publicado nesse mesmo dia, faziam referência aos mesmos dois programas, há muito anunciamos, mas que por razões que não foram justificadas durante a emissão não chegaram a ser exibidos.

O primeiro programa deveria ser «Autores Portugueses» — continuação do programa sobre Fernando Pessoa, prometido aliás há quinze dias por Yvette Centeno. O segundo seria a «Grande Reportagem» da responsabilidade de Seruca Salgado sobre os mais recentes acontecimentos na Polónia. Qualquer dos programas prometia portanto interessar zonas significativas do auditório.

A troca não foi nada benéfica para o telespectador em termos de qualidade. Em substituição do programa sobre Fernando Pessoa (que tinha já tido um primeiro programa sobre a edição de uma obra que é um autêntico álbum fotográfico do poeta) foi apresentado um programa que já vem sendo anunciado há longos meses: um documentário sobre João de Ruão, conhecido artista do renascimento português, que deixou grande parte da sua obra nas igrejas de Coimbra. O pequeno filme foi apresentado por Nelson Correia Borges, do Instituto de História da Universidade de Coimbra.

Se tinha já ficado para trás o documento sobre a biografia de Fernando Pessoa, mais aborrecido seria ver posta de lado a reportagem sobre a

Polónia. É por demais conhecido do público o fundamental do que se tem passado no decorrer dos últimos acontecimentos na Polónia, antes e depois desse acontecimento histórico que foi o primeiro congresso de um sindicato livre da tutela dos Estados totalitários de leste.

Pois não bastava tratar-se de um programa de uma extrema actualidade — a perder assim necessariamente o seu tempo exacto de emissão. Não bastou também tratar-se de um programa já metido na «grelha»...

Na sua vez veio um programa sobre a Mafia, ou melhor, sobre a clássica «Camorra» napolitana, agora mais activa e menos «romântica», como se não cansava de sublinhar o advogado de defesa dos «padrinhos»... Um excelente trabalho da equipa da TF1, sem dúvida. Um momento extraordinário é aliás o da captação do assalto policial ao casino clandestino.

Não deixou de ter piada — e de denotar um cortante sentido de humor — o último comentário de Barata-Feyo, homenageando os jornalistas do *Il Matino*, o diário de Nápoles que não se cala e que denuncia à queima-roupa a lei da pistola e o império camorra. Por isso mesmo o seu director anda sempre acompanhado de 4 a 8 homens armados... Se são polícias ou não isso não o disse... Mas o compreensível elogio de Barata-Feyo fez-nos rir de facto. É que um elogio ao jornalismo sério, na RTP/1, só pode dar vontade de rir. Ainda por cima no dia em que o Telejornal andou em bolandas, e o Rui Romano, promovido a comentarista do «Internacional», vinha num «close» servir de porta-voz ao regime de Sadat, feito cúmplice das recentes «depurações» no Egito. Pena é que Pinto Balsemão dê cobertura a isto.

~~na Informação da RTP~~

Síguo da
cruz de Tau

T, essa letra fatídica e salvadora que faz lembrar a cruz em Tau (letra do alfabeto grego semelhante ao nosso t), esteve maligna e maliciosamente presente na noite de quinta-feira. Foi o «Tempo», depois o «Telejornal», de seguida as «taxas» (servem mal e levam caro!), ósdespois o «Totobola», continuaram com o «Telefutebol» e iam terminando na telenovela, irremediavelmente.

Foi obra do diabo! A cruz em Tau simbolizaria uma serpente fixa a uma estaca e também a morte vencida pelo sacrifício... Valha-nos Deus!

Do mal o menos, enfim... Foi por trazer sobre os seus ombros uma cruz com esta forma que Isaac foi perdoado. Abraão, seu pai, patriarca hebreu, grande figura bíblica, tinha sido encarregado por Deus de testar a sua própria fé com o sacrifício do filho... E Isaac salvou-se mesmo no derradeiro momento, pela milagrosa cruz em T. É ela, no fundo, que nos salva milagrosamente todos os dias. Ou não começasse «Televisão» por T...

Esta história do signo «T», com «Telejornal», «Totobola» e «Telenovela» sobressaidos no tríptico da astenia RTP, faz-nos lembrar um outro terno não menos interessante: o famigerado «Pão, Amor e Totobola», nome de fita. Seu autor: Henrique Campos, que entre outras coisas fez também «Os Toiros de Mary Foster», «Perdeu-se um Marido», etc.

E se isso nos veio à memória foi porque precisamente nessa noite, na RTP/2 passava «Um Dia de Vida», de Augusto Fraga: «O dilema de um honesto comerciante lisboeta, que deve pagar uma letra e não tem dinheiro, es-

Frágil: como Campos, ou como praga. Já me estou a arrepistar só de pensar que se a seguir ao «Gato» podem vir «As Calcinhas Amarelas», a seguir a «Um Dia de Vida» pode vir o «Tarzan do 5.º Esquerdo», «Raça» ou «Sangue Toureiro», entre alguns outros, todos da mesma praga.

Estamos de facto perante um problema cultural. Agora que temos um ministro da Cultura que parece querer botar saber e dedicação na causa, como nunca a direita o tinha feito antes e depois do 25 de Abril (não será a «nova direita» a marcar presença no deserto dessas zonas?), talvez assistamos a um volte-face no âmbito da intervenção cultural nos mais importantes órgãos de comunicação de massa, Televisão no topo. Um ministro da Cultura deve lutar por isso. E o balanço que Lucas Pires leva chega-lhe já para resistir ao susto... Vai encontrar elefantes pelo caminho, pela certa.

Evidentemente que ainda hoje, por não haver sondagens frequentes à opinião pública sobre a programação televisiva, não se pode dizer que a grande maioria do auditório ficou escandalizada, ou adorou, aquela onda em «t»...

«E verdade que em França muito recentemente uma sondagem encomendada pelo «France-Soir» concluiu à transparência pelo interesse preferencial dos franceses nos programas culturais!

Não digo que em Portugal acontecesse o mesmo, mas do que não tenho a menor dúvida é de que os telespectadores portugueses já estão fartos de «porcaria», mais a mais «enlatada»... E porcaria por porcaria, mais vale da nossa, não? Daí a praga.

Oliveira ou o pai adoptado

27.8.2

Nós, portugueses, somos muito engraçados.

Por exemplo, nos períodos mais negros da nossa história floresceram imagens encantatórias de um passado nada sedutor. Os oitocentos anos de história dos portugueses eram constantemente referenciados como sendo os de uma «nação valente» para todos os (e)feitos.

Fazia-se assim do significado da Reconquista e da Expansão uma espécie de significante para «toda a obra»... Portugal estava só, mas «orgulhosamente» só. Pobres, mas honrados nas nossas desventuras nacionais.

Lembrei-me disto a propósito de Manuel de Oliveira. Trata-se, de facto, de um cineasta profundamente marcado por envolvimentos intestinos, característicos a uma qualquer psicanálise mítica do destino português.

Por exemplo, ele é habitualmente considerado, sem controvérsia, como o mais importante cineasta português. Mais recentemente, contudo, certos sectores têm vindo a considerá-lo como um cineasta «genial», «um dos nomes mais importantes do cinema contemporâneo».

Isto é algo gravoso.

Em primeiro lugar por se tratar de uma espécie de «pai ilegítimo» dos «filhos» que o criaram, ou, antes, que o mitificaram.

De facto existe essa tendência *providencial*: criar um «irrealismo prodigioso da imagem que os portugueses se fazem de si mesmos» (Eduardo Lourenço, «O Labirinto da Saudade»). E criamos o «pai»! Providencial tarefa. Deus criou a mulher, nós criamos o «pai», com barbas, já quase a cair da cadeira, salvo seja...

Enquanto lá fora são os artistas e intelectuais que se afirmam à frente de uma escola ou de uma corrente artística, dando-lhe uma coerência teórica e prática, siste-

matizando métodos, aqui são meia dúzia de agentes de propaganda que criam esses prodigiosos irrealismos.

Daria mesmo que criam esses pais não reprodutivos, inconsistentes, castrados, estéreis.

«Genial» ou «primitivo genial» Manuel de Oliveira nunca o foi. «Humilde» foi com certeza. Deixou de sê-lo talvez nestes dois últimos filmes... «Documentarista genial» também não. Teve bons documentários, assim como teve maus («As pinturas do meu irmão Júlio»). E se, em «Aniki-Bóbó», segundo alguns, paira o fantasma de António Lopes Ribeiro (há quem jure a pés juntos que o filme é dele), na estética do «Amor de Perdição» paira o fantasma de «Trás-os-Montes» de António Reis.

Para além dos depoimentos de circunstância que fomos ouvindo ao longo de todo o «Écran» de sábado passado sobre os 50 anos de actividade cinematográfica de Manuel de Oliveira (depoimentos não tão graves de facto quanto aqueles que têm vindo a ser feitos nestes últimos anos, e nos quais se tem colocado, de uma forma ridícula, o nome de Oliveira ao lado de Renoir, Dreyer e Bergman) pareceu-nos ser extremamente útil o final das declarações de Alberto Seixas Santos. Concordamos com ele: «Amor de Perdição» e «Francisca» serão filmes de facto importantes no cinema contemporâneo. Mas só.

N. da R.

O diabo tece-as... Não é justificação, nem seria possível. É apenas uma rectificação — e as nossas desculpas a Rui Cádima, primeiro, mas também aos leitores. Obra do magnífico ou não, o título de «Telecrítica» de sábado saiu gralhado. O autêntico — «Sob o Signo da Cruz de Tau».

Inui Camara

Quem viu o programa sobre Aquilino Ribeiro?

Domingo, 20.30 h.

Se você, caro leitor, estava anteontem aquela hora a ver a RTP/2 pode considerar-se um telespectador raro. Arrisco o prognóstico independentemente de sondagens feitas.

Na «1», claro, passava o «Telejornal». É óbvio que a quase totalidade do auditório seguia nessa noite as notícias na RTP/1. Tanto mais que os domingos à noite não há «Informação» na RTP/2 o que leva a um significativo acréscimo de sintonia na «1». Mesmo com a informação no estado em que está, é verdade...

Acredito portanto que entre esses raros telespectadores estivessem os produtores — *lato sensu* — do filme, que passava em simultâneo com o «Telejornal». Acredito que estivessem também a assistir a ele todos aqueles mais directamente ligados ao conteúdo do programa — participantes, familiares da figura em destaque, amigos, etc. Isto, claro que é válido para todos os programas nestas circunstâncias, nesta fase da programação.

E, no entanto, não devia ser assim.

Desta vez «Um Homem É Um Mundo» — programa da autoria de Luís de Sistau Monteiro, abordava a figura do grande escritor português Aquilino Ribeiro, porventura o mais fascinante escritor português deste século. A perspectiva com que ele aqui era tratado, não tanto dedicada ao seu perfil de escritor, incidia fundamentalmente sobre as características humanas do grande escritor.

Ora o simples facto de se tratar de uma figura ímpar das letras portuguesas deveria ter constituído razão mais que suficiente para atribuir ao

programa um lugar «nobre» na grelha de programas.

Julgo que não podia haver pior espaço a atribuir-lhe. O que, aliás, à partida, poderá parecer uma afirmação inconsistente...

Em defesa da escolha de horário feita, poder-se-á ripostar que é a concorrência entre canais que obriga a estas coisas. Nada mais falso, porém. Bom... em circunstâncias diferentes n'os até acederíamos...

Contudo, tal como as actuais grelhas se apresentam, esse tipo de argumentação não é de maneira nenhuma plausível. Em primeiro lugar porque o «segundo canal» tem sido na maior parte das vezes uma espécie de «prateleira» da RTP/1. Não há qualquer dúvida sobre o progressivo esvaziamento da «2» operado a partir da saída de Fernando Lopes. Nessa altura sim, poder-se-ia colocar a questão em termos de concorrência. Agora, não. É óbvio.

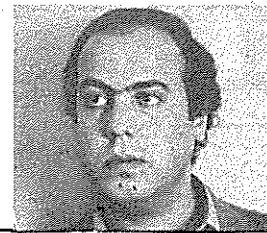
Em segundo lugar, e dado que se trata de dois canais «esvaziados», essa concorrência poderia existir pela negativa, a ver qual o que naufraga menos... Hipótese posta completamente de parte, contudo, pelo facto de aos domingos não existir informação na «2» e todas as atenções se virarem para aí.

Dai que este «Um Homem É Um Mundo» dedicado a Aquilino Ribeiro, e, enfim, todos aqueles que têm sido e venham a ser programados para esse horário, estejam como que escondidos do auditório. Parece até que os não querem mostrar. Atentemos no seguinte: trata-se de facto de um dos raros programas originais do Lumiar a irem para o ar na «2». O resto são enlatados e reposições. Cabe aqui portanto a pergunta: por quê esconder Aquilino Ribeiro?

TELECRÍTICA

23/5/81

Rui Cádima



A festa de beneficência

Não sabia que a Cruz Vermelha Internacional precisava de organizar superserões de laureados, enrugados, com estrelas de terceira ordem, para conseguir fundos extra na sua acção altruísta.

Enfim, nestas coisas de festas de beneficência é quase uma obrigação, uma regra de boa educação — vem da tradição oral, inclusive vem já nos livros, em qualquer manual de etiqueta — dizer bem dos espectáculos organizados com esses beneméritos fins. É uma espécie de constrangimento. Muitas vezes compartilhamos dos objectivos em si e desprezamos o próprio espectáculo... Outras vezes é com uma expressão denunciadora do «frete» que o espectador é apanhado em muito grande plano. Claro que há operadores maldosos...

Falo a sério; já alguma vez ouviram alguém aqui em Portugal dizer mal, por exemplo, do Natal dos Hospitais? Ninguém... E, no entanto, na maior parte das vezes, a adesão, ou mesmo o simples agrado pela festa resulta mais de uma afirmação de solidariedade social e humana profundamente sentida do que de uma efectiva qualidade do programa. Nalguns casos há de facto essa triste espécie de paternalismo mendicante também a sobressair, mas felizmente que só em raríssimos casos.

É evidente que uma retrospectiva «music hall» como aquela que passou na segunda-feira com o pomposo título de «Gala dos Laureados» (numa transmissão ainda por cima em diferido, não se sabe quanto tempo), desfile em que vimos, quase todos os intérpretes vencedores dos concursos Eurovisão da canção, não podia solicitar obviamente o auditório internacional para uma entrega absoluta

ta àquele espectáculo, não tanto — que não o foi — àquele festa.

O olhar distante e retrospectivo sobre aquele desfile de estrelas — espécie de meteoritos televisivos em final de crepúsculo, a lutarem já pela reforma, ou por lugar num qualquer *cabaret* espanhol, num bar de Hamburgo ou numa digressão pelos acampamentos de soldados americanos na Europa, um espectáculo de tal ordem não podia receber de facto o olhar inocente e expectante do apaixonado da actual canção ligeira, pelo menos daquela da CEE. Essa é outra música...

Penso de facto que se tratou antes de um olhar puramente esgotado, fastidioso, uma sobranceria simultaneamente «voyeurista», olhar transviado, bisbilhoteiro, a não poder ultrapassar a mera curiosidade de observar a catadupa dos eurovisivos artistas «antes» e «depois», exactamente, tal como no anúncio...

Como eles melhoraram!

Bela fórmula de facto para vender televisão. Todos haveriam de comprar... Mesmo que tudo aquilo cheirasse a artefacto em decomposição, a monstruosidade sem nexo. Talvez fosse mesmo muito interessante saber em quanto importaram as despesas daquela gala de laureados. Não teria a Cruz Vermelha Internacional «subsidiado» uns custozitos de produção? De qualquer modo de uma coisa não haveria dúvida: todos haveriam de comprar o programa, quanto mais não fosse por se tratar de uma festa de beneficência...

A nós, beneméritos contribuintes, não se pode exigir mais. Pagamos a taxa, vemos a «Gala». Querem maior sacrifício?

Natália Correia, Fernando Pessoa e as realidades contraditórias

É-me extremamente difícil compreender a razão pela qual se fez coincidir, nas grelhas de programas, um «1 + 1 = 1» sobre Fernando Pessoa com um «Cineclube» tão explosivo quanto o próprio título da longametragem que incluía: «Force of Evil» — «A Força do Mal», um filme de Abraham Polonski para o qual já havíamo chamado a atenção.

Mais uma vez, aqui também, John Garfield no protagonista. Mais uma vez, portanto, se impunha a visão do «Cineclube».

O que vos posso contudo dizer desde já é que era de facto imperdoável menosprezar o «Neste Lugar Onde» de Natália Correia sobre Fernando Pessoa, que se anunciarava para a RTP/1 no mesmo horário inicial do filme da «2» (mais a mais com os anunciados factos «inéditos» sobre o grande poeta português).

Se esta era verdadeira, a contrária não o era menos. Perder «Force of Evil» para a leitura de Natália Correia era sem dúvida, de igual modo, difícil escolha, uma patriota opção...

Falávamos aqui há dias da questão da concorrência entre os dois canais. Dizíamos então que não fazia sentido, postos perante a actual programação, defender a existência de uma possível competição entre canais. Entretanto esta oposição frontal entre dois programas, que à partida se apresentavam como de qualidade, vem de facto ilustrar perfeitamente a tese de que é possível existir uma verdadeira concorrência entre programas. O que é pena é constatar agora que neste caso estamos exactamente perante a exceção que confirma a regra...

Assim, o diabo acabaria por tecê-las e no preciso momento em que

avançava no telecinema da «2» o genérico do filme do Polonski avançava também na RTP/1 o genérico do «1 + 1»... O «Martinho da Arcada» entrava, apesar de tudo, um pouco antes da Wall Street em enorme *plongé* bem simbólico em inicio de narrativa.

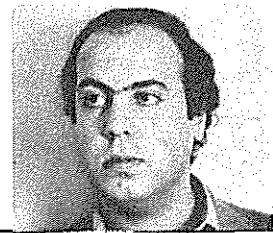
Confesso desde já ter sido algo surpreendido pelo resultado final deste «Neste Lugar Onde». É que precisamente no momento em que começávamos já a temer pelo não aparecimento dos tais «factos inéditos», aliás tão insistentemente referidos na Imprensa, precisamente nessa altura a autora-apresentadora do programa adiantava em breve parêntesis ir continuar no programa seguinte a dissecar o perfil do poeta, aproveitando então para entrar mais em concreto nos aspectos inéditos anuciados. Chama-se a isto publicitar a sua própria produção... Aqui, claro, legítima publicidade...

Mas foi, de certo modo, uma pequena frustração ouvir aquilo. Tanto mais que a nossa opção tinha ido inteirinha para este programa.

É que foi mesmo muito difícil alienar o nosso interesse cinéfilo pelo filme de Polonski, digo-vos...

Tal como os anteriores programas da responsabilidade da autora de «O Encoberto», este outro dedicado a Pessoa foi por nós seguido atentamente. Natália Correia sente-se agora um pouco mais à vontade com o *media*. Mas em relação ao programa em si temos a lamentar que não tivesse sido utilizada toda uma recente simbologia expressa quer em Costa Pinheiro, quer em João Botelho, sobre o poeta e as suas imagens. Era melhor do que ver os petroleiros do Tejo...

Os próprios heterónimos teriam ganho em definição.



Rui Cádima

25/9/81

Polónia

laboratório do socialismo

«Prestei juramento de defender a pátria e o socialismo e fá-lo-ei.»
«Agiremos em caso de contra-revolução como devem agir os militares.»

Estas declarações de convicção de princípios, talvez mais frequentes numa China, numa Albânia ou numa URSS, foram paradoxalmente escutadas por milhões de telespectadores nos noticiários televisivos de maior audiência no último fim-de-semana na Polónia. Quem as proferia eram simples soldados. Quem nos dava conta delas era Bernard Guetta, correspondente do «Le Monde» em Varsóvia. Ao contrário do que possa inicialmente parecer o seu significado denuncia mais um recuo do aparelho de estado do que uma sua posição de força, com todas as implicações que tais declarações podem ter quando emitidas via televisão. À medida que o poder recua a Igreja polaca e o Solidariedade avançam. A «Grande Reportagem» de Seruca Salgado colocava a explicação do fenômeno na voz do povo polaco. E foi sobre essa questão que Barata-Feyo encerraria o seu tempo, ainda que o trabalho de Seruca Salgado não necessitasse de mais nada a não ser de uma actualização final, relativamente às questões surgidas nas últimas horas. Ai Barata-Feyo e Artur Albaran excederam-se desnecessariamente.

A análise das declarações dos soldados acima referida remete-nos precisamente para a realidade político-social que se está a viver na Polónia nas últimas horas. É pena de facto que aquele trabalho não possa comportar ainda (de qualquer modo isso é possível para a segunda e última parte da reportagem) documentos «quentes» e decisivos destes últimos

dias. Mas voltando atrás, julgamos que o poder político e militar, para além do mais, ao não assumir na prática as ameaças que tem vindo a lançar sobre o Solidariedade, ao não se assumir a si próprio (não é por acaso que o autor da reportagem falava um dia antes, no «Telejornal» numa «anomia» na sociedade polaca), delega de facto — e conscientemente — o poder de que dispõe nos media nos seus subordinados. Parece já não ter portanto capacidade de reacção aquilo a que pudemos assistir no trabalho de Seruca Salgado: a forte consciência social, diria quase uma nova consciência de classe dos polacos (pelo menos daqueles que vivem na zona das grandes cidades e nas cinturas industriais. Seria bom também saber qual a reacção nos campos...).

Este «dia na vida de Ian e Maria Kowalski», primeira parte do trabalho que vamos continuar a ver na próxima quarta-feira, passou-se num fugaz tempo televisivo, em diferido, digamos assim, do 14 de Agosto deste ano — precisamente um ano após a ruptura de Gdansk.

«Fugaz» porque produtivo, entregue aos acontecimentos, procurando constantemente a valorização sem tomar partido — a não ser pelo microfone aberto.

Apesar de tudo, uma primeira parte com muito texto a fazer com que a tal «explosão de palavras» se tivesse antecipado para aí, transformando o meio audio-visual, transformadas que estavam as características da linguagem: uma primeira parte que correu o perigo de ser um diaporama.

26/9/81

Rui Cádima



Telenovela: o mel e o fel

Não me refiro ao facto da telenovela sofrer a nossa primeira aquiescência pelo facto de vir condimentada de um português «com açúcar» como diria Eça. E já nem falo desse grave problema, para alguns — não tão grave como isso: a pretensa «colonização» do ex-colonizado ao fim de cinco séculos de história. O problema principal quando se discute telenovela parece-me outro: o de saber até que ponto a nossa entrega diária ao folhetim, espécie de sublimação, ou de inconsciente autoconfissão libertadora, está ou não a destruir a nossa capacidade de empenho produtivo no que quer que seja.

A naturalidade com que, regra geral, surge a adesão imediata a este tipo de intriga normalizada resulta em grande parte de se tratar de um género de narrativa fechada tal como sempre acontece nos romances policiais. Aliás, muitos dos ingredientes específicos desse género literário são frequentes nestes guindes televisivos. Vejam-se os casos excepcionais de Salomão Ayala, de Miguel Fragonard e a um nível idêntico o caso (futuro) de J.R. («Dallas» vem na tradição do serial americano copiado exaustivamente pelos brasileiros). Depois há que contar com uma original verosimilhança de enredo.

Para se aceitar com o mínimo de prazer e atenção diariamente o senhoriar da narrativa é necessário em primeiro lugar existir um compromisso «ocioso» de disponibilidade não produtiva ao longo de seis meses. «Água Viva» alargou por exemplo esse compromisso a cerca de dez meses...

Se é verdadeiro adepto do género, e considerando que a próxima que há-de por aí rebentar lá para o meio de Outubro (a tal que muita gente

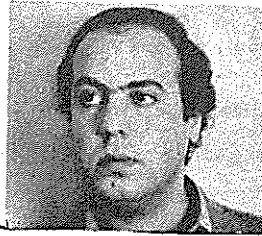
da «Globo» diz que não presta, a começar pelo seu reputado crítico de televisão, Artur da Távola), não o irá comprometer contratualmente como as outras, é talvez a altura de contabilizar o tempo de vida perdido irremediavelmente a ver novela brasileira. Chegaria à triste conclusão de que foram cerca de quatro anos para aprender a dizer «uma boa» ou «tá legal». Quatro anos para tão pouco é obra! Está bem que alguma coisa mais soube. Principalmente sobre a grã-finagem do Leblon... e nada mais. Poder-se-á escusar dizendo que chega a casa cansado do emprego e que aquele é uma espécie de processo «relax», um desligar do mundo...

Dir-lhe-ia que não é por aí que chegaremos a estar bem com nós próprios, que a melhor maneira de «escalpelizar» as frustações será eventualmente consultar o psicanalista, entrar em processo de análise (não falo por experiência própria, aviso-o já). Você dir-me-ia, viciado que está em telenovela, que isso de nada serve, pois se o próprio Cacá do «Dancin' Days» nada conseguiu com a sua análise... Vê... de repente calmos na discussão da telenovela a partir de elementos dados por ela própria. Quer isto dizer que se corre sempre o perigo de identificar imaginário e realidade, narrativa e real.

Ora não é isso que acontece. Estamos fartos de sabê-lo. Não era isso que acontecia no romance do século passado e no entanto ele não deixava de ser devorado. Não é isso que acontece em Harold Robbins e no entanto ele, que é hoje o escritor mais vendido ao cimo da terra, não deixa de repetir que aquilo que escreve é aquilo que vê. Nada mais falso, portanto. Harold Robbins

TELECRÍTICA

28/9/81



Rui Cádima

Uma tarde no ZOO sem sessão da meia-noite à «matinée»

Exacto. Foi como se a família tivesse pegado em nós para assentarmos arraiais (todos, isto é, os 4 milhões), ali para os lados de Sete Rios, Jardim Zoológico dentro. Era bom, não era? A questão é que a realidade foi outra. Lembro-me que houve logo quem dissesse: «Estamos entregues à bicharada»... E não se enganava.

Hienas e gatos; ratos e vampiros; cavalos e panteras — o pequeno mostruário era já suficientemente esclarecedor. Por outro lado, estávamos prometido um início de tarde de sábado absolutamente sombrio. Quem tivesse optado por ficar em casa, caso pensasse ligar o receptor por volta das 15 horas e ver o «National Geographic Magazine» sabia, se tivesse consultado os habituals guias de programação, que esse excelente programa se apresentava com o macabro título «Strange creatures of the night». Pior que Poe, Stoker ou James Little Fountain...

Claro que, à partida, você pensaria que ver este programa era o mesmo que transportar uma eventual sessão da meia-noite num qualquer cinema da capital, para as 15 horas da tarde de sábado e assim poupar o parco pecúlio, a dias de receber o ordenado.

Como vê, a Direcção de Programas pensa em tudo. Não sei bem porque a mesma Direcção de Programas que já lhe havia oferecido essa «prenda», esse programa «dedicado ao estranho mundo da escuridão», à última hora mudou de ideias e, em vez da sessão da meia-noite, às três da tarde tivemos algo de substancialmente mais ligeiro, qualquer coisa dedicada à herança marítima da Grã-Bretanha onde conseguiram, não

sei como, meter ainda o casamento da Lady D. Isto de heranças marítimas tem muito que se lhe diga...

Bom, a coisa lá começou um pouco mais ao de leve e se a bicharia anunciada — metia ainda morcegos, já me tinha esquecido — não aparecia, pelo contrário, os «domésticos», isto é os ratos e os gatos (estes estão agora na berra em Nova Iorque — principalmente os gatos estão a ser depois das panteras atravessadas ao pescoco, das punk-panteras, referentes de consumo diabólico — da marca de chocolate ao «best-seller») esses foram polo de atracção do programa de Vasco Granja. Gatos nas ondas, ratos na cidade, ratos do campo, gatos na cidade, não faltou lá nada. Por este andar não tarda que pelo menos ao nível dos «vira-latas» consigamos estar ao nível da «big town».

Entretanto, um cavalo chamado «Napalm», aliás besta já nossa conhecida de outros festivais de salto, entrou por nossas casas dentro, exactamente como se uma bombita dessas que lhe dá o nome tivesse progredido insaciavelmente sobre a aprazível San Remo e os «Dire Straits» que naquela altura nos deliciavam com o seu som. Cortaram o Festival a meio e acabou-se... Não houve nada pa ninguém... Se o produtor sabe, nunca mais haverá San Remo pa ninguém...

Antes tinha aparecido também «O homem da Atlântida», esse animal anfíbio, Patrick Duffy sem barbatanas, e mais para o fim entrámos de novo no mundo dos ratos: Rui Guedes, falava-nos com um ar quase maternal do ratinho Luís, mais conhecido pelo «Topo Gigio». E saber que ele não saiu de dentro dele!

A Igreja Católica e a Imprensa Regional

Segundo números indicados pela própria Igreja, cerca de 95 por cento dos portugueses afirmam-se católicos, cerca de 30 por cento participam na missa dominical e cerca de 90 por cento das crianças nascidas são baptizadas.

Ainda segundo números da própria Igreja Católica adiantados no domingo por um dos entrevistados no programa «Setenta Vezes Sete» — como sabem um programa da responsabilidade do Secretariado da Igreja para a Comunicação Social — programa que veio desta vez precisamente abordar temas relacionados com a Imprensa regional — os cerca de 260 jornais regionais e boletins paroquiais, que perfazem o total de publicações ao serviço da divulgação da «Mensagem» da Igreja Católica, fazem sair das impressoras mensalmente cerca de 8 milhões de exemplares distribuídos pela totalidade das dioceses nacionais.

Feitas as contas chegamos à conclusão de que se trata de um número de tiragem extremamente significativo. Se compararmos, por exemplo, com as tiragens da Imprensa matutina de Lisboa — que serve cerca da quinta parte da população portuguesa — veremos que os cerca de 270 mil jornais regionais, de tiragem diária, em média, na área das publicações próximas da Igreja Católica, supera algumas dezenas de milhar a totalidade de tiragens dos matutinos de Lisboa.

De facto, se a grande Imprensa de Lisboa e Porto tem tiragens diárias da ordem dos 500 mil exemplares, e se a Igreja Católica, só nas publicações regionais, atinge diariamente mais de metade desse número, isto

quer dizer, entre outras coisas, que a tradição de leitura de jornais se mantém talvez a um nível mais elevado nas populações mais próximas do catolicismo do que nas restantes zonas — afinal a maioria dos portugueses, se pensarmos em termos de «praticantes».

Os números falam por si: a Imprensa regional tem em Portugal uma função social, religiosa e política de uma importância extraordinária. Poder-se-ia talvez dizer que a atenção dada ao fenômeno pelos sociólogos portugueses varia na razão inversa das verdadeiras implicações sociais das suas repercuções. O caso concreto da Imprensa regional ao serviço da Igreja Católica merecia, quanto a nós, um outro tratamento que não aquele dado no «Setenta Vezes Sete». De facto, é muito bonito falar-se em números, em projectos e em carências humanas e técnicas. Mas a questão principal que nesta matéria deveria ter sido tratada foi como que diplomaticamente ocultada em benefício de umas quantas bañalidades.

O problema central parece-me ser de facto o da orientação extremamente retrógrada que se verifica numa parte muito significativa dessa Imprensa.

À Igreja Católica portuguesa esse problema não pode passar despercebido sob pena de, por exemplo, passarem despercebidos textos como a recente encíclica papal «Laborem Exercens» já apelidada de «social-democrata». Assim, o «Setenta Vezes Sete» prestou um mau serviço à nova Igreja por que tanto tem pugnado.

TELECRÍTICA

30/9/81

Rui Cádima



Fiscalização precisa-se

Droga pesada ou não, a RTP deveria ser fiscalizada. Como os nabos e as hortaliças, os ovos e as galinhas. Tal e qual. Ou duvida o leitor de que se trata efectivamente de um caso de adiantado estado de decomposição dos produtos?

«Regresso» aos velhos caminhos de António Calvário. Depois damos de chofre com o mesmo Paulo Alexandre que outrora cantava as virtudes do verde, isto para já não falar muito da entrada daquele convite surreal ao pagamento da taxa, altura em que sofremos o impacto da decadência do «gag» da senilidade de uma coisa a que teimam em continuar a chamar humor parque-mayeriano. Que a vida descia, dizia o Luís Cerqueira. De facto com o riso ao preço da morte não pode haver qualidade de vida.

O «Ou vai ou taxas» neste momento só à custa dos chorudos prémios que dá consegue «prender» os telespectadores. Parece até que isto de oferecer andares é incompatível com a qualidade musical. Parece que a produção gasta o dinheiro no tijolo e depois petrifica os contratos... É um calvário!

A RTP está a comprar os últimos telespectadores que tem, colando-os aquela roleta electrónica e dando-lhes depois um programa de festas daquelas que se não usam já nos bailes dos bombeiros. Voltamos portanto a chamar a atenção do «Gato por Lebre» para esta questão. Também aqui, fiscalização precisa-se.

Conquistadores espanhóis sim, descobridores portugueses não.

«Florencia» e «O século de ouro espanhol» foram os temas abordados nos dois últimos programas da série juvenil «Era uma vez o homem», de Albert Barillé.

Num abrir e fechar de olhos deixamos o Renascimento italiano, as obras de Leonardo e Miguel Angelo e entramos no século XV pelo portão dos «conquistadores» espanhóis.

Há aqui um lapso histórico. E o mínimo que se pode dizer é que de facto não acreditamos que os historiadores que supervisaram este trabalho não tivessem conhecimento da Expansão portuguesa. É mais fácil acreditar no extravio da «videocassete»...

Noutras alturas já aqui tivemos oportunidade de referir outros aspectos pouco «ortodoxos» no tratamento de determinados períodos históricos tratados nesta ficção animada. O facto é tanto mais grave quanto se sabe ser dirigido ao público mais jovem com uma capacidade extremamente reduzida de compreensão de qualquer texto histórico. Este meio audiovisual não está de facto a facilitar-lhe a tarefa.

1492 foi obviamente uma data referida: Cristovão Colombo chegava ao continente americano. Lamentável também aqui a forma como os descobridores portugueses desse período foram tratados. Nem uma palavra sequer sobre a sua nacionalidade, nem uma palavra sobre o século XVI português, a Expansão e a profunda modificação nos costumes e no comércio europeu após a abertura das vias de comunicação para oriente. *Damage, Barillé!*

11/10/81

Rui Cádima



O carteiro toca sempre duas vezes

O mesmo é dizer: desde que haja cumplicidade no mesmo crime entre a RTP/1 e a RTP/2, a providência encarregar-se-á das duas.

As terças-feiras da RTP/1 não têm praticamente «história».

Desta vez o «Direito de Antena» da responsabilidade do Partido Socialista poderia fazer mudar de ideias muitos dos interessados em ouvir a voz do maior partido da oposição. Fora isso, o habitual encontro com o programa de Noronha Fayo antes do «Telejornal» seria porventura motivo de comprovado interesse.

Sobre o tempo de antena do PS pouco haverá a dizer uma vez que se tratou exclusivamente de uma intervenção política — no verdadeiro sentido da expressão. Almeida Santos e Riço Calado ocupariam a quase totalidade do tempo com declarações oportunas sobre o momento político em geral e, em particular, com as eleições de Loures, respectivamente. Outra forma, aliás, e outro conteúdo não seriam de esperar. Todos sabemos como as forças políticas da oposição têm sido tratadas pela Direcção de Informação. Se existisse um verdadeiro pluralismo na televisão portuguesa com certeza que não veríamos os partidos da oposição a ocupar os seus tempos de antena com amplas declarações tentando cobrir um conjunto de questões raramente afloradas, impossíveis de abordar noutras alturas por manifesta manipulação da informação, por sectarismo e marginalização. Mas sobre a «forma» haveria pelo menos que recordar a necessidade de melhorar a imagem e o enquadramento pela câmara dos dirigentes políticos. O «marketing» diz que esquecer a cor e a moda é imperdoável...

Bom, mas progressivamente vamos achando na programação pontos «quentes» que se tornam factos para a história por constituírem sinais

sintomáticos do ambiente político e profissional em que está atolada a informação televisiva.

Loures, aliás, seria um «caso» muito mal tratado nesse mesmo dia. Lembro por exemplo que o «País, País» passou ao largo... Como tem passado ao largo sobre questões tão candentes como a habitação clandestina, as carências sociais e económicas, a falta de luz por toda a parte, as acusações à anterior gestão, etc., etc. Se pensarmos que Loures é de facto um dos mais importantes concelhos deste país temos já dados suficientes para tirar conclusões.

A grande surpresa da noite viria como é habitual com a chancela «RTP/2». Refiro-me exactamente ao «Cineclube». Ainda John Garfield. Mas agora dirigido por um ilustre desconhecido. Como fez questão de referir António Pedro de Vasconcelos trata-se de um realizador esquecido por muitos e bons historiadores de cinema como é o caso do «pai» Georges Sadoul. E esquecido injustamente, claro. Para além de ter realizado algumas obras-primas, tem no activo o bonito número de 44 longas-metragens! Esquecê-lo é não conhecê-lo. É denunciar ignorância.

Apesar de algumas hesitações na conjugação entre a direcção de actores e a planificação/montagem — lembro por exemplo planos finais em que não é resolvida satisfatoriamente a *découpage* da sequência do tribunal em que são protagonistas os advogados de defesa e acusação nas suas conversas a dois — Tay Garnett, o «ilustre desconhecido», deixou-nos de facto com este «Postman always rings twice» a curiosidade bem aguçada para a estreia da «remake», a quarta, de Bob Rafelson, com Jessica Lange e Jack Nicholson, já estreada em quase todas as capitais europeias à excepção, claro, de Lisboa.

21/10/81



Rui Cádima

Polónia precisa-se. Guarda-se sigilo

O tempo não perdoa: a «Grande Reportagem» que vimos anteontem era já mais uma montagem de arquivo que um jornal de actualidades.

Faz hoje oito dias que publicámos aqui nesta coluna o texto «Polónia, laboratório do socialismo», a propósito da primeira parte do trabalho de Seruca Salgado sobre a Polónia. Passaram oito dias e com eles o mundo e os acontecimentos passaram a correr, ricos em novos factos.

De Castelgandolfo ilhamos um telex com este «nariz-de-cera»: «Sob rigoroso sigilo o Papa João Paulo II conferenciou longamente com dois dos mais destacados dirigentes da Igreja polaca, numa tentativa de evitar que a actual crise no país termine em derramamento de sangue». De verdade se pode dizer que se tratou de um encontro quase «clandestino». Por exemplo, o «L'Osservatore Romano» nem uma palavra adiantava sobre tal reunião...

Ao mesmo tempo uma delegação soviética de alto nível, chefiada pelo vice-primeiro-ministro, exigia em Varsóvia uma atitude de firmeza perante a Solidariedade, condicionando o auxílio económico da URSS à resolução dessa questão... Também aqui os «media» locais pouco adiantaram sobre o assunto. Um rigoroso sigilo abatia-se sobre as diligências soviéticas... Contra a corrente dos acontecimentos «sob rigoroso sigilo» insurgiram-se entretanto o «sindicato livre» e o episcopado: «É inadmissível que um só grupo exerça o monopólio sobre os media». Aliás, as cúpulas sindicais e religiosas não faziam mais do que fazer-se eco daquilo que já havíamos observado na primeira parte da reportagem, nomeadamente da grande vontade popular em ver isso mesmo estabelecido na prática, em ouvir nos grandes meios de comunicação sobretudo a voz de Walesa.

Mas eis que num repente a Solidariedade parece partir-se definitivamente em dois, ficando a corrente de Walesa apontada como a «moderada» e o grupo do jovem de 27 anos que mais se destacou à frente do KOR como o «radical»... Durante o congresso da Solidariedade inclusive, um dos «históricos» de Gdańsk acusava Walesa de estar comprometido também com o Governo.

Este, por exemplo, um tipo de informação a que os polacos também não têm acesso pela televisão. Esse tipo de críticas vêm da boca dos «contra-revolucionários», contra os quais o poder dos burocratas do partido diz frequentemente não ir haver tréguas, não passando contudo das ameaças...

No conjunto são estes porventura os factos de maior realce vividos nestes últimos oito dias na Polónia. E se a eles nos referirmos é porque está neles a diferença entre uma verdadeira reportagem, trabalho que terá de ser inevitavelmente em cima do acontecimento, e o «diferido», que infelizmente nos chegou, quase dois meses após as filmagens.

Para além do mais, penso que esta segunda parte em correlação com a primeira não fez muito sentido. Houve como que uma sucessão de reperições, à exceção daquilo que vimos no campo. Nenhum sentido em absoluto fez, por outro lado, o anúncio de que se tratava de uma emissão que inseria uma entrevista a Walesa. Nada disso. Pura propaganda, à boa maneira dos piores publicitários. Ficaram-nos aqui como válidos os documentos de rua, uma vez que passam ainda por televisão-verdade, mesmo umas boas semanas após a sua filmagem.

O trágico é que tenha caído o silêncio sobre o que se passou de mais significativo nos últimos dias na Polónia. Desnecessários, por serem mediocres, os comentários finais de Barata-Feyo.

Dia Mundial da Música: o ministro da Cultura no Solar de Mateus; no solar televisivo o futebol presidiu às comemorações

Quinta-feira foi o dia mundial da música. A RTP/2 em entrevista de estúdio a António Vitorino de Almeida chamava-lhe — à música — «rainha», «rainha por um dia»...

Quinta-feira, dia mundial da música: o ardina foi mais cedo para casa, e quando você passou já não havia jornais da noite. A livraria às sete horas já tinha a montra às escuras. As bichas de autocarros desapareciam das horas habituais. Sem você se aperceber a noite começava mais cedo. Quinta-feira, ao contrário do habitual, havia uma grande parte dos telespectadores com uma outra disponibilidade para a noite.

Entretanto, eventualmente no jornal que você não chegou a comprar, a única referência ao dia mundial da música era inserta não em artigo de redacção mas em publicidade! País surreal este! Mas não: é o espelho da decadência, a ruína, o país-fantasma. O anúncio era na prática um convite («entradá grátis») do Instituto Português do Património Cultural: «Concerto histórico de música portuguesa do século XIX», no Palácio Foz.

Entretanto, o reboliço anormal visto nas ruas ao fim da tarde desse dia devia-se, como se sabe, à passagem na televisão de um programa extra. Manuela Moura Guedes, não sei se por ironia, se por distração, encerrava depois da meia-noite a emissão dizendo que havia sido um dia especialmente dedicado ao futebol! Você, leitor, que tinha ligado a televisão naquele momento pensou que estavam a gozar consigo. Enganouse. Foi mesmo a sério. No dia em que a música era «rainha», rainha abandonada e esquecida, viria ainda por cima um «rei», peça máxima, fazer regular o olho a melómanos, a duros de ouvido e aos outros...

No dia mundial da música a televisão portuguesa não lhe concedeu o trono nem por um minuto. É verdade: no dia em que a música era rainha o trono-era ocupado com todas as honras pelo desporto-rei — o futebol. Ocupação selvagem, está bem de ver...

Às 19.50 resumos dos jogos disputados pelas equipas portuguesas no dia anterior, e às 20 horas transmissão directa de Madrid do jogo da segunda «mão» entre o Boavista e o Atlético local. O reinado durava mais de duas horas. A emissão terminava depois da meia-noite.

Mas nem só o futebol foi rei no dia mundial da música. Antes e depois do pontapé na bola, o pontapé na gramática, a informação, a régua e esquadro, a mordaça, a falta de ar. «País, País» e «Telejornal» marcavam mecanicamente o ponto em mais um servicial trabalho.

No final do bloco informativo da «1», após o futebol e o xadrez, um pequeno apontamento sobre as comemorações em Portugal do dia mundial da música. Referência à participação do ministro da Cultura, Lucas Pires, nessas comemorações, no Solar de Mateus.

Pelo seu significado conjuntural foi este o facto mais curioso do serão televisivo: ouvir dizer que o ministro da Cultura festejava o dia mundial da música em Mateus, em cerimónia oficial, e ver na televisão uma noite encharcada em futebol, telenovela e telejornais. Há aqui qualquer coisa que está mal. E eu sei o que é: o ministro da Cultura teve falta de comparação no Atlético de Madrid-Boavista por ir comemorar o dia da música. Ao que chegou a cultura em Portugal... Se não fosse a televisão, e mais o futebol que nos deu, de borla e sofá, imaginem o que tinha sido aquele dia mundial da música!

TELEVISÃO

16

TELECRÍTICA

7/10/81

Rui Cádima

Armando Martins Janeira o Japão e nós

Desde já uma palavra de apreço para o Carlos Franco pelo seu curto apontamento com o embaixador Armando Martins Janeira, a propósito do lançamento do seu novo livro «As figuras do silêncio» subintitulado «A tradição cultural portuguesa no Japão de hoje».

Armando Martins Janeira é uma personalidade extraordinariamente importante no panorama da produção cultural portuguesa deste século. Na verdade é ele o único português que nas últimas décadas se tem dedicado apaixonadamente à reintrodução em Portugal das obras desse outro grande português que foi Wenceslau de Moraes. É Armando Martins Janeira quem depois de publicar em Portugal «O Impacto português sobre a civilização japonesa» (*Dom Quixote*, 1970) e, enfim, muitos outros estudos sobre as relações culturais entre Portugal e Japão, mais tem pugnado neste país pela absoluta prioridade dessas relações no contexto das relações culturais internacionais portuguesas. De facto poder-se-á dizer que as relações internacionais, a nível cultural, de Portugal com os países com quem manteve um maior contacto após a Expansão, têm sido, no mínimo, ridículas. Antes e depois da «revolução». Estamos ainda mergulhados no obscurantismo. Nesse e em muitos outros aspectos.

Mas se Armando Martins Janeira o faz não é portanto sem razão. Infelizmente, eu diria «dramaticamente», quase ninguém quer ouvir este emérito português, cidadão honorário de três cidades japonesas.

Disse «dramaticamente» porque, como se dizia na apresentação do «Impacto...», «Em nenhum país, exceptuando o Brasil, Portugal exerceu tão profunda influência como no Japão». E... «com exceção dos Estados Unidos no período do pós-guerra foi Portugal o país do Ocidente que mais marcou a história japonesa».

Perguntava-se depois no mesmo texto: «Que se sabe sobre os factos e as repercuções desse fantástico encontro Oriente-Ocidente provocado a partir do século XVI pelos portugueses?»

Pouco, na verdade. Se eu vos disser que são neste momento os espanhóis quem está a beneficiar com os ancestrais contactos entre a Península (com particular destaque para Portugal, evidentemente) e o Japão, recebendo milhares e milhares de turistas à sombra do muito que fizeram os portugueses no Oriente, servindo-se inclusivamente dessa tradição para promover, sob o ponto de vista turístico, o país de Cervantes no Japão, terão de imediato as conclusões a tirar desta falta de senso, deste desmazelos que os portugueses — e nomeadamente os seus governantes — têm manifestado para com os contactos culturais com os outros povos. E o turismo hoje faz-se atrás da cultura e do património das nações, como se sabe.

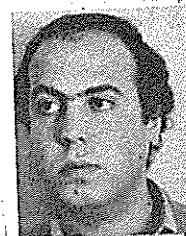
A obra de Armando Martins Janeira vem pois clarificar muitas questões na história dessas relações. No seu conjunto, pelas suas implicações, é uma obra fundamental da cultura portuguesa contemporânea. Carlos Franco, ao trazer para o pequeno ecrã o rosto e o pensamento desse extraordinário embaixador da cultura portuguesa, prestou de facto um trabalho de valor a este país. Este foi um documento inesperado que veio dar uma outra dimensão ao sempre pouco interessante «Magazine 7».

Atentemos nas palavras finais de Armando Martins Janeira: «Se o Ocidente não for ao Oriente; ao encontro da tradicional «paz de espírito» desses povos — uma das características fundamentais da cultura oriental — continuaremos a caminhar imparavelmente para a tecnologia e a destruição. Ao princípio fomos nós quem levou para o Oriente os rudimentos da ciência de então. É altura de chamar o Oriente para que nos dê os seus valores fundamentais, ancestrais, em nosso socorro.»

20

8/10/81

TELECRÍTICA



Rui Cádima

O «Telejornal» quer ganhar em Loures

Em qualquer análise de agenda de programas ou de alinhamento de notícias num bloco informativo há sempre variadíssimas questões básicas a colocar, se dessa análise quisermos extrair conclusões para seguir uma metodologia que à partida podemos considerar como, fundamentalmente, hipotético-dedutiva.

É assim que na maior parte das vezes em que analisamos aqui a grelha de programas, quer no seu conjunto (análise-gestalt, poder-se-ia considerar) quer fazendo incidir a nossa observação sobre casos destacados do alinhamento diário, ou ainda *decompõe* sintagmas desses módulos, temos sempre em conta um factor elementar do qual partimos para a análise. A saber, se há na verdade um adequado equilíbrio, no conjunto, entre o conteúdo educativo e o entretenimento. Por acréscimo, também, claro, se «função» e «tema» não são abusivamente manipulados, ou manuseados, isto é, ter atenção ao perigo que corremos de ver transformada a função informativa, ou mesmo recreativa, em função de propaganda.

No campo da informação propriamente dita, uma das preocupações mais em evidência nos últimos tempos é a de analisar até que ponto a manipulação dos dados e das fontes de informação compromete ou não a própria sequência dos acontecimentos sociais e políticos deste país. Como é aliás do domínio público, graves irregularidades têm vindo a ser apontadas. São os relatórios parlamentares, as críticas do contribuinte, as críticas da crítica: todos têm sido unânimes no sublinhar do sectarismo, do tendenciosismo dos serviços informativos da RTP/1.

A função dos programas ou dos apontamentos noticiosos tem assim, na maior parte das vezes, deixado de ter uma função informativa para ter de facto um propósito subliminar propagandístico da ideologia conservadora do poder.

Como sabemos é de facto nos períodos eleitorais que mais salta à transparência o artifício do alquimista que põe o «pô» na informação.

O tratamento de temas relativos a grupos minoritários ou a questões circunscritas, o «racismo» quase sempre evidenciado na Televisão portuguesa em relação a questões dessa ordem é extremamente esclarecedor. Neste aspecto o caso das eleições para a Câmara de Loures traz-nos elementos que nos podem levar a uma mais fácil compreensão daquilo que se passa.

É corrente que os grupos políticos minoritários só muito raramente têm acesso a este grande meio de comunicação de massa, aqui objecto de análise. A razão do contínuo afastamento desses grupos está essencialmente no silenciar do tal direito à diferença, quando assumido talvez no seu discurso mais radical; isto, em regra, porque o silenciar desse diálogo é quase uma constante com todos os diferentes. Neste caso, o que é de notar é que, quando se trata de jogar com esses discursos diferentes, a informação televisiva sobre campanhas eleitorais permite a esse discurso ocupar na prática o espaço do discurso do poder, faz dele a sua palavra...

Compreende-se porque é que o discurso minoritário ocupa aqui o espaço do poder. Ele é mais produtivo a dividir do que a propaganda do poder a conquistar. Os benefícios em termos de voto estão à vista. As continuas presenças dos grupos minoritários mais à esquerda do PC, concorrentes em Loures, do POUS ao Otelo são elucidativas. Só na terça-feira pudemos assistir a um trabalho sobre as candidaturas da oposição maioritária, por assim dizer.

O «Telejornal» quer «fazer» a eleição. Vamos ver o que isto vai dar...

20

9/10/81

TELECRÍTICA



Rui Cádima

O amigo da NATO

Era alemão e amigo de Pinheiro de Azevedo. O próprio almirante o disse com aquele seu à-vontade habitual sempre que aborda questões «quentes» da história recente portuguesa. Como se dissesse a mais sereña das coisas. Desta vez porém nem o menor sinal de emoção contida. Pelo contrário: denotava discrição impassível.

Tratava-se de Timor. Era mais uma das grandes reportagens da dupla Artur Albaran-Barata Feyo, aliás, prometida já há cerca de 4 meses, quando da transmissão de um outro trabalho de reportagem sobre Timor realizado por uma equipa francesa da FR* (cf. «Telecrítica» 14/5/81 — «Timor: o holocausto»).

Chegou sem ninguém dar por ele, como muitos dos personagens da história, e disse: (cito Pinheiro de Azevedo) «Quer Portugal queira quer não Timor será integrado na Indonésia»... Tal e qual. Como se fosse uma jogatana de batalha naval. Um tiro em cheio.

Esta uma primeira «cacha» neste recente inventário de novidades sobre o caso «Timor». Mas a questão ganharia depois nesta montagem de arquivo relativamente pobre de imagens, diga-se desde já, uma nova dimensão de inéditas e desconcertantes afirmações, consideradas desde logo de «graves acusações» (*telex* da Anop produzido minutos depois de terminar o programa) dirigidas sobretudo a antigos governantes, a personalidades dirigentes do Partido Socialista, a Costa Gomes, na altura presidente da República e a militares.

Várias esfígies, quase sombras chinesas, ficavam a pairar, como que a encimar nebulosamente o relato: o amigo da Nato, já referido, e o chefe dos serviços secretos da Indonésia, a certa altura apresentado como um sinistro personagem que veio a Lisboa contar o «conto do vigário» das relações internacionais.

Sabemos neste momento, principalmente após o trabalho realizado pelos franceses, que Timor está de facto muito longe de reencontrar a sua identidade nacional, criminosamente destroçada pela invasão indonésia. A nossa posição de potência colonizadora daquele território obriga-nos, hoje, a lutar pela sua emancipação, defendida de ingerências, mercenários e potências expansionistas. Esse é o nosso dever. Esse é também o dever da sociedade das nações.

A RTP ao prosseguir com trabalhos sobre a situação que hoje se vive nas ex-colónias não faz mais que a sua obrigação. Há é que trabalhar nas coisas de outra maneira. Os 4 meses que os dois jornalistas levaram para realizar, o trabalho que vimos, não corresponderão na prática a mais de algumas horas de trabalho. O suficiente para localizar dois ou três entrevistados, sacar-lhes declarações explosivas e pedir material de arquivo na filmoteca. Pouco mais se fez de facto.

Eu diria que mais parecia um trabalho feito longe deste país, sem qualquer possibilidade de recorrer aos acusados para que estes se defendessem, ou reconhecessem os seus erros passados. Mas nada disso se fez, paradoxalmente. O que deixa apontar aos autores do programa o sempre vergonhoso anátema «falta de objectividade», «manipulação», «amadorismo». Um programa pobre em imagens, «pobre» em declarações, omisso, não pode trazer muita coisa em abono da História. Talvez algo que introduziu desassombroadamente mereça a nossa ponderação, não tanto a nossa perplexidade: refiro-me ao «amigo da Nato», novelo ou ponta de fio.

Daqui se conclui facilmente que o próximo «Grande Reportagem» não deva ser nem sobre o Egito nem sobre a Tailândia ou outra qualquer zona «quente» do globo. Há já material suficiente para que se volte a Timor. É urgente o «mea culpa» português. É urgente também conhecer os amigos da Nato que temos.

Sábado, 10 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Telenovela: o pior folhetim de há cem anos para cá?

«E, finalmente juntos, Lígia e Nelson deixavam-se vencer pelo amor...»

Telenovela como Sísifo, condenada a trilhar sempre o mesmo percurso, a repetir a sequência, irremediavelmente fadada para a narrativa circular.

Os ensaiistas desfazem-se em análises, perguntando-se porque é que após tantos meses de «Água Viva», após tantos anos de telenovela, o público ainda se não saturou do género. Há quem responda de certo modo que telenovela é cultura, como o fez recentemente Carlos Queirós Telles, autor de novela e simultaneamente coordenador de programação de um dos canais brasileiros — a TV Cultura: «A telenovela não é nem um género menor nem está esgotado.» Ou ainda como referiu Caetano Veloso na sua recente estada em Lisboa: «Telenovela é uma das melhores coisas em televisão.»

Há quem pense por outro lado que a telenovela é o romance de cordel da era electrónica e da civilização do audiovisual. Nas primeiras décadas do século era frequente publicar-se em Lisboa esse tipo de romances em fascículos, quase sempre por escritores que nunca viriam a ser conhecidos. O editor funcionava habitualmente como centro estatístico, síntese das sondagens aos leitores, influenciando ou exigindo mesmo que os autores dessem este ou aquele traço aos personagens para assim se satisfazer o desejo do público e por conseguinte não perder a venda dos fascículos. Quem tinha razão era o público... A telenovela hoje não é mais do que isso. Há só de facto uma alteração dos materiais: o texto literário deu lugar ao texto televisivo.

Nessa medida há quem diga que a telenovela é o pior folhetim do século XIX... Quem o diz são professores universitários brasileiros, no país onde se fazem já teses de mestrado e de doutoramento em torno do tema — ou não passassem já cerca de 30 anos (!) sobre a data de emissão da primeira telenovela brasileira.

Samira Yussef, actualmente a redigir uma tese de mestrado sobre telenovela, declarava há bem pouco tempo ao «Estado de S. Paulo» que «difícilmente os textos escolhidos para novela deixarão de ter os ingredientes básicos do pior folhetim. O Brasil ainda não saiu do séc. XIX. E a telenovela vive o mais piegas do romantismo. Apesar das prometidas inovações, o que se vê é o triunfo do melodramático. Foi o «Pai Herói», «Água Viva», é «Baila Comigo» (esta entretanto terminada, dando lugar a «Brilhante», também de Gilberto Braga).

Uma outra ensaista, professora da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de S. Paulo, Dulcilia Buitoni, pôs o acento sobre as relações sociais entre as várias classes expostas na narrativa: «Até mesmo as relações sociais entre os personagens acabam diluídas na telenovela. A patroa não explora a empregada porque existe toda uma situação social favorável. Mas sim porque ela é individualmente uma pessoa má... Da mesma forma que a poluição é causada pela fábrica de um mau empresário e não porque há um parque industrial montado sem qualquer critério para o seu controlo.»

Tudo isto remete de facto para a conclusão mais plausível de que o ideal romântico, a intriga e o ilusório tradicionais continuam a dominar os gostos do público. Será então que o público está atrasado cem anos?



TELECRÍTICA

Rui Cádima

RTP a televisão das borlas

A Televisão portuguesa é a Televisão das borlas. Ou da generosidade, se preferirem. É raro o dia em que não vemos uma pequena avalanche de publicidade não paga, de «promoções» de trailers, de anúncios de serviços públicos, enfim, uma quantidade infinável de espaços quase «brancos» que ali estão para fazer «esticar» uma emissão que parece nunca ser cronometrada rigorosamente. «Aquiló» até parece que é carregar no botão às 18.15 e depois deixar andar e rezar «seja o que Deus quiser»...

Anteontem a «catadupa» trouxe consigo os «Jogos Sem Fronteiras», um teledisco de Chris de Burgh, o já tradicional «Dê Sangue», o «novo» «Não Tome Banho... Há mar e mar...», o «Vivátmusica», dois anúncios da Força Aérea, um do «Ano Internacional do Deficiente», um trailer dos «Anjos de Charlie» e o que mais não viemos...

O que é facto é que isto tudo somado dava quase um «módulo» de 25 minutos... Agora se pensássemos como é costume pensar lá fora onde se faz Televisão demasiadamente a sério, na «Globo», na «ABC» ou mesmo da «TF1», rapidamente se veria que naqueles tempos «gratuitos» estariam perdas financeiras na ordem das centenas de contos. Bom, não há dúvida que é pouco correcto discutir esta questão com base na lógica do cifrão. Há que conciliar as coisas. Não é possível de facto aceitar que se faça de um «caso» eventual uma quase política geral de Televisão.

O homem de Neandertal

Os mais pequenos devem habituar-se a ver às segundas-feiras, logo na abertura, no «Tempo dos Mais Novos», a série «Era uma vez o... Homem», produzida e realizada por Albert Barillé. Passou agora o segundo episódio intitulado «o homem de Neandertal».

Trata-se de uma série de animação produzida com o apoio de nove cadeias televisivas que vão desde a FR3, francesa, à Totsunoken, japonesa, passando pela RAI, pelo belgas da BRT, pelos suíços da SSR, etc.

A questão mais aborrecida — que já temos aqui levantado por várias vezes — é o facto de se tratar de uma série para os mais pequenos que não leva esse aspecto em consideração, principalmente em termos de dobragem. Não faz sentido passar séries legendadas para crianças de 6, 7 e 8 anos. Eles não as conseguem ler.

Dois «gatos»: as jeans e os vinhos

«Gato por Lebre» levou desta vez ao «tapete» os vinhos de mesa correntes — os que são microbiologicamente válidos ou sofriíveis são deficientes no «extracto seco», isto é, têm água a mais... Ainda no «tapete» as jeans que, como bem disse a Estrela Serrano, estão ao preço da «alta costura». Nos têxteis, aliás como no vinho, o que é bom vai lá para fora, ficando nós com o «refugo»... E se um dia o consumidor faz greve «consumista» como vai ser? Eu por mim começo já hoje... E você?

As «faltas» do Telejornal

Viram bem? Naquele gráfico de segunda-feira, 285 lugares socialistas tinham quase a mesma «escala» que os 83 do RPR. Mas a má vontade é assim tão grande?

101

or est



cuperação

Mira
do es
que u
da m
entar
ves s
luna i
rendi
esque
conclu

Tame
tou sc
cho V:

Agc
do, Al
gador
de Mu
não é
futebo

pa
i equi

Terça-feira, 13 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Texto e contexto ou a dúvida é a melhor conselheira

É relativamente fácil através de um qualquer poder de argumentação — da linguagem gestual ao videotexto — influenciar o telespectador, inclusive de uma forma total, provocando uma leitura a 180 graus, subvertendo o verdadeiro sentido de um texto, isto é, deformar o seu conteúdo, a significação da mensagem, como referiu Saussure.

É frequente ver-se no mesmo dia, em ambos os canais, os continuistas referirem que a programação do «seu» canal é que é a aconselhada, o mesmo é dizer «a melhor»... e depois: «não deixe de ficar connosco, um resto de dia feliz» e tal e tal...

Sábado por exemplo se o telespectador pegasse na programação para ver o que mais lhe interessava ao longo das quase doze horas de emissão era muito capaz de exclamar estupefacto, e só: «Os cavalos também se abatem» — o filme da noite, de Sidney Pollack, baseado em Horace McCoy, obra que é uma antologia dos traumas e obsessões dos americanos dos anos 30. Se porventura tivesse dado um salto à «2» veria ser anunciado o prograao de André Malraux ao mesmo nível de interesse.

Quanto ao resto... Um parentesis, um grande parentesis para a «Quinzena Teatral» que à hora de jantar nos introduzia no mundo fascinante da revista à portuguesa, algumas formas adjacentes que não propriamente a revista: a comédia, o «travesti», o café-concerto, o «non-sense». Não esquecer também a «Animação» a precisar de um entrevistador que tenha prática de «baby-sitter».

Um sábado sem grandes atrativos em conclusão. A tarde pelo menos foi um bocejo. No entanto, e como dissemos atrás, é a partir desta ou daquela forma de utilização da linguagem — neste caso da apresentação dos programas por parte da continuista — que se pode inferir com maior ou menor grau da aderência apriorística sobre uma determinada emissão. Isto partindo do princípio que existe um coeficiente médio de credibilidade nesses conselhos da apresentadora.

Isto é obviamente válido quer para um programa — ou um conjunto de programas alinhados num só dia, apresentados pela continuista, quer ainda para as observações da direcção de programas sobre o mapa-tipo a estrear.

E chegamos a esta conclusão: qualquer elemento significante para a percepção e a interpretação da mensagem é um produto do contexto em que surge e nomeadamente, neste caso concreto, do *texto* que a promove.

Os psicólogos referem-se habitualmente aos efeitos do contexto que têm por base uma estratégia deliberada, isto é, que são objecto de facto de uma informação calculada (cf., de Baggaley e Duck, «Dynamics of Television», 1976). É óbvio portanto que um filme de Pollack apresentado por uma sua fã é sempre «melhor» do que se for apresentado por um adepto do realismo socialista... Claro que essa estratégia a que nos referimos é sempre mais consciente ao nível da superestrutura. O poder raramente é inconsciente. Uma directora de programas vende melhor o seu próprio produto que uma continuista. Em termos de *marketing* isto funciona na oposição chefe de produto/vendedor — o primeiro informa o segundo.

Atenção portanto aos sábados «em cheio» e às «grandes viragens». É que há o texto de promoção, o contexto e a mensagem, nua e crua. E amarga.